

JOHN GRISHAM



Jogando por pizza

Rocco

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

JOHN GRISHAM



Jogando por pizza

Rico

JOHN GRISHAM

JOGANDO
POR PIZZA

John Grisham

JOGANDO POR PIZZA

Tradução de PINHEIRO DE LEMOS

Título original PLAYING FOR PIZZA

Copyright 2007 by Belfry Holdings, Inc. Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, localidades e incidentes são produtos da imaginação do autor ou foram usados de forma ficcional.

Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, acontecimentos e locais, é mera coincidência.

Direitos mundiais para a língua portuguesa reservados com exclusividade à

EDITORA ROCCO LTDA. Av. Presidente Wilson, 231 — 8º andar 20030-021 —

Rio de Janeiro - RJ

Tel.: (21) 3525-2000 — Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

Printed in Brazil

Impresso no Brasil

Revisão técnica BERNARDO ARAUJO

Preparação de originais AMANDA ORLANDO

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte. Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

G88j Grisham, John, 1955-Jogando por pizza / John Grisham; tradução de Pinheiro de Lemos. — Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

Tradução de: Playing for pizza ISBN 978-85-325-2277-1

1. Americanos — Itália — Ficção. 2. Ficção americana. I. Lemos, A. B. Pinheiro de (Alfredo Barcellos Pinheiro de), 1938-. II. Título.

07-4030 CDD-813

CDU-821.111 (73)-3

Que time daria uma chance a Rick Dockery, um *quarterback* reserva que acaba de fazer seu time perder o título de uma das principais ligas do futebol americano? Tudo indica que chegou mesmo o fim da linha.

Na Itália, porém – a terra da ópera, dos bons vinhos, carros pequenos, queijos saborosos, romances –, também se joga futebol americano, e são os poderosos Panthers, de Parma, que mostrarão a Rick que nem tudo está perdido.



Este livro é dedicado a meu editor de longa data, Stephen Rubin, um grande apaixonado por todas as coisas italianas... ópera, comida, vinho, moda, língua e cultura.

Talvez não pelo futebol americano que se joga na Itália.

Capítulo 1

Era um leito de hospital, pelo menos isso parecia certo, embora a certeza viesse e passasse a todo instante. Era estreito e duro, com grades de metal reluzentes nos lados, como sentinelas, para prevenir a fuga. Os lençóis eram simples e muito brancos. O quarto estava escuro, mas a luz do sol tentava se esgueirar pelas persianas que tapavam a janela.

Ele fechou os olhos de novo; até mesmo isso era doloroso. Tornou a abri-los e por um longo minuto de silêncio conseguiu mantê-los assim, focalizando seu mundo pequeno e enevado. Estava deitado de costas e imobilizado pelo lençol enfiado com firmeza pelas beiradas do colchão. Notou um tubo pendendo à esquerda; descia até sua mão por um lado, enquanto pelo outro desaparecia em algum lugar por trás. Havia uma voz soando a distância, no corredor. Foi então que ele cometeu o erro de tentar se mexer, apenas um ligeiro ajustamento da cabeça. Não deu certo. Pontadas de dor intensa atingiram o crânio e o pescoço. Soltou um gemido alto.

— Rick? Você acordou?

A voz era familiar e no instante seguinte um rosto surgiu diante de seus olhos. Arnie respirava em cima dele.

— Arnie? — balbuciou ele, a voz fraca, meio rouca, para depois engolir em seco.

— Isso mesmo, Rick. Sou eu. Graças a Deus que você acordou.

Arnie, o empresário, sempre presente nos momentos importantes.

— Onde estou, Arnie?

— No hospital, Rick.

— Isso eu já tinha percebido. Mas por quê?

— Quando você acordou?

Arnie encontrou um interruptor e acendeu uma luz ao lado da cama.

— Não sei. Acho que há poucos minutos.

— Como você se sente?

— Como se alguém tivesse esmagado meu crânio.

— Foi quase isso. Você vai ficar bom. Confie em mim.

Confie em mim... confie em mim... Quantas vezes ele ouvira Arnie pedir que confiasse nele? A verdade é que nunca confiara por completo em Arnie, e não havia razão plausível para começar agora. O que Arnie sabia sobre lesões traumáticas na cabeça ou qualquer outro

ferimento mortal que alguém infligira?

Rick tornou a fechar os olhos e respirou fundo, antes de perguntar, baixinho: — O que aconteceu?

Arnie hesitou. Passou a mão pela cabeça sem cabelos. Olhou para o relógio. Quatro horas da tarde. Portanto, seu cliente permanecera apagado por quase 24 horas. Não era tempo suficiente, pensou ele, desolado.

— Qual é a última coisa de que você se lembra? — perguntou Arnie, enquanto apoiava os cotovelos na grade da cama, com todo cuidado, e se inclinava para a frente.

Depois de hesitar, Rick conseguiu dizer: — Lembro de Bannister avançando para cima de mim.

Arnie estalou os lábios.

— Não, Rick. Essa foi a segunda concussão, há dois anos, em Dallas, quando você jogava pelos Cowboys.

Rick gemeu ao se recordar da cena. Aquela lembrança também não era nada agradável para Arnie, porque seu cliente estava agachado na linha lateral, olhando para uma animadora de torcida, quando o jogo se deslocara em sua direção e Rick fora espremido, sem capacete, por uma tonelada de corpos que voavam. O Dallas cortara-o do time duas semanas depois e contratara outro reserva do reserva do quarterback.

— No ano passado você estava em Seattle, Rick, e agora está em Cleveland, jogando com os Browns. Consegue lembrar?

Rick lembrava. Soltou um gemido um pouco mais alto.

— Que dia é hoje? — perguntou ele, dessa vez com os olhos abertos.

— Segunda-feira. O jogo foi ontem. Lembra alguma coisa?

Se tiver sorte, não vai lembrar de nada, Arnie teve vontade de dizer. Mas apenas acrescentou: — Vou chamar uma enfermeira. Eles estão esperando.

— Ainda não, Arnie. Fale comigo. O que aconteceu?

— Você lançou a bola e depois foi espremido. Purcell atacou-o pelo outro lado e quase arrancou sua cabeça. Você não chegou a vê-lo.

— Por que eu estava no jogo?

Era uma excelente pergunta, formulada em todos os programas esportivos das emissoras de rádio de Cleveland e de outras cidades do Meio-Oeste. Por que ELE estava no jogo? Por que ELE estava no time? De onde diabos ELE vinha?

— Vamos conversar sobre isso mais tarde — propôs Arnie.

Rick sentia-se fraco demais para discutir. Com extrema relutância, seu cérebro lesionado começava a se agitar, a sair do coma e tentar despertar. Os Browns. O Browns Stadium, numa tarde muito fria de domingo, diante de um público recorde. As finais... não, mais do que isso... a disputa pelo título da AFC, uma das duas principais ligas do

futebol americano.

O terreno estava congelado, duro como concreto e igualmente frio.

Uma enfermeira entrou no quarto e Arnie anunciou: — Acho que ele acordou.

— Isso é ótimo — disse a mulher, sem muito ânimo. Uma pausa e ela acrescentou com um entusiasmo ainda menor: — Vou procurar um médico.

Rick observou-a se retirar sem mexer a cabeça. Arnie estalava as articulações dos dedos, ansioso em sair dali.

— Escute, Rick, preciso ir.

— Claro, Arnie. Obrigado.

— Não foi nada. Não há maneira fácil de dizer isso, e assim serei curto e grosso. Os caras dos Browns ligaram esta manhã... Wacker, para ser mais preciso...

dispensaram você.

Era quase um ritual agora, o corte ao final da temporada.

— Sinto muito — acrescentou Arnie, mas apenas porque não podia deixar de dizer.

— Ligue para outros times — sugeriu Rick.

Claro que não era a primeira vez que ele fazia essa sugestão.

— Não precisarei fazer isso. Eles já estão me ligando.

— Ainda bem.

— Para avisar que não devo ligar para eles. Infelizmente, garoto, acho que é o fim da linha.

Não podia haver a menor dúvida de que fosse mesmo o fim da linha, mas Arnie não era capaz de tanta franqueza. Talvez amanhã. Oito times em seis anos. E só o Toronto Argonauts ousara assinar contrato para uma segunda temporada. Cada time precisava de um reserva do reserva do quarterback. Rick era perfeito para a posição. Os problemas, no entanto, começavam quando ele tinha de entrar em campo.

— Preciso correr — declarou Arnie, olhando de novo para o relógio. — Mais uma coisa. Faça um favor a si mesmo e mantenha a televisão desligada. Está sendo brutal, a ESPN em particular.

Ele deu um tapinha no joelho de Rick e deixou o quarto, apressado. No lado de fora da porta havia dois seguranças corpulentos, sentados em cadeiras dobráveis, fazendo o maior esforço para permanecerem acordados.

Arnie parou no posto de enfermagem e conversou com o médico, que depois desceu pelo corredor, passou pelos seguranças e entrou no quarto de Rick. Sua atitude de médico à cabeceira do doente carecia de qualquer simpatia e compaixão... apenas uma rápida verificação dos sinais vitais, sem muita conversa. Haveria exames neurológicos a seguir. Apenas outra concussão cerebral, sem nada de excepcional.

— É a terceira, não é mesmo?

— Acho que sim — respondeu Rick.

— Já pensou em procurar outra coisa para fazer? — perguntou o médico.

— Não.

Talvez devesse, pensou o médico, e não apenas por causa do cérebro lesionado. Três intercepções em onze minutos deve ser um sinal claro de que o futebol americano não era a vocação dele. Duas enfermeiras apareceram sem fazer barulho e ajudaram com os exames e registros. Nenhuma das duas disse qualquer palavra ao paciente, embora ele fosse um atleta profissional solteiro, com notável boa aparência e um corpo firme. E naquele momento, quando Rick tanto precisava, elas não tinham como se importar menos.

Assim que ficou sozinho novamente, Rick começou a procurar, com todo cuidado, pelo controle remoto. Havia um enorme aparelho de televisão pendurado no canto da parede.

Ele planejava ligar direto na ESPN e descobrir tudo logo de uma vez. Cada movimento doía, e não apenas na cabeça e no pescoço. Alguma coisa semelhante a uma faca parecia lhe rasgar a parte inferior das costas. O cotovelo esquerdo, o que não utilizava nos lançamentos, latejava de dor.

Espremido? Ele tinha a sensação de que fora achatado.

A enfermeira voltou, trazendo uma bandeja com algumas pílulas.

— Onde está o controle remoto? — perguntou Rick.

— Ahn... a televisão quebrou.

— Arnie tirou da tomada, não é?

— Que tomada?

— Da televisão.

— Quem é Arnie? — perguntou ela, enquanto preparava uma seringa com uma agulha enorme.

— O que é isso? — indagou Rick, esquecendo Arnie por um instante.

— Vicodin. Vai ajudá-lo a dormir.

— Estou cansado de dormir.

— Ordens médicas, está bem? Precisa descansar... e muito.

Ela esvaziou a seringa com Vicodin na bolsa de soro e observou o líquido transparente por um momento.

— Você é torcedora dos Browns? — perguntou Rick.

— Meu marido é.

— Ele foi assistir ao jogo no estádio ontem?

— Foi.

— Foi tão ruim assim?

— Você não iria querer saber.

Quando ele acordou, Arnie estava outra vez no quarto, sentado

numa cadeira ao lado da cama, lendo o Cleveland Post. Rick mal conseguiu ler o título de uma matéria no final da primeira página: "Torcedores Atacam Hospital."

— O que é isso? — indagou Rick, com tanta veemência quanto era possível.

Arnie baixou o jornal e levantou-se de um pulo.

— Você está bem, garoto?

— Maravilhoso, Arnie. Que dia é hoje?

— Terça-feira... início da manhã de terça-feira. Como se sente, garoto?

— Passe o jornal.

— O que você quer saber?

— O que está acontecendo, Arnie?

— O que você quer saber?

— Tudo.

— Viu televisão?

— Não. Você tirou da tomada. Conte tudo, Arnie.

Arnie estalou as articulações dos dedos, depois foi lentamente até a janela, onde entreabriu apenas alguns centímetros das persianas.

Espiou através da fresta, como se o problema estivesse lá fora.

— Ontem alguns baderneiros estiveram aqui e criaram um tumulto. A polícia controlou a situação, prendendo uma dúzia deles. Foi apenas um bando de baderneiros.

Torcedores dos Browns.

— Quantos?

— O jornal falou em cerca de vinte. Todos de porre.

— E por que eles vieram até aqui, Arnie? Aqui entre nós, apenas você e eu... empresário e jogador. Por favor, preencha as lacunas.

— Descobriram que você está aqui. Muitas pessoas gostariam de dar um tiro em você neste momento. Recebeu uma centena de ameaças de morte. Os torcedores estão transtornados. Até me ameaçam.

Arnie encostou-se na parede com um lampejo de orgulho, porque agora sua vida valia o suficiente para ser ameaçada.

— Ainda não se lembra, não é?

— Não, não lembro.

— Os Browns estão vencendo os Broncos por dezessete a zero, faltando onze minutos para terminar o jogo. O zero nem chega perto de descrever o massacre. Depois de três quartos, os Broncos só conseguiram avançar um total de 81 jardas em seus ataques, e apenas três quando jogaram na defesa. Já lembrou de alguma coisa?

— Não.

— Ben Marroon é o quarterback porque Nagle distendeu o tendão do jarrete no primeiro quarto.

— Lembro disso agora.

— Com onze minutos faltando para o jogo terminar, Marroon é derrubado ao fazer um lançamento atrasado. Sai de campo carregado. Ninguém fica preocupado, porque a defesa dos Browns podia parar o general Patton e seus tanques. Você entra no campo, entre a linha três e a doze. Faz um lançamento espetacular para Sweeney, que por acaso joga para os Broncos. Quarenta jardas depois ele está na linha de fundo. Lembra disso?

Rick fechou os olhos lentamente.

— Não.

— E não se esforce demais.

Uma pausa e Arnie continua o relato: — Os dois times chutam. Os Broncos deixam cair a bola. Faltando seis minutos, entre a três e a oito, você olha para a linha e faz um lançamento em gancho para Bryce. Mas a bola sai alta demais e é recolhida por alguém de camisa branca, cujo nome não me lembro. Mas o cara sabe correr. E dispara até o outro lado. Dezessete a catorze. A tensão no estádio é cada vez maior, com mais de oitenta mil torcedores. Poucos minutos antes, todos estavam comemorando. A primeira ida do time ao Super Bowl. Os Broncos dão a partida. Os Browns derrubam a bola três vezes, porque Cooley não está disposto a arriscar uma jogada de passe. Os Browns chutam. Ou tentam.

Snap perde a bola. Os Broncos levam a bola até a linha de 34 jardas dos Browns, o que não é problema. Em três jogadas, a defesa dos Browns, que a essa altura está furiosa, deteve o adversário em quinze jardas, fora do alcance do chute de três pontos. Os Broncos chutam, você pega a bola em sua linha de seis jardas. Nos quatro minutos seguintes consegue manter a bola no meio da linha defensiva. O ataque para no meio de campo, terceira para dez, faltando quarenta segundos para o final do jogo. Não sei quais foram as ordens do Cooley, mas você olha para ele mais uma vez e dispara um míssil para a direita, na direção de Bryce, que está bem aberto. Direto no alvo.

Rick tentou sentar, esquecendo das lesões por um momento.

— Ainda não me lembro.

— O lançamento foi bem no alvo, só que com força demais. Bate no peito de Bryce e voa para longe. Goodson pega e dispara para a terra prometida. Os Browns perdem o jogo, 21 a 17. Você está no chão, quase cortado ao meio. É carregado de maca para fora do campo. Metade da multidão viaa, enquanto a outra grita e aplaude em delírio. Um barulho incrível. Nunca ouvi nada parecido. Alguns bêbados pulam da arquibancada e correm para a maca... poderiam matá-lo... mas os seguranças intervêm.

Segue-se uma briga tremenda e o resto está nos noticiários.

Rick desmoronou na cama, mais encolhido do que nunca, os olhos

fechados, a respiração entrecortada. As dores na cabeça voltaram, as pontadas no pescoço e ao longo da espinha eram ainda mais intensas. Onde estavam as drogas?

— Sinto muito, garoto — murmurou Arnie.

O quarto ficava melhor no escuro. Arnie fechou as persianas e retomou sua posição na cadeira, com o jornal nas mãos. Seu cliente parecia morto.

Os médicos estavam ansiosos para dar alta, mas Arnie argumentara que ele precisava de mais alguns dias de descanso e proteção. Os Browns pagavam os seguros, embora não estivessem nem um pouco satisfeitos com a despesa. Também cobriam os custos médicos, mas não demoraria muito para que começassem a se queixar.

E Arnie também não aguentava mais. A carreira de Rick, se é que se podia chamar assim, estava liquidada. O empresário recebia uma comissão de cinco por cento, mas cinco por cento do salário de Rick não eram suficientes para cobrir as despesas.

— Está acordado, Rick?

— Estou — respondeu ele, os olhos ainda fechados.

— Preste atenção, por favor.

— Estou ouvindo.

— A parte mais difícil de meu trabalho é dizer a um jogador que chegou a hora de desistir. Você jogou durante toda a sua vida, isso é tudo o que sabe fazer, tudo com que sempre sonhou. Ninguém jamais está disposto a parar. Mas Rick, meu velho, é hora de você jogar a toalha. Não há mais opções.

— Tenho 28 anos, Arnie — disse Rick, com os olhos agora abertos, exibindo uma expressão muito triste. — O que sugere que eu faça?

— Muitos caras se tornam treinadores. Ou viram corretores de imóveis. Você foi esperto... e tem um diploma.

— Meu diploma é de educação física, Arnie. O que significa que posso arrumar um emprego como técnico de vôlei para estudantes da sexta série, ganhando quarenta mil dólares por ano. Ainda não estou preparado para isso.

Arnie levantou-se e deu a volta para a extremidade da cama, como se estivesse absorvido em profundos pensamentos.

— Por que não vai para casa, descansa um pouco e pensa a respeito?

— Que casa? Tenho vivido em tantos lugares diferentes que já não tenho mais uma casa.

— Sua casa é Iowa, Rick. Ainda amam você por lá.

E também amam em Denver, a cidade dos Broncos, pensou Arnie, mas se absteve de dizer.

A perspectiva de ser visto nas ruas de Davenport, Iowa, aterrorizava Rick, que deixou escapar um gemido. A cidade

provavelmente sentia-se humilhada pela desastrosa atuação de seu filho. Ele pensou em seus pobres pais e fechou os olhos.

Arnie olhou para o relógio. Por alguma razão, finalmente notou que não havia flores no quarto, nem cartões desejando uma rápida recuperação. As enfermeiras haviam informado que nenhum amigo aparecera, nenhum parente, nenhum companheiro de time, ninguém sequer remotamente ligado ao Cleveland Browns.

— Tenho de sair correndo agora, garoto. Voltarei amanhã.

Antes de sair, ele largou o jornal na cama de Rick. Assim que a porta foi fechada, Rick pegou-o. Logo se arrependeu de tê-lo feito. A polícia calculava que um bando de cinquenta pessoas fizera uma manifestação turbulenta na frente do hospital. A situação se deteriorara quando uma equipe de televisão aparecera e começara a filmar a cena. Uma janela fora quebrada e uns poucos torcedores de porre haviam atacado o pronto-socorro, supostamente à procura de Rick Dockery. Oito haviam sido presos.

Uma foto grande — na primeira página, abaixo da dobra — mostrava a multidão antes das prisões. Dois cartazes toscos podiam ser lidos com nitidez: "Desliguem os aparelhos agora!" e "Legalizem a eutanásia".

Mas a situação ainda iria piorar. O Post tinha um notório jornalista esportivo chamado Charley Cray, um tipo repulsivo cuja especialidade era o jornalismo agressivo.

Inteligente o suficiente para ter alguma credibilidade, Cray era muito lido porque adorava destacar os erros e fraquezas dos atletas profissionais, que ganhavam milhões, mas não eram perfeitos. Era um especialista em absolutamente tudo e nunca perdia a oportunidade de uma matéria sensacionalista. A coluna da terça-feira, na primeira página do caderno de esportes, começava com a seguinte indagação: "Dockery poderia encabeçar a lista dos maiores micos de todos os tempos?"

Quem conhecia Cray não tinha a menor dúvida de que ele poria Rick Dockery no topo da lista.

A coluna, bem pesquisada e escrita com sarcasmo, era estruturada em torno das opiniões de Cray sobre os maiores fracassos, erros e colapsos na história do esporte.

Havia uma referência à bola que Bill Buckner rebatera direto para o chão, na final da Liga Americana de Beisebol — a World Series de 1986. A bola para o touchdown que Jackie Smith deixara cair no Super Bowl XIII. E assim por diante.

Mas, como Cray bradava para os leitores, essas eram apenas jogadas isoladas.

O sr. Dockery, por outro lado, conseguira fazer três jogadas terríveis — contem! —, três lançamentos lamentáveis, em apenas onze

minutos.

Portanto, é evidente que Rick Dockery é incontestavelmente o Maior Mico na história dos esportes profissionais. O veredicto era inegável e Cray desafiava alguém a tentar contradizê-lo.

Rick jogou o jornal contra a parede e pediu outra pílula. No escuro, sozinho, com a porta fechada, ele esperou que a droga produzisse os efeitos mágicos, que o apagasse por completo... e depois o levasse para sempre.

Ele afundou ainda mais na cama, puxou o lençol para cobrir a cabeça e começou a chorar.

Capítulo 2

Estava nevando e Arnie já se cansara de Cleveland. Esperava no aeroporto por um voo para Las Vegas, sua casa. Contra seu melhor julgamento, resolveu fazer uma ligação para um vice-presidente de menor importância dos Arizona Cardinals.

No momento, sem incluir Rick Dockery, Arnie tinha sete jogadores na NFL e quatro no Canadá. Se fosse forçado a admitir, reconheceria que era um empresário de nível intermediário, embora com maiores ambições, como não podia deixar de ser. Dar telefonemas por Rick Dockery não ajudaria em sua credibilidade. Rick era incontestavelmente o jogador mais falado do país naquele momento melancólico, mas não era desse tipo de publicidade que Arnie precisava. O vice-presidente foi educado, mas breve, com uma ansiedade evidente em desligar.

Arnie foi para um bar, comprou um drinque e conseguiu encontrar um lugar para sentar longe de qualquer aparelho de televisão, pois a história mais comentada em toda Cleveland ainda era a dos três lançamentos interceptados de um quarterback que ninguém sabia que estava no time. Os Browns haviam atravessado o campeonato com um ataque irregular, mas com uma defesa forte, que batia sucessivos recordes por ceder bem poucas jardas de avanço aos adversários e apenas o mínimo de pontos. Havia perdido apenas uma vez. A cada vitória, uma cidade faminta pela disputa do Super Bowl tornava-se mais e mais fascinada por seus antigos e adoráveis perdedores. Subitamente, em uma única temporada, os Browns eram os carrascos dos adversários.

Se tivessem vencido no domingo anterior, seu adversário no Super Bowl seria o Minnesota Vikings, um time que haviam derrotado de forma arrasadora em novembro, sem tomar nenhum ponto.

A cidade inteira já podia saborear o doce gosto de um campeonato. Mas tudo se desvanecera em onze minutos angustiantes.

Arnie pediu um segundo drinque. Dois vendedores numa mesa ao lado estavam se embriagando e saboreando o colapso dos Browns. Eram de Detroit.

A notícia de maior repercussão no dia fora a demissão do técnico dos Browns, Clyde Wacker, um homem que fora aclamado como gênio pouco antes, mas que se tornara agora o perfeito bode expiatório. Alguém tinha de ser demitido e não podia ser apenas Rick Dockery.

Quando finalmente foi comprovado que Wacker aprovara a contratação de Dockery, em outubro, o proprietário do time despediu-o. A execução fora pública... uma grande entrevista coletiva, com muitas críticas e promessas de um controle mais rigoroso et cetera. Os Browns voltariam com força total.

Arnie conheceu Rick durante o último ano dele na Universidade de Iowa, ao final de uma temporada que começara com muitas promessas, mas na qual Rick acabara como terceira opção no bowl game, uma partida depois do campeonato com a participação dos melhores jogadores de todos os times. Rick tinha sido titular como quarterback em suas duas últimas temporadas, com um estilo franco e agressivo, tão raro na Big Ten, a liga dos principais times do futebol americano universitário, formando a primeira divisão. Às vezes era brilhante, ao supor com precisão os movimentos da defesa, avaliar com frieza a linha de ataque, lançar a bola com incrível velocidade.

Seu braço era espantoso, indubitavelmente o melhor entre os jogadores das equipes universitárias que eram escolhidos pelos times profissionais. Podia fazer lançamentos longos e firmes com a rapidez de um raio. Mas era irregular demais para merecer confiança. Quando Buffalo só o escolheu na última rodada, deveria ser um sinal claro de que ele precisava correr atrás de um mestrado ou de uma licença de corretor de ações.

Em vez disso, Rick foi para Toronto, por duas temporadas miseráveis, antes de começar a pular de um time para outro da NFL. Mesmo com um braço excepcional, Rick mal conseguia entrar na lista dos possíveis contratados. Todos os times precisam de um reserva do reserva do quarterback. Nos testes — e haviam sido vários — Rick sempre impressionava os treinadores com seu braço. Arnie estava presente no dia em Kansas City em que ele fez um lançamento de oitenta jardas e depois disparou um míssil de 150 quilômetros horários.

Mas Arnie sabia o que a maioria dos treinadores agora desconfiava. Rick, para um jogador de futebol americano, tinha medo do contato. Não do contato incidental, nem do tackle rápido sobre o quarterback quando estava com a bola. Rick temia, com bons motivos, os tackles na corrida e o tropel arrasador dos linebackers.

Há um ou dois momentos em cada jogo em que um quarterback fica completamente exposto, com uma fiação de segundo para lançar a bola, enquanto um maciço e ruidoso lineman avança pelo espaço vazio à sua frente. O quarterback tem uma opção. Pode ranger os dentes, sacrificar seu corpo, pôr o time em primeiro lugar, lançar a maldita bola, fazer a jogada certa e ser esmagado, ou pode sair correndo e rezar para viver para mais uma jogada. Rick, nunca, nem uma única vez, desde que Amie o vira jogar pela primeira vez, pusera

o time em primeiro lugar; ao menor sinal de que estava prestes a ser atropelado, ele se apavorava e saía em disparada, frenético, para escapulir pela linha lateral.

E devido a uma propensão para concussões, Arnie não podia culpá-lo por essa atitude.

Ele ligou para um sobrinho do proprietário dos Rams, que atendeu com a voz gélida: — Espero que não seja para falar sobre Dockery.

— Mas é.

— A resposta é não.

Desde domingo Arnie falara com metade dos times da NFL. A resposta dos Rams era típica. Rick não tinha a menor ideia de como sua insignificante carreira estava categoricamente encerrada.

Ao olhar para um monitor na parede, Arnie constatou que seu voo atrasara. Mais um telefonema, ele decidiu. Mais um esforço para encontrar um emprego para Rick. Depois, ele passaria a cuidar de seus outros jogadores.

Os clientes eram de Portland. Embora o sobrenome dele fosse Webb e a mulher fosse tão branca quanto uma sueca, ambos alegavam ter sangue italiano e se diziam ansiosos para conhecer a velha terra, onde tudo começara. Cada um falava cerca de seis palavras da língua, com uma péssima pronúncia ainda por cima. Sam desconfiava que houvessem comprado um guia de viagens no aeroporto e memorizado algumas poucas palavras básicas, enquanto sobrevoavam o Atlântico. Na viagem anterior do casal à Itália, o motorista/guia era um nativo com um inglês "horrível", por isso eles exigiram que desta vez fosse um americano, um bom ianque capaz de pedir as refeições e comprar os ingressos desejados. Depois de dois dias juntos, Sam estava pronto para despachá-los de volta a Portland.

Sam não era motorista nem guia. Mas era muito americano, e como seu emprego principal pagava pouco, ele aceitava aquele trabalho extra de vez em quando, sempre que compatriotas seus passavam pela cidade e precisavam de alguém para segurar suas mãos.

Ele esperou fora do carro, enquanto o casal saboreava um longo jantar no Lazzaro, uma antiga trattoria no centro da cidade. Fazia frio e nevava um pouco. Enquanto tomava goles do café forte, seus pensamentos voltaram-se para a lista de coisas a fazer, como sempre acontecia. A campainha de seu celular surpreendeu-o. A ligação era dos Estados Unidos. -Alô?

— Sam Russo, por favor — disse uma voz incisiva.

— Sou eu.

— Treinador Russo?

— Isso mesmo.

O interlocutor identificou-se como Arnie alguma coisa. Disse que era um empresário de algum tipo e alegou que fora técnico do time de

futebol americano de Bucknell em 1988, poucos anos depois de Sam ter jogado ali. Como ambos haviam passado por Bucknell, logo descobriram pontos em comum. Depois de alguns minutos de troca de recordações, a conversa fluía, cordial. Para Sam, era bastante agradável conversar com alguém de sua velha escola, mesmo sendo um total estranho.

E era raro ele receber ligações de empresários.

Arnie finalmente chegou onde queria.

— Claro que assisti às finais — disse Sam.

— Represento Rick Dockery e... ahn... ele foi dispensado pelos Browns.

O que não era surpresa, pensou Sam, enquanto continuava a escutar: — E ele está avaliando a situação, considerando suas opções. Ouvi um boato de que você precisa de um quarterback.

Sam quase deixou o celular cair. Um autêntico quarterback da NFL jogando em Parma?

— Não é um boato. Meu quarterback saiu na semana passada para ser treinador em algum lugar no norte do estado de Nova York. Adoraríamos ter Dockery. Ele está bem... fisicamente?

— Claro. Apenas um pouco machucado, mas pronto para continuar.

— E ele quer jogar na Itália?

— Talvez. Ainda não conversamos, pois ele continua no hospital. Mas estamos sondando todas as possibilidades. E, para ser franco, ele precisa de uma mudança de ares.

— Conhece alguma coisa sobre como é o jogo por aqui? — perguntou Sam, nervoso. — E um bom futebol americano, mas muito distante da NFL e da Big Ten. Os caras não são profissionais, no sentido estrito da palavra.

— Que nível?

— Não sei. É difícil dizer. Já ouviu falar de uma escola chamada Washington & Lee, na Virgínia? Uma boa escola, um bom time de futebol americano, na terceira divisão?

— Claro.

— Estiveram aqui no ano passado, durante as férias da primavera, e fizemos alguns jogos-treino, de igual para igual.

— Terceira divisão, hein? — murmurou Arnie, a voz começando a murchar.

Mas, por outro lado, Rick precisava de um jogo mais suave. Outra concussão e ele poderia sofrer a lesão cerebral de que tanto gracejavam. Na verdade, Arnie não se importava. Apenas mais um ou dois telefonemas e Rick Dockery seria relegado ao passado.

— Tenho de explicar uma coisa, Arnie — disse Sam, muito sério, pois era hora de falar a verdade. — O que temos aqui é um clube

esportivo, algo um pouco acima do amador. Cada time na Série A pode ter três jogadores americanos, que em geral ganham o dinheiro para a comida, talvez também o aluguel. Os quarterbacks são normalmente americanos e por isso costumam receber um pequeno salário. O resto do time é formado por italianos corpulentos que adoram jogar futebol americano. Se damos sorte e o dono do time está de bom humor, ele pode nos pagar pizza e cerveja depois do jogo. Temos um campeonato com oito jogos, com as finais e uma chance de chegar ao Super Bowl italiano. Nosso campo é velho, mas em bom estado e bem cuidado. Tem uma arquibancada para três mil pessoas, que pode ficar lotada num jogo importante. Contamos com o patrocínio de algumas empresas, temos ótimos uniformes, mas nenhum contrato de TV ou qualquer dinheiro de verdade. Estamos perdidos no meio do mundo do outro futebol, o tradicional. Por isso, nosso futebol americano é mais uma espécie de culto.

— Como você foi parar aí?

— Amo a Itália. Meus avós emigraram desta região e foram para Baltimore, onde fui criado. Mas tenho muitos primos aqui, minha esposa é italiana e assim por diante. É uma terra maravilhosa para se viver. Não dá para ganhar muito dinheiro como treinador de futebol americano por aqui, mas nos divertimos.

— Quer dizer que os treinadores são remunerados?

— Pode-se dizer que sim.

— Há mais algum rejeitado da NFL?

— De vez em quando um deles passa por aqui, alguma alma perdida ainda sonhando com o Super Bowl. Mas os americanos em nossos times são em geral jogadores de pequenas faculdades, que adoram o jogo e têm espírito de aventura.

— Quanto pode pagar a meu jogador?

— Deixe-me consultar o dono do time.

— Faça isso e depois conversarei com meu cliente.

Eles desligaram depois de rirem com mais uma história sobre Bucknell. Sam tomou outro gole do café. Um quarterback da NFL jogando futebol americano na Itália? Era difícil imaginar, embora houvesse um precedente. O time do Bologna Warriors havia disputado o Super Bowl italiano dois anos antes com um quarterback de quarenta anos, que outrora jogara durante um breve período no Oakland. Ele saíra depois de duas temporadas e fora para o Canadá.

Sam diminuiu um pouco o aquecimento do carro e recordou os minutos finais do jogo Browns x Broncos. Nunca, em toda a sua memória, vira um jogador causar uma derrota tão terrível, perdendo um jogo que já estava praticamente ganho. Ele próprio quase aplaudira quando Dockery fora carregado de maca para fora do campo.

Mesmo assim, era fascinante a perspectiva de ser seu treinador em Parma.

Capítulo 3

Embora fazer as malas e ir embora fosse algo quase automático, a partida de Cleveland foi um pouco mais estressante do que o habitual. Alguém descobrira que ele alugara um apartamento no sétimo andar de um prédio envidraçado, perto do lago. Agora, havia dois sujeitos descabelados, aparentemente repórteres, espreitando com câmeras nas proximidades da portaria, quando Rick passou em seu Tahoe preto. Ele estacionou na garagem subterrânea e subiu no elevador. O telefone na cozinha tocava quando ele abriu a porta do apartamento. Um recado foi deixado, numa voz cordial, por ninguém menos que Charley Cray.

Três horas depois, o utilitário estava abarrotado de roupas, tacos de golfe e um aparelho de som. Treze viagens — ele contara — subindo e descendo de elevador e sentia agora uma terrível dor no pescoço e nos ombros. A cabeça doía e latejava, sem que os analgésicos surtisses efeito. Rick não deveria dirigir sob os efeitos dos medicamentos, mas partiria de qualquer maneira.

Ia embora, deixando para trás o apartamento mobiliado que alugara, fugindo de Cleveland, dos Browns e de seus terríveis torcedores. Queria se refugiar em algum lugar, embora não soubesse onde.

Sensatamente, assinara um contrato de locação do apartamento por apenas seis meses. Desde a universidade, levava uma vida de curtas locações de imóveis mobiliados.

Aprendera a não acumular muitas coisas.

Encontrou um tráfego congestionado ao passar pelo centro. Lançou um último olhar à paisagem urbana de Cleveland. Era uma maravilha deixar a cidade. Sentia-se exultante ao partir. Prometeu a si mesmo que nunca mais voltaria ali, a menos, é claro, que fosse para jogar contra os Browns. Mas decidira que não pensaria no futuro. Pelo menos por mais uma semana.

Enquanto atravessava os subúrbios da cidade, Rick admitiu para si mesmo que Cleveland com certeza sentia-se mais feliz com sua partida do que ele por ir embora.

Seguiu para oeste, na direção de Iowa, sem qualquer entusiasmo, porque não sentia a menor ansiedade por voltar para casa. Telefonara para os pais do hospital. A mãe perguntara por sua cabeça e suplicara que ele parasse de jogar. O pai indagara o que ele pensara ao fazer

aquele último lançamento.

— Como estão as coisas em Davenport? — perguntara Rick ao pai, depois de algum tempo.

Ambos compreendiam o que ele queria saber. Não se tratava de alguma curiosidade pela economia local.

— Não muito bem — respondera o pai.

Um boletim de previsão do tempo transmitido pelo rádio atraiu sua atenção. Muita neve a oeste, uma tempestade em Iowa. Com alguma satisfação, Rick virou à esquerda e seguiu para o sul.

Seu celular tocou uma hora depois. Era Arnie, ligando de Las Vegas, parecendo muito mais feliz.

— Onde você está, garoto?

— Saindo de Cleveland.

— Graças a Deus. Voltará para casa?

— Não. Estou a caminho do sul. Talvez siga até a Flórida e jogue um pouco de golfe.

— Grande ideia. Como está a cabeça?

— Muito bem.

— Alguma lesão cerebral adicional? — perguntou Arnie, com uma falsa risada.

Era uma brincadeira que Rick já ouvira pelo menos cem vezes.

— Uma lesão grave.

— Tenho uma proposta para você. Uma vaga num time, a garantia de começar como titular. Animadoras de torcida espetaculares. Está interessado?

Rick repassou tudo, devagar, convencido de que entendera mal os detalhes. O Vicodin estava afetando uma parte de seu cérebro frágil.

— Pode falar.

— Acabei de falar com o treinador dos Panthers. Querem lhe oferecer um contrato imediatamente, sem perguntas, sem condições. Não é muito dinheiro, mas é um emprego. Você continuará a ser o quarterback e titular ainda por cima. É pegar ou largar. A decisão é sua, garoto.

— Os Panthers?

— Isso mesmo. O Parma Panthers.

Houve uma longa pausa, enquanto Rick enfrentava dificuldades com a geografia. Só podia ser de alguma liga menor, tão distante da NFL que não passava de uma piada.

Não era certamente futebol americano de arena. Arnie já deveria saber que não havia a menor possibilidade.

Mas Rick não conseguia situar Parma.

— Você disse Carolina Panthers, Arnie?

— Não, Rick. Parma Panthers.

Havia um lugar chamado Parma nos arredores de Cleveland. A

coisa era muito confusa.

— Perdoe a lesão cerebral, Arnie, mas por que não me diz exatamente onde fica Parma?

— No Norte da Itália, a cerca de uma hora de carro de Milão.

— E onde fica Milão?

— Também no Norte da Itália. Posso lhe comprar um atlas. Seja como for...

— O futebol que se joga ali é o outro, Arnie, o tradicional. Esporte errado.

— Preste atenção, Rick. Há algumas ligas em atividade na Europa. Joga-se futebol americano na Alemanha, Áustria, Itália. Pode ser divertido. Onde está seu espírito de aventura?

A cabeça de Rick recomeçara a latejar. Precisava de outra pílula. Mas já estava quase atordoado com tantos analgésicos que tomara. E a última coisa de que precisava agora era uma acusação de direção perigosa. O guarda pediria os documentos e o algemaria ao descobrir quem ele era, talvez até usasse o cassete.

— Acho que não, Arnie.

— Deveria aceitar, Rick. Tire um ano de folga. Jogue na Europa enquanto a poeira assenta por aqui. Tenho de lhe dizer como estão as coisas, garoto. Não me importo de dar alguns telefonemas por você, mas o momento é o pior possível.

— Não quero ouvir mais nada, Arnie. Vamos conversar mais tarde. Minha cabeça está me matando neste momento.

— Claro, garoto. Durma pensando nisso. Mas também não podemos esperar muito. O time de Parma está à procura de um quarterback. A temporada italiana começará daqui a pouco e eles estão desesperados. Isto é, não estão desesperados para contratar qualquer um, mas...

— Já entendi, Arnie. Conversaremos mais tarde.

— Conhece o queijo parmesão?

— Claro.

— É fabricado lá. Em Parma. Entendeu agora?

— Se eu quisesse queijo, seria o queijo de Green Bay.

Rick achou que estava sendo engraçado, apesar de atordoado com os medicamentos. O time de Green Bay, os Packers, era um dos melhores dos Estados Unidos.

— Também liguei para os Packers e deixei recado. Mas não me ligaram de volta.

— Eu não quero nem ouvir.

Perto de Mansfield, ele sentou num reservado de um restaurante de caminhoneiros, lotado. Pediu batata frita e uma Coca-Cola. As palavras no cardápio estavam apenas um pouco indistintas, mas ele tomou outra pílula assim mesmo, por causa da dor no alto da coluna.

No hospital, depois que o aparelho de televisão voltara a funcionar, cometera o erro de finalmente assistir aos destaques da semana na ESPN. Ficara todo arrepiado à visão de seu próprio corpo sendo atingido com uma tremenda força e desabando no chão.

Dois caminhoneiros numa mesa próxima começaram a olhar em sua direção. Essa não! Por que não pus um boné e óculos escuros?

Eles sussurraram e apontaram. Não demorou muito para que outros também olhassem, alguns até furiosos. Rick queria ir embora, mas o Vicodin disse que não, precisava descansar mais um pouco. Pediu outro prato de batata frita e tentou ligar para os pais. Ou eles haviam saído ou preferiam ignorá-lo. Ligou para um amigo de universidade em Boca, para ter um lugar onde pudesse passar alguns dias.

Os caminhoneiros riam agora de alguma coisa. Rick fez um esforço para ignorá-los.

Começou a rabiscar números num guardanapo de papel. Os Browns deviam-lhe cinquenta mil dólares pelas finais. (O time com certeza o pagaria.) Tinha cerca de quarenta mil no banco, em Davenport. Por causa da carreira nômade, não comprara nenhum imóvel. O utilitário era um leasing... setecentos dólares por mês. Não tinha qualquer outro patrimônio. Ele estudou as cifras. Chegou à conclusão de que poderia ficar com aproximadamente oitenta mil dólares.

Deixar o futebol americano com três concussões e oitenta mil dólares não era tão ruim quanto parecia. A carreira média de um running back na NFL durava três anos e acabava com várias lesões e uma dívida de quinhentos mil dólares.

Os problemas financeiros de Rick eram decorrentes de investimentos desastrosos. Ele e um colega de time da Universidade de Iowa haviam tentado dominar o mercado de lavagem de carros em Des Moines. Foram processados e seu nome ainda constava em empréstimos bancários. Possuía um terço de um restaurante mexicano em Fort Worth, e os outros dois proprietários, amigos antigos, viviam pedindo mais capital. E ele passara mal na última vez que comera burritos ali.

Com a ajuda de Arnie, conseguira evitar a falência — as manchetes teriam sido brutais —, mas as dívidas se acumulavam.

Um caminhoneiro enorme, com uma espantosa barriga de cerveja, aproximou-se nesse momento, parou e fitou Rick, com uma risada desdenhosa. Era o pacote completo...

enormes costeletas, boné, um palito pendendo dos lábios.

— Você não é o Dockery?

Por uma fração de segundo, Rick pensou em negar, mas logo decidiu que o melhor era ignorar o homem.

— Você é horroroso e sabe disso — declarou o caminhoneiro, a voz bastante alta, em benefício da plateia. — Era uma porcaria em Iowa e continua a ser aqui.

Soaram risadas ao redor. Um soco na barriga e o cara estaria no chão, se contorcendo. O fato de Rick não ter sequer pensado nisso deixou-o triste. As manchetes — por que se sentia tão preocupado com as manchetes? — seriam incríveis: "Dockery briga com caminhoneiro." E todos que lessem os jornais, é claro, estariam torcendo pelos caminhoneiros. Charley Cray teria um prato cheio.

Rick sorriu para seu guardanapo e mordeu a língua.

— Por que não se muda para Denver? Aposto que adoram você por lá.

As risadas foram ainda mais estrondosas. Rick acrescentou alguns números sem significado a seus cálculos e fingiu que não tinha ouvido nada. Finalmente, o sujeito se afastou, com uma pose ainda mais arrogante. Não é todo dia que você tem a oportunidade de sacanear um quarterback da NFL.

Rick pegou a 1-71 para o sul, até Columbus, a sede dos Buckeyes. Ali, há não muitos anos, diante de cem mil torcedores, numa deslumbrante tarde de outono, ele lançara quatro passes para touchdowns e desmontara a defesa adversária. O Jogador da Semana da Big Ten. Mais honras com certeza se seguiriam. O título era tão brilhante que até o ofuscava.

Três horas mais tarde, ele parou para encher o tanque. Havia um motel novo ao lado do posto. Já dirigira por tempo demais hoje. Caiu na cama e planejava dormir por alguns dias quando o celular tocou.

— Onde você está agora? — perguntou Arnie.

— Não sei. Acho que London.

— Como? Onde?

— London, no estado do Kentucky, Arnie.

— Vamos conversar sobre Parma.

A voz de Arnie era incisiva e decidida. Alguma coisa estava acontecendo.

— Pensei que havíamos combinado que só conversaríamos mais tarde.

Rick apertou a ponte do nariz com o polegar e o indicador enquanto esticava as pernas lentamente.

— Agora já é mais tarde. Eles precisam de uma decisão.

— Está bem. Dê-me os detalhes.

— Eles pagarão três mil euros por mês para um contrato de cinco meses, mais um apartamento e um carro.

— O que é um euro?

— A moeda da Europa. Está me ouvindo? Vale cerca de um terço mais do que o dólar.

— Quanto dá em dólares?

— Cerca de quatro mil por mês.

Os números foram registrados num instante, porque eram bem poucos.

— O quarterback ganha vinte mil por cinco meses? Quanto ganha um lineman?

— Para que se importar com isso? Você não é um lineman.

— Estou apenas curioso. Por que você está tão irritado?

— Porque estou gastando tempo demais nisso, Rick. Tenho outros contratos para negociar. Sabe como as negociações são movimentadas no final da temporada.

— Está querendo se livrar de mim, Arnie?

— Claro que não. Mas acho sinceramente que você deve passar algum tempo no exterior, recarregar as baterias, deixar o cérebro se recuperar. Dê-me algum tempo a distância para avaliar os danos.

Os danos... Rick tentou sentar na cama, mas nada cooperava. Cada osso e músculo da cintura para cima fora afetado. Se Collins não tivesse errado no bloqueio, Rick não teria sido esmagado. Linemen... amados e odiados. Ele queria linemen que jogassem de verdade!

— Quanto os linemen ganham?

— Nada. Os linemen são italianos e jogam porque amam o futebol americano.

Os empresários devem morrer de fome por lá, pensou Rick. Ele respirou fundo e tentou se lembrar do último jogador que conhecera e que jogava apenas por amor ao jogo.

— Vinte mil... — murmurou Rick.

— O que representam vinte mil a mais do que você está ganhando no momento — lembrou Arnie, um tanto cruelmente.

— Obrigado, Arnie. Sempre posso contar com você.

— Aceite meu conselho, garoto. Tire um ano de folga. Passe uma temporada na Europa. Dê-me mais tempo.

— E eles jogam um bom futebol americano por lá?

— Quem se importa? Você será o astro. Todos os quarterbacks são americanos, mas saíram de pequenas universidades, nem chegaram perto de serem empregados por times profissionais. Os Panthers estão simplesmente encantados por você ter considerado a possibilidade.

Alguém estava encantado em tê-lo como jogador. Uma perspectiva agradável. Mas o que ele diria à família e aos amigos?

Que amigos? Ele tivera contato com, exatamente, dois velhos amigos durante a última semana.

Depois de uma pausa, Arnie limpou a garganta e disse: — Há mais uma coisa.

Pelo tom, não podia ser boa.

— Estou escutando.

- A que horas você deixou o hospital hoje?
- Não me lembro. Talvez por volta das nove.
- Então deve ter passado por ele no corredor.
- Ele quem?

— Um investigador. Sua amiga animadora de torcida está de volta, Rick... grávida. E agora arrumou advogados, uns merdas que querem fazer barulho e estão loucos para ver sua cara nos jornais. Já me ligaram, com uma porção de exigências.

— Que animadora de torcida? — perguntou Rick, enquanto novas ondas de dor espalhavam-se pelo pescoço e os ombros.

— Tiffany ou alguma coisa parecida.

— Não há a menor possibilidade, Arnie. Ela foi para a cama com metade dos Browns. Por que está vindo atrás de mim?

— Você transou com ela?

— Claro, mas apenas porque era a minha vez. Se ela quer ter um filho de um milhão de dólares, por que está me acusando?

Uma excelente pergunta do jogador de menor remuneração no time. Arnie também levantara essa questão quando argumentara com os advogados de Tiffany.

— É possível que você seja o pai?

— Absolutamente não. Tomei cuidado. Não se pode deixar de tomar.

— Você não pode se manifestar em público até que ela lhe apresente uma citação. E, se não puder encontrá-lo, não haverá citação.

Rick sabia de tudo isso. Já estivera envolvido antes em ações judiciais.

— Vou me esconder na Flórida durante algum tempo. Não poderão me encontrar lá.

— Não conte com isso. Os advogados são muito agressivos. Querem a publicidade. Sempre há meios de localizar as pessoas — uma pausa, depois o argumento decisivo: — Mas não poderiam citá-lo se estivesse na Itália.

— Nunca estive na Itália.

— Então é hora de conhecer.

— Deixe-me dormir com a ideia.

— Claro.

Rick caiu no sono quase que no mesmo instante. Dormiu durante apenas dez minutos, quando foi despertado, com um sobressalto, por um pesadelo. Cartões de crédito deixam uma trilha. Postos de gasolina, motéis, restaurantes de caminhoneiros... cada lugar estava ligado a uma vasta rede de informações eletrônicas. Com absoluta certeza, algum maluco munido de um computador de alta potência poderia clicar aqui e ali para descobrir a trilha e enviar alguns pitbulls

com uma citação da ação de paternidade de Tiffany. Mais manchetes. Mais problemas judiciais.

Ele pegou a mala ainda feita e fugiu do motel. Dirigiu por mais uma hora, exausto, até encontrar um hotel ordinário, que alugava quartos baratos a dinheiro vivo, por hora ou pelo pernoite. Caiu na cama empoeirada e mergulhou num sono profundo, roncando alto e sonhando com torres inclinadas e ruínas romanas.

Capítulo 4

O treinador Russo lia a Gazzetta di Parma enquanto esperava pacientemente numa cadeira de plástico, na estação ferroviária. Detestava admitir que estava um pouco nervoso. Só havia falado pelo telefone com o novo quarterback, enquanto o homem se encontrava num campo de golfe em algum lugar da Flórida. A conversa deixara a desejar. Dockery hesitava em jogar pelo Parma, embora a perspectiva de viver por alguns meses no exterior fosse sem dúvida atraente. Aliás, Dockery parecia relutante em jogar em qualquer lugar. A história do "Maior Mico" espalhara-se e ele ainda era alvo de piadas em muitos lugares. Era um jogador de futebol americano e precisava jogar, mas não sabia se queria voltar aos campos.

Dockery dissera que não falava uma só palavra de italiano, mas estudara espanhol no ensino médio. Aquilo não era problema, pensou Russo.

Ele nunca treinara um quarterback profissional. Seu último jogador na posição estivera por um breve período no time da Universidade de Delaware. Como Dockery se adaptaria. Os outros jogadores estavam muito animados com a perspectiva de tamanho talento, mas será que o aceitariam? A atitude do novo quarterback poderia envenenar o clima no vestiário? E ele seria capaz de seguir suas instruções nos treinos?

O Eurostar procedente de Milão entrou na estação pontualmente. As portas se abriram, os passageiros desembarcaram. Era meados de março e a maioria deles vestia casacos grossos, ainda agasalhados para o inverno, à espera do tempo mais quente. E lá estava Dockery, recém-saído da Flórida, com um bronzado absurdo e vestido para drinques durante o verão no country club... paletó esporte de linho creme, camisa verde-limão com um padrão tropical, calça branca que terminava nos tornozelos sem meias, mocassins de pele de crocodilo mais marrons do que castanhos. Arrastava com dificuldade duas monstruosas malas de rodinhas, uma tarefa quase impossível por causa do enorme saco de tacos de golfe pendurado no ombro.

O quarterback chegara.

Sam observou a dificuldade do desembarque e compreendeu no mesmo instante que Dockery nunca viajara de trem antes. Ele finalmente se adiantou e disse: — Oi, Rick. Sou Sam Russo.

Um meio sorriso, enquanto ele largava as malas e deixava o saco

de tacos de golfe escorregar para o chão.

— Oi, treinador.

— Seja bem-vindo a Parma. Deixe-me ajudá-lo.

Sam pegou uma das malas e os dois se encaminharam para a saída da estação.

— Obrigado. Faz bastante frio aqui.

— Mais frio do que na Flórida. Como foi a viagem?

— Ótima.

— Gosta de jogar golfe, hein?

— E muito. Quando vai esquentar?

— Daqui a um mês, mais ou menos.

— Há muitos campos de golfe por aqui?

— Não conheço nenhum.

Haviam saído da estação. Pararam ao lado do pequeno Honda de Sam.

— É o seu carro? — perguntou Rick, olhando ao redor e notando que todos os outros carros também eram pequenos.

— Ponha suas coisas no banco traseiro.

Sam abriu a mala do Honda e conseguiu espremer uma das malas de Rick no espaço apertado. Mas só cabia uma. A outra foi para o banco traseiro, por cima dos tacos de golfe.

— Ainda bem que eu não trouxe mais coisas — murmurou Rick.

Entraram no carro. Com quase 1,90m, os joelhos de Rick batiam no painel. E não dava para empurrar o banco para trás por causa dos tacos de golfe.

Os carros por aqui são bem pequenos, hein?

— É verdade. A gasolina aqui custa um dólar e vinte por litro.

— Quanto dá o galão?

— Eles não usam galões. Usam litros.

Sam deu a partida no carro.

— Mas quanto custa o galão?

— Um litro dá mais ou menos um quarto de galão.

Rick pensou a respeito, enquanto pela janela olhava para os prédios ao longo da Strada Garibaldi.

— Certo. Mas quantos quartos há em um galão?

— Onde você estudou?

— Qual foi sua universidade?

— Bucknell.

— Nunca ouvi falar. Jogam futebol americano lá?

— Claro. Mas coisa pequena. Nada como a Big Ten. Há quatro quartos em um galão. Portanto, um galão custa cerca de cinco dólares.

— Esses prédios são mesmo muito antigos.

— Não chamam isso aqui de Velho Mundo à toa. Qual foi o seu curso principal?

- Educação física. Com especialização em líderes de torcida.
- Estudou história?
- Detestava história. Por quê?
- Parma tem dois mil anos e uma história interessante.
- Parma...

Rick deixou escapar um suspiro e conseguiu escorregar quatro ou cinco centímetros, como se a própria menção do lugar significasse derrota. Enfiou a mão no bolso do paletó e tirou o celular, mas não o abriu. E perguntou, mais como se fosse uma declaração: — Que diabos estou fazendo em Parma, Itália?

Sam refletiu que a ausência de resposta era a melhor opção e decidiu assumir o papel de guia: — Este é o centro da cidade, a parte mais antiga. É a primeira vez que visita a Itália?

— É sim. O que é aquilo?

— É o Palazzo delia Pilotta. As obras começaram há quatrocentos anos, mas jamais foi concluído. Chegou a ser bombardeado pelos Aliados em 1944.

— Bombardeamos Parma?

— Bombardeamos tudo, até mesmo Roma, mas poupamos o Vaticano. Os italianos, como talvez você se lembre, tinham um líder chamado Mussolini, que fez uma aliança com Hitler. Não foi uma boa ideia e os italianos nunca se animaram com a guerra. Preferem comida, vinho, carros esportes, moda, sexo.

— Acho que vou gostar deste país.

— Tenho certeza de que vai gostar muito. E eles adoram ópera. À direita, pode ver o Teatro Régio, onde as melhores óperas são apresentadas. Alguma vez foi a uma ópera?

— Claro que sim. Somos criados com essas coisas em Iowa. Passei a maior parte da minha infância na ópera. Está querendo me gozar? Por que eu iria a uma ópera?

— Lá está o Duomo.

— O que é isso?

— A catedral. Pense em domo... como Superdome, Carrier Dome.

Rick não disse nada. Permaneceu em silêncio por um longo momento, como se a lembrança de domos e estádios, com os jogos relacionados, o deixasse desconfortável.

Atravessavam o centro de Parma, com os pedestres circulando ao redor e os carros com para-choques quase encostados. Sam finalmente continuou: — Quase todas as cidades italianas são configuradas em torno de uma praça central, conhecida como piazza. Esta é a Piazza Garibaldi, com muitas lojas e cafés, pessoas a pé. Os italianos passam muito tempo sentados em cafés ao ar livre, tomando espresso e lendo. Não é um mau hábito.

— Não tomo café.

— É hora de começar a tomar.
— O que esses italianos acham dos americanos?
— Eles gostam da gente, eu acho, embora não falem muito a respeito. Se pararem e pensarem sobre isso, é provável que cheguem à conclusão de que detestam o nosso governo. Mas, de um modo geral, não se importam nem um pouco. Adoram a nossa cultura.

— Inclusive o futebol americano?
— Até certo ponto. Há um pequeno bar maravilhoso ali adiante. Quer beber alguma coisa?

— Não. Ainda é muito cedo.
— Não estava pensando em bebidas alcoólicas. Um bar aqui é mais como um pub ou café, um ponto de encontro.

— Eu passo.
— Todo o movimento de Parma se concentra aqui. Seu apartamento fica a poucas ruas da piazza.
— Mal posso esperar. Importa-se se eu der um telefonema?
— Prego.
— Como?
— Prego. Significa "vá em frente".

Rick apertou as teclas, enquanto Sam manobrava o pequeno Honda pelo tráfego do final da tarde. Quando Rick olhou pela janela, Sam inclinou-se para apertar um botão no rádio. Uma ópera saiu pelos alto-falantes, em volume baixo. A pessoa com quem Rick precisava falar, quem quer que fosse, não atendeu. O quarterback não deixou recado na caixa postal, o telefone foi fechado, e tornou a ser guardado no bolso.

Provavelmente o empresário, pensou Sam. Ou talvez uma namorada.

— Você tem namorada? — perguntou Sam.
— Ninguém em particular. Muitas tientes da NFL, mas elas são estúpidas como pedras. E você?
— Um casamento de onze anos. Sem filhos.
Atravessaram uma ponte chamada Ponte Verdi.
— Este é o rio Parma. Divide a cidade.
— Lindo.
— A nossa frente está o Parco Ducale, o maior parque da cidade. É muito bonito. Os italianos adoram parques, jardins, essas coisas.
— Também acho bonito.
— Ainda bem que você aprova. É um lugar maravilhoso para se passear, levar uma namorada, ler um livro, deitar ao sol.
— Nunca passei um único segundo num parque.
O que era uma surpresa e tanto.
Deram uma volta, tornaram a atravessar o rio e logo percorriam ruas estreitas, de mão única.

— Agora você já viu a maior parte do centro de Parma — comentou Sam.

— Legal.

Um pouco de quadras ao sul do parque, entraram numa rua sinuosa, a Via Linati.

— AH. — Sam apontou para uma longa fileira de prédios de quatro andares, cada um pintado de uma cor diferente. — O segundo, de cor meio dourada, um apartamento no terceiro andar. É uma parte boa da cidade. O signor Bruncardo, o cavalheiro que é dono do time, também possui alguns prédios. É por isso que você vai morar no centro. O aluguel aqui é muito caro.

— E os caras jogam mesmo de graça? — perguntou Rick, pensando em algo que ficara entalado numa conversa anterior.

— Os americanos são remunerados... você e dois outros, apenas três este ano. Nenhum outro ganha tanto quanto você. Os italianos jogam pelo esporte. E pela pizza depois do jogo. — Uma pausa e Sam acrescentou: — Você vai adorar os caras.

Era seu primeiro esforço para promover o espírito de equipe. Se o quarterback não estivesse satisfeito, haveria muitos problemas.

Sam conseguiu de alguma forma espremer o Honda numa vaga com metade do tamanho do carro. Pegaram as malas e o saco com os tacos de golfe. Não havia elevador, mas a escada era mais larga do que o normal. O apartamento era mobiliado e tinha três cômodos, um quarto, uma sala, uma pequena cozinha. Graças ao fato de seu novo quarterback ter vindo da NFL, o signor Bruncardo mandara pintar o apartamento, providenciara tapetes, cortinas, os móveis da sala. Havia até alguns vistosos quadros de arte contemporânea nas paredes.

— Nada mau — disse Rick.

O treinador Russo ficou aliviado. Conhecia as realidades do mercado imobiliário urbano na Itália: a maioria dos apartamentos eram pequenos, velhos e dispendiosos.

Se o quarterback ficasse desapontado, o signor Bruncardo também ficaria. As coisas se tornariam complicadas.

— No mercado, este apartamento custaria dois mil euros por mês — informou Sam, querendo impressionar Rick.

Rick estava pondo seus tacos de golfe no sofá, com todo cuidado.

— É um bom apartamento — murmurou ele.

Não dava nem para contar o número de apartamentos em que residira nos últimos seis anos. As mudanças constantes, muitas vezes às pressas, haviam amortecido qualquer apreciação de área, móveis e decoração.

— Por que não muda de roupa e se encontra comigo lá embaixo? — sugeriu Sam.

Rick olhou para a calça e os pés sem meias. Quase disse que estava

bem assim, mas depois compreendeu a insinuação.

— Claro. Dê-me cinco minutos.

— Há um café a duas quadras daqui, à direita. Ficarei à sua espera numa mesa na calçada.

— Combinado, treinador.

Sam desceu. Sentou a uma mesa no lugar indicado, pediu um café e abriu o jornal. Estava úmido e o sol já mergulhara por trás dos prédios. Os americanos sempre passavam por um breve período de choque cultural. A língua, os carros, as ruas estreitas, apartamentos pequenos, o confinamento das cidades. Era sufocante, ainda mais entre as pessoas de classes média e baixa que pouco viajavam. Em seus cinco anos como treinador do Parma Panthers, Sam só conhecera um jogador americano que já estivera na Itália antes de ingressar no time.

Dois dos tesouros nacionais da Itália costumavam animar os americanos... as mulheres e a comida. O treinador Russo não interferia na questão das mulheres, mas conhecia o poder da cozinha italiana. O sr. Dockery teria de enfrentar um jantar de quatro horas, sem a menor ideia do que o aguardava.

Ele chegou dez minutos depois, com o celular na mão, como não podia deixar de ser, e com uma aparência muito melhor. Blazer azul-marinho, jeans desbotados, meias escuras e sapatos.

— Café? — perguntou Sam.

— Apenas uma Coca-Cola.

Sam transmitiu o pedido ao garçom.

— Quer dizer que fala a língua — disse Rick, guardando o celular no bolso.

— Moro aqui há cinco anos. E minha mulher é italiana. Já lhe disse isso.

— Os outros americanos também aprendem italiano?

— Algumas palavras, especialmente os pratos nos cardápios.

— Estou curioso em saber como chamam as jogadas para que todos saibam o que devem fazer.

— Chamamos em inglês. As vezes os italianos entendem as jogadas, às vezes não.

— Como na universidade — comentou Rick.

Os dois riram. Rick tomou um gole da Coca-Cola e acrescentou: — Não vou perder tempo no esforço de aprender a língua. É trabalho demais. Quando joguei no Canadá, muitos falavam francês. Não fez diferença, porque todos entendiam o inglês.

— Mas posso lhe assegurar que nem todos sabem inglês por aqui.

— Mas todo mundo conhece a linguagem da American Express e das verdinhas.

— É possível. Mas não seria uma má ideia estudar italiano.

Tornaria sua vida mais fácil e os companheiros de time passariam a adorá-lo.

— Adorar? Não adorei um companheiro de time desde os tempos na universidade.

— Aqui é como a universidade, uma vasta fraternidade, com caras que gostam de vestir os uniformes, brigar por duas horas e depois se reunir para tomar cerveja.

Se o aceitarem, como tenho certeza que vai acontecer, serão capazes de matar por você.

— Eles sabem sobre... hum... meu último jogo?

— Não perguntei, mas tenho certeza de que alguns sabem. Eles amam futebol americano e assistem a muitas partidas dos Estados Unidos. Mas não se preocupe, Rick. Todos estão exultantes com sua vinda. O time nunca ganhou o Super Bowl italiano, e estão convencidos de que este é o ano.

Três signorinas passaram pela calçada e atraíram a atenção dos dois. Quando desapareceram de vista, Rick correu os olhos pela rua. Parecia perdido em outro mundo.

Sam gostara dele e sentia alguma compaixão. O cara aguentara uma avalanche de escárnio público como nunca se vira antes no futebol americano profissional. Agora, estava em Parma, sozinho e confuso. E fugindo. Mas Parma era o lugar onde deveria estar, pelo menos por enquanto.

— Quer conhecer o campo? — perguntou Sam.

— Claro, treinador.

Enquanto andavam, Sam apontou para outra rua.

— Há uma loja de artigos masculinos ali com roupas incríveis. Você deveria dar uma olhada.

— Eu trouxe muitas roupas.

— Mesmo assim, talvez seja bom dar uma olhada. Os italianos são muito elegantes e sempre observam a maneira como homens e mulheres se vestem. Você nunca está vestido com uma elegância exagerada por aqui.

— Língua, roupas... mais alguma coisa, treinador?

— Apenas um pequeno conselho. Tente se divertir. Parma é uma cidade antiga e maravilhosa, e você passará apenas uma temporada aqui.

— Claro, treinador.

Capítulo 5

O Stadio Lanfranchi fica no noroeste da cidade, ainda dentro dos limites urbanos de Parma, mas longe dos prédios antigos e ruas estreitas. É um campo de rúgbi, sede de dois times profissionais, arrendado pelos Panthers para o futebol americano. Tem arquibancadas cobertas nos dois lados, tribuna de imprensa, com uma superfície de jogo de grama natural, com uma boa manutenção, apesar do uso intenso.

O outro futebol, o tradicional, é jogado no Stadio Tardini, muito maior, a quase dois quilômetros de distância, no sudeste da cidade. Ali, enormes multidões se reúnem para celebrar a razão de existir da Itália dos tempos modernos. Mas não há muito o que aplaudir. O time do Parma mal consegue se manter na prestigiosa primeira divisão do futebol italiano. Mesmo assim, ainda atrai seus torcedores fiéis. São cerca de trinta mil sofreadores que demonstram uma devoção absoluta, jogo após jogo, ano após ano.

São cerca de 29 mil torcedores a mais do que o público que comparece ao Stadio Lanfranchi para assistir aos jogos dos Panthers. As arquibancadas comportam três mil pessoas, mas quase nunca todos os ingressos são vendidos. Na verdade, isso nunca acontece. A entrada é franca.

Rick Dockery caminhava lentamente pelo meio do campo, enquanto as sombras compridas se projetavam, as mãos enfiadas nos bolsos do jeans, na andança a esmo de um homem em outro mundo. Parava de vez em quando e fazia pressão com o sapato para testar o campo. Não pisava em um daqueles desde o último jogo em Cleveland.

Sam estava sentado na quinta fila da arquibancada, no lado da torcida da casa. Observava seu quarterback e especulava sobre o que ele estaria pensando.

Rick lembrou-se de um campo de treinamento no qual passara, não fazia muito tempo, uma provação breve, mas brutal, com um dos times profissionais, não lembrava exatamente qual. O campo escolhido naquele verão fora o de uma equipe universitária da terceira divisão, muito parecido com o que ele examinava agora. Tinha dormitórios rústicos e vestiários apertados, do tipo que muitos times da NFL escolhiam para que o treinamento fosse o mais duro e austero possível.

Ele pensou em seus dias de ensino médio. No time da Davenport South, jogara cada partida na presença de um público maior, em casa e em outras cidades. Perdera a final estadual em seu primeiro ano no time diante de onze mil torcedores. Podia ser um público pequeno pelos padrões do Texas, onde o futebol americano das escolas de ensino médio atrai legiões, mas ainda assim era uma tremenda multidão em Iowa.

No momento, porém, a Davenport South estava muito longe, assim como outras coisas que outrora pareciam importantes. Ele parou na linha de fundo e estudou os postes do gol, um tanto estranhos. Dois postes altos, pintados de azul e amarelo, fincados no chão e revestidos com um anúncio da Heineken. Rúgbi. Ele subiu os degraus da arquibancada e foi sentar ao lado do treinador, que perguntou: — O que você achou?

— Um bom campo, mas faltam algumas jardas.

— Dez, para ser preciso. A distância entre os postes de gol é de 110 jardas, mas precisamos de vinte para as linhas de fundo. Por isso, jogamos com o que resta, noventa jardas. A maioria dos campos em que jogamos foi feita para o rúgbi. Temos de nos contentar com isso.

Rick soltou um grunhido e sorriu.

— Que seja.

— É muito diferente do estádio dos Browns, em Cleveland.

— Graças a Deus por isso. Jamais gostei de Cleveland, a cidade, os torcedores, o time... e detestava o estádio. A beira do lago Erie, com ventos terríveis, o terreno duro como concreto.

— Qual foi sua parada predileta?

Rick soltou uma risada.

— Parada... Gostei da palavra. Parei aqui e ah, mas nunca encontrei um lugar que me agradasse cem por cento. Acho que Dallas foi o melhor. Prefiro um clima mais quente.

O sol quase desaparecera e o ar se tornava mais e mais frio. Rick enfiou as mãos nos bolsos apertados do jeans.

— Fale-me sobre o futebol americano na Itália. Como começou?

— Os primeiros times surgiram há cerca de vinte anos. A prática do esporte espalhou-se como uma febre, especialmente aqui no norte. O Super Bowl em 1990 atraiu vinte mil torcedores, embora o público fosse muito menor no ano passado. O público diminuiu por algum motivo que ignoro, mas agora está crescendo de novo. Há nove times na primeira divisão, cerca de 25 na segunda, além de campeonatos para os garotos.

Houve uma pausa. Rick mudou a posição das mãos. Os dois meses na Flórida haviam lhe proporcionado um bom bronzado, mas também o deixaram com a pele fina. E o bronzado já começava a desaparecer.

— Quantos torcedores assistem aos jogos dos Panthers?
— Depende. Como não vendemos ingressos, ninguém conta. Talvez mil torcedores. Mas o estádio fica lotado quando o Bergamo joga aqui.

— Bergamo?

— Bergamo Lions, o eterno campeão.

Rick achou engraçado.

— Lions e Panthers... Todos eles têm nomes de times da NFL?

— Não. Também temos o Bologna Warriors, Rome Gladiators, Naples Bandits, Milan Rhinos, Lazio Marines, além do Ancona Dolphins e Bolzano Giants.

Rick riu ainda mais dos nomes.

— O que é tão engraçado? — perguntou Sam.

— Ainda pergunta? Onde estou?

— É normal. Mas o choque passa depressa. Depois que você vestir o uniforme e começar a bater de frente com os adversários, vai se sentir em casa.

Não gosto de bater de frente, Rick teve vontade de dizer. Mas achou melhor não fazer o comentário.

— Quer dizer que o Bergamo é o time que temos de vencer?

— Isso mesmo. Eles ganharam o Super Bowl oito vezes consecutivas. E permaneceram invictos em 61 jogos.

— O Super Bowl italiano... Não posso acreditar que eu tenha perdido.

— Muita gente perdeu. Nas páginas de esportes dos jornais somos os últimos a merecer uma notícia, depois da natação e do motociclismo. Mas o Super Bowl é transmitido pela televisão, em um dos canais secundários.

Por ainda estar apavorado com a possibilidade de seus amigos descobrirem que se encontrava jogando futebol americano na Itália, a perspectiva de escassez de notícias nos jornais e a ausência de grandes emissoras de televisão nos jogos eram bastante atraentes para Rick. Não buscava a glória em Parma, mas apenas um pequeno salário, enquanto ele e Arnie esperavam por um milagre nos Estados Unidos. Não queria que ninguém soubesse onde estava.

— Com que frequência treinamos?

— Entramos em campo às segundas, quartas e sextas-feiras, às oito horas da noite. Os jogadores italianos têm empregos durante o dia.

— Empregos de que tipo?

— Todos. Um piloto de avião, um engenheiro, vários caminhoneiros, um corretor de imóveis, pequenos empreiteiros, um cara tem uma loja de queijos, outro é dono de um bar, um dentista, dois ou três trabalham em academias. E ainda temos pedreiros e mecânicos de carros.

Rick pensou a respeito por um momento. O choque já começava a

passar.

— Qual é o tipo de ataque?

— Ficamos nas coisas básicas. Força, com muita movimentação e manobras para despistar os adversários. Nosso quarterback no ano passado não era capaz de fazer lançamentos longos, o que limitava bastante nossa capacidade ofensiva.

— Seu quarterback não conseguia lançar?

— Consequia, mas não muito bem.

— Temos um runner?

— Temos sim. Slidell Turner. Um negro baixinho, mas parrudo, da Colorado State, que há quatro anos foi chamado pelos Colts, mas acabou sendo cortado por ser pequeno demais.

— Que altura?

— Um metro e setenta e dois, e oitenta quilos. Pequeno demais para a NFL, mas perfeito para os Panthers. Eles têm dificuldades para alcançá-lo por aqui.

— O que um garoto negro da Colorado State está fazendo em Parma, Itália?

— Jogando futebol americano, à espera de um telefonema. A mesma coisa que você.

— Temos um receiver?

— Fabrizio, um dos italianos. Mãos enormes, pés grandes, um ego ainda maior. Acha que é o maior jogador de futebol americano da Itália em todos os tempos. Um trato difícil, mas não é um mau garoto.

— Ele poderá pegar as minhas bolas?

— Duvido muito. Vai precisar de bastante treino. Só peço para não matá-lo no primeiro dia.

Rick levantou-se.

— Estou com frio. Vamos andar um pouco.

— Não quer conhecer a sede do time?

— Claro que quero. Por que não?

O prédio ficava ao norte, nos limites da cidade. Ao se encaminharem para lá, um trem passou, barulhento, a pouca distância. O interior do prédio comprido era ornamentado com dezenas de pôsteres dos patrocinadores. A maior parte era ocupada pelo rúgbi, mas uma pequena parte estava reservada ao futebol americano, abrigando armários e equipamentos.

— O que você achou? — perguntou Sam.

— É um vestiário.

Rick tentou não fazer comparações, mas por um momento não pôde deixar de recordar as suntuosas instalações dos estádios mais novos da NFL. Carpete, vestiários revestidos de madeira, tão grandes que podiam servir de estacionamento para carros pequenos, poltronas de couro reclináveis feitas sob medida para os imensos linemen, boxes

de chuveiros maiores do que todo aquele cômodo. Mas tudo bem. Ele disse a si mesmo que poderia suportar aquilo por cinco meses.

— Aquele é o seu armário — disse Sam, apontando.

Rick foi até o armário, uma velha gaiola de aço vazia, exceto por um capacete dos Panthers pendurado num gancho. Ele pediu o número 8, que estava pintado no lado do capacete. Tamanho sete e meio. O armário de Slidell Turner ficava à direita. O nome no armário da esquerda era Trey Colby.

— Quem é ele? — perguntou Rick.

— Colby é o nosso free safety. Jogava na Ole Miss. Mora com Slidell. São os dois únicos jogadores negros do time. Só temos três americanos este ano. Foram cinco no ano passado, mas mudaram as regras de novo.

Numa mesa no centro do vestiário havia pilhas de calças e camisas do uniforme. Rick examinou-as com todo cuidado.

— Bom material — comentou ele.

— Fico contente que você aprove.

— Você mencionou um jantar. Não sei direito de que tipo de refeição meu corpo precisa, mas uma comida agora seria bem-vinda.

— Conheço o lugar certo. É uma velha trattoria que pertence a dois irmãos. Carlo comanda a cozinha e prepara a comida, enquanto Nino recebe os clientes e providencia para que todos sejam bem alimentados. Nino também é seu center. Não fique surpreso ao conhecê-lo. Seu center do ensino médio provavelmente era maior, mas ele é duro no jogo. Sua ideia de diversão é derrubar pessoas, duas horas por semana. E também o tradutor do ataque. Você grita as jogadas em inglês e Nino repete em italiano. Você pode então iniciar a jogada. Enquanto percorre a linha, você reza para que Nino tenha feito a tradução correta. A maioria dos italianos pode compreender coisas básicas em inglês. São rápidos em agirem ao primeiro impulso. Muitas vezes não esperam por Nino. Em algumas jogadas, o time inteiro sai da formação e corre em direções diferentes, sem que você tenha a menor ideia do que está acontecendo.

— O que eu faço nessas ocasiões?

— Corre como se o diabo estivesse atrás de você.

— Deve ser divertido.

— Pode ser. Mas os caras levam o jogo muito a sério, ainda mais no calor da batalha. Adoram bater de frente, tanto antes quanto depois do apito. Xingam e brigam, mas depois saem juntos para tomar cerveja. Um jogador chamado Paolo deve jantar conosco. Seu inglês é muito bom. E dois outros também podem aparecer. Todos estão ansiosos para conhecê-lo. Nino cuidará da comida e do vinho. Assim, você não terá de se preocupar com o cardápio. E pode ter certeza de que será um jantar delicioso.

Capítulo 6

Eles foram de carro. Passaram pela universidade. Sam estacionou numa das intermináveis ruas estreitas. Já estava escuro e havia muitos estudantes nas ruas, absorvidos em conversas ruidosas. Como Rick se mantinha retraído, Sam assumiu o comando da conversa: — Uma trattoria, por definição, é um restaurante de família, despretensioso, com grandes pratos e vinhos locais, porções generosas, não muito caras. Está prestando atenção?

— Estou. — Os dois seguiam apressados por uma calçada. — Vai me alimentar ou continuar a falar até que eu morra de fome?

— Estou tentando introduzi-lo na cultura italiana.

— Basta me arrumar uma pizza.

— Só mais um instante. Onde eu estava?

— Falava da trattoria.

— Ah, sim... É diferente do que se chama aqui de restaurante, que é em geral mais elegante e mais caro. Há ainda a osteria, que era tradicionalmente a sala de jantar de uma hospedaria, mas que agora pode significar quase que qualquer coisa. Já falamos do bar. E tem a enoteca, que em geral vende vinho e também oferece refeições leves. Acho que isso cobre tudo.

— Ou seja, ninguém passa fome na Itália?

— Claro que não.

O Café Montana tinha uma pequena placa pendurada por cima da porta. Através da janela da frente podia-se ver uma sala comprida, com mesas vazias, todas cobertas por toalhas brancas engomadas e passadas, adornadas com pratos azuis, guardanapos de linho e enormes taças de vinho.

— Chegamos um pouco cedo — explicou Sam. — O movimento começa por volta de oito horas. Mas Nino está nos esperando.

— Por que Montana? — perguntou Rick.

— Uma homenagem a Joe. O quarterback.

— Jura?

— Claro. Esses caras adoram futebol americano. Carlo também jogava, mas arrebentou o joelho há alguns anos. Agora, apenas cozinha. Diz a lenda que ele bateu todos os recordes de faltas pessoais.

Entraram e foram envolvidos pelo cheiro da comida que Carlo preparava. O aroma de alho, molho de carne e costeleta de porco frita pairava como fumaça na sala da frente. Rick sentia uma fome quase

incontrolável. Um fogo parecia arder no fundo de seu estômago.

Nino passou por uma porta lateral e atravessou o restaurante em passos rápidos. Deu um abraço apertado em Sam, depois um beijo ruidoso em sua face direita, outro na esquerda. Apertou a mão direita de Rick entre as suas e exclamou: — Rick, meu quarterback, seja bem-vindo a Parma!

Rick apertou as mãos de Nino com firmeza, mas pronto para recuar se houvesse a ameaça de beijos. Não aconteceu.

O sotaque do inglês de Nino era forte, mas as palavras eram nítidas. Rick soava mais como Rick.

— O prazer é meu — disse Rick.

— Sou o seu center — anunciou Nino, orgulhoso. — Mas tome cuidado com o lugar em que vai pôr a mão na hora de avisar que posso começar a jogada. Minha mulher é muito ciumenta.

Ao que Nino e Sam se dobraram em gargalhadas. Rick, contrafeito, acompanhou-os.

Nino devia ter menos de 1,80m, corpulento e em boa forma, pesando em torno de 95 quilos. Enquanto ele ria de sua própria piada, Rick avaliou-o rapidamente. Compreendeu que seria uma longa temporada. Um center com menos de um metro e oitenta?

E também não era mais jovem. Nino tinha cabelos escuros ondulados, com as primeiras sugestões de cinza nas têmporas. Devia ter trinta e poucos anos. Mas havia um queixo forte e um inconfundível brilho de fúria nos olhos, típicos de um homem que adorava brigar.

Terei de lutar por minha vida, pensou Rick.

Carlo veio da cozinha em seu avental branco engomado e chapéu de chef. Parecia muito mais com um center propriamente dito. Em torno de 1,90m, pelo menos 115 quilos, ombros largos. Mas mancava um pouco. Cumprimentou Rick, efusivo. Um rápido abraço, sem beijo. Seu inglês era bastante inferior ao de Nino. Depois de umas poucas palavras em inglês, ele passou para o italiano. Rick ficou perdido, mas Sam se apressou em socorrê-lo: — Ele lhe dá as boas-vindas a Parma e ao restaurante. Nunca se sentiram tão emocionados por terem um autêntico herói americano do Super Bowl jogando pelos Panthers. E ele espera que você coma e beba muitas vezes em seu pequeno café.

— Obrigado — disse Rick para Carlo.

Eles ainda seguravam as mãos um do outro. Carlo voltou a falar. Sam traduziu: — Ele diz que o dono do time é amigo dele e come com frequência no Café Montana. E que todo mundo em Parma está feliz por ter o grande Rick Dockery usando o uniforme preto e prata.

Pausa. Rick agradeceu de novo, com um sorriso tão efusivo quanto era possível. Repetiu para si mesmo as palavras "Super Bowl". Carlo finalmente soltou-o e começou a gritar para a cozinha. Enquanto Nino

os levava para a mesa, Rick sussurrou para Sam: — Super Bowl... de onde ele tirou essa ideia?

— Não sei. Talvez eu tenha errado na tradução.

— Disse que era fluente na língua.

— Na maior parte das vezes.

— Todo mundo em Parma? O grande Rick Dockery? O que você disse para essa gente?

— Os italianos sempre exageram.

A mesa ficava perto da lareira. Nino e Carlo puxaram as cadeiras para seus convidados. Antes que Rick pudesse se acomodar direito, três garçons se aproximaram. Um deles trazia uma enorme travessa com comida. Outro tinha uma magnum de vinho espumante. O terceiro pôs na mesa um cesto com pães, um vidro de azeite e outro de vinagre.

Nino estalou os dedos e apontou. Carlo gritou para um dos garçons, que respondeu no mesmo tom. Voltaram para a cozinha, discutindo a cada passo do caminho.

Rick olhou para a travessa. Tinha no centro um enorme pedaço de queijo rígido cor de palha, cercado pelo que pareciam ser frios enrolados. Eram carnes defumadas, cores fortes, diferentes de tudo o que Rick já vira até então. Enquanto Sam e Nino conversavam em italiano, um garçom abriu a garrafa e serviu três copos. Depois ficou em posição de sentido, um guardanapo branco engomado pendurado no braço. Nino distribuiu os copos, para depois levantar o seu.

— Um brinde ao grande Rick Dockery e à vitória do Parma Panthers no Super Bowl.

Sam e Rick tomaram um gole, enquanto Nino esvaziava metade de seu copo.

— É Malvasia Secco — informou ele. — De uma vinícola próxima. Tudo esta noite veio da Emília. O azeite, o vinagre balsâmico, o vinho, a comida é tudo daqui.

Orgulhoso, ele bateu com o impressionante punho no peito, enquanto acrescentava: — A melhor comida do mundo.

Sam inclinou-se para Rick.

— Estamos na província de Parma, na região da Emilia-Romagna.

Rick acenou com a cabeça e tomou outro gole. Folheara um guia de viagens durante o voo e sabia mais ou menos onde se encontrava. Há vinte regiões na Itália e, segundo sua rápida leitura, todas reivindicavam a glória de oferecer a melhor comida e o melhor vinho do país.

Agora, a comida.

Nino tomou outro gole. Inclinou-se, com as pontas dos dez dedos se tocando, na atitude do professor prestes a apresentar uma aula que já dera muitas vezes. E começou, com um aceno casual para o queijo:

— Claro que já conhece o maior de todos os queijos. Parmigiano-Reggiano. Vocês o chamam de parmesão. O rei dos queijos, produzido aqui mesmo. Mas o verdadeiro parmigiano é apenas o que vem de nossa pequena cidade. Este é fabricado por meu tio, a quatro quilômetros do lugar em que você está sentado. O melhor.

Ele beijou as pontas dos dedos. Cortou algumas fatias bem finas, em movimentos graciosos, deixando-as na travessa, enquanto continuava a preleção. Apontou para o primeiro frio enrolado.

— Este é o famoso prosciutto, mais conhecido por vocês como presunto de Parma. Só é produzido aqui, de porcos especiais, criados com cevada e aveia, além do leite que sobra da produção do parmigiano. — Ele balançou um dos dedos por um segundo em desaprovação, enquanto explicava: — Nosso prosciutto nunca é cozido, mas curado com sal, ar fresco e muito amor. Durante dezoito meses.

Ele pegou uma pequena fatia de pão marrom, mergulhou no azeite, acrescentou uma fatia de prosciutto e outra de parmigiano. Quando achou que estava perfeito, estendeu para Rick, dizendo: — Um pequeno sanduíche.

Rick deu uma dentada grande e fechou os olhos, saboreando o momento. Para alguém que ainda apreciava o McDonald's, os gostos eram espantosos. Os sabores impregnaram todas as papilas gustativas em sua boca, fazendo-o mastigar tão devagar quanto possível. Sam fazia um sanduíche para si mesmo, enquanto Nino servia mais vinho.

— Está bom? — perguntou Nino a Rick.

— Está sim.

Nino estendeu outra porção para o quarterback. Apontou e continuou a falar: — E temos ali o culatello, feito da perna do porco, próximo ao osso, só as melhores partes, coberto com sal, vinho branco, alho, muitas ervas, esfregado à mão por várias horas, antes de ser metido numa bexiga de porco e curado durante catorze meses. O ar do verão seca a carne e a umidade do inverno a mantém tenra.

Enquanto falava, ele não parava de movimentar as mãos, apontando, bebendo, cortando mais queijo em fatias bem finas, misturando o vinagre balsâmico na tigela de azeite com todo cuidado.

— Há porcos que são melhores para o culatello — disse ele, o rosto franzido. — São pequenos e pretos, com algumas manchas vermelhas, selecionados com o maior cuidado e alimentados apenas com produtos naturais. E nunca ficam trancafiados. Esses porcos são criados livres, comem bolotas de carvalho e castanhas.

Ele se referia às criaturas com tanta reverência que era difícil acreditar que estavam prestes a comer uma.

Rick sentia-se ansioso em provar o culatello, uma carne que nunca experimentara antes. Finalmente, com uma pausa na narrativa, Nino

entregou-lhe outra pequena fatia de pão, com uma camada redonda de culatello e mais parmigiano.

— Está bom? — perguntou ele, enquanto Rick mastigava e estendia a mão para mais.

Os copos de vinho foram enchidos de novo.

— O azeite é de uma fazenda que fica aqui perto — continuou Nino. — E o vinagre balsâmico é de Modena, quarenta quilômetros a leste. A terra de Pavarotti, como você deve saber. O melhor vinagre balsâmico é de Modena. Mas a melhor comida é de Parma.

O último frio na travessa era o salami Felino, feito praticamente ali mesmo, envelhecido por doze meses, sem dúvida o melhor salami de toda a Itália. Depois de servi-lo para Sam e Rick, Nino correu de repente para a porta da frente, pois outras pessoas estavam chegando. Finalmente sozinho, Rick pegou uma faca e começou a cortar enormes pedaços do parmigiano. Encheu seu prato com queijo, frios e fatias de pão. Comia como um refugiado.

— Talvez seja melhor você ir mais devagar — advertiu Sam. -Este é apenas o antipasto, o aquecimento.

— Um aquecimento sensacional.

— Você está em forma?

— Mais ou menos. Estou com 102 quilos, cinco a mais que meu peso ideal. Queimarei num instante.

— Não esta noite.

Dois jovens enormes, Paolo e Giorgio, juntaram-se a eles. Nino apresentou-os ao quarterback, ao mesmo tempo que os insultava em italiano. Depois que todos se abraçaram e trocaram cumprimentos, eles sentaram e olharam para o antipasto. Sam explicou que eram linemen, capazes de jogar nos dois lados da bola, se fosse necessário. Rick sentiu-se mais animado, porque ambos estavam na casa dos vinte anos, tinham muito mais de um metro e oitenta, peitos estufados, parecendo capazes de derrubar os adversários.

Os copos foram enchidos, o queijo cortado, o prosciutto atacado com entusiasmo.

— Quando você chegou? — perguntou Paolo, com apenas um vestígio de sotaque.

— Esta tarde — respondeu Rick.

— Está animado?

Rick conseguiu dizer "claro" com alguma convicção. Animado pela perspectiva do próximo prato, animado para conhecer as animadoras de torcida italianas.

Sam explicou que Paolo estudara na A&M do Texas e trabalhava na empresa da família, que fabricava pequenos tratores e outros equipamentos agrícolas.

— Quer dizer que você é um Aggie? — comentou Rick, citando o

apelido pelo qual eram conhecidos os estudantes de universidades agrícolas.

— Isso mesmo — concordou Paolo. — Adoro o Texas. Foi lá que descobri o futebol americano.

Giorgio limitava-se a sorrir, enquanto comia e escutava a conversa. Sam disse que ele estudava inglês e depois sussurrou que a aparência enganava, pois Giorgio não era capaz de bloquear nem uma porta. Assim é demais, pensou Rick.

Carlo voltou, orientando os garçons e rearrumando a mesa. Nino trouxe outra garrafa, que surpreendentemente era produzida naquele mesmo quarteirão. Era um Lambrusco, um tinto espumante. Nino conhecia o vinhateiro. Havia muitos Lambruscos por toda a região da Emilia-Romagna, explicou ele, mas aquele era o melhor. E o complemento perfeito para o tortellini in brodo que o irmão serviria agora. Nino deu um passo para trás e Carlo iniciou um relato rápido em italiano. Sam traduziu em voz baixa, mas com a mesma rapidez: — Este é o tortellini em caldo de carne, um prato famoso aqui. As pequenas bolas redondas de massa são recheadas com carne assada na panela, prosciutto e parmigiano; o recheio varia de uma cidade para outra, mas é claro que Parma tem a melhor receita. A massa foi preparada à mão esta tarde pelo próprio Carlo. A lenda diz que o homem que criou o tortellini moldou-o no umbigo de uma linda mulher nua. Todos os tipos de lenda por aqui envolvem comida, vinho e sexo. O caldo é de carne, alho, manteiga e algumas poucas outras coisas.

O nariz de Rick estava apenas uns poucos centímetros acima de sua tigela, aspirando os ricos aromas.

Carlo fez uma reverência, depois acrescentou algumas palavras, em tom cauteloso. Sam explicou: — Ele diz que as porções são pequenas porque mais comida está a caminho.

Rick quase chorou quando levou a colher à boca e saboreou tortellini pela primeira vez. O molho, a massa e o recheio atçaram seus sentidos, o que o levou a murmurar: — Isto é a melhor coisa que já provei em toda a minha vida.

Carlo sorriu e iniciou a retirada para a cozinha.

Rick acompanhou os primeiros tortellini com o Lambrusco e atacou os outros que flutuavam no molho. Pequenas porções? Paolo e Giorgio estavam em silêncio, absorvidos em seus tortellini. Somente Sam exibia algum comedimento.

Nino acomodou um jovem casal a uma mesa próxima, depois voltou com a garrafa seguinte, um fabuloso tinto seco Sangiovese, de um vinhedo perto de Bolonha, que ele visitara pessoalmente um mês antes, para verificar o progresso das uvas.

— O próximo prato é um pouco mais pesado — disse ele. — Por

isso, o vinho precisa ser mais forte.

Ele removeu a rolha com a maior habilidade, aspirou a fragrância do vinho, revirou os olhos em aprovação e começou a servir.

— Teremos agora um prato especial.

Ele encheu cinco copos, dando a si mesmo uma porção um pouco mais generosa. Outro brinde, mais pragas vociferadas contra o Bergamo Lions, e eles provaram o vinho.

Rick sempre fora um homem de cerveja. Aquele mergulho de cabeça no mundo dos vinhos italianos era surpreendente, mas também muito saboroso.

Um garçom estava recolhendo os restos de tortellini, enquanto outro punha pratos limpos na mesa. Carlo veio da cozinha, com mais dois garçons a reboque e orientou o tráfego.

— Este é o meu prato predileto — Carlo começou a falar em inglês, mas logo passou para o italiano.

Sam explicou, enquanto todos olhavam fascinados para a iguaria diante deles: — É uma massa recheada. Uma parte da massa fica por baixo, sob o recheio de vitela, carne de porco, salame e espinafre, e outra camada de massa.

Todos menos Rick disseram "grazie". Carlo fez outra reverência e desapareceu. O restaurante estava quase lotado agora, um pouco barulhento. Rick, sem parar de comer, olhava ao redor, curioso sobre as pessoas. Pareciam ser moradores locais, desfrutando de uma típica refeição no café do bairro. Nos Estados Unidos, uma comida assim causaria uma corrida de clientes. Ali, todos pareciam considerar aquilo como algo normal.

— Há muitos turistas na cidade? — perguntou ele.

— Não muitos — respondeu Sam. — Todos os americanos vão para Florença, Veneza e Roma. Uns poucos turistas aparecem no verão. Mais europeus do que de qualquer outro lugar.

— O que há para se ver em Parma?

A parte referente a Parma no guia turístico era mínima, quase sem informações.

— Os Panthers! — exclamou Paolo, rindo.

Sam riu também. Depois, tomou um gole de vinho e pensou por um momento.

— É uma cidadezinha adorável, com 150 mil habitantes. Uma comida deliciosa, um vinho excepcional, pessoas extraordinárias, que trabalham duro e vivem bem. Mas isso não atrai muita atenção. E talvez seja melhor assim. Não concorda, Paolo?

— Claro que concordo. Não queremos que Parma mude.

Rick saboreou um bocado e tentou isolar a vitela, mas era impossível. As carnes, a ricota e o espinafre misturavam-se num único e delicioso sabor. Ele certamente não sentia mais fome, mas também

não estava empanzinado.

Encontravam-se à mesa havia uma hora e meia, um tempo longo demais pelos seus antigos padrões, mas apenas um período inicial pelos costumes de Parma. Seguindo o exemplo dos outros três convidados, Rick passou a comer devagar, bem devagar. Os italianos ao seu redor falavam mais do que comiam. Um burburinho suave dominava a trattoria. O ato de jantar sem dúvida envolvia comida saborosa, mas também era um evento social.

Nino aproximava-se da mesa a intervalos de poucos minutos e perguntava a Rick: "Está bom?" Ótimo, maravilhoso, delicioso, inacreditável.

No prato seguinte, Carlo deu um intervalo nas massas. A comida foi servida — ainda em porções pequenas — com cotolette alia parmigiana, outro famoso prato de Parma e um dos prediletos do chef.

— Bifes de vitela à moda de Parma — informou Sam. — Os bifes são batidos com um pequeno malho, depois mergulhados em ovos, fritos numa frigideira, em seguida assados no forno, com uma mistura de caldo e queijo parmigiano, até o queijo derreter. Foi o tio da mulher de Carlo quem criou a vitela e entregou a carne esta tarde.

Enquanto Carlo fazia a narrativa e Sam traduzia, Nino estava ocupado com o próximo vinho, um tinto seco da região de Parma. Novos copos foram postos na mesa, ainda maiores do que os anteriores. Nino girou o vinho em seu copo, aspirou o buquê e tomou um gole. Outro revirar de olhos, quase orgásmico, e o vinho foi proclamado sensacional. Um amigo muito chegado produzia aquele vinho, talvez o predileto de Nino entre todos.

— Parma é uma cidade famosa por sua comida, mas não pelo vinho — sussurrou Sam.

Rick tomou um gole do vinho e sorriu. A vitela era mesmo deliciosa e ele decidiu que, pelo menos durante o resto da refeição, comeria ainda mais devagar do que os italianos. Sam observava-o atentamente, convencido de que o choque cultural estava se desvanecendo na torrente de comida e vinho.

— Você come assim com frequência? — perguntou-lhe Rick.

— Não todos os dias, mas também não é um jantar tão fora do normal — respondeu Sam, calmamente. — Este é um jantar típico de Parma.

Paolo e Giorgio estavam cortando a vitela. Rick atacou a sua, sem qualquer pressa. Saborearam os bifes durante cerca de meia hora. Quando os pratos ficaram vazios, foram retirados com um floreio. Seguiu-se uma longa pausa, enquanto Nino e os garçons atendiam às outras mesas.

Não havia possibilidade de opção na sobremesa, porque Carlo fizera a sua especial, a torta nera, e porque Nino reservara um vinho

especial para a ocasião, um branco seco espumante da província. Ele explicou que a torta negra, uma criação de Parma, era feita com chocolate, amêndoas e café; e porque acabara de sair do forno, Carlo acrescentara um pouco de sorvete de baunilha ao lado. Num momento de folga, Nino puxou uma cadeira e sentou, para saborear o prato final com seus companheiros de time e o treinador... a menos que eles ainda tivessem disposição para um queijo e um digestivo.

Ninguém mais tinha. O restaurante ainda estava com a lotação pela metade quando Sam e Rick começaram a apresentar seus agradecimentos e tentaram se despedir. Houve trocas de abraços, tapinhas nas costas, apertos de mãos vigorosos, promessas de voltar em outras ocasiões, mais votos de boas-vindas, muitos agradecimentos pelo jantar inesquecível... um ritual que pareceu durar uma eternidade.

Paolo e Giorgio decidiram continuar ali por mais algum tempo, para terminarem o vinho, acompanhado por queijo.

— Não vou dirigir — disse Sam, ao saírem. — Podemos ir a pé. Seu apartamento não fica longe e de lá pegarei um táxi.

— Engordei cinco quilos — murmurou Rick, estufando a barriga para frente, enquanto seguia um passo atrás do treinador.

— Seja bem-vindo a Parma.

Capítulo 7

O som da campainha era como o gemido estridente de uma motoneta ordinária que perdera o cano de descarga. Soou em longos arrancos. Como Rick nunca ouvira aquele som antes, não teve a princípio a menor ideia do que significava ou de onde vinha. De qualquer forma, as coisas estavam nebulosas. Depois da maratona no Montana, ele e Sam, por motivos que não estavam claros antes e continuavam a não estar agora, haviam parado num bar para tomar cerveja. Rick lembrava vagamente de ter entrado em seu apartamento por volta de meia-noite, mas nada ficara em sua mente daquele momento em diante.

Ele estava no sofá, pequeno demais para que um homem de seu tamanho pudesse dormir com conforto. Por isso, enquanto escutava a misteriosa campainha, tentou se lembrar de por que optara pela sala, em vez de ir para o quarto. Não pôde recordar um único bom motivo.

— Está bem! — gritou para a porta, quando as batidas começaram. — Já vou!

Estava descalço, mas vestia jeans e camiseta. Olhou para os dedos escuros dos pés por um longo momento e pensou na cabeça girando. Outra explosão estridente da campainha.

— Está bem! — gritou de novo.

Em passos trôpegos, ele foi até a porta e abriu-a. Foi recebido com um cordial "buongiorno" de um homem baixo e corpulento, com um enorme bigode grisalho e uma capa marrom amarrotada. Ao seu lado, havia um jovem policial num elegante uniforme, que acenou com a cabeça em cumprimento, mas não disse nada.

— Bom-dia — disse Rick, com tanto respeito quanto podia demonstrar nas circunstâncias.

— Signor Dockery?

— Sou eu.

— Sou da polícia.

De algum lugar do fundo da capa, o homem tirou um documento. Sacudiu-o na frente do nariz de Rick e tornou a guardá-lo no esconderijo, num movimento tão casual que a mensagem era evidente: "Não faça perguntas." O documento podia ser uma multa por estacionamento em local proibido ou um recibo de lavanderia.

— Signor Romo, da polícia de Parma — anunciou ele, através do bigode, que mal se mexeu.

Rick olhou para Romo, depois para o guarda de uniforme e novamente para Romo.

— Prazer — conseguiu balbuciar.

— Temos queixas. Você deve vir conosco.

Rick fez uma careta e tentou dizer alguma coisa, mas uma onda de náusea rumorejou no fundo do estômago e ele achou que ia vomitar. Passou. Sentia as palmas suadas, os joelhos bambos.

— Queixas? — repetiu ele, incrédulo.

— Isso mesmo. — Romo acenou com a cabeça, solene, como se já tivesse tomado uma decisão e Rick fosse culpado de alguma coisa muito pior do que a queixa, qualquer que fosse. — Venha conosco.

— Ahn... para onde?

— Venha conosco. Agora.

Queixas? O bar estava praticamente vazio na noite passada. Pelo que se lembrava, ele e Sam não haviam falado com ninguém, exceto com o bartender. Enquanto tomavam cerveja, conversaram sobre futebol americano e nada mais. Uma conversa agradável, sem xingamentos ou discussões com outras pessoas. Também não acontecera nada, enquanto percorriam a parte velha da cidade até o apartamento. Talvez a avalanche de massa e vinho tivesse feito com que ele roncasse alto demais, mas isso não podia ser um crime, ou será que poderia?

— Quem se queixou? — perguntou Rick.

— O juiz explicará. Temos de ir agora. Por favor, calce os sapatos.

— Está me prendendo?

— Não. Talvez mais tarde. Vamos embora. O juiz está esperando.

Para causar um efeito, Romo virou-se e falou em italiano, muito sério, para o jovem guarda, que conseguiu franzir o rosto ainda mais, além de balançar a cabeça como se a situação não pudesse ser pior.

Era evidente que eles não partiriam sem o signor Dockery. Os sapatos mais próximos eram os mocassins marrons, que ele encontrou na cozinha. Ao calçá-los e procurar por um casaco, Rick disse a si mesmo que aquilo não devia passar de um mal-entendido. Escovou os dentes rapidamente e fez um gargarejo, tentando se livrar do gosto de alho e vinho passado. Um olhar no espelho pequeno foi suficiente; parecia mesmo culpado de alguma coisa. Olhos vermelhos e inchados, uma barba de três dias, cabelos desgrenhados. Passou os dedos pelos fios, mas de nada adiantou. Pegou a carteira, alguns dólares, a chave do apartamento e o celular. Talvez devesse ligar para Sam.

Romo e seu assistente esperavam pacientemente no corredor, ambos fumando, nenhum dos dois com algemas nas mãos. Também pareciam carecer de qualquer desejo real de capturar criminosos. Romo devia ter assistido a muitos filmes policiais e cada movimento seu era entediado e ensaiado. Acenou com a cabeça para o corredor e

disse: — Vou atrás.

Ele largou o cigarro num cinzeiro no corredor e enfiou as mãos nos bolsos da capa. O guarda de uniforme levava o culpado na frente e Romo protegia da retaguarda.

Desceram os três lances de escada e saíram para a calçada. Eram quase nove horas de uma linda manhã de primavera.

Outro guarda esperava junto de um sedã Fiat bem equipado, com luzes no teto e a palavra Polizia pintada em laranja nos para-lamas. O segundo guarda também fumava, enquanto admirava o traseiro de duas mulheres que haviam acabado de passar por ele. Lançou um olhar de absoluto menosprezo para Rick e deu outra tragada.

— Vamos a pé — disse Romo. — Não fica longe. E acho que você precisa de um pouco de ar fresco.

Claro que eu preciso, pensou Rick. Ele decidiu cooperar, conquistar a confiança daqueles homens e ajudá-los a descobrir a verdade, qualquer que fosse. Romo acenou com a cabeça para descerem pela rua. Foi andando ao lado de Rick, enquanto seguiam o primeiro guarda.

— Posso dar um telefonema? — perguntou Rick.

— Claro. Um advogado?

— Não.

A ligação para Sam caiu direto na caixa postal. Rick pensou em Arnie, mas pouco adiantaria. Era cada vez mais difícil fazer contato telefônico com o empresário.

E, assim, eles continuaram a andar, pela Strada Farini. Passaram por pequenas lojas, com portas e janelas abertas, por cafés com mesas na calçada, em que pessoas sentavam quase imóveis, com seus jornais e espressos pequenos. A cabeça de Rick começara a desanuviar, o estômago assentava. Um daqueles pequenos cafés bem fortes seria muito bem-vindo.

Romo acendeu outro cigarro, soprou uma pequena nuvem de fumaça e depois perguntou: — Gosta de Parma?

— Acho que não.

— Não?

— Isso mesmo, não. É o primeiro dia inteiro que passo aqui e sou preso por uma coisa que não fiz. É difícil gostar de um lugar onde isso acontece.

— Não é uma prisão.

Romo balançava de um lado para outro, como se os joelhos estivessem prestes a ceder. A cada três ou quatro passos, o ombro esbarrava no braço direito de Rick, quando ele cambaleava.

— Então como você chama isso?

— O sistema é diferente aqui. Não é uma prisão.

Ora, aquilo explicava tudo! Rick mordeu a língua e deixou passar.

Não fizera nada errado e a verdade resolveria tudo muito em breve. Afinal, não estava numa ditadura do Terceiro Mundo, em que as pessoas eram presas aleatoriamente para alguns meses de tortura. A ópera, o Vaticano, a Renascença, Da Vinci, Armani, Lamborghini. Estava tudo em seu guia turístico.

Rick já passara por coisa pior. Sua única prisão fora na universidade, durante a primavera de seu primeiro ano, quando se tomara um membro sempre disposto de um bando de bêbados, determinados a entrar à força numa festa de fraternidade fora do campus. Seguiram-se brigas e narizes quebrados, até que a polícia apareceu. Vários baderneiros foram subjugados, algemados, derrubados pelos guardas, até serem finalmente jogados no camburão e golpeados algumas vezes pelos cassetetes, como uma punição extra. Na cadeia, dormiram no chão frio de concreto, na cela dos bêbados. Quatro dos presos integravam o time de futebol americano, o Hawkeye. Suas aventuras no sistema penal foram noticiadas com algum sensacionalismo por vários jornais.

Além da humilhação, Rick pegara trinta dias de suspensão, uma multa de quatrocentos dólares, uma severa repreensão do pai e a promessa do treinador de que outra infração, por menor que fosse, custaria sua bolsa de estudos e o levaria para a cadeia ou alguma universidade de quinta categoria.

Rick conseguira passar os cinco anos subsequentes sem sequer levar uma multa por excesso de velocidade.

Eles trocaram de rua e viraram abruptamente num beco sossegado, com calçamento de pedras. Um policial com um uniforme diferente estava parado na entrada de um prédio sem qualquer identificação. Houve acenos de cabeça e um diálogo rápido. Passaram pela porta, subiram por degraus de mármore esmaecidos e avançaram por um corredor que obviamente alojava escritórios do governo. A decoração era sombria, as paredes precisavam de uma camada de tinta, retratos de servidores públicos há muito esquecidos estavam pendurados numa triste sequência. Romo apontou para um banco de madeira.

— Sente-se, por favor.

Rick obedeceu. Tentou mais uma vez falar com Sam. A ligação tornou a cair na caixa postal.

Romo desapareceu em uma das salas. Não havia nome na porta, nada que indicasse onde o acusado estava, nem com que se defrontaria em breve. Muito menos havia uma sala de tribunal nas proximidades, nada da confusão habitual de advogados frenéticos e famílias preocupadas, ou policiais passando apressados de um lado para outro.

Uma máquina de escrever matraqueava a distância. Telefones tocavam em mesas, vozes soavam por toda parte.

O guarda de uniforme afastou-se e foi puxar conversa com uma jovem sentada a uma mesa no final do corredor, a cerca de dez metros. Logo esqueceu Rick, que ficou sozinho, sem qualquer vigilância. Poderia ter desaparecido sem qualquer problema. Mas por que se incomodar?

Dez minutos passaram. O guarda de uniforme finalmente desapareceu, sem dizer nada. Romo também havia sumido. A porta foi aberta, uma jovem simpática sorriu e disse: — Sr. Dockery? Pois não? Por favor.

Ela o convidava a entrar na sala. Foi o que Rick fez. Lá dentro, havia duas mesas e duas secretárias, ambas sorridentes, como se soubessem de alguma coisa que Rick ignorava. Uma em particular era bastante atraente. Numa reação instintiva, Rick tentou pensar em alguma coisa para dizer. Mas e se ela não falasse inglês?

— Um momento, por favor — disse a primeira jovem.

Rick ficou parado, embaraçado, enquanto as outras duas jovens fingiam que voltavam ao trabalho. Era evidente que Romo saíra por outra porta e sem dúvida voltara à rua para importunar outra pessoa.

Rick virou-se e notou a porta dupla, grande, de madeira escura. Ao lado, havia uma impressionante placa de bronze, que anunciava a eminência de Giuseppe Lazzarino, Giudice. Rick se aproximou um pouco, depois ainda mais. Apontou para a palavra Giudice e perguntou: — O que significa?

— Juiz — respondeu a primeira jovem.

A porta dupla foi aberta naquele mesmo momento e Rick se deparou com o juiz, que exclamou: — Rick Dockery!

Ele estendeu a mão direita, ao mesmo tempo que segurava o ombro de Rick com a esquerda, como se fossem velhos amigos que não se viam havia anos. Na verdade, jamais tinham se visto.

— Sou Giuseppe Lazzarino, um Panther. Fullback do time. — O homem apertou e sacudi a mão de Rick, exibindo dentes grandes e brancos.

— Prazer em conhecê-lo — disse Rick, tentando recuar.

— Seja bem-vindo a Parma, meu amigo — declarou o juiz. — Entre, por favor.

Ele já puxava a mão direita de Rick, enquanto continuava a sacudi-la. Depois que entraram em sua grande sala, Lazzarino soltou a mão de Rick, fechou a porta e repetiu: — Seja bem-vindo.

— Obrigado. — Rick sentia-se um pouco agredido. — É mesmo um juiz?

— Pode me chamar de Franco.

Ele acenou para um sofá de couro no canto. Era evidente que Franco era jovem demais para ser um juiz experiente e velho demais para ser um fullback útil. A cabeça grande e redonda era raspada, mas

ele tinha um insólito tufo de pelos no queixo. Trinta e poucos anos, como Nino, mas medindo mais de 1,80m, sólido, aparentando boa forma física. Desabou numa cadeira e puxou-a para perto de Rick no sofá.

— Sou mesmo juiz. Mas, ainda mais importante, sou um fullback. Franco é meu apelido. Franco é meu herói.

Só então Rick olhou ao redor e compreendeu. Uma foto em tamanho natural de Franco Harris correndo com a bola, num campo completamente enlameado. Uma foto de Franco e outros Steelers erguendo, triunfantes, o troféu do Super Bowl por cima de suas cabeças. Uma camisa branca emoldurada, com o número 32, aparentemente autografada pelo grande homem. Um pequeno boneco de Franco Harris, com a cabeça enorme, em cima da imensa mesa do juiz. E numa posição proeminente, no centro da parede onde os diplomas dele estavam pendurados, duas enormes fotos coloridas: uma de Franco Harris no uniforme completo do Steeler, mas sem o capacete, e outra do Franco juiz, num uniforme do Panther com o número 32 estampado, também sem o capacete e fazendo o melhor que podia para imitar seu herói.

— Adoro Franco Harris, o maior jogador italiano de futebol americano — disse o juiz Franco, os olhos quase marejados de lágrimas, a voz embargada. — Olhe só para ele!

Ele acenou com as mãos em triunfo ao redor da sala, que era praticamente um santuário para Franco Harris.

— Franco era italiano? — perguntou Rick.

Embora nunca tivesse sido um torcedor dos Steelers e fosse jovem demais para recordar os dias de glória da dinastia de Pittsburgh, ainda assim era um razoável estudioso do esporte. Tinha certeza de que Franco Harris era um negro que jogara pela Penn State e depois levara os Steelers à disputa do Super Bowl, na década de 1970. Fora um jogador de destaque, participou da liga dos campeões da NFL e fora incluído mais tarde na Galeria da Fama. Todos os fãs de futebol americano conheciam Franco Harris.

— A mãe dele era italiana. O pai, um soldado americano. Gosta dos Steelers? Eu amo os Steelers.

— Para ser franco, não...

— Por que você nunca jogou com os Steelers?

— Ainda não me chamaram.

Franco estava sentado na beirada da cadeira, muito excitado com a presença de seu novo quarterback.

— Vamos tomar um café — sugeriu ele, levantando-se de um pulo.

Antes que Rick pudesse responder, ele já estava na porta, gritando instruções para uma das moças. Era um homem elegante, num terno preto impecável, sapatos italianos pontudos, de tamanho 43 no

mínimo.

— Queremos muito um troféu do Super Bowl aqui em Parma. — Ele pegou algo na mesa. — Veja isso.

O juiz apontou o controle remoto para um aparelho de TV de tela plana no canto. Subitamente, mais Franco apareceu ali, correndo com a bola, os adversários caindo à sua passagem, saltando por cima de uma pilha de homens, o braço estendido para desviar um jogador do Cleveland Brown (Yes!) e marcar um touchdown, recebendo um passe de Bradshaw e surpreendendo dois enormes linemen. Eram as maiores jogadas de Franco, corridas longas e espetaculares, e dava gosto assistir a elas. O juiz, absolutamente fascinado, sacudia o corpo e dava socos no ar a cada jogada.

"Quantas vezes ele já assistiu a isso?", pensou Rick.

A última jogada era a mais famosa — a Imaculada Recepção —, a maneira inesperada pela qual Franco pegara um passe desviado e seu galope milagroso até a linha de fundo, numa final em 1972, contra Oakland. O jogo provocara mais debates, críticas, análises e controvérsias do que qualquer outro na história da NFL. O juiz memorizara cada detalhe.

A secretária trouxe o café e Rick conseguiu balbuciar um "grazie" sofrível.

Depois, voltou a se concentrar no vídeo. A segunda parte era interessante, mas também um pouco deprimente. Franco, o juiz, acrescentara suas grandes jogadas, algumas poucas corridas lentas através de linemen e linebackers que eram ainda mais lentos. Ele lançou um olhar radiante para Rick, enquanto observavam os Panthers em ação.

Era o primeiro vislumbre que Rick tinha de seu futuro.

— Gostou? — perguntou Franco.

— Bom — murmurou Rick, uma palavra que parecia satisfazer muitas indagações em Parma.

A cena final foi de um screen pass, que Franco recebeu de um arrasado quarterback. Ele comprimiu a bola contra a barriga, inclinou-se como um soldado de infantaria e começou a procurar pelo primeiro defensor que pudesse derrubar. Dois se jogaram em cima dele, mas Franco desvencilhou-se e desatou a correr. Dois cornerbacks efetuaram tentativas um tanto desanimadas de bater com os capacetes em suas pernas em movimento, mas foram repelidos como moscas. Franco voava pelo lado do campo, em sua melhor imitação de Franco Harris.

— A cena está em câmera lenta? — indagou Rick, tentando fazer piada, embora fosse exatamente isso o que passava por sua cabeça.

Franco ficou boquiaberto. Estava magoado. Rick apressou-se em acrescentar: — Foi brincadeira. Uma piada.

Franco conseguiu simular uma risada. Jogou a bola no chão assim

que atravessou a linha do gol. A tela apagou.

— Jogou como fullback há sete anos — disse Franco, enquanto voltava a se empoleirar na beira da mesa. — E nunca conseguimos vencer Bergamo. Este ano, com o nosso grande quarterback, ganharemos o Super Bowl. Certo?

— Claro. Onde aprendeu a jogar futebol americano?

— Com alguns amigos.

Ambos tomaram um gole do café e houve uma pausa constrangida na conversa.

— Que tipo de juiz você é? — perguntou Rick, finalmente.

Franco coçou o queixo e considerou a indagação por um longo momento, como se nunca antes tivesse pensado em suas atividades.

— Faça uma porção de coisas — murmurou ele depois de algum tempo, abrindo um sorriso.

O telefone sobre a mesa tocou. Embora não atendesse, ele olhou para o relógio.

— Estamos muito contentes com sua presença aqui em Parma, meu amigo Rick... meu quarterback.

— Obrigado.

— Voltaremos a nos ver no treino esta noite.

— Claro.

Franco estava de pé agora, seus outros deveres o chamavam. Rick não esperava ser multado ou punido, mas era preciso tratar das "queixas" a que Romo se referira, não é mesmo?

Entretanto, era evidente que não. Franco levou Rick até a porta da sala, com os abraços e apertos de mãos obrigatórios, com promessas de ajudá-lo em qualquer coisa que precisasse. Logo Rick estava no corredor. Desceu a escada e saiu para o beco, sozinho, um homem livre.

Capítulo 8

Sam passou algum tempo no café vazio estudando o fichário que continha todas as estratégias dos Panthers. Tratava-se de um caderno repleto com diagramas e descrições, exibindo diversos xis e zeros, contendo uma centena de manobras de ataque e apenas uma dezena de esquemas de defesa. Era grosso, mas não tanto quanto os que eram distribuídos para os times universitários, e um mero memorando em comparação aos volumes usados na NFL. Mas, para os italianos, era grosso demais. Comentava-se com frequência, no tédio de uma longa sessão diante do quadro-negro, que não era de admirar que o futebol tradicional fosse tão popular no resto do mundo. Era muito fácil de aprender, jogar e compreender.

E o fichário continha apenas as coisas básicas, Sam sempre se sentia tentado a dizer.

Rick chegou pontualmente às onze e meia, com o café ainda vazio. Só uma dupla de americanos seria capaz de combinar um almoço num horário tão esquisito. Ainda por cima um almoço composto só por saladas e água.

Depois de tomar um banho de chuveiro e fazer a barba, Rick parecia muito menos criminoso. Com a maior animação, relatou a história de seu encontro com o detetive Romo, sua "não-prisão" e a conversa com o juiz Franco. Sam achou muito engraçado e assegurou a Rick que nenhum outro americano jamais recebera uma recepção tão especial de Franco. Sam já tinha visto o vídeo. Era verdade, Franco era tão lento em carne e osso quanto no filme, mas era também um bloqueador eficiente e capaz de correr através de uma parede de tijolos, ou pelo menos tentar ao máximo.

Sam explicou que, de acordo com seus conhecimentos, os juízes italianos eram diferentes de seus equivalentes americanos. Franco tinha ampla autoridade para iniciar investigações e processos penais, além de também presidir julgamentos. Depois de um resumo de trinta segundos do direito italiano, Sam esgotara seus conhecimentos sobre o assunto. E, assim, voltaram ao futebol americano.

Cortaram a alface e beliscaram o tomate, mas nenhum dos dois sentia muito apetite. Depois de uma hora, partiram a pé, para cuidar de algumas coisas. A primeira providência era a abertura de uma conta bancária. Sam escolheu um banco basicamente porque um assistente da gerência falava inglês o suficiente para resolver todos os

problemas.

Sam pressionou Rick a fazer a mesma coisa e só ajudava quando havia um impasse. Todo o processo levou uma hora e Rick acabou frustrado e mais do que um pouco intimidado.

Nem sempre Sam estaria presente para fazer traduções.

Numa rápida excursão pela vizinhança de Rick e pelo centro da cidade, encontraram uma pequena quitanda, com frutas e legumes em exibição na calçada. Sam explicou que os italianos preferem comprar alimentos frescos todos os dias e evitam acumular produtos em latas e garrafas. O açougue ficava ao lado da peixaria. Havia padarias em todas as esquinas.

— A filosofia do supermercado não se aplica por aqui — comentou Sam. — As donas de casa planejam seu dia a partir da compra de alimentos frescos.

Rick acompanhou-o com a maior determinação, interessado em conhecer a cidade, mas não muito atraído pela perspectiva de cozinhar. Por que se incomodar? Havia muitos lugares para comer. As lojas de queijos e vinhos não despertaram seu interesse, até que avistou uma atraente jovem guardando tintos nas prateleiras. Sam indicou duas lojas de roupas para homens e tornou a fazer insinuações sobre descartar os trajes da Flórida e adotar a moda local. Também encontraram uma lavanderia, um bar com um excelente cappuccino, uma livraria onde só havia livros em italiano e uma pizzaria com um cardápio em quatro línguas.

E veio o momento de tratar do carro. Em algum lugar do pequeno império do signor Bruncardo, um Fiat Punto bastante usado, mas limpo e bem cuidado, ficara disponível, e pelos cinco meses seguintes, pertenceria ao novo quarterback. Rick deu a volta pelo carro, examinou-o com todo cuidado, sem dizer uma única palavra. Mas não pôde deixar de pensar que pelo menos quatro carros daquele caberiam no utilitário que dirigia até três dias atrás.

Ele dobrou-se todo para sentar ao volante e inspecionou o painel. Até que disse a Sam, parado a poucos passos, na calçada: — Serve.

Rick tocou na alavanca da caixa de marchas e descobriu que não era rígida. Movia-se até demais. O pé esquerdo prendeu em alguma coisa que não era um pedal de freio.

Embreagem?

— Manual, hein?

— Todos os carros aqui são manuais. Não é problema, é?

— Claro que não.

Rick não conseguia se lembrar da última vez em que seu pé esquerdo pisara num pedal de embreagem. Um amigo no ensino médio tinha um Mazda com câmbio manual e Rick praticara uma ou duas vezes. Mas isso tinha pelo menos dez anos. Ele saiu, bateu a

porta e quase perguntou "tem algum carro automático?". Mas não podia demonstrar preocupação com uma coisa tão simples quanto um carro com embreagem.

— É isso ou uma lambreta — disse Sam.

A lambreta, Rick teve vontade de dizer.

Sam deixou-o ali, com o Fiat que ele tinha medo de dirigir. Combinaram que se encontrariam duas horas depois no vestiário. Tinham de estudar o fichário com as estratégias do time o mais rápido possível. Os italianos podiam não aprender todas as jogadas, mas o quarterback precisava conhecê-las.

Rick deu a volta pelo quarteirão, pensando em todos os fichários que tivera de aturar durante sua carreira de nômade. Arnie telefonava para oferecer um novo contrato.

Rick partia para o novo time, na maior animação. Uma rápida troca de cumprimentos na sala da diretoria, uma rápida excursão pelo estádio, vestiário e o resto. E, depois, todo o entusiasmo desaparecia no momento em que algum treinador-assistente entrava em cena com o gigantesco fichário e o largava na sua frente. A ordem era sempre a mesma: — Memorize tudo até amanhã.

Claro, treinador. Mil jogadas. Sem problema.

Quantos fichários? Quantos treinadores-assistentes? Quantos times? Quantas paradas pelo caminho numa carreira frustrante que agora o levava a uma pequena cidade no Norte da Itália? Ele tomou uma cerveja numa mesa ao ar livre de um café e não conseguiu se livrar do sentimento de solidão, de que aquele não era o lugar em que deveria estar.

Foi até a loja de vinhos, apavorado com a possibilidade de alguém perguntar se precisava de alguma coisa. Não encontrou a jovem atraente que guardava os tintos.

E depois voltou, olhando para o Fiat de cinco marchas, com embreagem e tudo mais. Não gostava nem mesmo da cor, um cobre intenso como nunca vira antes. Estava numa fileira de carros similares, estacionados muito juntos, com um palmo ou pouco mais entre um para-choque e outro, numa rua de mão única, com bastante tráfego. Qualquer esforço para sair daquela vaga exigiria que manobrasse para frente e para trás pelo menos meia dúzia de vezes, até virar as rodas dianteiras para a rua. Uma coordenação perfeita entre o pedal de embreagem, a alavanca da caixa de marchas e o acelerador seria essencial.

Já seria um desafio num carro automático. Por que essas pessoas estacionam tão junto? A chave estava em seu bolso.

Talvez mais tarde. Ele voltou a pé para o apartamento e tirou um cochilo.

Rick vestiu depressa o uniforme de treino do Panther: camisa

preta, shorts prateados, meias brancas. Cada jogador comprava as próprias chuteiras. Rick trouxera três pares de Nikes que os Browns distribuíam de graça. A maioria dos jogadores da NFL tinha contratos de publicidade com fabricantes de chuteiras. Nunca haviam oferecido um desses a Rick.

Ele estava sozinho no vestiário, folheando o playbook, quando Sly Turner entrou, todo sorrisos e usando um blusão laranja do Denver Broncos. Apresentaram-se, trocaram um aperto de mãos e não demorou muito tempo para que Rick perguntasse: — Você está usando isso por algum motivo?

— Claro. Adoro os Broncos — disse Sly, ainda sorrindo. — Fui criado perto de Denver e estudei na Colorado State.

— Isso é bom. Ouvi dizer que sou um cara muito popular em Denver.

— Adoramos você, cara.

— É sempre bom ser amado. Vamos ser amigos, Sly?

— Claro. É só me passar a bola vinte vezes por jogo.

— Feito. — Rick tirou uma chuteira do armário e calçou-a lentamente no pé direito. Começou a ajeitar o cadarço. — Você entrou em algum time profissional depois que terminou a universidade?

— Na sétima rodada fui escolhido pelos Colts, há quatro anos. Fui o último jogador a ser cortado. Um ano no Canadá, dois anos na divisão inferior.

O sorriso desapareceu enquanto Sly se despiu. Ele parecia mais baixo do que o seu 1,72m, mas era corpulento e musculoso.

— E jogou aqui no ano passado, não é?

— Isso mesmo. Não é tão terrível assim. Até que é divertido, se você mantém o senso de humor. Os caras no time são maravilhosos. Se não fosse por eles, eu nunca voltaria.

— Por que está aqui?

— A mesma razão que você. Jovem demais para renunciar a um sonho. Além do mais, tenho esposa e um filho agora, preciso do dinheiro.

— O dinheiro?

— Triste, não é? Um jogador profissional de futebol americano ganhando dez mil dólares por cinco meses de trabalho. Mas, como eu disse, ainda não estou preparado para largar.

Ele tirou finalmente o blusão laranja e vestiu uma camisa de treino dos Panthers.

— Vamos fazer um aquecimento — disse Rick.

Os dois saíram do vestiário e foram para o campo.

— Meu braço está um pouco duro. — Rick fez um lançamento fraco.

— Você tem sorte de não estar aleijado — comentou Sly.

— Obrigado.

— Foi um choque e tanto. Eu estava na casa de meu irmão, torcendo diante da TV. O jogo estava praticamente liquidado. Foi então que Marroon saiu, com uma lesão. Faltavam apenas onze minutos para o final, não havia mais qualquer esperança e, de repente...

Rick apertou a bola com toda força por um instante.

— Prefiro não me lembrar disso, Sly. Está bem?

— Claro. Desculpe.

— Sua família está aqui? — perguntou Rick, apressando-se em mudar de assunto.

— Não. Ficou em Denver. Minha mulher é enfermeira. Tem um bom emprego lá. Disse-me que eu tinha mais um ano de futebol americano e depois o sonho acabaria.

Você tem uma esposa?

— Não. Nem cheguei perto.

— Vai gostar daqui.

— Fale-me a respeito.

Rick recuou cinco jardas e endireitou os lançamentos.

— É uma cultura muito diferente. As mulheres são lindas, mas muito reservadas. É uma sociedade muito chauvinista. Os homens não casam até os trinta anos; moram com as mães, que os mimam de tudo que é maneira. Quando casam, esperam que a esposa faça a mesma coisa. As mulheres relutam em casar. Precisam trabalhar fora e por isso estão tendo menos filhos. A taxa de natalidade está caindo rapidamente.

— Eu não estava pensando em casamento e taxa de natalidade, Sly. Estou mais curioso pela vida noturna, entende?

— Claro que entendo. Há muitas garotas, mas a língua é um problema.

— O que pode me dizer sobre as animadoras de torcida?

— O que tem elas?

— São bonitas, fáceis, disponíveis?

— Não dá para saber. Não temos nenhuma.

Rick ergueu a bola. Ficou imóvel, olhando duro para seu tailback.

— Vocês não têm animadoras de torcida?

— Nenhuma.

— Mas meu empresário...

Rick parou de falar, antes de ficar ainda mais embaraçado. Muito bem, o empresário lhe prometera algo que não era realidade. O que mais era novidade?

Sly estava rindo, uma risada alta e contagiante que dizia "Estou rindo à sua custa, palhaço".

— Veio até aqui por causa das animadoras de torcida? — indagou

ele num berro zombeteiro.

Rick disparou uma bala, que Sly pegou com a maior facilidade, com as pontas dos dedos, para depois continuar a rir.

— Parece com o meu empresário. Só diz a verdade na metade das vezes.

Rick finalmente também riu de si mesmo enquanto recuava mais cinco jardas.

— Como é o jogo por aqui?

— Absolutamente maravilhoso, porque eles não conseguem me pegar. Fiz uma média de duzentas jardas por jogo no ano passado. Você vai adorar, se conseguir se lembrar de lançar a bola para os nossos jogadores, não para os adversários.

— Isso é golpe baixo.

Rick disparou outra bala. Mais uma vez, seu lançamento foi apanhado com facilidade por Sly, que a jogou de volta num arco. A regra tácita continuava a valer: nunca jogue uma bola difícil para o quarterback.

O outro negro do Panther, Trey Colby, veio correndo do vestiário. Era um garoto alto, magro demais para jogar futebol americano. Tinha um sorriso fácil e em menos de um minuto perguntou a Rick: — Você está bem, cara?

— Muito bem, obrigado.

— Foi carregado para fora do campo numa maca na última vez em que o vi e...

— Estou bem, Trey. Vamos falar de outra coisa.

Sly estava se divertindo com a situação.

— Ele prefere não falar sobre isso. Já tentei.

Eles treinaram lançamentos durante uma hora e falaram sobre os jogadores que conheciam nos Estados Unidos.

Capítulo 9

Os italianos estavam com o ânimo festivo. Para o primeiro treino com o novo quarterback, chegaram cedo e falando alto. Discutiram sobre quem ficava com que armário, queixaram-se da decoração nas paredes, xingaram o garoto que cuidava dos equipamentos e juraram todo tipo de vingança contra o Bergamo. A todo instante trocavam insultos e escárnios, enquanto vestiam sem pressa os shorts e a camisa de treino. O vestiário estava lotado e barulhento, mais parecendo uma casa de fraternidade numa universidade.

Rick absorvia tudo. Havia cerca de quarenta jogadores, desde garotos que pareciam ainda adolescentes a uns poucos guerreiros envelhecidos, com mais de quarenta anos.

Havia alguns corpos sólidos; na verdade, a maioria parecia estar em boa forma física. Sly explicou que eles se exercitavam fora da temporada e pressionavam uns aos outros na sala de musculação. Mas os contrastes eram surpreendentes. Por mais que tentasse, Rick não foi capaz de evitar algumas comparações silenciosas. Primeiro, com exceção de Sly e Trey, todos os rostos eram brancos. Todos os times da NFL que ele "visitara" ao longo de sua carreira eram compostos por, no mínimo, setenta por cento de negros. Até mesmo em Iowa, que diabos, até mesmo no Canadá, os times tinham o mesmo número de jogadores negros e brancos. E embora houvesse alguns caras enormes no vestiário, não havia nenhum na faixa acima dos 140 quilos. Os Browns tinham oito jogadores com 145 quilos ou mais e apenas dois abaixo dos cem. Uns poucos Panthers talvez passassem dos oitenta quilos.

Trey disse que todos estavam entusiasmados com o novo quarterback, mas cautelosos em abordá-lo. Para ajudar a resolver o problema, o juiz Franco assumiu uma posição à direita de Rick, enquanto Nino se postava à esquerda. Fizeram apresentações longas e erráticas, à medida que os jogadores se adiantavam para cumprimentar Rick.

Cada pequena apresentação exigia pelo menos dois insultos, com Franco e Nino disputando quem xingava mais seus companheiros italianos. Rick foi abraçado, apertado e enaltecido, até que se sentiu quase encabulado. Ficou surpreso com o uso do inglês. Todos os Panthers estavam aprendendo a língua em algum nível.

Sly e Trey ficaram por perto, rindo dele, mas também confraternizando com os velhos companheiros de time. Ambos já

havam decidido que aquele seria seu último ano na Itália. Poucos americanos voltavam para uma terceira temporada.

O treinador Russo restabeleceu a ordem no vestiário e deu as boas-vindas a todos. Seu italiano era lento e hesitante. Os jogadores sentavam no chão, em bancos, cadeiras, até mesmo nos armários. Embora continuasse a tentar afastar aqueles pensamentos, Rick não podia deixar de se lembrar. Por exemplo, recordou o vestiário na Davenport South High School, que era pelo menos quatro vezes maior do que aquele em que se encontrava agora.

— Compreende o que ele está dizendo? — sussurrou Rick para Sly.

— Claro que sim — respondeu Sly, sorrindo.

— E o que ele está dizendo?

— Que o time não conseguiu encontrar um bom quarterback antes do início da temporada e por isso estamos fodidos de novo.

— Calem a boca! — gritou Sam para os americanos.

Os italianos acharam a maior graça. Se vocês soubessem, pensou Rick. Ele já vira um semifamoso treinador da NFL cortar um novato por conversar durante uma reunião no período de treinamento pré-temporada. Cortado naquele mesmo momento, o cara quase desatara a chorar. Alguns dos mais memoráveis esporros, xingamentos e massacres verbais que Rick já testemunhara no futebol americano não haviam acontecido no calor da batalha, mas sim nos limites aparentemente seguros do vestiário.

— Mi dispiace — disse Sly, em voz alta, o que provocou ainda mais risadas.

Sam continuou a falar.

— O que você disse? — sussurrou Rick.

— Pedi desculpa — respondeu Sly, os dentes cerrados. — E agora faça o favor de calar a boca.

Rick avisara anteriormente a Sam que precisava dizer algumas palavras para o time. Assim que terminou os comentários de boas-vindas, Sam passou a palavra a Rick e assumiu a tradução. Rick levantou-se, acenou com a cabeça para seus companheiros de time e disse: — Sinto-me muito feliz em estar aqui e ansioso pelo início da temporada.

Sam ergueu a mão — pare — e traduziu. Os italianos sorriram.

— Eu gostaria de esclarecer uma coisa.

Pare... mais italiano.

— Joguei na NFL, mas não muito, e nunca joguei no Super Bowl.

Sam franziu o rosto e traduziu. Explicaria mais tarde que os italianos não viam com bons olhos a modéstia e a autodepreciação.

— Na verdade, nunca fui titular em um jogo como profissional.

Outra vez o rosto franzido, um italiano mais lento. Rick especulou se Sam não estaria manipulando seu pequeno discurso. Não havia

sorrisos entre os italianos. Rick olhou para Nino e continuou: — Só queria esclarecer isso. Meu objetivo é ganhar meu primeiro Super Bowl aqui na Itália.

A voz de Sam se tornou muito mais forte. Quando ele acabou de traduzir, o vestiário explodiu em aplausos. Rick sentou e recebeu um abraço de urso de Franco, que conseguira levar uma ligeira vantagem sobre Nino como seu guarda-costas.

Sam descreveu o plano de treinamento e os discursos acabaram. Com gritos animados, saíram do vestiário para o campo. Espalharam-se num padrão um tanto organizado e iniciaram o alongamento. A esta altura, um homem de pescoço grosso, cabeça raspada e bíceps enormes, assumiu o comando. Era Alex Olivetto, um ex-jogador que passou a atuar como treinador-assistente, um italiano de verdade. Desfilou de um lado a outro da linha de jogadores, gritando ordens, como um furioso marechal de campo, sem que ninguém ousasse responder.

— Ele é psicótico — murmurou Sly, quando Alex se afastou.

Rick estava na extremidade de uma fila, ao lado de Sly e atrás de Trey, copiando os alongamentos e exercícios de seus companheiros de time. Alex exigiu o básico — polichinelos, flexões, agachamentos, abdominais —, depois uma extenuante corrida sem sair do lugar, com ocasionais flexões de joelho. Depois de quinze minutos, Rick estava ofegante e tentando esquecer o jantar da noite anterior.

Olhou para a esquerda e notou que Nino suava profusamente.

Depois de meia hora, Rick sentiu-se bastante tentado a chamar Sam de lado e explicar algumas coisas. Era o quarterback e no nível profissional os quarterbacks não eram submetidos aos mesmos exercícios que os outros jogadores. Mas Sam estava muito longe, na outra extremidade do campo. Depois, Rick compreendeu que era observado.

À medida que o aquecimento continuava, ele percebia mais e mais olhares de seus companheiros de time, querendo saber se um autêntico quarterback profissional era capaz de acompanhá-los na malhação. Ele era um membro da equipe ou apenas uma prima-dona de passagem pelo time?

Rick aumentou o vigor nos exercícios para impressionar os outros.

Em geral, os piques só eram realizados no final do treino. Mas não era esse o esquema de Alex. Depois de 45 minutos de exercícios extenuantes, os jogadores foram reunidos na linha do gol. Em grupos de seis, corriam quarenta jardas pelo campo. Alex esperava-os com um apito soprado a todo instante e os epítetos mais insultuosos para os que chegavam por último. Rick correu com os backs. Sly disparou na frente sem realizar esforço algum, enquanto Franco resfolegava em último com a mesma facilidade.

Rick estava no meio do grupo. Enquanto corria, recordava os dias de glória na Davenport South High School, quando corria desenfreado e marcava quase tantos touchdowns com os pés quanto com o braço. A corrida diminuía bastante na universidade; ele simplesmente não era um quarterback corredor. E correr era quase proibido na liga profissional, era um excelente caminho para se quebrar uma perna.

Os italianos conversavam entre si, gritavam palavras de estímulo, enquanto as corridas continuavam. Depois de cinco piques, estavam todos sem fôlego. Mas Alex mal começara o aquecimento.

— Você consegue vomitar? — perguntou Sly, entre os arquejos.

— Por quê?

— Porque ele põe todo mundo para correr até que alguém vomite.

— Então vomite.

— Eu bem que gostaria de ser capaz.

Depois de dez piques de quarenta jardas, Rick se perguntava o que exatamente esperava encontrar em Parma. Os tendões dos joelhos pareciam pegar fogo, as panturrilhas doíam, estava exausto, arfava e tinha o corpo encharcado de suor, embora não estivesse fazendo calor. Teria de conversar com Sam para acertar algumas coisas. Aquilo não era futebol americano de ensino médio. Ele era um profissional!

Nino correu para a lateral do campo, tirou o capacete e vomitou. O time inteiro gritou em encorajamento. Alex apitou três vezes. Depois de uma pausa para beber água, Sam adiantou-se para as instruções. Ele ficaria com os backs e os receivers. Nino cuidaria dos linemen do ataque. Alex se encarregaria dos linebackers e linemen da defesa. Trey assumiria os jogadores secundários. Espalharam-se pelo campo.

— Este é Fabrizio — Sam apresentou a Rick o receiver um tanto magro. — Nosso wideout. Mãos incríveis.

Os dois se cumprimentaram. Um jogador em grande forma, sempre alerta, uma dádiva divina para o futebol americano da Itália. Sam informara Rick sobre Fabrizio e sugerira que ele não exigisse muito do garoto nos primeiros dias. Não haviam sido poucos os receivers da NFL que tiveram dificuldades com os projéteis lançados por Rick, pelo menos nos treinos. Nos jogos, as balas, apesar de lindas, costumavam se desviar para o lado e voar muito alto. Algumas haviam sido apanhadas por torcedores na quinta fila da arquibancada.

O quarterback reserva era um italiano de vinte anos chamado Alberto qualquer coisa. Rick ficou lançando bolas para um grupo, enquanto Alberto lançava para outro.

Segundo Sam, Alberto preferia correr com a bola porque tinha um braço um tanto fraco. Isso realmente era um fato, notou Rick, depois de poucos passes. Os lançamentos eram curtos e os passes flutuavam pelo ar como passarinhos feridos.

— Ele já era o reserva no ano passado? — perguntou Rick, quando

Sam se aproximou.

— Era sim, mas quase não jogou.

Fabrizio era um atleta natural, os movimentos rápidos e ágeis, as mãos suaves. Fazia um enorme esforço para parecer despreocupado, como se qualquer lançamento de Rick pudesse ser apanhado com facilidade. Agarrou algumas bolas no melhor estilo dos grandes jogadores, envolvendo-as com os braços, quase com uma indiferença presunçosa, até cometer um pecado que teria lhe custado caro na NFL. Num lançamento rápido, mas sem muito vigor, ele pegou a bola com apenas uma das mãos, para se mostrar. O passe fora bem no alvo, de forma que Fabrizio não precisava ter utilizado apenas um dos braços. Rick ficou irritado, mas Sam interveio: — Deixe para lá. Ele não sabe fazer melhor.

O braço de Rick ainda estava um pouco dolorido. Embora não tivesse pressa de impressionar ninguém, sentiu-se tentado a disparar uma bola no peito de Fabrizio e observá-lo cair como uma pedra. Relaxe, disse para si mesmo, é apenas um garoto querendo se divertir.

Sam mandou que Fabrizio corresse em alguns padrões irregulares e o garoto ficou chateado como um bebê. Mais padrões, lançamentos mais longos e depois Sam reuniu o ataque para uma revisão das manobras básicas. Nick agachou-se sobre a bola. Para evitar dedos espremidos, Rick sugeriu que treinassem devagar alguns snaps. Nino concordou que era uma excelente ideia, mas se encolheu todo quando as mãos de Rick tocaram em sua bunda. Não foi um movimento radical, nada que pudesse levar um árbitro a penalizá-lo por procedimento ilegal. Mas houve uma nítida contração do glúteo máximo, como um menino à espera das carícias de uma grossa colher de pau.

Talvez fosse apenas um caso de nervosismo diante de um novo quarterback, disse Rick a si mesmo. No snap seguinte, Nino pairou sobre a bola, Rick inclinou-se um pouco para frente e encostou as mãos um pouco abaixo do centro das nádegas do colega, como costumava fazer desde que começara a jogar futebol americano na escola. Ao contato, Nino tornou a contrair os glúteos, numa reação instintiva.

Os snaps eram lentos e suaves. Rick compreendeu no mesmo instante que precisariam de horas para tentar melhorar a técnica de Nino. Um passo inteiro seria desperdiçado à espera da bola, enquanto os tailbacks se dispersavam pelas aberturas e os receivers corriam para suas posições.

No terceiro snap, os dedos de Rick roçaram de leve as nádegas de Nino. Ficou patente que esse toque suave era muito pior do que um tapa com a mão aberta. As nádegas se contraíram angustiadas ao contato delicado. Rick olhou para Sam e disse: — Pode pedir a ele

para relaxar a bunda?

Sam virou-se, fazendo um esforço para não rir.

— Algum problema? — perguntou Nino.

— Não é nada demais — murmurou Rick.

Sam soprou o apito, gritou uma jogada em inglês, depois em italiano. Era uma manobra simples, com um deslocamento do tailback para a direita, Sly recebendo a bola, enquanto Franco avançava pela primeira abertura como um trator.

— A cadência? — perguntou Rick, enquanto os linemen assumiam suas posições.

— Down, set, hut — respondeu Sam. — Em inglês.

Nino, que evidentemente ocupava a posição extraoficial de treinador da linha de ataque, inspecionou os guards e os tackles antes de se agachar sobre a bola, preparando os glúteos. Rick tocou-os, enquanto gritava "Down!". Os glúteos se contraíram e Rick apressou-se em acrescentar "Set!", depois "Hut!".

Franco grunhiu como um urso ao arremeter de sua posição, deslocando-se para a direita. A linha adiantou-se, corpos empertigaram-se, vozes rugiram, como se os jogadores do odiado Bergamo Lions estivessem ali. Rick esperou uma eternidade para receber a bola de seu center. Estava meio passo para trás quando finalmente a pegou, virou-se e lançou para Sly, que já saía correndo na esteira de Franco.

Sam soprou o apito, gritou alguma coisa em italiano e depois determinou: — Repitam o lance.

E outra vez e mais outra. Depois de dez snaps, Alberto entrou para comandar o ataque. Rick foi tomar água. Sentou no capacete e logo se flagrou pensando em outros times, outros campos. A chatice dos treinos era a mesma por toda parte, refletiu ele. De Iowa ao Canadá e Parma, com todas as pausas entre um time e outro, a pior parte do esporte, em qualquer língua, era o tédio do condicionamento físico e a repetição interminável das jogadas.

Já era tarde quando Alex reassumiu o comando. Com seus apitos rápidos e estridentes, as corridas de quarenta jardas começaram com toda a fúria. As brincadeiras e insultos haviam acabado. Ninguém ria ou berrava enquanto corria pelo campo, todos mais lentos a cada apito, mas não tão devagar a ponto de deixar Alex contrariado.

Depois de cada pique, eles voltavam à linha do gol, descansavam por alguns segundos e corriam de novo.

Rick decidiu que teria uma conversa séria com o treinador principal no dia seguinte. Os verdadeiros quarterbacks não treinavam aquelas corridas, ele dizia a si mesmo, enquanto fazia um esforço para vomitar.

Os Panthers tinham um delicioso ritual depois do treino: jantavam

pizza e tomavam cerveja no Polipo, um pequeno restaurante na Via La Spezia, nos arredores da cidade.

As onze e meia, a maior parte do time já chegara, de banho tomado, todos ansiosos para o início oficial de mais uma temporada. Gianni, o dono do restaurante, instalou-os num canto nos fundos, para que não perturbassem os outros clientes. Sentaram em torno de duas mesas compridas e todos pareciam falar ao mesmo tempo. Depois de uns poucos minutos, dois garçons trouxeram jarros com cerveja e canecas. Logo vieram outros garçons, trazendo as maiores pizzas que Rick já vira. Ele estava na extremidade de uma mesa, com Sam num lado e Sly no outro. Nino levantou-se para fazer um brinde, num italiano acelerado.

Todos olharam para Rick. Depois, Nino falou em inglês, mais devagar. Seja bem-vindo à nossa pequena cidade, sr. Reck. Esperamos que encontre um lar aqui e nos traga o Super Bowl. Seguiu-se uma estranha rodada de uivos e todos esvaziaram suas canecas.

Sam explicou que o signor Bruncardo pagava a conta daqueles jantares efusivos, depois do treino, pelo menos uma vez por semana. Pizza e massas diversas, um dos melhores espaguete da cidade, sem o requinte e a cerimônia que Nino dispensava com tanta satisfação no Montana. Comida barata, mas deliciosa. O juiz Franco levantou-se, com uma caneca na mão, e iniciou um discurso longo e pomposo sobre alguma coisa.

— Mais da mesma coisa — murmurou Sam, em inglês. — Um brinde a uma grande temporada, fraternidade, sem lesões et Cetera. E, é claro, ao novo e grande quarterback.

Era óbvio que Franco não permitiria que Nino o superasse. Depois que todos beberam e aplaudiram mais um pouco, Sam comentou: — Esses dois disputam as atenções. São os permanentes cocapitães.

— Escolhidos pelo time?

— Acho que sim. Mas nunca testemunhei uma eleição, e esta é minha sexta temporada aqui. O time é deles, basicamente. Estão sempre recrutando novos jogadores, em particular os que se dedicavam ao futebol tradicional e perderam o lugar em seus times. Também conseguem atrair um jogador de rúgbi de vez em quando. Gritam e esbravejam antes das partidas. Alguns dos insultos são lindos. No calor da batalha, você vai querê-los em sua trincheira.

A cerveja corria e as pizzas não demoraram a desaparecer. Nino pediu silêncio e apresentou dois novos jogadores. Karl era professor de matemática, um dinamarquês que se instalara em Panna com a esposa italiana e dava aulas na universidade. Ainda não tinha certeza da posição em que gostaria de jogar, mas estava ansioso para escolher uma. Pietro era bombeiro, baixo e corpulento, um linebacker. Rick notara no treino que ele possuía pés rápidos.

Franco comandou o time num canto triste, que nem mesmo Sam compreendeu. Depois, todos desataram a rir e tornaram a beber. Ondas de italiano clamoroso espalhavam-se pela sala. Depois de algumas cervejas, Rick contentou-se em absorver a cena.

Era um figurante num filme estrangeiro.

Pouco depois da meia-noite, Rick ligou seu laptop e mandou um e-mail para Arnie:

Em Parma, cheguei ontem à tarde, primeiro treino hoje — comida e vinho valem a visita, não há animadoras de torcida e você me prometeu lindas animadoras de torcida, Arnie — também não existem empresários por essas bandas e por isso você detestaria — ainda não vi nenhum campo de golfe — alguma notícia sobre Tiffany e seus advogados? Lembro de Jason Cosgrove falar sobre ela no chuveiro, com detalhes, e ele ganhou oito milhões no ano passado — mande os advogados atrás dele, não sou o pai. Até mesmo as criancinhas falam italiano por aqui — por que estou em Parma?

Podia ser pior, eu acho. Poderia ainda estar em Cleveland. Até mais,

RD

Enquanto Rick dormia, Arnie respondeu: Rick: Ótimo ter notícias suas, fico feliz por você estar se divertindo por aí. Encare como uma aventura. Não está acontecendo muita coisa por aqui. Nenhuma notícia dos advogados. Vou sugerir Cosgrove como sendo o doador do esperma. Ela já está com sete meses agora. Sei que detesta a segunda divisão, mas um manager me ligou e disse que podia conseguir cinquenta mil para você na próxima temporada. Respondi que não. O que você acha?

Capítulo 10

Acordar a uma hora tão infame só seria possível com a ajuda de um despertador a todo volume. O bipe firme e estridente penetrou na escuridão e finalmente encontrou seu objetivo. Rick, que quase nunca usava despertador e desenvolvera a rotina agradável de acordar sempre que o corpo se cansava de dormir, tateou ao redor, sem sair debaixo dos lençóis, até encontrar o botão que desligava o alarme. No choque do momento, pensou no policial Romo e ficou horrorizado com a perspectiva de outra não-prisão. Mas logo se desvencilhou da confusão e dos pensamentos desvairados. Enquanto a frequência cardíaca iniciava um declínio gradativo e ele se erguia dos travesseiros, Rick finalmente se lembrou por que armara o despertador, em primeiro lugar. Tinha um plano e a escuridão era um elemento essencial.

Como seu regime fora da temporada limitara-se ao golfe, sentia as pernas moídas e os músculos abdominais doíam como se tivesse levado muitos socos. Os braços, ombros, costas, até mesmo os tornozelos e dedos dos pés, doíam ao menor contato. Amaldiçoou Alex, Sam e toda a organização dos Panthers, amaldiçoou o futebol americano, Arnie e todos os times que o haviam dispensado, começando pelos Browns e seguindo na ordem inversa. Enquanto projetava os pensamentos mais vis a respeito do esporte, Rick tentou com todo cuidado alongar um ou outro músculo. Mas todos os músculos estavam doloridos demais.

Por sorte, suspendera a cerveja no Polipo, parando dentro de um limite razoável. A cabeça já desanuviava, sem qualquer sinal de ressaca.

Se pudesse se apressar e completar a missão como planejava, voltaria para baixo das cobertas dentro de uma hora, mais ou menos. Tomou uma ducha, descobrindo que a pressão do chuveiro era surpreendentemente fraca e a água quente não passava de moma, na melhor das hipóteses. Forçou cada movimento, com uma sombria determinação, e conseguiu sair para a rua em menos de dez minutos. O ato de andar soltou as articulações e fez o sangue circular. Depois de dois quarteirões, caminhava a passos mais vigorosos e sentia-se muito melhor.

O Fiat estava a cinco minutos de distância. Ele parou na calçada e ficou olhando. A rua estreita tinha carros estacionados nos dois lados,

os para-choques quase encostados, deixando apenas uma faixa de tráfego no meio, seguindo para o norte, até o centro de Parma. A rua estava silenciosa naquele momento, sem qualquer movimento.

Por trás do Fiat havia um Smart verde-limão, um modelo apenas um pouco maior do que um kart de tamanho razoável. O para-choque dianteiro estava a cerca de um palmo do Fiat do signor Bruncardo. Na frente, havia um Citroën branco, não muito maior do que o Smart, também espremido. Tirar o Fiat dali seria um desafio até mesmo para um motorista com anos de experiência em câmbio manual.

Depois de olhar rapidamente para os lados, para se certificar de que não havia mesmo qualquer movimentação na Via Antini, Rick abriu o carro e sentou ao volante.

Pontadas de dor atingiram suas articulações. Ele mexeu na alavanca da caixa de marchas até ter certeza de que estava em ponto morto, tentou estender as pernas, conferiu o freio de mão e ligou o carro. As luzes no painel acenderam. Havia gasolina suficiente. Onde ficava o aquecedor? Ele ajustou os espelhos, o banco, o cinto de segurança.

Durante cinco minutos, enquanto o Fiat esquentava, fez uma verificação meticulosa, como os pilotos de um avião antes do voo. Nem um único carro, motoneta ou bicicleta passou pela rua.

Depois que o gelo que cobria o para-brisa derreteu, não havia mais qualquer razão para protelações. O aumento da frequência cardíaca irritou Rick, mas ele tentou ignorar. Era apenas um carro com embreagem que nem sequer lhe pertencia ainda por cima. Ele soltou o freio de mão e prendeu a respiração. Nada aconteceu. A Via Antini era plana.

Com o pé na embreagem, ele engrenou a primeira, pisou no acelerador e virou o volante para a direita. Até aquele momento, tudo corria bem. Uma olhada pelo retrovisor, a rua ainda sem tráfego, vamos nessa. O motor roncou, ele tirou o pé da embreagem e o Fiat deu um solavanco para frente, batendo no Citroën no momento em que ele pisava no freio. Uma luz vermelha acendeu no painel e ele levou alguns segundos para compreender que o carro havia morrido. Tornou a virar a chave na ignição, enquanto engrenava a ré, pisava na embreagem e puxava o freio de mão, ao mesmo tempo que praguejava baixinho e olhava para a rua. Ninguém apareceu. O recuo foi tão brusco quanto o avanço, e quando ele bateu no Smart, pisou de novo no freio e o carro morreu. Começou a praguejar alto, soltando um sonoro palavrão, sem qualquer esforço para controlar a linguagem. Respirou fundo e decidiu não verificar os danos; não havia nenhum, concluiu. Apenas um pequeno arranhão. E o cara merecia isso por estacionar tão junto do Fiat. As mãos se deslocaram depressa... volante, ignição, alavanca da caixa de marchas, freio de mão. Por que

estava usando o freio? Os pés sapateavam frenéticos, pulando da embreagem para o freio e o acelerador. Ele tornou a avançar, mal tocando no Citroën antes de parar. Mas desta vez o motor não morreu. Era um progresso. Metade do Fiat já saía para a faixa de tráfego; ainda não havia qualquer movimento. Ele tornou a engrenar a ré, mas foi um pouco depressa demais e houve um solavanco para trás. Sentiu um estalo na cabeça e uma pontada nos músculos doloridos. Bateu no Smart com muito mais força na segunda vez. O Fiat morreu. Sua linguagem tornou a escapar ao controle, enquanto olhava ao redor, à procura de espectadores.

Ela apareceu de repente. Rick não a notara descendo pela calçada. A impressão era a de que estava parada ali havia horas, o corpo envolvido por um comprido casaco de lã, a cabeça coberta por um xale amarelo. Uma senhora com um cachorro velho na coleira, saindo para um passeio matutino, atraída pela violenta ação que mais lembrava a de um jogo de pinball estrelado por um Fiat cor de cobre dirigido por um idiota.

Seus olhos se encontraram. A cara amarrada e o rosto enrugado transmitiam exatamente o que ela pensava. O desespero angustiado de Rick era evidente. Ele parou de praguejar. O cachorro também olhava, algum tipo de terrier frágil, com uma expressão tão perplexa quanto a da dona.

Rick levou um segundo para compreender que a velha não era dona de nenhum dos dois carros em que estava batendo. Claro que não era. Tratava-se de uma mera pedestre; e antes que pudesse chamar a polícia, se tivesse essa propensão, ele já teria ido embora. Pelo menos era o que esperava. Mesmo assim, já estava prestes a dizer alguma coisa, irritado, como "O que está olhando?", mas conteve-se a tempo. A velha provavelmente compreenderia que ele era um americano. E um súbito patriotismo lacrou seus lábios.

Com a frente do Fiat se projetando além da fileira de carros estacionados, ele não tinha tempo para uma troca de olhares. Sacudiu a cabeça, num gesto arrogante, e voltou a se concentrar no problema imediato. Religou o carro, engrenou, empenhou-se em operar a embreagem e o acelerador com a mais perfeita coordenação, para que o Fiat pudesse finalmente sair da vaga e partir, deixando a plateia para trás. Pisou no acelerador, o motor roncou de novo, soltou lentamente a embreagem, enquanto virava o volante ao máximo, e saiu da vaga, quase raspando no Citroën. Livre finalmente, foi seguindo pela Via Antini, ainda em primeira, o Fiat fazendo o maior barulho. Cometeu o erro de lançar um último olhar triunfante para a mulher e o cachorro. Viu os dentes marrons da velha, que ria dele. O cachorro latia e puxava a coleira, também se divertindo.

Rick memorizara as ruas do caminho de fuga, o que não era pouca

coisa, já que quase todas as vias eram estreitas e de mão única, formando um labirinto desconcertante.

Seguiu para o sul, só mudando a marcha quando era necessário. Logo alcançou a Viale Berenini, uma rua importante, com poucos carros estacionados e os primeiros caminhões de entrega aparecendo. Parou num semáforo, engrenou a primeira e rezou para que ninguém parasse atrás dele. Esperou pelo sinal verde, depois arrancou, com um solavanco, sem deixar o motor morrer. Grande, garoto! Estava sobrevivendo.

Atravessou o rio Parma pela ponte Itália. Um rápido olhar revelou águas tranquilas lá embaixo. Deixara o centro da cidade e havia ainda menos tráfego. O objetivo era a Viale Vittoria, uma avenida larga, de quatro faixas, que contornava o lado oeste de Parma. Plana e quase deserta na escuridão que antecedia o amanhecer. Um lugar perfeito para treinar.

Durante uma hora, enquanto o dia raiava sobre a cidade, Rick dirigiu de um lado para outro. A embreagem arranhava um pouco da metade para baixo e esse pequeno problema exigiu sua atenção. Depois de uma hora de esforço diligente, no entanto, começou a adquirir confiança, o Fiat e ele se tornando um só. O sono não era mais uma opção; sentia-se muito impressionado com seu novo talento.

Praticou estacionar, entrando e saindo de perímetros delimitados por linhas amarelas, até não aguentar mais. Sentia-se muito confiante. Avistou um bar aberto, perto da Piazza Santa Croce. Por que não? Sentia-se mais italiano a cada minuto que passava e precisava de caféina. Estacionou de novo, desligou o carro e apreciou uma rápida e vigorosa caminhada. As ruas estavam mais movimentadas àquela hora, com a cidade começando a despertar.

O bar estava cheio e barulhento. A primeira inclinação de Rick foi a de sair apressado e retornar à segurança do Fiat. Mas assinara um contrato de cinco meses e não passaria todo esse tempo fugindo dos desafios. Foi até o balcão, atraiu a atenção de um barista e pediu: — Espresso.

O barista acenou com a cabeça para um canto, onde uma mulher gorda sentava atrás de uma caixa registradora. O barista não tinha o menor interesse em servir um espresso para Rick, que recuou um passo e pensou de novo em fugir. Um executivo bem vestido entrou apressado no bar, segurando pelo menos dois jornais e uma pasta. Foi direto para o caixa.

— Buongiorno — disse ele, recebendo a mesma resposta da mulher. — Caffè.

O homem estendeu uma nota de cinco euros. A mulher pegou o dinheiro, deu o troco, entregou um tíquete, que ele pôs em cima do balcão, onde um dos baristas podia ver. Um deles finalmente pegou o

papel, trocaram "buongiornos" e tudo foi resolvido. Em poucos segundos, uma xícara e um pires foram postos no balcão. O executivo, já absorvido nas notícias da primeira página de um dos jornais, acrescentou açúcar, mexeu, depois tomou todo o café num único gole.

Então era assim que se fazia.

Rick foi até o caixa, murmurou um passável "buongiorno" e estendeu uma nota de cinco euros, antes que a mulher pudesse responder. Ela deu o troco e entregou o tíquete mágico.

Parado junto do balcão, tomando o café, Rick absorveu o frenesi do bar. A maioria das pessoas ali estava a caminho do trabalho, e todos pareciam se conhecer. Alguns conversavam sem parar, enquanto outros se concentravam em seus jornais. Os baristas trabalhavam febrilmente, mas nunca se atrapalhavam. Falavam num italiano rápido e respondiam sem hesitar aos comentários dos clientes. Longe do balcão, havia mesas para as quais garçons de avental branco levavam café, água mineral, pães, fatias de tortas e de bolos. Rick sentiu uma fome súbita, apesar das toneladas de carboidratos que consumira apenas algumas horas antes, no Polipo. Uma prateleira com doces atraiu sua atenção e teve uma vontade desesperada de provar um deles, coberto de chocolate e creme. Mas como pedi-lo? Não ousava abrir a boca, não com tantas pessoas ao redor para ouvi-lo. Talvez a mulher do caixa, no canto, pudesse ser compreensiva com um americano que só era capaz de apontar.

Mas ele deixou o bar sem pedir o doce, faminto. Foi andando pela Viale Vittoria. Aventurou-se por uma rua transversal, a esmo, apenas apreciando a cidade. Outro bar o atraiu. Ele entrou, confiante. Foi direto para a caixa registradora, guardada por outra mulher corpulenta, e disse: — Buongiorno, cappucano, por favor.

Ela não parecia nem um pouco interessada pelo lugar de onde ele vinha. Sua indiferença encorajou Rick, que apontou para um doce enorme numa prateleira ao lado do balcão e acrescentou: — E um daqueles.

A mulher acenou com a cabeça e ele entregou uma nota de dez euros, que com certeza seria suficiente para cobrir o café e um croissant. O bar não estava tão cheio quanto o outro. Rick saboreou sem pressa o cornetto e o cappucano.

O nome do lugar era Bar Bruno e quem quer que fosse Bruno sem dúvida era um apaixonado pelo futebol tão amado pelos italianos. As paredes estavam cobertas por cartazes de times e fotos de lances de partidas nos últimos trinta anos. Havia uma flâmula celebrando a conquista da Copa do Mundo de 1982. Por cima da caixa registradora, Bruno pusera uma coleção de fotos em preto e branco ampliadas: Bruno com Chinaglia, Bruno abraçando Baggio.

Rick presumiu que seria muito difícil encontrar um bar ou café em

Parma com uma única foto dos Panthers. Mas tudo bem... a cidade não era como Pittsburgh.

O Fiat continuava exatamente onde o deixara. As doses de cafeína haviam aumentado sua confiança. Ele engrenou a ré com perfeição e saiu da vaga sem maiores dificuldades, como se já estivesse muito acostumado com o câmbio manual.

O desafio do centro de Parma era assustador, mas ele não tinha opção. Mais cedo ou mais tarde teria de voltar para o apartamento, levando o Fiat. À primeira vista, o carro da polícia não o alarmou. Seguiu num ritmo lento. Rick parou num sinal vermelho. Esperou, paciente, enquanto ensaiava mentalmente o que tinha de fazer Com a embreagem e o acelerador. O sinal ficou verde, a embreagem escapuliu, o Fiat deu um salto para frente, parou em seguida. Frenético, Rick tornou a engrenar e virou a chave, sempre de olho no carro da polícia. Pintado de preto e branco, estava junto de seu para-choque traseiro, com dois jovens guardas franzindo o rosto.

Mas qual é o problema? Alguma coisa errada?

A segunda tentativa foi ainda pior do que a primeira e, quando o Fiat morreu de novo, o guarda ao volante tocou a buzina.

O motor finalmente pegou. Rick pisou no acelerador e mal soltou a embreagem. O Fiat arremeteu, rugindo em marcha lenta, mas quase não se movendo. O carro da polícia o seguiu, os guardas provavelmente achando graça dos solavancos. Depois de um quarteirão, eles acenderam a luz azul no teto.

Rick conseguiu parar numa área de carga e descarga, na frente de uma série de lojas. Desligou o carro, puxou o freio de mão e instintivamente inclinou-se para o porta-luvas. Não pensara nas leis italianas que regiam o registro de veículos e o direito de dirigir, e também não presumira que os Panthers ou o signor Bruncardo, para ser mais específico, fossem cuidar desses detalhes. Não presumira nada, não pensara em nada, não se preocupara com nada. Era um atleta profissional que fora um astro do futebol americano nos tempos do ensino médio e da universidade, e, dessa posição elevada, os pequenos detalhes nunca tinham a menor importância.

O porta-luvas estava vazio.

Um guarda bateu em sua janela e ele baixou-a utilizando a manivela. O carro não tinha vidros elétricos.

O guarda disse alguma coisa e Rick captou a palavra "documenti". Tirou a carteira do bolso e mostrou a licença de motorista de Iowa. Iowa? Não residia em Iowa havia seis anos, mas também não se fixara em qualquer outro lugar. Enquanto o guarda examinava o papel com o rosto franzido, Rick escorregou alguns centímetros no banco, ao recordar o telefonema que recebera da mãe pouco antes do Natal. Ela acabara de receber um aviso oficial. O prazo de validade da carteira

de motorista de Rick expirara.

— Americano?

O tom do guarda era acusador. O crachá indicava que seu nome era Aski.

— Isso mesmo.

Em vez de responder em inglês, Rick poderia ter dito apenas "Si". Não o fez porque pensou que o uso de qualquer palavra em italiano poderia levar o guarda a presumir que o estrangeiro fosse fluente na língua.

Aski abriu a porta e gesticulou para que Rick saísse. O outro guarda, Dini, também se aproximou, com um sorriso desdenhoso. Os dois começaram a conversar em italiano. Rick presumiu que poderia ser espancado ali mesmo. Ambos tinham vinte e poucos anos, eram altos, pareciam fortes como halterofilistas. Bem que poderiam jogar na defesa dos Panthers. Um casal idoso parou na calçada para testemunhar o drama, a uma distância de três metros.

— Fala italiano? — perguntou Dini.

— Não. Sinto muito.

Os dois reviraram os olhos. Um idiota.

Os guardas se separaram e iniciaram uma dramática inspeção do local do crime. Examinaram a placa na frente, depois a traseira. O porta-luvas foi aberto, com todo cuidado, como se pudesse conter uma bomba. Abriram a mala do Fiat. Rick começou a se cansar de tudo aquilo e encostou-se no para-lama dianteiro. Os guardas se reuniram, conferenciaram, falaram pelo rádio com a delegacia. Depois, começou o inevitável trabalho burocrático, com os dois escrevendo furiosamente.

Rick sentia alguma curiosidade por seu crime. Tinha certeza de que violara alguma lei por não estar com os documentos do carro, mas se declararia inocente de qualquer infração de trânsito que quisessem lhe atribuir. Pensou em ligar para Sam, mas deixara o celular na cama. Quase riu quando o reboque apareceu.

Depois que o Fiat foi levado, os guardas puseram Rick no banco traseiro da viatura e partiram. Sem algemas, sem ameaças, tudo muito cortês e civilizado. Ao cruzarem o rio, ele se lembrou de uma coisa que guardara na carteira. Tirou um cartão de visita que pegara no gabinete de Franco e entregou a Dini, sentado no banco da frente.

— Meu amigo.

Giuseppe Lazzarino, Giudice.

Os dois guardas pareciam conhecer muito bem o juiz Lazzarino. Seu tom, o comportamento e a forma como se comportavam mudaram. Ambos falaram ao mesmo tempo, as vozes abafadas, como se não quisessem que o preso ouvisse. Aski deixou escapar um suspiro profundo, enquanto os ombros de Dini vergavam. No outro lado do

rio, mudaram de direção e por alguns minutos, pareciam dar voltas. Aski perguntou alguma coisa pelo rádio, mas não descobriu quem ou o que procurava. Dini usou o celular, mas também ficou desapontado. Rick se acomodara no banco traseiro, rindo para si mesmo e tentando apreciar o passeio por Parma.

Levaram-no para o banco ao lado da porta do gabinete de Franco, o mesmo lugar que Romo escolhera, cerca de 24 horas antes. Dini entrou no gabinete, relutante, enquanto Aski se afastava para um ponto no corredor a seis ou sete metros de distância, como se não tivesse nada a ver com Rick. Ficaram esperando. Os minutos se arrastavam.

Rick estava curioso, sem saber se aquilo fora uma prisão de verdade ou apenas algo no mesmo estilo do que Romo fizera no dia anterior. Como poderia saber? Mais uma altercação com a polícia e era possível que perdesse a ligação com os Panthers, Sam Russo, o signor Bruncardo e seu ridículo contrato. Quase sentia saudade de Cleveland.

Ele ouviu vozes altas. Um momento depois, a porta foi aberta e seu fullback saiu do gabinete, acompanhado por Dini. Aski assumiu posição de sentido.

— Rick, sinto muito! — trovejou Franco, enquanto o puxava do banco e o sufocava com um abraço de urso. — Sinto muito mesmo! Foi um engano, não é?

O juiz lançou um olhar furioso para Dini, que estudava suas botinas pretas bem engraxadas, um tanto pálido. Aski era como um veado diante dos faróis numa estrada.

Rick tentou dizer alguma coisa, mas as palavras lhe faltaram. A atraente secretária de Franco observava a cena da porta. Franco descarregou algumas palavras contra Aski, depois dirigiu uma pergunta ríspida a Dini, que fez menção de responder, mudou de ideia e permaneceu calado. Ele se voltou para Rick.

— Não aconteceu nada? Está tudo bem com você?

— Claro que não. Está tudo ótimo.

— O carro... não é seu?

— Ahn... não. Acho que é do signor Bruncardo.

Os olhos de Franco arregalaram e ele se empertigou.

— Bruncardo?

Aski e Dini quase desfaleceram diante da revelação. Continuaram de pé, mas não conseguiam respirar. Franco dirigiu-lhes algumas palavras ríspidas em italiano e Rick ouviu pelo menos duas vezes o nome "Bruncardo".

Dois homens que pareciam ser advogados, de terno escuro, pastas de executivo, ar de importância, aproximaram-se. Em benefício deles, de Rick e de suas funcionárias, o juiz Lazzarino passou uma

descompostura nos dois jovens guardas, com a veemência de um sargento raivoso.

Rick sentiu pena dos dois. Afinal, haviam-no tratado com mais respeito do que um criminoso comum das ruas poderia esperar. Quando a repreensão terminou, Aski e Dini se retiraram apressados, para nunca mais serem vistos. Franco explicou que o carro seria logo liberado e trazido de volta para Rick o mais depressa possível. Não havia necessidade de dizer nada ao signor Bruncardo. Mais pedidos de desculpas. Os dois advogados finalmente entraram no gabinete do juiz e as secretárias voltaram ao trabalho.

Franco pediu desculpas mais uma vez e, para demonstrar seu sincero pesar pela maneira como Rick fora recebido em Parma, convidou-o para jantar em sua casa na noite seguinte. Sua esposa — muito bonita, garantiu Franco — era uma excelente cozinheira. E ele não aceitaria um não como resposta.

Rick aceitou o convite. Franco explicou que tinha uma importante reunião com alguns advogados. Voltariam a se encontrar no jantar. Até lá.

— Ciao.

Capítulo 11

O massagista do time era um jovem de olhos febris, Matteo, que falava um inglês horrível, ainda por cima muito depressa. Depois de vários esforços, conseguiu finalmente explicar seu objetivo: queria aplicar uma massagem no novo e grande quarterback. Estava estudando alguma coisa que tinha relação com uma nova teoria da massagem.

Rick precisava desesperadamente de uma massagem. Estendeu-se numa das duas mesas de massagem do vestiário e disse a Matteo para começar. Depois de alguns segundos, o garoto estava quase cortando os tendões do jarrete de Rick. O jogador teve vontade de gritar. Mas ninguém pode se queixar durante uma massagem, uma regra que nunca fora violada na história do futebol americano profissional. Independentemente do quanto pudesse doer, os grandes jogadores não se queixavam durante a massagem.

— Está bom? — perguntou Matteo, num intervalo da respiração ofegante.

— Está sim... mas vamos mais devagar.

O pedido se perdeu na tradução. Rick comprimiu o rosto contra a toalha. O vestiário também servia como sala de equipamentos e escritório dos treinadores. Não havia mais ninguém ali no momento. Ainda faltavam quatro horas para começar o treino. Enquanto Matteo batia furiosamente, Rick deu um jeito de se afastar mentalmente da agressão. Tentava encontrar a maneira apropriada de sugerir ao treinador Russo que preferia não sofrer mais os exercícios de condicionamento físico. Já não aguentava os tiros sucessivos, flexões e agachamentos. Estava em boa forma, pelo menos o suficiente para o que tinha pela frente. Correr demais poderia lesionar uma perna, distender um músculo ou alguma outra coisa parecida. Na maioria das preparações físicas de pré-temporada, os quarterbacks cuidavam de seu próprio alongamento e aquecimento. Tinham pequenas rotinas exclusivas, enquanto os outros se matavam de tanto esforço.

Mas ele também se preocupava com a possível reação do resto do time. O mimado quarterback americano. Bom demais para os exercícios. Muito mole para um pouco de condicionamento físico. Os italianos pareciam gostar do esforço e do suor. E faltavam apenas três dias para o início dos treinos com o uniforme completo.

Matteo concentrou-se na região lombar e a massagem ficou mais suave. Os músculos rígidos e doloridos começavam a relaxar. Sam apareceu e sentou a outra mesa.

— Pensei que você estivesse em forma — comentou ele, jovial.

— Era o que eu também pensava.

Depois que Sam e Rick trocaram essas breves palavras, Matteo voltou ao método da britadeira.

— Bastante dolorido, hein?

— Um pouco. Não costumo dar tantos tiros seguidos no treinamento.

— Trate de se acostumar. Se afrouxar, os italianos vão pensar que é apenas um garoto bonito.

Isso resolvia o problema.

— Não fui eu quem vomitou.

— Não, não foi, mas dava a impressão de que poderia vomitar a qualquer momento.

— Obrigado.

— Franco me telefonou. Mais problemas com a polícia, não é? Você está legal?

— Enquanto contar com a ajuda de Franco, a polícia pode me prender sem motivo todos os dias.

Rick começou a suar devido à dor, mas fez um esforço para parecer indiferente.

— Vamos providenciar uma carteira de motorista temporária e os documentos do carro. O erro foi todo meu. Peço desculpas.

— Não foi nada. E Franco tem secretárias muito bonitas.

— Espere só até conhecer a esposa dele. O juiz também nos chamou para o jantar de amanhã, Anna e eu.

— Isso é ótimo.

Matteo virou-o e começou a beliscar suas coxas. Rick quase gritou, mas conseguiu manter o rosto impassível.

— Podemos conversar sobre o ataque? — perguntou ele.

— Deu uma olhada no fichário?

— É coisa de escola de ensino médio.

— Tem razão. Apenas o básico. Não podemos fantasiar por aqui. Os jogadores têm uma experiência limitada e não há muito tempo para treinos táticos.

— Não estou me queixando. Apenas tenho algumas ideias.

— Vamos estudá-las.

Matteo recuou, como um cirurgião orgulhoso. Rick agradeceu.

— Bom trabalho — murmurou ele, ao se afastar da mesa, mancando.

Sly entrou no vestiário, com fios descendo dos ouvidos, capacete debaixo do braço, outra vez com o blusão dos Broncos.

— Ei, Sly, que tal uma boa massagem? — gritou Rick. — Matteo é incrível!

Trocaram jabs — Broncos versus Browns, essas coisas —, enquanto Sly ficava só de cueca e se estendia na mesa. Matteo estalou as articulações dos dedos e depois começou.

Sly fez uma careta, mas mordeu a língua para não protestar.

Duas horas antes do treino, Rick, Sly e Trey Colby estavam no campo com o treinador Russo, ensaiando as jogadas ofensivas. Para alívio de Sam, seu novo quarterback não demonstrou o menor interesse em mudar tudo. Rick fez algumas sugestões aqui e ali, alterou algumas rotas para os passes e ofereceu ideias para as corridas. Sly lembrou-o, mais de uma vez, que o esquema de corridas dos Panthers era muito simples: lancem a bola para Sly e saiam da frente.

Fabrizio apareceu no outro lado do campo, sozinho e determinado a se manter isolado. Iniciou uma elaborada rotina de alongamento, mais projetada para a exibição do que para soltar os músculos.

— Pelo menos ele voltou para o segundo dia — comentou Sly, enquanto observavam-no.

— O que isso significa? — perguntou Rick.

— Ele ainda não desistiu — explicou Trey.

— Como assim?

— Ele tem o hábito de cair fora de repente — disse Sam. — Pode ser um treino ruim, um jogo desfavorável ou sem qualquer motivo.

— Por que tolera isso?

— Ele é de longe nosso melhor receiver — garantiu Sam. — E ainda por cima joga quase de graça.

— O cara tem mãos incríveis — comentou Trey.

— E é capaz de voar — acrescentou Sly. — Mais rápido do que eu.

— Está querendo me gozar?

— Não. Ele chega quatro passos na minha frente nas quarenta jardas.

Nino também chegou cedo. Depois de uma rodada de buongiorno, ele alongou-se depressa e iniciou uma longa corrida em torno do campo.

— Porque a bunda dele se encolhe daquele jeito? — perguntou Rick, enquanto observavam Nino correr.

Sly desatou a rir, muito alto. Sam e Trey também caíram na gargalhada. Sly aproveitou a oportunidade para fazer uma avaliação dos glúteos hiperativos de Nino.

— Ele não é tão ruim no treino, quando está de calção. Mas quando veste o uniforme completo e estamos atacando, tudo fica tenso, especialmente os músculos que controlam a bunda. Nino adora bater de frente e às vezes quase esquece de passar a bola, de tão concentrado em se jogar em cima do adversário à sua frente. E quando

ele está preparado para o choque, todo dobrado, os glúteos começam a tremer. E quando você toca, ele quase pulsa.

— Talvez possamos usar a saída de shotgun — sugeriu Rick.

A referência à jogada, em que o quarterback fica algumas jardas atrás da linha de saída, provocou risadas ainda mais estrondosas.

— Boa ideia — disse Trey. — Mas Nino não é muito preciso. Você teria de correr atrás da bola por todo o campo.

— Já tentamos isso — informou Sam. — É um desastre.

— Temos de acelerar a passagem de bola de Nino — declarou Sly.

— As vezes já estou passando pela linha adversária quando o quarterback recebe a bola. Ele está atrás de mim, enquanto ainda procuro pela porra da bola. E Nino se diverte derrubando algum pobre coitado.

Nino voltou, trazendo Fabrizio. Rick sugeriu que treinassem a saída de shotgun em algumas manobras diferentes. Os snaps foram mais ou menos certos, não muito distantes, mas ainda lentos demais. Outros Panthers chegaram. Não demorou muito para que houvesse bolas voando por todo o campo, com os italianos treinando chutes e lançamentos.

Sam aproximou-se de Rick e comentou: — Uma hora e meia antes do treino e eles não podem esperar para começar. Impressionante, não é?

— Nunca vi isso antes.

— Eles adoram o jogo.

Franco e sua pequena família moravam no último andar de um palazzo na Piazza delia Steccata, no coração da cidade. Tudo era antigo: a gasta escada de mármore, os assoalhos de madeira, as paredes rachadas, os retratos da nobreza do passado, os lustres, o enorme sofá e as poltronas de couro.

A esposa, no entanto, parecia extraordinariamente jovem.

Antonella era uma linda mulher de cabelos escuros, que atraía olhares discretos e diretos. Até mesmo seu inglês com forte sotaque deixava Rick com vontade de ouvir mais.

O filho do casal, Ivano, tinha seis anos, e a filha, Susanna, três. As crianças tiveram permissão de ficar com os convidados durante a primeira meia hora, antes de irem para a cama. Uma babá os espreitava um pouco afastada.

A mulher de Sam, Anna, também era atraente. Enquanto tomava um Prosecco, Rick dispensou toda a sua atenção às duas. Tivera uma namorada na Flórida, depois que fugira de Cleveland, mas ficara contente em desaparecer sem lhe dizer nada quando chegara o momento de viajar para a Itália. Vira lindas mulheres em Parma, mas todas falavam uma língua diferente. Não havia animadoras de torcida e ele xingara Arnie muitas vezes por essa mentira. Rick ansiava por

companhia feminina, mesmo que fosse do tipo com sotaque e esposas de amigos, durante um jantar. Mas os maridos permaneciam juntos e às vezes Rick sentia-se perdido num mundo de italianos, enquanto os outros quatro riam das piadas de Franco. Uma mulher pequena e grisalha surgia de vez em quando, oferecendo frios defumados, pedaços de queijo parmesão e azeitonas, antes de desaparecer na cozinha estreita em que o jantar estava sendo preparado.

A surpresa foi a mesa de jantar, um tampo de mármore preto apoiado em duas urnas maciças, no pátio do pequeno terraço, todo florido, com uma linda vista do centro da cidade.

Rick foi contemplado com o melhor lugar, de frente para o Duomo. Franco foi generoso ao servir o vinho tinto e depois fez um brinde a seu novo amigo.

— Um Super Bowl para Parma — disse ele, ao concluir, quase lascivo.

Onde estou?, perguntou-se Rick. Em março, quase sempre ficava na Flórida, num quarto emprestado por um amigo, jogando golfe, fazendo musculação, tentando permanecer em forma, enquanto Arnie trabalhava desesperado pelo telefone, à procura de um time que precisasse de um braço. Havia sempre uma esperança. O próximo telefonema podia significar o próximo contrato. O próximo time podia significar a grande oportunidade. Cada primavera renovava o sonho de que finalmente encontraria seu lugar: um time com uma grande linha ofensiva, um brilhante coordenador, receivers talentosos, tudo em ordem. Seus lançamentos acertariam o alvo, precisos. As defesas não resistiriam. O Super Bowl. A liga dos campeões. Um grande contrato. Participação em comerciais. Fama. Muitas animadoras de torcida.

Tudo parecia possível em cada mês de março.

Onde estou?

O primeiro prato, ou o antipasto, foi cantalupo cortado em fatias grossas, com fatias finas de prosciutto. Franco serviu mais vinho, enquanto explicava que aquele prato era muito comum em toda a região da Emilia-Romagna, uma informação que Rick já ouvira mais de uma vez. Mas o melhor prosciutto, é claro, era o de Parma. Até mesmo Sam revirou os olhos para Rick. Depois de comer por um momento com imenso apetite, Franco perguntou: — Gosta de ópera, Rick?

Dar uma resposta honesta, "Claro que não", seria insultar a todos num raio de cem quilômetros. Por isso, Rick optou por ser cauteloso: — Não temos muita oportunidade de ouvir em minha terra.

— Pois aqui todo mundo ouve — declarou Franco.

Antonella sorriu para Rick, enquanto mastigava um pequeno pedaço de melão.

— Vamos levá-lo um dia desses, está bem? O nosso Teatro Régio é um dos mais lindos do mundo.

— Os parmesãos são loucos por ópera — disse Anna.

Ela sentava ao lado de Rick, com Antonella na frente, e Franco, o juiz, à cabeceira da mesa.

— E de onde você é? — perguntou Rick a Anna, ansioso em mudar de assunto.

— De Parma. Meu tio era um grande barítono.

— O Teatro Régio é mais magnífico que o La Scala de Milão.

Franco não se dirigia a ninguém em particular e por isso Sam resolveu dar seu palpite: — Não é não. O La Scala é o maior.

Franco arregalou os olhos, como se estivesse prestes a partir para o ataque. O protesto veemente foi em italiano e por um momento todos escutaram num silêncio apreensivo.

Mas ele finalmente se controlou e perguntou, em inglês: — Quando estive no La Scala?

— Nunca — respondeu Sam. — Apenas vi algumas fotos.

Franco caiu na gargalhada, enquanto Antonella se retirava para buscar o prato seguinte.

— Eu o levarei à ópera — prometeu Franco a Rick, que se limitou a sorrir e tentou pensar em algo pior.

O prato seguinte, o primo piatto, era anolini, uma pequena massa redonda recheada com parmesão e carne, coberto com cogumelos porcini. Antonella explicou que era um prato de Parma muito famoso e sua descrição foi no inglês com o mais lindo sotaque que Rick já ouvira. Não se importava nem com o gosto da massa. Só queria que Antonella continuasse a falar a respeito.

Franco e Sam agora conversavam sobre ópera, em inglês. Anna e Antonella conversavam sobre crianças, igualmente em inglês. Até que finalmente Rick pediu: — Por favor, falem em italiano. É muito mais bonito.

E foi o que fizeram. Rick saboreou a comida, o vinho e a vista. A catedral era imponente, toda iluminada, e o centro de Parma fervilhava com carros e pedestres.

O anolini deu lugar ao secondo piatto, o prato principal, um capon recheado e assado. Franco, que já entornara vários copos de vinho, descreveu com gestos o que era um capon, um frango macho castrado — "Pam!" — quando tinha apenas dois meses.

— Aumenta o sabor — acrescentou Antonella, deixando a impressão, pelo menos em Rick, de que as partes rejeitadas poderiam ter sido incluídas no recheio.

Depois de mastigar dois pedaços, hesitante, isso já não tinha mais qualquer importância. Com ou sem testículos, o capon era delicioso.

Ele comeu devagar, divertido com os italianos e seu amor pela

conversa à mesa. Às vezes concentravam-se nele e queriam saber sobre sua vida, mas depois voltavam a se expressar em sua língua musical e o esqueciam. Até mesmo Sam, de Baltimore e Bucknell, parecia mais à vontade conversando com as mulheres em italiano. Pela primeira vez em sua nova cidade, Rick admitiu para si mesmo que aprender umas poucas palavras não seria uma má ideia. Ao contrário, seria até um grande feito, se ele queria impressionar as mulheres.

Depois do capon, houve queijo e outro vinho, seguindo-se da sobremesa e do café. Rick despediu-se, agradecido, poucos minutos depois de meia-noite. Foi andando pela cidade, de volta a seu apartamento, e caiu na cama, apagando sem tirar as roupas.

Capítulo 12

Num lindo sábado de abril, um dia de primavera perfeito no vale do Pó, os Bandits de Nápoles deixaram a cidade às sete horas da manhã, de trem, a caminho do norte, para o jogo de abertura da temporada. Chegaram em Parma pouco antes de duas horas da tarde. O jogo começaria às três horas. O trem de volta partiria às 11h40 da noite. O time chegaria a Nápoles por volta de sete horas da manhã de domingo, 24 horas depois de partir.

Ao chegarem em Parma, os Bandits, trinta homens, pegaram um ônibus para o Stadio Lanfranchi. Levaram seus equipamentos para um vestiário apertado, em frente ao vestiário dos Panthers. Trocaram de roupa rapidamente e espalharam-se pelo campo, se alongando e seguindo à risca os rituais pré-jogo.

Duas horas antes do início da partida, todos os 42 Panthers estavam em seu vestiário, a maioria queimando energia nervosa e ansiosa por bater de frente com alguém.

O signor Bruncardo surpreendeu-os com novas camisas para o jogo, pretas, com números prateados e a palavra "Panthers" no peito.

Nino fumou um cigarro. Franco conversou com Sly e Trey. Pietro, o middle linebacker, melhorando a cada dia, meditava com seu iPod. Matteo corria de um lado para outro, esfregando os músculos, dando tapinhas nos tornozelos, ajeitando equipamentos.

Um típico ambiente pré-jogo, pensou Rick. Vestiário menor, jogadores menores, apostas menores, mas algumas coisas no jogo eram sempre as mesmas. Ele estava pronto para jogar. Sam fez alguns comentários, depois soltou-os em campo.

Quando Rick entrou no gramado, noventa minutos antes do início da partida, as arquibancadas estavam vazias. Sam previra uma enorme multidão... "talvez mil pessoas".

O tempo estava ótimo e no dia anterior a Gazzetta di Parma publicara uma reportagem sobre o primeiro jogo dos Panthers, especialmente sobre seu novo quarterback, que jogara na NFL. O rosto bonito de Rick, em cores, ocupara quase meia página. O signor Bruncardo usara sua influência e prestígio, segundo Sam.

Entrar num estádio da NFL, ou mesmo da Big Ten, era sempre uma experiência de tensão e ansiedade. O nervosismo no vestiário antes do jogo era sempre tão intenso que os jogadores se apressavam em escapar assim que tinham permissão. Lá fora, envolvidos pelos

intermináveis degraus de arquibancadas e por milhares de torcedores, cercados pelas câmeras, microfones e animadoras de torcida, assediados pela multidão incontável que tinha acesso ao campo, os jogadores passavam os primeiros momentos se ajustando ao caos quase fora de controle.

Ao entrar no gramado do Stadio Lanfranchi, Rick não pôde deixar de rir por aquela última escala em sua carreira. Um estudante entrando em campo para um jogo sem a menor importância estaria mais nervoso.

Depois de uns poucos minutos de alongamento e calistenia, sob o comando de Alex Olivetto, Sam reuniu o ataque na linha de cinco jardas e começou a revisar as jogadas.

Ele e Rick haviam selecionado doze, que seriam usadas ao longo da partida, seis no chão e seis pelo ar. Os Bandits eram notoriamente fracos no secundário — não havia um único americano lá atrás — e no ano anterior o quarterback dos Panthers lançara por duzentas jardas.

Das seis jogadas de corrida com a bola, cinco eram com Sly. O único toque de Franco seria uma pegada no meio do campo, e mesmo assim depois que a vitória estivesse garantida. Embora adorasse bater de frente, Franco também gostava de carregar a bola, embora não conseguisse mantê-la por muito tempo. Todos os seis lançamentos seriam para Fabrizio.

Depois de uma hora de aquecimento, os dois times voltaram para os vestiários. Sam reuniu os Panthers para uma preleção comovente. Olivetto procurou animá-los com críticas veementes à cidade de Nápoles.

Rick não entendeu uma só palavra, mas os italianos compreenderam. Estavam prontos para a guerra.

O kicker dos Bandits era mais um jogador proveniente do futebol com o pé enorme. O chute de abertura atravessou a zona final. Ao se adiantar pelas primeiras jardas, Rick tentou recordar a última vez em que começara um jogo fora do banco de reservas. Fora em Toronto, há um século.

A arquibancada reservada ao time da casa estava lotada agora. Os torcedores sabiam fazer barulho. Sacudiam enormes faixas e gritavam em coro. Aquele som fazia com que os Panthers sentissem sede de sangue. Nino, em particular, parecia fora de si.

Os jogadores se reuniram e Rick gritou "Smash 26". Nino traduziu. Encaminharam-se para a linha. Numa formação em "I", com Franco quatro jardas atrás dele, como fullback, e Sly sete jardas mais ao fundo, Rick avaliou rapidamente a defesa e não viu nada que pudesse preocupá-lo. O smash era uma entrega da bola para o lado direito, com espaço suficiente para que o tailback tivesse bastante flexibilidade para compreender o bloqueio e encontrar uma brecha. Os

Bandits haviam alinhado ali cinco linemen e dois linebackers. Os glúteos de Nino estavam em pânico. Rick decidira havia muito que o melhor era um snap rápido, ainda mais no primeiro ataque. Ele gritou "down!" Uma pausa. Mãos por baixo do center, uma palmada firme, porque um movimento de leve poderia levar Nino a fazer um movimento ilegal, depois "Set". Uma pausa. E "Hut".

Por uma fração de segundo, tudo se mexeu, menos a bola. A linha disparou para frente, todos rosnando e grunhindo, enquanto Rick esperava. Quando finalmente pegou a bola, ele recuou, no intuito de criar uma margem de segurança, depois entregou a bola. Franco passou disparado em direção ao linebacker que planejava derrubar.

Sly pegou a bola, simulou que ia direto para a linha, depois se desviou para o lado por seis jardas, antes de sair pela lateral.

— Smash 27 — anunciou Rick.

Era a mesma jogada, só que para o lado esquerdo. Conquista de onze jardas. Os torcedores reagiram com assovios e gritos. Rick nunca ouvira tanto barulho vindo de apenas mil torcedores. Sly correu para a direita, depois para a esquerda, direita, esquerda e o ataque ultrapassou o meio do campo. Parou na linha de quarenta jardas dos Bandits. Com uma terceira para quatro, Rick decidiu lançar a bola para Fabrizio. Sly estava ofegando e precisava de um descanso.

— I flexionar em Z à direita, 64 arco para H — gritou Rick, no meio dos jogadores.

Nino fez a tradução. Um lançamento em curva para Fabrizio. Os linemen estavam agora suando, na maior felicidade. Levavam a bola para o coração da defesa, arremetendo com vigor. Depois de seis jogadas, Rick sentia-se quase entediado, ansioso por uma demonstração da capacidade de seu braço. Afinal, não estavam lhe pagando vinte mil dólares por nada.

Os Bandits tiveram um palpite certo e mandaram todos à frente, com exceção de dois jogadores, que permaneceram na retaguarda apenas como medida de segurança. Rick percebeu a manobra e pensou em mudar a jogada, mas não queria arriscar. Essas mudanças súbitas já eram bastante difíceis mesmo quando todos entendiam inglês. Ele recuou três passos, apressou o lançamento e disparou uma bola para o ponto em que Fabrizio deveria estar. A jogada foi perfeita, mas tinha muita velocidade. Fabrizio estendeu as mãos, mas a bola bateu em seu peito e subiu. Era uma interceptação fácil para os adversários.

Lá vamos nós de novo, pensou Rick, enquanto se encaminhava para a linha lateral. Seu primeiro lançamento na Itália era uma réplica exata do último em Cleveland.

A multidão estava silenciosa. Os Bandits comemoravam. Fabrizio foi para o banco, mancando e ofegando.

— Forte demais — disse Sam, não deixando dúvida sobre de quem

era a culpa.

Rick removeu o capacete e agachou na beira do campo. O quarterback do Nápoles, um garoto pequeno que viera de Bowling Green, no estado americano do Kentucky, completou os primeiros cinco passes e em menos de três minutos levou os Bandits à zona final.

Fabrizio permaneceu no banco, de cara amarrada, esfregando as costelas, como se estivessem fraturadas. O wide receiver reserva era um bombeiro chamado Cláudio, que pegara apenas metade dos lançamentos de Rick no aquecimento antes do jogo e ainda menos nos treinos. A segunda ofensiva dos Panthers começou na linha de 21 jardas.

Dois passes para Sly proporcionaram um banho de quinze jardas. Era bom observá-lo da segurança da parte de trás do campo. Ele era rápido e dava cortes maravilhosos.

— Quando eu pego a bola? — perguntou Franco durante o huddle.

Segunda para quatro, pensou Rick; por que não?

— Vai pegar agora — disse Rick. — Disparo de 32.

— Disparo de trinta e dois? — indagou Nino, incrédulo.

Franco xingou-o em italiano e Nino respondeu da mesma forma. Quando a reunião se dispersou, metade da linha de ataque resmungava por algum motivo.

Franco levou a bola num disparo rápido para a direita. Não a largou. Em vez disso, demonstrou uma extraordinária capacidade de permanecer de pé. Um adversário jogou-se em cima dele, mas Franco conseguiu se desvencilhar. Um linebacker bateu em seus joelhos, mas o juiz continuou a correr. Um safety aproximou-se e Franco estendeu o braço para desviá-lo, num movimento que teria impressionado o grande Franco Harris. Ele continuou a correr, deixando uma esteira de corpos. Um cornerback atacou-o como um touro e finalmente foi atingido por um mergulho nos tornozelos e derrubado. Uma conquista de 24 jardas. Enquanto voltava para o huddle, Franco disse alguma coisa a Nino, que obviamente assumiu todo o crédito pela jogada, que só tivera êxito por causa do bloqueio.

Fabrizio correu para o huddle, numa de suas famosas recuperações rápidas. Rick decidiu usá-lo imediatamente. Optou por uma jogada: lançaria para frente, para onde Fabrizio correria. No início do lance, toda a defesa partiu para cima de Sly. Um safety tentou o bloqueio, mas Fabrizio passou por ele com facilidade. O lançamento foi longo, suave e alto. Quando pegou a bola, correndo na linha de quinze jardas, Fabrizio estava sozinho.

Mais fogos de artifício. Mais gritos em coro. Rick foi tomar água, saboreando a reação da torcida. Era seu primeiro lançamento para um touchdown em quatro anos.

Era uma sensação incrível, independentemente do lugar em que se

encontrava.

Até o intervalo, ele já conseguira mais dois touchdowns. Os Panthers venciam por 28 a 14. No vestiário, Sam reclamou das penalidades — o ataque tivera quatro — e da cobertura por zona, que permitira 180 jardas de avanço do adversário. Alex Olivetto reclamou da linha defensiva porque não efetuara nem um único sack, a derrubada do quarterback adversário antes do lançamento. Houve muitos gritos e acusações. Rick queria apenas que todos relaxassem.

Uma derrota para Nápoles arruinaria a temporada. Com apenas oito jogos no turno e com o Bergamo preparado para disparar na tabela, não havia margem para um dia ruim.

Os Bandits empataram o jogo, faltando quatro minutos para terminar o terceiro quarto. O nervosismo do Parma assumiu uma intensidade que Rick não presenciava havia anos. Ele dizia a todos "Relaxe, apenas relaxe", mas tinha certeza de que ninguém o entendia. Os jogadores olhavam ansiosos para ele, seu novo e eficiente quarterback.

Depois de três quartos, era evidente para Sam e Rick que precisavam de mais diversidade nas jogadas. A defesa se concentrava em Sly a cada snap e aumentava a cobertura sobre Fabrizio. Sam estava perdendo a batalha para o jovem treinador do Nápoles, um ex-assistente do time universitário da Ball State. Mas o ataque do Parma estava prestes a descobrir uma nova arma. Numa terceira para quatro, Rick recuou para o lançamento, mas percebeu que o lado esquerdo avançava para ele num ataque surpresa.

Não havia ninguém para bloquear. Ele simulou um lançamento e o cornerback se desviou. Deixou cair a bola e pelos três segundos seguintes, uma eternidade, fez um esforço desesperado para recuperá-la. Quando conseguiu pegá-la, não tinha outra opção que não correr. E foi o que fez, como nos velhos tempos na Davenport South High School. Contornou a massa de jogadores em que os linebackers se concentravam. Tinha de se livrar agora da linha secundária. A multidão explodiu na torcida, enquanto Rick Dockery disparava pelo campo adversário. Ele esquivou-se de um cornerback, passou pelo center, como Gale Sayers no filme antigo, um ás a caminho do triunfo. A última pessoa de quem esperava ajuda era Fabrizio, mas o garoto não o deixou na mão. Conseguiu retardar o safety do lado fraco, apenas pelo tempo suficiente para que Rick passasse em disparada, por todo o caminho até a terra prometida. Depois que passou pela linha do gol, ele jogou a bola para o auxiliar de arbitragem. Não pôde deixar de rir de si mesmo. Acabara de correr por 72 jardas para um touchdown, o mais longo de sua carreira. Nem mesmo no ensino médio conseguira marcar de tão longe.

No banco, ele foi agarrado e abraçado pelos companheiros de time,

recebendo elogios de todos os tipos, poucos dos quais entendeu. Sly, com um sorriso largo, comentou: — Levou uma eternidade.

Cinco minutos depois, o quarterback corredor parecia pronto para repetir o feito. Subitamente ansioso em demonstrar sua capacidade, ele se afastou do bolo de jogadores, como se fosse disparar de novo. Toda a linha secundária do adversário se deslocou para dar cobertura. No último instante, a meio metro da linha de scrimmage, Rick lançou a bola por trinta jardas até Fabrizio, que correu sem dificuldade para a zona final.

Jogo liquidado. Trey Colby ainda interceptou dois lançamentos no final do último quarto. Os Panthers venceram por 48 a 28.

Eles se reuniram no Polipo para toda a cerveja e pizza que quisessem, a despesa paga pelo signor Bruncardo. Foi uma longa noite, com muito porre, cantos e piadas obscenas. Os americanos — Rick, Sly, Trey e Sam — sentaram numa extremidade da mesa comprida. Riram dos italianos até as gargalhadas se tornarem dolorosas.

A uma hora da madrugada, Rick mandou um e-mail para os pais: Mamãe e papai: Tivemos nosso primeiro jogo hoje, vencemos o Nápoles (Bandits) por três touchdowns. Dezoito para vinte e dois. 310 jardas. Quatro touchdowns, uma interceptação; também corri 98 jardas, um touchdown; lembrei dos velhos tempos do ensino médio. Estou me divertindo. Com amor, Rick Mandou outro e-mail para Arnie: Invicto aqui em Parma; primeiro jogo, cinco touchdowns, quatro pelo ar, um por terra. Um verdadeiro garanhão. Não, não jogarei na segunda divisão, em nenhuma circunstância.

Já falou com o Tampa Bay?

Capítulo 13

O palazzo de Bruncardo era um imponente edifício do século XVIII na Viale Mariotti, dando para o rio, a alguns quarteirões do Duomo. Rick fez o percurso a pé, em dez minutos. Deixara o Fiat numa vaga excelente, numa rua transversal, e relutava em abandoná-la.

Era o final da tarde de domingo, o dia seguinte à grande vitória sobre os Bandits. Embora não tivesse planos para a noite, Rick com certeza não queria realizar o que estava prestes a fazer. Enquanto subia e descia pela Viale Mariotti, tentando analisar o palazzo sem parecer estúpido e procurando desesperado pela porta da frente, ele se perguntou mais uma vez como fora pressionado para aquela situação.

Sam... Sam aplicara toda a pressão, com a ajuda de Franco.

Ele finalmente encontrou a campainha. Um velho mordomo abriu a porta, sem sorrir, e permitiu, relutante, sua entrada. O mordomo, vestindo uma casaca preta, avaliou rapidamente se Rick estava vestido da maneira apropriada e deu a impressão de que não aprovava. Rick achava que se vestira de forma condizente. Blazer azul-marinho, calça escura, meias de verdade, mocassins pretos, camisa branca e gravata, tudo comprado numa das lojas que Sam sugerira. Quase se sentia como um italiano. Seguiu o bode velho por um vasto corredor, com afrescos no teto e um reluzente chão de mármore. Pararam numa sala comprida. A signora Bruncardo adiantou-se para recebê-lo.

Falava um inglês arrastado. Seu nome era Silvia. Era atraente, bastante maquilada, muito esguia, o que estava acentuado por um vestido preto cintilante, tão justo quanto uma segunda pele. Tinha cerca de 45 anos, vinte anos mais moça do que o marido, Rodolfo Bruncardo, que logo apareceu e trocou um aperto de mãos com seu quarterback.

Rick teve a impressão imediata de que ele mantinha a mulher sob rédea curta. E com bons motivos. Sua aparência era especial. A qualquer momento, em qualquer lugar.

Com um forte sotaque, Rodolfo disse que lamentava não ter podido se encontrar com Rick antes. Mas os negócios haviam-no mantido fora da cidade, compromissos inadiáveis.

Era um homem muito ocupado, com inúmeras atividades. Silvia observava tudo com seus enormes olhos castanhos, que atraíam a atenção com muita facilidade. Felizmente, Sam apareceu com Anna e

a conversa tornou-se mais fácil. Falaram sobre a vitória no dia anterior, e ainda mais sobre a reportagem na seção de esportes no jornal de domingo. Rick Dockery, o astro da NFL, levava os Panthers a uma vitória espetacular no jogo de abertura da temporada, em casa. Uma foto colorida mostrava Rick cruzando a linha do gol, em seu primeiro touchdown de corrida nos últimos dez anos.

Rick disse todas as coisas certas. Adorava Parma. O apartamento e o carro eram maravilhosos. O time era sensacional. Mal podia esperar para conquistar o Super Bowl.

Franco e Antonella entraram na sala. Houve o ritual de cumprimentos e abraços. Um garçom serviu Prosecco gelado.

Era uma pequena reunião: os Bruncardo, Sam e Anna, Franco e Antonella e Rick. Depois de drinques e aperitivos, eles partiram a pé, as mulheres de longo, saltos altos e casacos de pele, os homens de terno escuro, todos falando italiano ao mesmo tempo. Rick estava furioso, amaldiçoando Sam, Franco e o velho Bruncardo pelo absurdo da noite.

Encontrara um livro em inglês sobre a região da Emilia-Romagna. A maior parte era sobre comida e vinho, mas também havia uma seção generosa sobre ópera. Fora uma lenta leitura.

O Teatro Régio fora construído no início do século XIX por uma das ex-esposas de Napoleão, Maria Luísa, que preferia a vida em Parma porque a mantinha distante -do imperador. Havia cinco níveis de camarotes particulares acima da plateia, a orquestra e o enorme palco. Os parmesãos consideravam-no o melhor teatro de ópera do mundo, e também consideram que a ópera era seu direito hereditário. São ouvintes atentos e críticos rigorosos; um cantor que sai de lá com aplausos está preparado para enfrentar o mundo. Um desempenho falho ou uma nota errada muitas vezes levam a uma desaprovação ruidosa.

O camarote dos Bruncardo ficava no segundo nível, à esquerda do palco, lugares excelentes. Depois que o grupo se acomodou, Rick ficou impressionado com a pompa do interior do teatro e a solenidade da noite. A multidão bem vestida lá embaixo fervilhava em nervosa expectativa. Alguém acenou. Era Karl Korberg, o enorme dinamarquês e professor universitário que tentava se tornar um tackle. Perdera nada menos do que cinco bloqueios fáceis contra os Bandits. Karl usava um elegante smoking; a esposa, italiana, estava esplêndida. Lá de cima, Rick não podia deixar de admirar as mulheres.

Sam permaneceu ao lado de Rick, ansioso em ajudar o estreante em seu primeiro contato com os mistérios da ópera.

— Essas pessoas são loucas por ópera — sussurrou ele. — Fanáticas.

— E você? — indagou Rick, também em voz baixa.

— Este é o lugar para se estar. Acredite ou não, a ópera por aqui é mais popular do que o futebol tradicional.

— E mais popular do que os Panthers?

Sam riu. Acenou com a cabeça para uma morena espetacular que passou por baixo deles.

— Quanto tempo demora? — perguntou Rick, olhando embasbacado para a mulher.

— Algumas horas.

— Não podemos sair no intervalo para jantar?

— Sinto muito, mas não é possível. E o jantar depois será magnífico.

— Não tenho a menor dúvida quanto a isso.

O signor Bruncardo lhe estendeu um programa.

— Encontrei este em inglês — disse ele.

— Obrigado.

— Talvez seja interessante dar uma olhada — sugeriu Sam. — A ópera é às vezes difícil de acompanhar, pelo menos no que se refere ao enredo.

— Sempre pensei que fosse apenas um bando de pessoas gordas cantando a plenos pulmões.

— Quantas óperas você assistiu em Iowa?

As luzes diminuíram um pouco e a multidão se aquietou. Anna e Rick ficaram com as duas pequenas cadeiras de veludo na frente do camarote, enquanto os outros se espremiavam por trás. Ali, na beirada, tinham uma vista perfeita do palco. Anna pegou uma lanterna de bolso e iluminou o programa de Rick, informando baixinho: — É uma apresentação de Otello, uma ópera muito famosa, composta por Giuseppe Verdi, que nasceu aqui perto, em Busseto.

— Ele está presente?

— Não. — Anna sorriu. — Verdi morreu há cem anos. Quando vivo, era o maior compositor do mundo. Costuma ler Shakespeare?

— Claro.

— Ainda bem.

As luzes se tornaram ainda mais fracas. Anna folheou o programa e apontou a lanterna para a página 4.

— Este é o resumo da história. Dê uma olhada rápida. A ópera é cantada em italiano, como não podia deixar de ser, e talvez seja um pouco difícil entender a história.

Rick pegou a lanterna, olhou para o relógio e fez o que ela sugeriu. Enquanto lia, todos na multidão, antes ruidosos na expectativa, trataram de ocupar seus lugares.

Quando o teatro ficou escuro, o maestro apareceu. Recebeu uma estrondosa ovação. Os músicos da orquestra ficaram imóveis por um instante e depois começaram a tocar.

A cortina subiu devagar, diante do público imóvel e silencioso. O palco era ornamentado com o maior requinte. O cenário era a ilha de Chipre. Uma multidão esperava por um navio. Trazia Otello, o governador, que estivera ausente, em combates vitoriosos em algum lugar. O personagem principal apareceu no palco, cantando alguma coisa que soava como "Celebrar, celebrar". Toda a cidade o acompanhou em coro.

Rick leu depressa o programa, ao mesmo tempo que fazia um esforço para não perder nada do espetáculo. Os trajes eram refinados; a maquiagem espessa e dramática; as vozes sensacionais. Ele tentou se lembrar da última vez em que fora ao teatro. Tivera uma namorada na Davenport South que participara da apresentação teatral no último ano, há uma década. Fazia muito tempo.

A jovem esposa de Otello, Desdêmona, apareceu na terceira cena. O espetáculo tomou um rumo diferente. Desdêmona era linda... cabelos escuros compridos, feições perfeitas, olhos castanhos profundos, que Rick podia ver com nitidez, mesmo a 25 metros de distância. Era pequena e esguia, e, por sorte, seu traje era justo, revelando as curvas maravilhosas.

Ele examinou o programa e descobriu o nome da moça: Gabriella Ballini, soprano.

Não era de surpreender que Desdêmona logo atraísse a atenção de outro homem, Roderigo. Começaram as mais diversas maquinações e punhaladas pelas costas. Quase no final do primeiro ato, Otello e Desdêmona cantaram um dueto, bastante romântico. Pareceu ótimo para Rick e as pessoas no camarote de Bruncardo, mas outros pareciam contrariados. No quinto nível, o balcão simples, os lugares mais baratos, vários espectadores começaram a vaiar.

Rick já fora vaiado muitas vezes, em muitos lugares; fora fácil ignorar as vaias, sem dúvida com a ajuda da magnitude do estádio. Uns poucos milhares de torcedores vaiando era parte do jogo. Mas ali, num teatro lotado, com apenas uns poucos milhares de lugares, cinco ou seis pessoas vaiando com intensidade soavam como uma centena.

Que cruel! Rick ficou chocado. Enquanto a cortina baixava sobre o primeiro ato, ele observou Desdêmona parada no meio do palco, a cabeça erguida, estoica, como se estivesse surda.

— Por que vaiaram? — sussurrou ele para Anna, quando as luzes acenderam.

— As pessoas aqui são muito críticas. Ela teve algumas dificuldades.

— É mesmo? Achei que estava ótima.

E também tinha uma aparência ótima. Como podiam vaiar uma mulher tão linda?

— Acham que ela errou algumas notas. São uns porcos. Vamos

embora.

Eles se levantaram, junto com o resto da plateia, para esticar as pernas.

— Está gostando até agora? — perguntou Anna.

— E muito.

Rick era sincero. A produção era extraordinária. E ele nunca ouvira vozes assim. Mas sentia-se aturdido com as vaías das pessoas no último nível. Anna explicou: — Há apenas cerca de cem cadeiras disponíveis para o público em geral. Ficam lá em cima — ela acenou para o alto. — Os aficionados que sentam ali são muito exigentes. Consideram a ópera com muita seriedade e são rápidos em demonstrar seu entusiasmo, mas também seu desagrado. Essa Desdêmona foi uma escolha controversa e ela não conseguiu conquistar todo o público.

Saíram do camarote para tomar um Prosecco e cumprimentar pessoas que Rick nunca mais veria. O primeiro ato durara cerca de quarenta minutos, o intervalo prolongou-se por mais vinte. Rick começou a especular que o jantar sairia muito tarde.

No ato seguinte, Otello começou a desconfiar que a esposa o enganava com um homem chamado Cássio, o que causou grandes conflitos, apresentados em canções espetaculares.

Os sujeitos malvados convenceram Otello de que Desdêmona era infiel. Otello, com um temperamento voluntarioso, jurou que mataria a esposa.

Cortina, mais vinte minutos de intervalo entreatos. Será que vai demorar quatro horas?, especulou Rick. Mas também ele sentia-se ansioso em admirar Desdêmona mais um pouco. E se houvesse mais vaías, ele podia muito bem subir até o quinto nível para esmurrar alguém.

No terceiro ato, ela apareceu em várias cenas, sem provocar mais vaías. O enredo se desenrolava em várias direções. Otello continuava a dar ouvidos aos maus e se tornou mais e mais convencido de que deveria matar sua linda esposa. Depois de nove ou dez cenas, o ato terminou e era hora de outro recesso.

O quarto ato transcorria nos aposentos de Desdêmona. O marido a assassinava, para depois descobrir que ela fora fiel durante todo o tempo. Transtornado, fora de si, mas ainda capaz de cantar de uma maneira excepcional, Otello pegou uma adaga e cravou no próprio peito. Caiu sobre o cadáver da esposa, beijou-a três vezes e depois morreu da maneira mais dramática. Rick conseguiu entender a maior parte, mas seus olhos raramente se desviaram de Gabriella Ballini.

Quatro horas depois de entrar no camarote, Rick levantou-se juntamente com o resto do público e aplaudiu com educação. Quando Desdêmona apareceu, as vaías voltaram, com a maior fúria, o que provocou reações irritadas de muitas pessoas na plateia e nos

camarotes particulares. Punhos foram erguidos, gestos feitos, a multidão se voltava contra os aficionados desgostosos do balcão. E eles vaiaram ainda mais. A pobre Gabriella Ballini foi obrigada a fazer uma reverência, com um sorriso angustiado, como se nada estivesse ouvindo.

Rick admirou sua coragem e adorou sua beleza.

E ele pensava que os torcedores do Filadélfia eram exigentes...

A sala de jantar do palazzo era maior do que todo o apartamento de Rick. Meia dúzia de outros amigos apareceu para o jantar pós-apresentação. Todos ainda estavam impressionados com Otello. Fizeram comentários excitados, falando ao mesmo tempo, num italiano rápido. Até mesmo Sam, o único outro americano presente, demonstrava a maior animação.

Rick tentou sorrir e se comportar como se experimentasse a mesma carga emocional que os nativos. Um empregado gentil não parava de encher seu copo. Antes de o primeiro prato terminar, ele já estava tonto. Pensava em Gabriella, a linda soprano, que não fora apreciada.

Ela devia estar arrasada, desesperada, suicida. Cantar com tanta perfeição e emoção sem ser apreciada. Ele bem que merecia todas as vaías que recebera, mas não era o caso de Gabriella.

Haveria mais duas apresentações e depois a temporada terminaria. Rick, dominado pelo vinho e absorvido na lembrança da soprano, achou que isso era inconcebível.

Arrumaria um ingresso de alguma maneira e assistiria à outra apresentação de Otello.

Capítulo 14

O treino de segunda-feira foi um esforço meio desanimado de assistir à gravação do jogo, enquanto todos tomavam cerveja. Sam passou o filme, resmungando e protestando, mas ninguém estava com disposição para discutir o jogo a sério. O adversário seguinte, os Rhinos de Milão, fora derrotado no dia anterior, com alguma facilidade, pelos Gladiators de Roma, um time que quase nunca disputava o Super Bowl. Por isso, ao contrário do que o treinador Russo queria, a disposição era para uma semana fácil, com a certeza de uma vitória fácil. Ou seja, o desastre assomava. As nove e meia, Sam mandou todo mundo para casa.

Rick estacionou longe do apartamento. Seguiu a pé pelo centro da cidade até uma trattoria chamada Il Tribunale, próxima da Strada Farini e perto do tribunal para onde a polícia gostava de levá-lo. Pietro esperava, com sua nova esposa, Ivana, que estava no final da gravidez.

Os jogadores italianos haviam rapidamente adotado seus companheiros americanos. Sly comentara que isso acontecia todos os anos. Sentiam-se honrados por terem profissionais de verdade jogando em seu time e queriam demonstrar que Parma era uma cidade hospitaleira. Comida e vinho eram as chaves para a cidade. Um a um, os Panthers convidavam os americanos para jantar. Em alguns casos, eram refeições longas, em belos apartamentos, como acontecera com Franco. Em outros, eram festas de família, com a presença de pais, tios e tias. Silvio, um jovem rústico com um temperamento violento, que jogava como linebacker e muitas vezes usava os punhos quando derrubava um adversário, morava numa fazenda a dez quilômetros da cidade. Seu jantar, numa noite de sexta-feira, nas ruínas reformadas de um velho castelo, durou quatro horas, incluiu 21 parentes, nenhum dos quais falava qualquer palavra de inglês, e terminou com Rick esparramado, são e salvo, no catre num sótão frio. Fora acordado pelo canto de um galo.

Mais tarde, ele soubera que Sly e Trey haviam pegado carona com um tio bêbado, que não conseguira encontrar Parma.

Aquele era o jantar de Pietro. Ele explicara que o casal esperava um apartamento maior e mais novo, e que o atual não era apropriado para receber ninguém. Pediu desculpa, mas disse que gostava muito do Il Tribunale, seu restaurante predileto em Parma. Trabalhava numa

empresa que vendia fertilizantes e sementes e seu diretor queria expandir os negócios para a Alemanha e a França. Por isso, ele estudava inglês com entusiasmo e praticava com Rick todos os dias.

Ivana não estava estudando inglês, nunca estudara e não demonstrava o menor interesse em aprender. Era um tanto feia e gorducha, mas também esperava um bebê. Sorria muito e sussurrava para o marido quando era necessário.

Depois de dez minutos, Sly e Trey apareceram. Receberam alguns dos costumeiros olhares de outros clientes. Ainda era algo excepcional ver negros em Parma. Acomodaram-se ao redor da pequena mesa e ouviram Pietro praticar seu inglês. Uma grossa fatia de parmigiano foi servida, só para mastigarem enquanto decidiam o que comer. As travessas de antipasti vieram para a mesa. Pediram lasanha, ravióli recheado com ervas e abóbora, ravióli ao molho branco, fettuccini com cogumelos, fettuccini com molho de coelho e anolini.

Depois de um copo de vinho tinto, Rick correu os olhos pelo pequeno restaurante. Concentrou-se numa linda jovem, sentada a uma mesa a aproximadamente seis metros de distância. Estava acompanhada por um jovem bem vestido e pareciam travar uma discussão nada agradável. Como a maioria das italianas, era morena, embora não houvesse escassez de loiras no Norte da Itália, como Sly explicara várias vezes. Os olhos escuros eram lindos, não irradiavam malícia, mas, naquele momento, tampouco pareciam felizes. Ela era pequena, esguia, elegante e...

— O que você está olhando? — perguntou Sly.

— Aquela mulher ali — respondeu Rick, antes de conseguir se controlar.

Todos os cinco à mesa se viraram para olhar, mas a jovem nem percebeu. Estava absorvida na conversa perturbadora com o homem.

— Já a vi antes — acrescentou Rick.

— Onde? — perguntou Trey.

— Na ópera, ontem à noite.

— Você foi à ópera? — Sly estava pronto para atacar.

— Claro que fui. E não vi você lá.

— Você esteve na ópera? — indagou Pietro, com evidente admiração.

— Isso mesmo. Otello. Foi espetacular. E aquela jovem ali representou o papel de Desdêmona. O nome dela é Gabriella Ballini.

Ivana compreendeu o suficiente para lançar um segundo olhar. Depois, falou para o marido, que fez uma tradução rápida: — É mesmo ela.

Pietro estava orgulhoso de seu quarterback.

— Ela é famosa? — perguntou Rick.

— Não muito — respondeu Pietro. — E uma boa soprano, mas

nada demais.

Ele relatou o que dissera para a esposa, que fez alguns comentários. Pietro traduziu: — Ivana disse que ela está passando por momentos difíceis.

Pequenas saladas com tomates foram servidas. A conversa voltou ao futebol americano e a jogar nos Estados Unidos. Rick conseguiu contribuir com alguns comentários, ao mesmo tempo que se mantinha atento a Gabriella. Não viu nenhuma aliança de casamento ou anel de noivado. Ela parecia não estar gostando da companhia ao jantar, mas deviam se conhecer havia bastante tempo, pois a conversa era séria. Não se tocaram em nenhum momento... ao contrário, o clima entre os dois era frio.

No meio de um monstruoso prato de fettuccini com cogumelos, Rick viu uma lágrima sair do olho esquerdo de Gabriella e escorrer pelo rosto. O companheiro não a limpou para ela, dava a impressão de que não se importava. A jovem mal tocara na comida.

Pobre Gabriella... Sem dúvida, estava passando por um momento terrível. Na noite de domingo, fora vaiada por animais no Teatro Régio, e naquela noite estava tendo uma discussão com seu homem.

Rick não conseguia mais desviar os olhos.

Ele estava aprendendo. As melhores vagas para estacionar surgiam entre cinco e sete horas da noite, quando as pessoas que trabalhavam no centro da cidade voltavam para casa. Rick circulava pelas ruas no início da noite com frequência, à espera de uma boa vaga. O estacionamento era um esporte difícil, e ele já se sentia disposto a comprar ou alugar uma motoneta.

Depois de dez horas da noite, era quase impossível encontrar uma vaga em algum lugar nas proximidades de seu apartamento. Não era raro ter de estacionar a dez quarteirões de distância.

Embora o reboque fosse incomum, acontecia de vez em quando. O juiz Franco e o signor Bruncardo poderiam usar sua influência, mas Rick preferia evitar o problema. Depois do treino na segunda-feira, ele fora obrigado a parar ao norte do centro, a cerca de quinze minutos de seu apartamento.

E estacionara numa área reservada para veículos de carga. Depois do jantar no Il Tribunale, ele voltou apressado para o Fiat, que encontrou intacto, sem nenhum sinal de que o reboque houvesse passado por ali. Iniciou a frustrante tarefa de encontrar uma vaga mais perto do apartamento.

Já era quase meia-noite quando ele atravessou a Piazza Garibaldi e passou a procurar uma brecha qualquer entre dois carros. Nada. A massa começava a assentar, assim como o vinho. Uma longa noite de sono não estava muito distante. Ele circulava de um lado para outro pelas ruas estreitas, todas com carros pequenos estacionados de um

lado a outro, os para-choques quase encostados. Perto da Piazza Santaflora, encontrou uma viela antiga em que nunca havia reparado antes. Havia uma vaga à sua direita bastante apertada, mas por que não? Ele emparelhou com o carro estacionado na frente e notou um casal de pedestres que descia apressado pela calçada.

Engrenou a ré, soltou a embreagem, virou o volante para a direita e deu um solavanco para a vaga. Bateu no meio-fio com a roda traseira. Errara em muito e teria de começar de novo. Viu faróis se aproximando, mas não se preocupou. Os italianos, especialmente os que moravam no centro, eram muito pacientes. Estacionar era um problema para todos.

Ao sair de volta para o meio da rua, Rick teve a súbita ideia de seguir adiante. A vaga era bastante apertada e podia exigir muito tempo e esforço. Tentaria mais uma vez. Engrenou e se preparou, tentando ignorar os faróis, agora logo atrás. De alguma forma, deixou o pé escapular da embreagem. O carro deu um solavanco e morreu.

O outro motorista tocou a buzina nesse momento, uma buzina alta e estridente, sob o capô de um reluzente BMW grená. Um carro de um sujeito enfezado. Um sujeito com pressa. Um sujeito arrogante que não tinha medo de se esconder por trás de portas trancadas e buzinar para alguém em dificuldades. Rick ficou paralisado. Por uma fração de segundo, pensou novamente em procurar uma vaga em outra rua. Depois, teve um estalo. Abriu a porta do Fiat, ergueu o dedo médio para o BMW e avançou na direção do motorista. A buzina continuou a tocar. Rick foi até a janela do motorista, gritando para que o homem saísse. A buzina continuou a tocar. Ao volante, estava um babaca na casa dos quarenta anos, de terno escuro, com um sobretudo de couro e luvas também de couro escuro, próprias para dirigir. Não olhou para Rick. Em vez disso, continuou a apertar a buzina, olhando fixo para frente.

— Saia do carro! — berrou Rick.

A buzina continuou a tocar. Havia agora outro carro atrás do BMW e mais um se aproximava. Não havia como contornar o Fiat, cujo motorista não estava disposto a liberar a rua.

— Saia do carro! — berrou Rick novamente.

Ele pensou no juiz Franco. Que Deus o abençoasse. O carro atrás do BMW começou a buzinar também. Rick tornou a levantar o dedo médio, em sua direção.

Como exatamente aquilo ia terminar?

Era uma mulher quem dirigia o segundo carro. Baixou a janela e gritou alguma coisa desagradável. Rick gritou em resposta. Mais buzinas, mais gritos, mais carros se aproximando numa rua que era toda silêncio um minuto antes.

Rick ouviu uma porta de carro bater. Virou-se para observar uma

jovem ligar seu Fiat, engrenar a ré e entrar na vaga com perfeição. Uma coisa fácil, sem solavancos, sem batidas, sem segunda ou terceira tentativa. Parecia fisicamente impossível. O Fiat parou na vaga, a trinta centímetros do carro da frente, a mesma distância para o carro de trás.

O BMW passou com o motor rugindo, assim como os outros carros. Depois da passagem, a porta do Fiat foi aberta e a jovem saltou — sapatos de saltos altos, pernas muito bonitas — e começou a se afastar a pé. Rick observou-a por um momento, o coração ainda batendo forte pelo confronto, o sangue pulsando, os punhos cerrados.

— Ei! — gritou Rick.

Ela não parou, não hesitou.

— Ei! Obrigado!

A jovem continuou a andar, desaparecendo na noite. Rick continuava a observá-la, imóvel, hipnotizado pelo milagre. Havia alguma coisa familiar naquele corpo, a elegância, os cabelos... e, de repente, lhe ocorreu.

— Gabriella! — gritou ele.

O que tinha a perder? Se não fosse ela, não pararia, não é mesmo?

Mas a jovem parou.

Rick avançou em sua direção e encontraram-se sob a luz de um poste. Ele não sabia o que dizer e por isso pensou em murmurar qualquer besteira, como "grazie". Mas ela perguntou:

— Quem é você?

Em inglês. Um inglês perfeito.

— Meu nome é Rick. Sou americano. Obrigado por... ahn... aquilo.

Ele apontou na direção do Fiat, envergonhado. Os olhos de Gabriella eram grandes, suaves e ainda tristes.

— Como sabe meu nome? — indagou ela.

— Eu a vi no palco ontem à noite. Você estava magnífica.

Um momento de surpresa, depois um sorriso. O sorriso foi o fator decisivo... dentes perfeitos, covinhas, os olhos faiscando.

— Obrigada.

Mas Rick teve a impressão de que ela não sorria com frequência.

— Seja como for, eu só queria... ahn... dar um olá.

— Olá.

— Mora aqui perto?

— Isso mesmo.

— Tem tempo para um drinque? Outro sorriso.

— Claro.

O bar pertencia a um homem do País de Gales e atraía britânicos que se aventuravam em Parma. Por sorte, era segunda-feira e não havia muito movimento. Sentaram a uma mesa perto da janela da frente. Rick pediu uma cerveja e Gabriella, um Campari com gelo, um

drinque do qual ele nunca ouvira falar.

— Seu inglês é lindo — comentou Rick.

Naquele momento, tudo nela era lindo.

— Morei em Londres durante seis anos, depois da universidade.

Rick calculou que ela tivesse cerca de 25 anos, mas talvez estivesse próxima dos trinta.

— O que fazia em Londres?

— Estudei no College of Music, depois trabalhei com a Royal Opera.

— Você é de Parma?

— Não. Florença. E de onde veio, senhor...

— Dockery. É um nome irlandês.

— É de Parma?

Os dois riram para aliviar um pouco a tensão.

— Não. Fui criado em Iowa, no Meio-Oeste. Já estive nos Estados Unidos?

— Duas vezes, em excursões. Conheci a maioria das grandes cidades.

— Eu também. Numa excursão pessoal.

Rick escolhera deliberadamente uma mesa pequena e redonda. Sentavam bem próximos, as bebidas diante deles, os joelhos não muito distantes, ambos fazendo um esforço para parecerem relaxados.

— Que tipo de excursão?

— Jogo futebol americano profissional. Minha carreira não ia muito bem e por isso decidi passar esta temporada em Parma, jogando pelos Panthers.

Rick tinha o pressentimento de que a carreira dela também não ia muito bem e por isso sentia-se à vontade com uma honestidade absoluta. Os olhos de Gabriella encorajavam a honestidade.

— Os Panthers?

— Isso mesmo. Há uma liga de futebol americano profissional aqui na Itália. Poucas pessoas sabem disso. Os times são quase todos do Norte... Bolonha, Milão, Bergamo, algumas outras cidades.

— Nunca ouvi falar.

— O futebol americano não é muito popular por aqui. Como sabe, este é o país do futebol tradicional, o que nós chamamos de soccer.

— Ah, sim... — Ela parecia ainda menos entusiasmada com o futebol tão apreciado pelos italianos. Tomou um gole do líquido vermelho em seu copo. — Há quanto tempo está aqui?

— Três semanas. E você?

— Desde dezembro. A temporada termina dentro de uma semana e voltarei para Florença.

Ela desviou os olhos, triste, como se Florença não fosse o lugar em que gostaria de estar. Rick tomou um gole da cerveja. Olhou

indiferente para um velho jogo de dardos na parede.

— Eu a vi no jantar esta noite, no Il Tribunale. Estava com alguém. Um sorriso rápido e falso.

— Era Carletto, meu namorado.

Outra pausa. Rick resolveu não insistir no assunto. Se ela quisesse falar a respeito, deveria tomar a iniciativa.

— Ele também mora em Florença — explicou Gabriella. — Estamos juntos há sete anos.

— É bastante tempo.

— É sim. Você tem alguém?

— Não. Nunca tive uma namorada a sério. Muitas garotas, mas nada sério.

— Por que não?

— É difícil dizer. Eu gostava da vida de solteiro. É natural, quando se é um atleta profissional.

— Onde você aprendeu a dirigir? — perguntou ela, abruptamente. Os dois riram.

— Nunca tive um carro com câmbio manual. Mas é evidente que você está acostumada.

— Dirigir é diferente aqui... e estacionar também.

— Você é magnífica em estacionar e cantar.

— Obrigada. — Um lindo sorriso, uma pausa, um gole do Campari. — É fã de ópera?

Sou agora, Rick quase disse.

— Ontem à noite foi a primeira a que assisti. Gostei muito, ainda mais quando você estava no palco, o que não aconteceu com frequência.

— Deve ir novamente.

— Quando?

— Temos uma apresentação na quarta-feira. E domingo será o último espetáculo de nossa temporada.

— Jogamos em Milão no domingo.

— Posso arrumar um ingresso para quarta-feira.

— Estarei lá.

O bar fechou às duas horas da madrugada. Rick ofereceu-se para acompanhá-la e ela aceitou sem hesitar. Sua suíte no hotel fora reservada pela companhia de ópera.

O hotel ficava perto do rio, a poucos quarteirões do Teatro Régio.

Despediram-se com um aceno de cabeça, um sorriso e a promessa de se encontrarem no dia seguinte.

Encontraram-se para almoçar. Comeram saladas e crepes, a conversa se prolongando por duas horas. A agenda de Gabriella não era muito diferente do esquema de Rick: uma longa noite de sono, café da manhã tarde, uma ou duas horas na academia, fazendo

exercícios, depois uma ou duas horas de trabalho. Quando não estava se apresentando, o elenco devia se reunir e ensaiar. O mesmo acontecia com o futebol americano. Rick ficou com a nítida impressão de que uma soprano com a carreira igualmente em crise ganhava mais do que um quarterback itinerante com a carreira em crise, mas não muito.

Carletto em nenhum momento foi mencionado.

Conversaram sobre carreiras. Ela começara a cantar quando ainda era adolescente, em Florença, onde a mãe ainda vivia. O pai havia morrido. Aos dezessete anos, começara a ganhar prêmios e a fazer testes para grandes companhias. A voz se desenvolvera cedo e Gabriella acalentara grandes sonhos. Esforçara-se ao máximo em Londres e ganhara um papel depois de outro. Mas depois a natureza interferira, a genética começou a se manifestar e ela se angustiava com a compreensão de que sua carreira — sua voz — alcançara o auge.

Rick fora vaiado tantas vezes que isso não o perturbava mais. Entretanto, uma pessoa ser vaiada num palco de ópera parecia uma crueldade excepcional. Ele queria uma explicação, mas não abordou o assunto. Em vez disso, fez perguntas sobre Otello. Se ia assistir de novo, na noite seguinte, queria compreender tudo. Otello foi dissecado por um longo tempo, enquanto o almoço continuava. Não havia pressa.

Depois do café, foram dar uma volta. Pararam numa barraca de gelato. Quando finalmente se despediram, Rick seguiu direto para a academia, onde malhou como um louco durante duas horas, sem pensar em outra coisa além de Gabriella.

Capítulo 15

Por causa de um jogo do pessoal do rúgbi, o treino na quarta-feira começou às seis horas da tarde. Foi muito pior que o treino de segunda-feira. Sob uma chuva leve e fria, os Panthers arrastaram-se por trinta minutos de calistenia e corridas, sem qualquer inspiração. Ao final, o campo estava encharcado demais para qualquer outra coisa. O time voltou apressado ao vestiário. Ali, Alex projetou o vídeo e o treinador Russo tentou uma conversa séria sobre os Rhinos de Milão, um time em crescimento que subira da segunda divisão no ano anterior. Só por esse motivo, os Panthers não tiveram problemas para descartá-los como um adversário digno de respeito.

Houve piadas, comentários desdenhosos e muitas risadas, enquanto Sam apresentava o filme. Finalmente, ele voltou a mostrar cenas do jogo contra o Nápoles. Começou com uma sequência de bloqueios falhos da linha ofensiva. Não demorou muito para que Nino estivesse discutindo com Franco. Paolo, o Aggie do Texas, sentiu-se ofendido com um comentário de Silvio, um linebacker, e o clima tornou-se carregado. Os comentários desdenhosos tornaram-se mais incisivos e mais disseminados no vestiário.

As discussões ficaram mais ríspidas. Alex, naquele momento cuidando dos italianos, fez críticas mordazes a quase todos que vestiam um uniforme preto.

Rick, sentado junto de seu armário, apreciou a sessão beligerante. Compreendia quais eram as intenções de Sam. O treinador queria incitar problemas, provocar conflitos no time,

despertar emoções. Muitas vezes um treino ruim ou uma sessão de vídeo desagradável podiam se tornar produtivos. O time estava muito complacente, com excesso de confiança.

Quando as luzes acenderam, Sam disse que todos podiam ir para casa. Houve poucas conversas enquanto tomavam um banho de chuveiro e trocavam de roupa. Rick deixou o estádio apressado e seguiu direto para o apartamento. Vestiu a sua melhor roupa italiana e às oito horas em ponto estava sentado na quinta fila da plateia, perto da orquestra, no Teatro Régio. Já conhecia Otello do avesso. Gabriella explicara tudo.

Ele suportou o primeiro ato, sem Desdêmona até a terceira cena, quando ela entrou no palco e começou a rastejar aos pés do marido, o louco Otello. Rick observava-a com uma atenção total. No momento

exato, enquanto Otello lamentava alguma coisa, Gabriella olhou para a quinta fila, para ter certeza de que ele estava mesmo ali.

Depois, começou a cantar, num dueto com Otello, até o final daquele ato.

Rick esperou por um segundo, talvez dois, e começou a aplaudir. Uma corpulenta signora à sua direita ficou surpresa, a princípio, depois lentamente ergueu as mãos e seguiu a sugestão de Rick. O marido também bateu palmas e os aplausos se espalharam. Os espectadores propensos às vaías foram impedidos de se manifestarem. Não demorou muito para que a multidão em massa decidisse que Desdêmona merecia mais do que recebera até agora. Encorajado, mas também sem se importar muito com os outros, Rick berrou um estrondoso "Bravo!". Um cavalheiro duas filas atrás, sem dúvida tão impressionado quanto Rick pela beleza de Desdêmona, fez a mesma coisa. Algumas poucas outras almas esclarecidas concordaram com a manifestação. Quando a cortina caiu, Gabriella, parada no centro do palco, mantinha os olhos fechados, mas os lábios se contraíam num sorriso perceptível.

À uma hora da madrugada, eles estavam novamente no bar do galês, tomando drinques, conversando sobre ópera e futebol americano. A apresentação final de Otello seria no domingo seguinte, quando os Panthers iriam a Milão para enfrentar os Rhinos. Ela queria assistir a um jogo e Rick convenceu-a a permanecer em Parma por mais uma semana.

Com Paolo, o Aggie, como guia, os três americanos pegaram o trem para Milão às dez e cinco da noite de sexta-feira, não muito depois do último treino da semana.

O resto dos Panthers foi para o festival semanal de pizza no Polipo.

O carrinho com as bebidas parou junto de seus assentos. Rick pagou quatro cervejas, a primeira rodada de muitas. Sly disse que bebia pouco, pois a esposa não aprovava, mas naquele momento ela estava em Denver, muito longe. E ficaria ainda mais distante à medida que a noite ia passando. Trey disse que preferia bourbon, mas podia muito bem tomar uma cerveja. Paolo parecia disposto a beber um barril inteiro.

Uma hora depois, alcançaram as luzes esparramadas da periferia de Milão. Paolo alegou que conhecia muito bem a cidade e parecia bastante animado com a perspectiva de um fim de semana ali.

O trem parou na vasta Milano Centrale, a maior estação ferroviária da Europa. Rick se sentira profundamente intimidado ao passar por ali quase um mês antes. Espremeram-se num táxi e foram para o hotel. Paolo cuidara de todos os detalhes. Haviam optado por um hotel razoável, não muito caro, numa parte da cidade conhecida por sua vida noturna. Não queriam saber de qualquer excursão cultural pelo

coração de Milão. Nem tinham o menor interesse por história ou arte. Sly em particular já vira uma quantidade mais do que suficiente de catedrais, batistérios e ruas com calçamento de pedras. Registraram-se no Hotel Johnny, na zona noroeste de Milão. Era um albergue dirigido por uma família, com um certo charme e acomodações pequenas. Quartos duplos, com Sly e Trey em um, Rick e Paolo no outro. As camas estreitas não ficavam muito separadas e Rick especulou, enquanto arrumava suas coisas, até que ponto a situação se tornaria aconchegante se os dois companheiros de quarto tivessem sorte com as mulheres.

A comida era uma prioridade, pelo menos para Paolo, embora os americanos preferissem comer um sanduíche às pressas. Ele escolheu um restaurante chamado Quattro Mori, por causa do peixe, alegando que precisava de uma folga da interminável sucessão de pratos de massa e carne em Parma. Comeram lúcio fresco do lago Garda e perca frita do lago Como; entretanto, a vencedora foi uma tença assada, recheada com miolo de pão, queijo parmesão e salsa. Paolo, é claro, preferia uma refeição mais demorada, com vinho, seguida por sobremesa e café. Os americanos estavam prontos para os bares.

O primeiro foi um estabelecimento conhecido como discopub, um autêntico pub irlandês, com uma longa happy hour que depois se transformava em uma movimentada danceteria.

Eles chegaram por volta das duas horas da madrugada. O pub vibrava com uma barulhenta banda punk britânica, centenas de homens e mulheres girando frenéticos ao ritmo da música. Tomaram algumas cervejas e abordaram algumas mulheres. A barreira da língua era um problema.

O segundo bar era mais caro, com um couvert de dez euros. Mas Paolo conhecia alguém que conhecia alguém, e o couvert foi dispensado. Uma garrafa de vodca dinamarquesa foi servida, com quatro copos cheios de gelo. A noite tomou um rumo diferente. Rick tirou um cartão de crédito do bolso e pagou as bebidas. Sly e Trey tinham orçamentos apertados, assim como Paolo, embora ele se esforçasse para que isso não transparecesse. Rick, o quarterback de vinte mil dólares por ano, sentiu-se bastante feliz em bancar o generoso. Paolo desapareceu por um momento. Voltou com três mulheres. Eram italianas, atraentes, dispostas a dar pelo menos um olá para os americanos. Uma delas falava um pouco de inglês. Mas depois de alguns minutos de conversa difícil, elas passaram a conversar em italiano com Paolo. Os americanos foram gentilmente afastados para segundo plano.

— Como você pode conquistar mulheres se elas não falam inglês?
— perguntou Rick a Sly.

— Minha esposa fala inglês.

Trey levou uma das italianas para a pista de dança.

— As europeias demonstram uma certa queda pelos caras negros — comentou Sly.

— Nossa, isso deve ser um grande problema, hein?

Depois de uma hora, as italianas foram embora. E a vodka acabou.

A festa começou em algum momento depois das quatro horas da madrugada, quando entraram numa lotada cervejaria bávara, com uma banda de reggae no palco. O inglês era a língua predominante, com muitos estudantes americanos e outros jovens. Ao voltar ao bar, com quatro canecas de cerveja, Rick descobriu-se encurralado por um grupo de mulheres do Sul dos Estados Unidos, pelo que se podia deduzir de seus sotaques.

— Sou de Dallas — informou uma delas.

Eram agentes de viagem, todas com trinta e poucos anos, provavelmente casadas, embora não houvesse nenhuma aliança à vista. Rick pôs as canecas na mesa delas. Que se danassem seus companheiros de time. Não havia fraternidade. Em poucos segundos, ele começou a dançar com Beverly, uma ruiva um pouco acima do peso, com uma pele linda... e ela dançava com um contato total. A pista estava apinhada, corpos esbarrando uns nos outros. E para mantê-lo próximo, Beverly manteve as mãos em Rick.

Abraçou, apertou, apalpou e, no intervalo entre duas músicas, sugeriu que se retirassem para um canto, onde poderiam ficar isolados, longe da concorrência. Ela era do tipo que pegava e não queria mais largar, uma mulher determinada.

Não havia sinal dos outros Panthers.

Mas Rick levou-a de volta à mesa, onde as outras agentes de viagem investiam contra todos os homens. Ele dançou também com Lisa, de Houston, cujo ex-marido a deixara para viver com o sócio no escritório de advocacia. Ela era uma chata. Entre as duas, ele preferia Beverly.

Paolo apareceu para verificar como estava seu quarterback. Com seu inglês de sotaque, encantou as mulheres com uma espantosa sucessão de mentiras. Ele e Rick eram famosos jogadores de rúgbi de Roma. Viajavam pelo mundo com seu time, ganhando milhões e levando uma vida em grande estilo. Rick quase nunca mentia para conquistar mulheres; simplesmente não era necessário. Mas foi divertido observar o italiano envolver as mulheres.

Sly e Trey haviam desaparecido, informou Paolo a Rick quando foram para outra mesa. Conheceram duas louras que falavam inglês, embora com um sotaque engraçado. Provavelmente irlandesas, pensou Rick.

Depois da terceira dança, talvez a quarta, Beverly finalmente convenceu-o a sair por uma porta lateral, a fim de evitar suas amigas.

Percorreram a pé alguns quarteirões, completamente perdidos, até que encontraram um táxi. Acariciaram-se por dez minutos no banco traseiro, até que pararam no Regency. O quarto dela era no quinto andar.

Quando Rick puxou as cortinas, viu a primeira insinuação do amanhecer.

Rick conseguiu abrir um dos olhos no início da tarde, viu unhas dos pés pintadas de vermelho e percebeu que Bev ainda dormia. Ele fechou os olhos e tornou a cair no sono. Sentiu que a cabeça doía ainda mais na segunda vez que acordou. Bev não estava na cama, mas no chuveiro, e por um momento ele pensou em escapar.

Embora a despedida embaraçosa costumasse ser rápida, ele ainda a detestava. Sempre odiara aquilo. O sexo casual valia as mentiras na despedida? "Você foi maravilhosa, mas preciso ir." Ou: "Pode deixar que ligarei para você."

Quantas vezes ele abria os olhos e tentara lembrar o nome da mulher, tentara lembrar onde a conhecera, tentara recordar os detalhes do que acontecera, a ocasião solene que os levava para a cama?

O chuveiro continuava aberto. As roupas de Rick formavam uma pilha ao lado da porta.

Ele sentiu-se de repente mais velho, não necessariamente mais maduro, mas com certeza cansado da vida de solteiro, pulando de cama em cama. Todas as mulheres haviam sido descartáveis, desde as animadoras de torcida na universidade àquela desconhecida numa cidade estranha.

O número do garanhão do futebol americano acabara. Fora encerrado em Cleveland, com seu último jogo de verdade.

Ele pensou em Gabriella, mas depois tentou não fazê-lo. Era estranho que se sentisse culpado ali, deitado sob o lençol, escutando a água correr pelo corpo de uma mulher cujo sobrenome nunca ouvira.

Rick vestiu-se rapidamente e esperou. A água parou. Bev saiu do banheiro, usando um roupão do hotel.

— Então você já acordou — disse ela, com um sorriso forçado.

— Finalmente — murmurou Rick, levantando-se, ansioso em acabar logo com aquilo. Torcia para que ela não tentasse protelar, não sugerisse drinques, jantar, outra noite. — Tenho de ir.

— Adeus.

Ela virou-se abruptamente e voltou para o banheiro. Fechou a porta. Rick ouviu o estalido do trinco.

Aquilo havia sido maravilhoso. No corredor, Rick concluiu que ela era casada e, provavelmente, se sentia ainda mais culpada do que ele.

Enquanto tomavam cerveja e comiam pizza, acalentando suas ressacas, os quatro amigos compararam as histórias. Para sua surpresa,

Rick descobriu que achava ridícula aquela conversinha idiota de estudante.

— Já ouviram falar da regra das 48 horas? — E antes que alguém pudesse responder, ele acrescentou: — E bastante comum no futebol americano profissional. Nada de bebida alcoólica 48 horas antes do início da partida.

— O jogo vai começar daqui a vinte horas — disse Trey.

— Lá se vai a regra — comentou Sly, tomando um gole da cerveja.

— Devemos nos controlar esta noite — propôs Rick.

Os outros três concordaram com um movimento de cabeça, mas nenhum deles assumiu o compromisso. Encontraram um discopub meio vazio e passaram uma hora jogando dardos.

A casa foi enchendo e uma banda começou a tocar num canto. Subitamente, o bar recebeu um fluxo de estudantes alemães, mulheres na maioria, todos ansiosos por uma noite alegre. Os dardos foram esquecidos quando a dança começou.

Muitas coisas foram esquecidas.

O futebol americano era menos popular em Milão do que em Parma. Alguém comentou que havia cem mil americanos vivendo em Milão, mas era evidente que a maioria detestava futebol americano. Havia apenas cerca de duzentos torcedores quando o jogo começou.

O campo dos Rhinos era um antigo campo de futebol tradicional adaptado, com algumas seções de arquibancadas. O time se arrastara durante anos na segunda divisão, antes de ser promovido, naquela temporada. Não eram páreo para os poderosos Panthers, o que tornava difícil explicar a vantagem de vinte pontos na metade do jogo.

Aquele primeiro meio-tempo foi o pior pesadelo de Sam. Como ele já previa, o time estava desinteressado e apático. Não houve gritos que conseguissem motivá-los.

Depois de quatro corridas com a bola, Sly estava na lateral do campo, exausto e ofegante. Franco largou a bola na sua primeira e única tentativa de carregá-la. Seu quarterback, o astro do time, parecia um pouco lento e seus passes eram inalcançáveis. Dois deles saíram tão longos que foram recolhidos pelos safeties adversários.

Rick ainda deixou a bola escapar durante um passe e se recusava a correr com a bola. Os pés pareciam tijolos.

Quando eles deixaram o campo, no intervalo, Sam foi atrás de seu quarterback.

— Está de ressaca? — perguntou ele, um tanto alto, para que o resto do time ouvisse. — Há quanto tempo está em Milão? Passou todo o fim de semana aqui? Bebeu todos os dias? Sua cara está uma merda, você está jogando como um merda e sabe muito bem disso!

— Obrigado, treinador — disse Rick, ainda correndo.

Sam continuou atrás de Rick, seguindo todos os passos do

quarterback. Os italianos saíram da frente.

— Você deveria ser o líder, certo?

— Obrigado, treinador.

— E aparece aqui com os olhos vermelhos, de ressaca e não conseguiria acertar nem mesmo um elefante com esses seus lançamentos. Você me dá nojo, sabia?

— Obrigado, treinador.

Dentro do vestiário, Alex Olivetto pôs-se a falar em italiano e não foi nada agradável. Muitos Panthers lançavam olhares furiosos para Rick e Sly, que rangia os dentes e fazia um esforço para reprimir a náusea. Trey não cometera grandes erros na metade do jogo, mas também não fizera nada de espetacular. Paolo fora capaz de sobreviver até agora, escondendo-se na massa de homens na linha de scrimmage.

Um flashback. O quarto de hospital em Cleveland, assistindo aos destaques da ESPN, ansioso em estender a mão para a bolsa de soro e virar a válvula, a fim de que o Vicodin pudesse correr livre por sua corrente sanguínea, acabando com aquele sofrimento.

Onde estavam as substâncias químicas quando ele mais precisava delas? E por que exatamente amava aquele jogo?

Quando Alex cansou de falar, Franco pediu aos treinadores que deixassem o vestiário, o que eles fizeram com a maior satisfação. O juiz conversou com seus companheiros de time. Sem elevar a voz, pediu um esforço maior. Ainda havia tempo suficiente. Os Rhinos eram jogadores de categoria inferior.

Tudo isso em italiano, mas Rick entendeu a mensagem.

A recuperação começou de uma maneira dramática, mas acabou antes mesmo de começar. Na segunda jogada do segundo tempo, Sly disparou pela linha e correu 65 jardas para o que deveria ser um touchdown fácil. Mas ficou liquidado pelo resto do dia quando alcançou a zona final. Mal saiu pela lateral quando se agachou atrás do banco e vomitou tudo o que consumira no fim de semana. Rick o ouviu, mas preferiu não olhar.

Houve uma falta e o jogo só recomeçou depois de uma longa discussão. Nino arrancara a máscara protetora de um linebacker e ainda acertara uma joelhada em sua virilha.

Nino foi expulso. Embora isso tenha incendiado os Panthers, também enfureceu os Rhinos. Os xingamentos e provocações atingiram um nível perigoso. Rick escolheu o momento errado para sair correndo com a bola. Conquistou quinze jardas, e, para demonstrar sua determinação, baixou o capacete, em vez de sair pela lateral. Foi massacrado por metade da defesa dos Rhinos. Cambaleou de volta ao huddle e avisou que faria um lançamento para Fabrizio. O novo center, um cara de quarenta anos chamado Sandro, errou ao

lançar a bola para trás. A bola rolou pela linha e Rick teve de se jogar em cima. Um enorme e furioso adversário caiu em cima dele, com tudo. Na terceira para catorze, ele disparou um passe para Fabrizio. A bola foi forte demais e acertou o garoto no capacete. Fabrizio tirou-o no mesmo instante, furioso, e jogou-o na direção de Rick, enquanto deixavam o campo.

E assim Fabrizio foi embora. Avistaram-no pela última vez correndo em direção ao vestiário.

Sem ter quem corresse e sem ter quem recebesse um lançamento lá na frente, restavam poucas opções de ataque para Rick. Franco avançou com a bola várias vezes pela montanha formada pelos adversários. Um ato heroico.

Ao final do último quarto, perdendo de 34 a 0, Rick sentou no banco e observou a defesa lutar bravamente para salvar as aparências. Pietro e Silvio, os dois linebackers psicóticos, batiam de frente como selvagens e gritavam para que a defesa matasse quem quer que estivesse com a bola.

Se Rick alguma vez se sentira pior num jogo de futebol americano, não podia se lembrar de quando fora. Ficou no banco na última posse de bola.

— Tire uma folga — resmungou Sam.

Alberto correu para o huddle. O ataque prolongou-se por dez jogadas, todas pelo chão, e consumiu quatro minutos. Franco arremeteu pelo meio, e Andreo, o substituto de Sly, disparou para a esquerda e em seguida para a direita, com uma velocidade reduzida, pouco movimento, mas com uma determinação inabalável. Agora jogando apenas pelo orgulho, os Panthers finalmente marcaram, dez segundos antes do término da partida, quando Franco alcançou a zona final. O ponto extra foi bloqueado.

A viagem de ônibus na volta foi lenta e angustiante. Rick ficou isolado num banco e sofreu sozinho. Os treinadores sentaram na frente, fervendo de raiva. Alguém com um celular recebeu a notícia de que o Bergamo vencera o Nápoles por 42 a 7, em Nápoles, o que fez com que um dia terrível se tornasse ainda pior.

Capítulo 16

Felizmente, a Gazzetta di Parma não noticiou o jogo. Sam lia as páginas esportivas toda manhã de segunda-feira; para variar, sentiu-se feliz por estar perdido na terra do outro futebol. Folheou o jornal no carro, estacionado na frente do Hotel Palace Maria Luigia, à espera de Hank e Claudelle Withers, de Topeka. Passara o último sábado mostrando-lhes os pontos principais do vale do Pó, e agora eles queriam aproveitar o dia inteiro para verem mais coisas.

Sam desejou ter ficado com eles também no domingo, em vez de ir a Milão. O celular tocou. -Alô?

— Sam, sou eu, Rick.

O coração de Sam parou de bater por um instante, pensamentos terríveis afloraram em sua mente.

— O que aconteceu?

— Onde você está?

— Sou guia turístico hoje. Por quê?

— Tem um minuto?

— Não. Como eu disse, estou trabalhando.

— Onde você está neste momento?

— Na frente do Hotel Palace Maria Luigia.

— Estarei aí em cinco minutos.

Rick virou a esquina momentos depois, correndo, encharcado de suor, como se estivesse fazendo exercício há uma hora. Sam saiu do carro, devagar, e ficou encostado no para-lama.

Rick parou no meio da calçada, respirou fundo duas ou três vezes e comentou: — Bonito carro.

Ele fingiu admirar o Mercedes preto. Sam não tinha muito o que dizer e, por isso, limitou-se a murmurar: — É alugado.

Outra respiração profunda, um passo para mais perto.

— Peço desculpa pelo que aconteceu ontem — disse Rick, olhando seu treinador nos olhos.

— Pode ser uma festa para você — resmungou Sam. — Mas é meu emprego.

— Tem todo o direito de estar irritado.

— Obrigado.

— Não vai acontecer de novo.

— Tem toda razão. Não vai mesmo. Se aparecer de novo naquele estado, vai ficar com o rabo grudado no banco. Prefiro perder com

Alberto e um pouco de dignidade do que perder com um cara que assume a pose de prima-dona e aparece no jogo de ressaca. Você estava um nojo.

— Pode falar. Descarregue. Eu mereço.

— Você perdeu mais do que um jogo ontem. Perdeu o time.

— Eles não estavam exatamente preparados para jogar.

— É verdade. Mas não transfira a responsabilidade. Você é a peça central, quer goste ou não. Eles absorvem tudo de você... ou pelo menos era o que faziam até agora.

Rick observou alguns carros passarem, depois deu um passo para trás.

— Sinto muito, Sam. Não vai acontecer de novo.

— Veremos.

Hank e Claudelle saíram do hotel e deram bom-dia a seu guia.

— Até mais tarde — murmurou Sam para Rick, antes de entrar no carro.

O domingo de Gabriella fora tão desastroso quanto o de Rick. Na apresentação final de Otello, ela cantou sem qualquer inspiração, segundo sua própria crítica, e, obviamente, a plateia compartilhou desta mesma opinião. Relutante, ela explicou o que acontecera durante um almoço leve. Embora quisesse saber se ela chegara a ser vaiada novamente, Rick não perguntou. Ela estava preocupada e sem ânimo algum. Rick tentou alegrá-la com a descrição de seu patético jogo em Milão. O sofrimento adora companhia e ele tinha certeza de que seu desempenho fora muito pior que o dela.

Não adiantou. No meio da refeição, ela informou, triste, que partiria para Florença dentro de poucas horas. Precisava voltar para casa, escapar de Parma e da pressão do palco.

— Você prometeu que ficaria por mais uma semana — lembrou Rick, tentando não parecer desesperado.

— Eu sei. Mas tenho de partir.

— Pensei que queria assistir a um jogo de futebol americano.

— E queria. Mas agora não posso mais. Sinto muito, Rick.

Ele parou de comer. Fez um esforço para parecer compreensivo e indiferente. Mas era fácil perceber suas reações.

— Sinto muito — repetiu ela.

Mas Rick duvidava da sinceridade de Gabriella.

— É Carletto?

— Não.

— Acho que é.

— Carletto está sempre por perto. Não vai embora. Estamos juntos há muito tempo.

Exatamente... tempo demais. Largue o canalha e vamos nos divertir. Rick mordeu a língua e decidiu não suplicar. Os dois estavam

juntos há sete anos e o relacionamento era com certeza complicado. Se ele se metesse, ou mesmo se agisse pelas beiradas, acabaria se queimando. Rick afastou o prato para o lado e cruzou as mãos. Gabriella tinha os olhos úmidos, mas não chorava.

Estava arrasada. Alcançara um momento no palco em que sua carreira oscilava. Rick desconfiava que Carletto oferecesse mais ameaças do que apoio... mas como poderia saber com certeza?

E foi assim que acabou, como os outros romances rápidos que ele tivera ao longo do caminho. Um abraço na calçada, um beijo envergonhado, uma ou duas lágrimas de Gabriella, as despedidas finais, a promessa de telefonar e um aceno de mão no momento derradeiro. Mas enquanto observava-a se afastar pela rua, Rick ansiou correr no encalço de Gabriella e suplicar, como um idiota. Torceu para que ela parasse, se virasse de repente e voltasse correndo.

Caminhou por alguns quarteirões, tentando se livrar do torpor. Como não conseguisse, acelerou a marcha e correu até o Stadio Lanfranchi.

O vestiário estava vazio, exceto por Matteo, que não se ofereceu para lhe fazer uma massagem. Mostrou-se bastante simpático, mas faltava alguma coisa em sua jovialidade habitual. Matteo queria estudar medicina esportiva nos Estados Unidos e por isso costumava dispensar muita atenção indesejada a Rick. Naquele dia, o garoto estava preocupado e logo desapareceu.

Rick deitou na mesa, fechou os olhos e pensou em Gabriella. Depois, pensou em Sam e em seu plano de procurá-lo antes do treino, de rabo abanando, para tentar mais uma vez reparar os danos. Pensou nos italianos e quase teve medo de uma demonstração deliberada de indiferença. Mas, como raça, eles não pareciam propensos a manter seus sentimentos reprimidos. Calculava que depois de alguns encontros irritados e palavras ríspidas, todos se abraçariam e voltariam a ser bons colegas.

— Ei, companheiro — sussurrou alguém.

Ele saiu de seu devaneio, com um sobressalto. Era Sly, de jeans e paletó, a caminho de algum lugar. Rick sentou, os pés pendendo da mesa.

— O que aconteceu?

— Viu Sam?

— Ele ainda não chegou. Para onde você vai?

Sly encostou-se na outra mesa, cruzou os braços, franziu o rosto e disse, em voz baixa: — Para casa, Ricky. Estou voltando para casa.

— Vai desistir?

— Chame como quiser. Todos nós desistimos em algum momento.

— Você não pode ir agora, Sly, depois de dois jogos.

— Já fiz as malas e o trem parte daqui a uma hora. Minha adorável

esposa estará me esperando no aeroporto em Denver, quando eu chegar amanhã. Preciso ir, Ricky. Estou cansado de correr atrás de um sonho que nunca vai se tornar realidade.

— Posso compreender, Sly. Mas você está saindo no meio de uma temporada. Vai me deixar com um backfield em que ninguém consegue correr quarenta jardas em menos de cinco segundos, exceto eu, que não devo correr.

Sly balançava a cabeça, olhando ao redor. Era evidente que esperava entrar ali sem ser visto, trocar algumas palavras com Sam e sair sorrateiro. Rick sentia vontade de estrangulá-lo, pois a perspectiva de passar a bola para o juiz Franco vinte vezes por jogo não era nem um pouco atraente.

— Não tenho opção, Rick — insistiu Sly, a voz ainda mais baixa, ainda mais triste. — Minha mulher me ligou esta manhã, grávida e muito surpresa com isso.

Diz que não aguenta mais. Quer um marido de verdade em casa. E, no final das contas, o que estou fazendo aqui? Caçando mulheres em Milão como se ainda estivesse na universidade? Estamos nos enganando.

— Você assumiu o compromisso de jogar esta temporada. Vai nos deixar sem ninguém para as jogadas de corrida. Não é justo.

— Nada é justo.

A decisão fora tomada e não seria alterada, não importando qual fosse a argumentação. Como ianques, haviam sido obrigados a se unirem numa terra estranha. Havia sobrevivido juntos e se divertido no processo, mas também nunca chegaram a ser grandes amigos.

— Eles encontrarão outro — declarou Sly, empertigando-se, pronto para ir embora. — Sempre arrumam outros jogadores.

— Durante a temporada?

— Claro. Espere só para ver. Sam terá um novo tailback até domingo.

Rick relaxou um pouco.

— Você também voltará em julho? — perguntou Sly.

— Claro.

— E tentará encontrar um time nos Estados Unidos?

— Não sei.

— Se for a Denver, ligue para mim, está bem?

— Combinado.

Um abraço rápido, masculino, e Sly foi embora. Rick observou-o sair pela porta lateral e compreendeu que nunca mais o veria. E Sly nunca mais tornaria a ver Rick, Sam ou qualquer um dos italianos. Desapareceria da Itália e nunca mais retornaria.

Uma hora depois, Rick transmitiu a notícia a Sam, que tivera um longo dia com Hank e Claudelle. Sam jogou uma revista na parede,

enquanto descarregava o esperado fluxo de palavras. Quando se controlou, ele perguntou: — Conhece algum running back?

— Conheço um muito bom. Franco.

— Muito engraçado. Americanos, de preferência jogadores universitários que saibam correr.

— Não me lembro de nenhum de imediato.

— Pode ligar para o seu empresário?

— Posso, mas ele não tem demonstrado a menor disposição de atender às minhas ligações. Acho que me descartou, extraoficialmente.

— Você está mesmo perdido.

— Ao contrário, Sam. Estou num ótimo momento.

Capítulo 17

As oito horas da noite de segunda-feira, os Panthers começaram a chegar ao campo. Os ânimos eram contidos e sombrios. Sentiam-se envergonhados pela derrota e a notícia de que metade do poder ofensivo do time deixara a cidade não contribuía para melhorar a disposição de ninguém. Rick estava sentado num banco na frente de seu armário, de costas para todos, absorvido no fichário que continha as estratégias dos Panthers. Podia sentir os olhares e o ressentimento e sabia que errara de forma lamentável.

Talvez aquele fosse apenas um clube esportivo, mas vencer significava alguma coisa. E o empenho significava ainda mais.

Lentamente, ele folheou as páginas, olhando sem pensar tanto os xis quanto os zeros. Quem criava aquelas jogadas presumia que o ataque tivesse um tailback que podia correr e um receiver capaz de pegar a bola. Rick podia passar a bola, mas se não houvesse ninguém no outro lado, as estatísticas registrariam apenas mais uma jogada incompleta.

Fabrizio não fora visto. O armário dele estava vazio.

Sam pediu a atenção de todos e disse algumas palavras em tom comedido. Não havia sentido em gritar. Seus jogadores já se sentiam muito mal. O jogo de ontem acabara e haveria outro dentro de seis dias. Ele deu a notícia sobre Sly, embora o boato já houvesse se espalhado.

O adversário seguinte era o Bolonha, tradicionalmente um time forte, que costumava jogar no Super Bowl. Sam falou os Warriors e fez com que parecessem selvagens. Havia vencido os dois primeiros jogos com facilidade, um ataque implacável conduzido por um tailback chamado Montrose, que jogara na Universidade de Rutgers. Montrose era novo na liga e sua fama crescia a cada semana. Ontem, contra os Gladiators de Roma, ele carregara a bola 28 vezes, por mais de trezentas jardas, e marcara quatro touchdowns.

Pietro jurou, em voz alta, que quebraria a perna de Montrose, o que foi bem recebido pelo time.

Depois de uma preleção sem muito entusiasmo, o time saiu do vestiário e correu para o campo. A maioria dos jogadores ainda sentia o corpo dolorido no dia seguinte a um jogo. Alex não exagerou, utilizando-se de alongamentos e exercícios leves, antes de dividi-los em ataque e defesa.

A sugestão de Rick para um novo ataque era deslocar Trey de safety para o wide receiver e lançar-lhe a bola trinta vezes por jogo. Sam mostrou-se frio com a ideia, basicamente porque partia de Rick, e no momento ele quase não falava com seu quarterback. No meio do treino, porém, Sam fez um convite a quem estivesse disposto a jogar como receiver. Rick e Alberto lançaram bolas para uma dúzia de candidatos. Depois, Sam chamou Trey e fez a troca. Sua presença no ataque deixava uma imensa brecha na defesa.

— Se não pudermos detê-los, então vamos marcar mais do que eles.

Sam coçou o boné e acrescentou, antes de soprar o apito: — Vamos assistir ao vídeo.

O filme na noite de segunda-feira significava cerveja gelada e boas risadas, exatamente o que o time precisava. Garrafas de Peroni, a cerveja predileta dos italianos, foram distribuídas. O clima desanuviou a um ponto considerável. Sam optou por ignorar a fita dos Rhinos e se concentrou no time do Bolonha. Na defesa, os Warriors eram excelentes na primeira linha e tinham um strong safety, que jogara durante dois anos na segunda divisão dos Estados Unidos. O cara pegava com força. Um caçador de cabeças.

Justamente o que eu precisava, pensou Rick, enquanto tomava um longo gole da cerveja. Outra concussão. Montrose parecia um pouco devagar, os defensores do Roma ainda mais lentos. Pietro e Silvio logo descartaram o jogador como uma ameaça.

— Vamos esmagá-lo — declarou Pietro, em inglês.

A cerveja rolou até depois de onze horas, quando Sam desligou o projetor e dispensou-os, com a promessa habitual de um treino duro na quarta-feira. Rick e Trey ficaram no vestiário. Depois que todos os italianos se retiraram, eles abriram outra garrafa de cerveja, junto com Sam.

— O sr. Bruncardo está relutante em contratar outro tailback — informou Sam.

— Por quê? — perguntou Trey.

— Não tenho certeza, mas acho que é problema de dinheiro. Ele ficou chateado com a derrota de ontem. Se não podemos disputar o Super Bowl, por que gastar mais dinheiro? De qualquer forma, o time não dá nenhum lucro.

— Então por que ele o mantém? — quis saber Rick.

— Excelente pergunta. Parece que as leis de impostos são diferentes aqui na Itália e ele consegue grandes deduções por patrocinar um time esportivo. Se não fosse por isso, não faria sentido.

— A solução é Fabrizio — disse Rick.

— Esqueça-o.

— Falo sério. Com Trey e Fabrizio, teríamos dois grandes receivers.

Nenhum time na liga pode contar com dois americanos na área secundária. Assim, eles não teriam como nos cobrir. Não precisamos de um tailback. Franco pode ganhar cinquenta jardas por jogo e manter a defesa sólida. Com Trey e Fabrizio, podemos diversificar os lançamentos e ganhar quatrocentas jardas em cada partida.

— Estou cansado desse garoto — resmungou Sam.

E não falaram mais sobre Fabrizio. Mais tarde, num bar, Rick e Trey fizeram um brinde a Sly, ao mesmo tempo que o criticavam. Embora nenhum dos dois quisesse admitir, sentiam saudade de casa e invejavam Sly por largar tudo e voltar.

Na tarde de terça-feira, Rick e Trey, junto com Alberto, o reserva obediente do quarterback, reuniram-se com Sam no campo e durante três horas trabalharam em rotas de precisão, momentos propícios, sinais com as mãos e um ensaio geral de ataque. Nino chegou tarde para o treino. Sam informou que adotariam a formação de shotgun pelo resto da temporada, ele trabalhou, ansioso e frenético, para acelerar e aperfeiçoar a entrega da bola no início das jogadas. Depois de algum tempo, conseguiram melhorá-la, até o ponto em que Rick não precisava mais correr atrás da bola.

Na noite de quarta-feira, com o uniforme completo, Rick abriu caminho entre os receivers, Trey e Cláudio, e começou a distribuir os passes. Lançamentos enviesados, em curva, diretos... todos os tipos funcionavam. Rick lançou para Cláudio por um número suficiente de vezes para manter a defesa atenta a ele. A cada dez jogadas, ele metia a bola na barriga de Franco, para haver um pouco de violência na linha. Era quase impossível deter Trey. Depois de uma hora de corridas pelo campo, ele precisava de uma folga. O ataque, quase anulado pelo fraco time do Milão três dias antes, agora parecia capaz de marcar à vontade. Nino começou a dar uma verdadeira bronca na defesa e não demorou muito para que ele e Pietro estivessem gritando palavras um para o outro. Alguém deu um soco, houve uma briga rápida. Quando Sam apartou a confusão, era o cara mais feliz em Parma. Via agora o que qualquer treinador queria: emoção, fogo, raiva!

Ele encerrou o treino às dez e meia. O vestiário era um caos, cheio de meias sujas, piadas obscenas, insultos, ameaças de roubo de namoradas. As coisas haviam voltado ao normal. Os Panthers estavam preparados para a guerra.

A ligação foi para o celular de Sam. O homem identificou-se como advogado e disse que trabalhava com algo ligado a esporte e marketing. Falava um italiano rápido e que parecia ainda mais urgente pelo telefone. Sam costumava se apoiar na leitura labial e nos gestos do interlocutor para facilitar sua compreensão da língua italiana.

O advogado finalmente explicou o que queria. Era representante de Fabrizio. A princípio, Sam pensou que o garoto houvesse se metido em alguma encrenca. Não era isso.

O advogado era também um empresário de atletas, com muitos jogadores de basquete e do outro futebol entre seus clientes. Queria negociar um contrato para Fabrizio.

Sam ficou perplexo. Um empresário de futebol americano na Itália?

Lá se vai o jogo pela paixão.

— O filho-da-puta abandonou o campo no meio de uma partida — disse Sam, ríspido, soltando o xingamento equivalente em italiano.

— Ele ficou transtornado. Mas se arrependeu. É evidente que vocês não podem vencer sem ele.

Sam mordeu a língua e contou até cinco. Mantenha a calma, ele disse a si mesmo. Um contrato significava dinheiro, uma coisa que nunca passara pela cabeça de qualquer Panther italiano.

Havia rumores de que alguns italianos do Bergamo recebiam um pagamento, mas isso era inédito no resto da liga. Entre no jogo para saber do que se trata, pensou ele.

— Em que tipo de contrato está pensando? — perguntou Sam, num tom de executivo.

— Ele é um grande jogador. Provavelmente o melhor italiano que vocês já tiveram, não concorda? Calculo que ele valha dois mil euros por mês.

— Dois mil? — repetiu Sam.

Em seguida, o truque habitual do empresário: — E estamos conversando com outros times.

— Ótimo. Continuem a conversar. Não estamos interessados.

— Ele pode considerar um valor menor, mas não muito.

— A resposta é não, companheiro. E diga ao garoto para se manter longe de nosso campo ou pode acabar com uma perna quebrada.

Charley Cray, do Cleveland Post, chegou a Parma no final da tarde de sábado. Um dos seus muitos leitores entrara na página dos Panthers na Internet e ficara intrigado pela notícia de que "O Maior Mico" da lista de Cray estava se escondendo na Itália.

A história era boa demais para ser ignorada.

No domingo, Cray pegou um táxi no hotel e tentou explicar ao motorista para onde queria ir. O motorista não sabia nada sobre "football americano" e não tinha a menor ideia da localização do campo. Essa é boa, pensou Cray. Nem mesmo os motoristas de táxi conseguem encontrar o campo. A reportagem se tornava mais sensacional a cada momento.

Ele chegou finalmente ao Stadio Lanfranchi, trinta minutos antes do início da partida. Contou 145 pessoas nas arquibancadas, 40

Panthers de camisa preta e prateada, Warriors de camisa branca e azul, um rosto negro em cada um dos times. No momento em que o jogo começou, ele calculou que o público fosse de 850 pessoas.

Naquela noite, ele terminou de escrever a reportagem e despachou-a para o outro lado do mundo para Cleveland, a tempo de sair no caderno esportivo especial da manhã de segunda-feira. Não podia se lembrar de outra ocasião em que tivesse se divertido tanto. A reportagem dizia: GRANDE JOGADOR NA LIGA DA PIZZA (PARMA, ITÁLIA) Em sua lamentável carreira na NFL, Rick Dockery acertou dezesseis lançamentos para 241 jardas, em seis times diferentes, ao longo de quatro anos.

Hoje, jogando pelos Panthers de Parma, na versão italiana da NFL, Dockery superou esses números. E na primeira metade da partida!

Vinte e um lançamentos consumados, 275 jardas, quatro touchdowns e, o mais inacreditável de tudo... nenhuma interceptação.

É o mesmo quarterback que perdeu sozinho o jogo pelo título da AFC? O mesmo jogador desconhecido contratado pelos Browns na parte final da última temporada, por motivos ainda ignorados, e é agora considerado O Maior Mico na história do futebol americano profissional?

É sim, esse é o signor Dockery. E neste adorável dia de primavera no vale do Pó ele foi simplesmente magistral... com lindos lançamentos em espiral, mantendo-se bravamente na área de lançamento, analisando os movimentos da defesa (palavra usada de maneira imprecisa), e até, acreditem ou não, correndo com a bola para conquistar algumas jardas quando era necessário. Rick Dockery finalmente encontrou seu jogo. Ele é "O Cara", jogando com um bando de garotos enormes.

Diante de uma multidão barulhenta de menos de mil pessoas, num campo de rúgbi com noventa jardas de comprimento, os Panthers de Parma receberam os Warriors de Bolonha. Qualquer um dos dois times receberia uma vantagem de vinte pontos se jogasse contra o Slippery Rock,

mas quem se importa? Pelas regras italianas, cada time pode ter até três americanos. O receiver favorito de Dockery hoje foi Trey Colby, um jovem um pouco magro que jogou na Ole Miss, que não pôde ser bloqueado pelos secundários do Bolonha em qualquer esquema defensivo.

Colby correu livre e desenfreado. E fez três touchdowns em apenas dez minutos!

Os outros Panthers são jovens turbulentos que começaram a praticar o esporte um tanto tarde, como um hobby. Nenhum deles teria condições de iniciar um jogo num time de escola de ensino médio da quinta divisão em Ohio. São brancos, lentos, baixos e jogam

futebol americano porque não podem jogar rúgbi ou o futebol tradicional, que é uma paixão italiana.

(Por falar nisso, o rúgbi, o basquete, o vôlei, a natação, o motociclismo e o ciclismo são mais apreciados do que o football americano nesta parte do mundo.) Mas os Warriors não eram adversários fáceis. O quarterback jogou na Rhodes (onde? Memphis, terceira divisão) e o tailback carregou a bola (58 vezes em três anos) para a Rutgers. Ray Montrose é o nome dele. Hoje o rapaz correu duzentas jardas e marcou três touchdowns, inclusive o que serviu para ganhar o jogo, quando faltava um minuto.

É verdade, nem mesmo aqui, em Parma, Dockery consegue escapar dos fantasmas de seu passado. Com uma vantagem de 27 a 7 no intervalo, ele conseguiu mais uma vez alcançar a derrota quando a vitória parecia iminente. Mas, por uma questão de justiça, cabe ressaltar que a culpa não foi toda sua. Na primeira jogada do segundo tempo, Trey Colby subiu para pegar um lançamento com a trajetória desviada (surpresa, surpresa) e caiu de mau jeito. Saiu do campo de maca, com uma fratura na perna esquerda.

O ataque se perdeu por completo e o sr. Montrose pôde passear de um lado para outro do campo. Os Warriors tiveram uma reação dramática e venceram por 35 a 34.

Rick Dockery e seus Panthers perderam as duas últimas partidas. Como restam apenas cinco jogos, suas chances de alcançar as finais são mínimas. Há um Super Bowl italiano em julho e é evidente que os Panthers pensavam que Dockery pudesse levá-los até lá.

Deviam ter perguntado aos torcedores dos Browns. Teríamos dito a eles para descartar esse cara e arrumar um quarterback de verdade, de alguma universidade menor.

E depressa, antes que Dockery comece a fazer lançamentos para os jogadores adversários.

Sabemos o que esse malfeitor é capaz de fazer. Pobre Parma Panthers!

Capítulo 18

Rick e Sam esperavam como pais ansiosos, ao final de um corredor comprido, no segundo andar do hospital. Eram onze e meia da noite de domingo e Trey estava no centro cirúrgico desde as oito horas. A jogada fora um lançamento de trinta jardas, vindo do meio do campo, perto do banco dos Panthers. Sam ouvira o estalo da fíbula.

Rick não escutou nada, mas avistara o sangue e o fragmento de osso projetando-se da meia.

Pouco falaram enquanto esperavam, folheando revistas. Sam achava que ainda poderiam se qualificar para as finais se vencessem os cinco jogos restantes. Não seria nada fácil, já que teriam de enfrentar o Bergamo. E o Bolzano estava forte novamente, perdera para o Bergamo por apenas dois pontos. De qualquer forma, vencer parecia improvável agora que quase não havia mais ataque nem qualquer americano na zona secundária para bloquear o adversário.

Era mais agradável ignorar o futebol americano e olhar as revistas.

Uma enfermeira veio chamá-los. Levou-os a um quarto semiparticular no terceiro andar, onde Trey passaria a noite. Ele tinha a perna esquerda envolta por um gesso enorme. Tubos saíam do braço e do nariz.

— Ele dormirá durante a noite inteira — informou outra enfermeira.

Ela explicou em seguida que o médico dissera que tudo correria bem, sem complicações, tratava-se de um caso rotineiro de fratura exposta. Providenciou um cobertor e um travesseiro. Rick acomodou-se numa cadeira de plástico, ao lado da cama. Sam prometeu voltar na manhã seguinte para ver como estavam as coisas.

Uma cortina foi puxada e Rick ficou sozinho, com o último Panther negro, um doce garoto da região rural do Mississippi, que seria agora despachado de volta para a mãe, como uma mercadoria quebrada. A perna direita de Trey estava à mostra e Rick estudou-a. O tornozelo era estreito, fino demais para aguentar a violência do futebol americano nos Estados Unidos. Ele era muito magro e tinha dificuldades para aumentar o peso, embora, em seu último jogo na Ole Miss, houvesse sido cotado para participar da terceira seleção que reunia os melhores jogadores universitários do país.

O que ele faria agora? O que Sly estaria fazendo agora? O que qualquer um deles poderia fazer quando enfrentasse a realidade de

que o jogo acabara?

A enfermeira entrou no quarto por volta de uma hora da madrugada e diminuiu a luz. Entregou uma pequena pílula azul a Rick e disse: — Para dormir.

Vinte minutos depois, Rick estava tão apagado quanto Trey.

Sam levou café e croissants. Encontraram duas cadeiras vazias no final do corredor e acomodaram-se para comer. Trey fizera algum barulho uma hora antes, o suficiente para acordar as enfermeiras.

— Tive uma rápida reunião com o sr. Bruncardo — anunciou Sam. — Ele gosta de começar a semana com uma baita bronca na manhã de segunda-feira.

— E hoje foi o seu dia.

— Claro. Ele não pensa em ter qualquer lucro com os Panthers, mas também não gosta de perder dinheiro. Nem jogos. O que se pode chamar de ego substancial.

— O que é raro para um dono de time.

— Ele teve um péssimo dia. Seu time do futebol tradicional, que joga na segunda divisão, perdeu. O time de vôlei também. E seus amados Panthers, com um autêntico quarterback da NFL, foram derrotados pela segunda vez consecutiva. Acho que ele está perdendo dinheiro em todos os esportes.

— Talvez seja melhor ele se ater aos negócios imobiliários ou qualquer outra coisa que faça.

— Não lhe dei qualquer conselho. Ele quer saber sobre o resto da temporada. E diz que não vai mais gastar dinheiro.

— É muito simples, Sam. — Rick pôs a xícara de café no chão. — No primeiro tempo, ontem, marcamos quatro touchdowns sem a menor dificuldade. Por quê? Porque tínhamos um receiver. Com meu braço e um par de mãos, somos um time vitorioso. Não perderemos de novo. Garanto que podemos marcar quarenta pontos em cada jogo... mais do que isso, em cada tempo.

— Seu receiver está com a perna quebrada.

— É verdade. Chame Fabrizio. O garoto é ótimo. Mais rápido do que Trey... e tem mãos melhores.

— Ele quer dinheiro. E tem um empresário.

— Um o quê?

— Você me ouviu. Recebi um telefonema na semana passada de um advogado sebozo que disse que representava o fabuloso Fabrizio. Eles querem um contrato.

— Empresários de futebol americano aqui na Itália?

— Infelizmente.

Rick coçou o rosto com a barba por fazer, enquanto avaliava a notícia desanimadora.

— Algum italiano já recebeu dinheiro para jogar?

— Há rumores de que alguns jogadores do Bergamo são remunerados, mas não tenho certeza.

— Quanto ele quer?

— Dois mil euros por mês.

— E quanto aceitaria?

— Não sei. Não chegamos a esse ponto na conversa.

— Vamos negociar, Sam. Sem Fabrizio, estamos perdidos.

— Bruncardo não vai mais gastar dinheiro, Rick. Sugeri que trouxéssemos outro jogador americano e ele ficou furioso.

— Tire do meu salário.

— Não seja estúpido.

— Falo sério. Estou disposto a gastar mil euros por mês, durante quatro meses, para ter Fabrizio.

Sam tomou um gole do café, o rosto franzido, estudando o chão.

— Ele saiu do campo em Milão.

— Tem razão. É um pirralho mimado. Sabemos disso. Mas você e eu vamos sair de campo mais cinco vezes com o rabo entre as pernas se não conseguirmos encontrar alguém que seja capaz de pegar uma bola. E tem mais uma coisa, Sam: ele não poderá mais sair de campo desse jeito se houver um contrato firmado.

— Não aposte nisso.

— Pague a ele e aposto que passará a se comportar como um profissional. Passarei um tempo com ele. Ficaremos tão sintonizados que ninguém poderá nos deter.

Contrate Fabrizio e não tornaremos a perder. Eu garanto.

Uma enfermeira acenou com a cabeça. Eles foram ver Trey, que estava acordado e desconfortável. Tentou sorrir e fazer uma piada, mas precisava da medicação.

Amie ligou ao final da tarde de segunda-feira. Depois de uma breve conversa sobre os méritos do futebol americano das divisões inferiores, ele entrou no verdadeiro motivo da ligação.

Detestava transmitir más notícias, alegou, mas Rick precisava saber. Devia dar uma olhada no site do Cleveland Post. Caderno de esportes da segunda-feira. Uma reportagem terrível.

Rick leu, disse os palavrões apropriados, depois fez uma caminhada pelo centro antigo de Parma, uma cidade que subitamente passava a apreciar como nunca.

Quantos pontos baixos uma carreira pode ter? Três meses depois de fugir de Cleveland, ainda se banquetevavam com sua carcaça.

O juiz Franco cuidou do problema para o time. As negociações ocorreram num café com mesas na calçada, na Piazza Garibaldi. Rick e Sam sentaram perto dos dois homens, tomando uma cerveja e morrendo de curiosidade. O juiz e o empresário de Fabrizio pediram café.

Franco conhecia o advogado e não gostava nem um pouco daquele homem. Dois mil euros estavam fora de cogitação, explicou Franco. Muitos dos americanos não ganhavam tanto. E era um precedente perigoso começar a pagar aos italianos, porque o time mal conseguia acertar as contas. Se aumentassem a folha de pagamento, poderiam ir à bancarrota.

Franco ofereceu quinhentos euros por três meses, abril, maio e junho. Se o time chegasse ao Super Bowl, em julho, haveria uma bonificação de mil euros.

O agente sorriu educadamente e descartou a proposta, como baixa demais. Fabrizio é um grande jogador e assim por diante. Sam e Rick bebericavam suas cervejas, atentos, mas não conseguiam ouvir uma única palavra. Os italianos continuaram a negociar, numa conversa animada, cada um aparentemente chocado com a posição do outro, para depois rirem devido a algum detalhe insignificante. As negociações pareciam seguir num tom cortês, embora tenso, até que de repente houve um aperto de mãos. Franco estalou os dedos para o garçom. Traga duas taças de champanhe.

Fabrizio jogaria por oitocentos euros por mês.

O signor Bruncardo agradeceu a oferta de Rick de ajudar no contrato, mas recusou. Era um homem de palavra e não reduziria o salário de um jogador.

No treino na noite de quarta-feira, o time tomou conhecimento dos detalhes da volta de Fabrizio. Para atenuar os ressentimentos, Sam combinou que Nino, Franco e Pietro se encontrariam antes com o receiver e novo astro para explicar algumas coisas. Nino cuidou da maior parte da conversa. Prometeu, sem poupar os detalhes, que quebraria todos os ossos de Fabrizio, se ele tivesse outro ataque de nervos e abandonasse o time. Fabrizio concordou, feliz com tudo, inclusive com os ossos quebrados. Sentia-se ansioso em jogar novamente e faria qualquer coisa por seu amado Parma Panthers.

Franco conversou com o time no vestiário, antes do treino. Confirmou os rumores. Fabrizio passaria mesmo a ser pago. A maioria dos Panthers não ficou muito satisfeita, mas ninguém manifestou desaprovação. Uns poucos se mostraram indiferentes... se o garoto podia aproveitar para ganhar algum dinheiro, por que não?

Vai levar algum tempo, disse Sam a Rick. A vitória muda tudo. Se vencermos o Super Bowl, eles passarão a idolatrar Fabrizio.

Folhas de papel passaram de mão em mão no vestiário. Rick esperara que o veneno de Charley Cray pudesse permanecer apenas nos Estados Unidos. Mas enganou-se. Tudo graças à Internet. A reportagem fora lida e copiada e agora circulava entre seus companheiros de time.

A pedido de Rick, Sam falou a respeito. Disse aos jogadores para

ignorarem aquilo. Era apenas uma reportagem desprezível de um jornalista americano sórdido, à procura de uma manchete. Mas era angustiante para os rapazes. Amavam o futebol americano e jogavam por diversão; então, por que deveriam ser ridicularizados?

A maioria, porém, ficou mais preocupada com seu quarterback. Era injusto expulsá-lo da liga e do país, mas persegui-lo até Parma era uma crueldade inadmissível.

— Sinto muito, Rick — disse Pietro, ao saírem do vestiário.

Dos dois times de Roma, os Marines do Lazio era em geral o mais fraco. Havia perdido os três primeiros jogos por uma média de vinte pontos, sem demonstrar muito empenho. Os Panthers estavam famintos por uma vitória. Assim, a viagem de ônibus para o sul, durante cinco horas, não foi nem um pouco desagradável. Era o último domingo de abril, um dia nublado e frio, perfeito para um jogo de futebol americano.

O campo, em algum lugar na vasta periferia da antiga cidade, ficava a quilômetros e séculos de distância do Coliseu e de outras esplêndidas ruínas. Havia poucas evidências de que fosse usado para qualquer outra coisa que não treinos em dias chuvosos. A grama era rala e falha, com muitas áreas de terra aparecendo. As marcações de jardas haviam sido pintadas por alguém que devia estar de porre ou era aleijado. Duas seções de arquibancadas tortas reuniram talvez duzentos torcedores.

Fabrizio ganhou seu salário de abril no primeiro quarto. O Lazio não o vira na gravação do último jogo, não tinha a menor ideia de quem ele era. Quando finalmente arrumou sua defesa, Fabrizio já pegara três lançamentos longos e os Panthers ganhavam de 21 a 0. Com essa vantagem, Sam passou a fazer um ataque surpresa contra o quarterback adversário em cada jogada. O ataque dos Marines se desarvorou. O quarterback, um italiano, sentia a pressão antes de cada snap.

Trabalhando apenas na formação de shotgun e com uma vigilância magnífica, Rick analisava a cobertura, indicava a rota para Fabrizio através de sinais, mantinha-se na zona de lançamento e esperava tranquilo que o garoto disparasse, se esquivasse dos adversários e marcasse. Era quase como um treino de tiro ao alvo. No intervalo, os Panthers ganhavam de 38 a 0, e a vida era subitamente boa de novo. Todos riam e brincavam no pequeno vestiário. Ignoravam Sam quando ele tentava se queixar de alguma coisa. No último quarto, Alberto passou a comandar o ataque e Franco arremetia pelo campo como uma locomotiva. Todos os quarenta jogadores ficaram com o uniforme coberto de lama.

No ônibus, de volta para casa, eles retomaram as agressões verbais ao Bergamo Lions. Enquanto a cerveja rolava e as canções saíam ainda

mais altas, os poderosos Panthers mostravam-se convencidos de que estavam a caminho de seu primeiro Super Bowl.

Charley Cray estivera na arquibancada, sentado entre os torcedores do Lazio, assistindo a seu segundo jogo de football americano na Itália. A reportagem sobre a partida da semana passada contra o Bolonha fizera tanto sucesso em Cleveland que seu editor lhe pedira para ficar mais uma semana e fazer outra. Era um trabalho duro, mas alguém tinha de fazê-lo. Ele passara cinco dias maravilhosos em Roma, às custas do jornal, e agora precisava justificar as pequenas férias com outra reportagem contundente contra seu mico predileto. A reportagem dizia:

**MAIS RUÍNAS ROMANAS
(ROMA, ITÁLIA)**

Através do braço surpreendentemente preciso de Rick Dockery, hoje os impetuosos Panthers de Parma interromperam uma série de duas derrotas consecutivas e esmagaram os Marines do Lazio, ainda sem vitória, em mais um jogo da versão italiana da NFL. O resultado final: 62 a 12.

Jogando no que parecia ser um poço de lama, diante de 261 torcedores não pagantes, os Panthers e Dockery conquistaram quatrocentas jardas em lançamentos só no primeiro tempo. O sr. Dockery desmontou com habilidade uma linha defensiva secundária que era lenta, confusa e com medo de um choque direto. Seu braço parecia um rifle de alta precisão, explorando os movimentos maravilhosos de um receiver de talento, Fabrizio Bonozzi. Pelo menos duas vezes, o sr. Bonozzi fez uma finta e desviou-se com tanta habilidade que o deep safety perdeu a chuteira. Esse é o nível do jogo na NFL da Itália.

No terceiro quarto, o sr. Bonozzi parecia exausto de marcar tantos touchdowns longos. Seis para ser exato. E o grande Dockery parecia estar com o braço dolorido de tantos lançamentos.

Os torcedores dos Browns ficarão perplexos ao saberem que Dockery, pela segunda semana consecutiva, não lançou nenhuma bola para o outro time. Espantoso, não é mesmo?

Mas juro que é verdade. Eu estava lá.

Com a vitória, os Panthers voltam a ter chances no campeonato italiano. Não que alguém aqui na Itália se importe com isso.

Os torcedores dos Browns devem agradecer a Deus pela existência de ligas assim. Permitem que jogadores lamentáveis como Rick Dockery possam atuar longe dos lugares em que o jogo realmente importa.

Por que Dockery não descobriu essa liga um ano atrás? Quase choro quando penso nessa dolorosa questão.

Ciao.

Capítulo 19

O ônibus entrou no estacionamento do Stadio Lanfranchi poucos minutos depois das três horas da madrugada de segunda-feira. A maioria dos jogadores estaria no trabalho dentro de poucas horas. Sam gritou para acordar todos, depois dispensou o time para que tirasse uma semana de folga. Não teriam jogo no fim de semana seguinte. Todos saíram trôpegos do ônibus, pegaram seus equipamentos e foram para casa. Rick deu uma carona a Alberto, depois atravessou o centro de Parma sem encontrar qualquer outro carro em movimento. Estacionou a três quarteirões do apartamento.

Acordou doze horas depois com o zumbido do celular. Era Arnie, direto como sempre: — Déjà-vu, companheiro. Já leu o Cleveland Post?

— Não. Graças a Deus o jornal não chega aqui.

— Entre na Internet e dê uma olhada. Aquele verme esteve em Roma ontem.

— Essa não!

— Infelizmente.

— Outra reportagem?

— Isso mesmo, e igualmente nojenta.

Rick esfregou os cabelos e tentou se lembrar do público em Lazio. Eram poucas pessoas, espalhadas pelas velhas arquibancadas. Não, ele não tinha tempo para estudar rostos e, de qualquer maneira, não tinha a menor ideia da aparência de Charley Cray.

— Está bem. Vou ler a reportagem.

— Lamento muito, Rick. Isso não tem razão de ser. Se eu achasse que isso poderia ajudar, telefonaria para o jornal e soltaria o verbo. Mas eles estão se divertindo com o caso. É melhor ignorar.

— Se esse cara aparecer de novo em Parma, vou torcer o pescoço dele. Sou amigo de um juiz.

— Assim é que se fala, garoto. Até a próxima.

Rick encontrou um refrigerante na geladeira. Tomou uma chuveirada fria, depois ligou o computador. Vinte minutos mais tarde circulava pelo tráfego de Parma, com a maior facilidade, sem qualquer esforço, como um autêntico italiano. O apartamento de Trey ficava ao sul do centro, no segundo andar de um prédio semimoderno, projetado para espremer o máximo de pessoas no mínimo possível de metros quadrados.

Trey estava no sofá, a perna em cima de almofadas. A sala pequena parecia um aterro sanitário, com pratos sujos, caixas de pizza vazias, algumas cervejas, latas de refrigerante. A TV exibia uma reprise de Roletrando e um aparelho de som no quarto tocava Motown.

— Trouxe um sanduíche — disse Rick.

Ele largou o saco na mesinha de café atravancada. Trey usou o controle remoto para tirar o som da TV.

— Obrigado.

— Como está a perna?

— Muito bem. — Trey fez uma careta. Uma enfermeira aparecia três vezes por dia para cuidar de suas necessidades e trazer os analgésicos. Ele se queixava da dor. — Como foi o jogo?

— Fácil. Ganhamos por cinquenta pontos.

Rick acomodou-se numa cadeira e tentou ignorar o lixo por toda parte.

— Então não senti minha falta.

— O Lazio não é muito bom.

O sorriso fácil e a atitude despreocupada haviam desaparecido, substituídos por um ânimo amargo e uma enorme carga de autopiedade. E o que uma fratura exposta pode fazer com um jovem atleta. A carreira, como quer que Trey a definisse, estava acabada e a próxima fase de sua vida começava. Como a maioria dos jovens atletas, Trey não pensara muito no passo seguinte. Aos 26 anos de idade, sempre se acha que o jogo não terá fim.

— A enfermeira está cuidando bem de você? — perguntou Rick.

— Ela é boa. Trocarei de gesso na quarta-feira e partirei na quinta. Preciso voltar para casa. Acabarei enlouquecendo se continuar aqui.

Ficaram olhando para a tela da TV silenciosa por um longo tempo. Rick visitara-o todos os dias desde que Trey deixara o hospital. O pequeno apartamento parecia se tornar cada vez menor. Talvez fosse por causa do lixo se acumulando, as roupas sujas descartadas ou as janelas fechadas e cobertas pelas cortinas. Talvez fosse apenas porque Trey parecia afundar cada vez mais no desespero. Rick ficou feliz por saber que ele partiria em breve.

— Nunca sofri qualquer lesão na defesa — disse Trey, olhando para a TV. — Sou um back defensivo e nunca havia me machucado. Até que você me pôs no ataque...

e aqui estou.

Ele bateu com força no gesso, pelo efeito dramático.

— Está me culpando por sua fratura?

— Nunca me machuquei na defesa.

— Isso é besteira. Está querendo dizer que só os jogadores do ataque se machucam?

— Só estou falando de mim.

Rick estava irritado, prestes a rosnar, mas respirou fundo, engoliu em seco, olhou para o gesso e deixou passar. Depois de alguns minutos, perguntou: — Vamos ao Polipo comer uma pizza esta noite?

— Não.

— Gostaria que eu trouxesse uma pizza para você?

— Não.

— Um sanduíche, um bife, qualquer coisa?

— Não.

E, com isso, Trey levantou o controle remoto, apertou um botão e uma dona de casa pequena e feliz acertou uma vogal.

Rick levantou-se e deixou o apartamento sem dizer mais nada.

Aproveitando o sol do final da tarde, o quarterback sentou a uma mesa ao ar livre de um café, tomando uma Peroni numa caneca gelada. Fumava um charuto cubano e olhava as mulheres passarem. Sentia-se muito sozinho e especulava o que poderia fazer durante uma semana inteira para se manter ocupado.

Arnie ligou de novo e, desta vez, o excitamento em sua voz era evidente.

— Rat está de volta — anunciou ele, triunfante. — Foi contratado ontem pelo Saskatchewan, como treinador principal. E a primeira coisa que fez foi ligar para mim. Ele quer você, Rick. Imediatamente.

— Saskatchewan?

— Isso mesmo. Oitenta mil.

— Pensei que Rat tinha se aposentado há anos.

— E se aposentou. Mudou-se para uma fazenda no Kentucky, passou alguns anos tirando bosta de cavalo de um estábulo, até que ficou de saco cheio. O Saskatchewan despediu todo mundo na semana passada e persuadiu Rat a voltar da aposentadoria.

Rat Mullins fora contratado por mais times profissionais do que Rick. Vinte anos antes criara um esquema de ataque extravagante que exibia em todas as jogadas, com ondas de receivers correndo em várias direções. Tornara-se famoso por algum tempo, mas ao longo dos anos caíra em desgraça, pois seus times não se tornavam vitoriosos.

Fora o coordenador de ataque do Toronto quando Rick jogara lá e os dois eram muito ligados. Se Rat fosse o treinador-chefe em todos os times de Rick, ele sempre começaria o jogo na linha e lançaria cinquenta vezes.

— Saskatchewan... — murmurou Rick, recordando a cidade de Regina, no Canadá, e as extensas plantações de trigo que a cercavam. — A que distância fica de Cleveland?

— Um milhão de quilômetros. Comprarei um atlas para você. Eles atraem cinquenta mil torcedores por jogo. É um grande time, Rick, e estão lhe oferecendo oitenta mil. Agora.

— Não sei...

— Não banque o idiota, garoto. Posso aumentar a proposta para cem mil até você chegar aqui.

— Não posso sair de repente no meio da temporada, Arnie.

— Claro que pode.

— Não, não posso.

— Não há o que pensar. É a sua volta por cima. E começa agora.

— Tenho um contrato aqui, Arnie.

— Preste atenção, garoto. Pense em sua carreira. Tem 28 anos e uma oportunidade como esta não vai aparecer de novo. Rat quer você em plena zona de lançamento, com esse seu braço de ouro disparando balas por todo o Canadá. Uma beleza!

Rick tomou um gole enorme da cerveja e enxugou os lábios. Arnie insistiu: — Faça as malas, dirija até a estação ferroviária, deixe as chaves no banco do carro e diga adiós. O que eles podem fazer? Processá-lo?

— Não é correto.

— Pense em si mesmo, Rick.

— É o que estou fazendo.

— Tornarei a ligar dentro de duas horas.

Rick assistia televisão quando Arnie telefonou de novo.

— Eles chegaram a noventa mil, garoto, e precisam de uma resposta.

— Já parou de nevar em Saskatchewan?

— Claro. E a paisagem está linda. O primeiro jogo será daqui a seis semanas. Os poderosos Roughriders foram patrocinados pela Grey Cup no ano passado, lembra?

Uma grande organização, e estão prontos para atingirem grandes resultados. Rat está ansioso em levá-lo para lá.

— Deixe-me dormir com a proposta.

— Está pensando demais, garoto. Não é tão complicado assim.

— Deixe-me dormir com a proposta.

Capítulo 20

O sono, porém, foi impossível. Ele andou de um lado para outro ao longo da noite, assistiu televisão, tentou ler e se livrar do sentimento de culpa que consumia qualquer pensamento de fugir. Seria muito fácil e poderia ser feito de tal maneira que nunca mais seria forçado a encarar Sam, Franco, Nino e os outros. Poderia fugir ao amanhecer e nunca mais olhar para trás. Pelo menos foi o que disse a si mesmo.

As oito horas da manhã seguiu para a estação ferroviária, estacionou o Fiat e entrou. Esperou uma hora por seu trem.

Chegou a Florença três horas depois. Um táxi levou-o ao Hotel Savoy, na Piazza della Repubblica. Fez o registro, deixou a mala no quarto e foi sentar a uma das mesas ao ar livre em um dos muitos cafés na movimentada praça. Teclou o número do celular de Gabriella, ouviu uma gravação em italiano, mas decidiu não deixar recado.

Ligou de novo no meio do almoço. Ela parecia relativamente satisfeita por ouvir a voz de Rick, talvez um pouco surpresa. Algumas hesitações aqui e ali, mas ela foi se animando de forma considerável à medida que conversavam. Estava no trabalho, embora não explicasse o que fazia. Rick sugeriu que se encontrassem para um drinque no Gilli, um café popular, na frente de seu hote, e segundo o guia turístico, um ótimo lugar para um drinque ao final da tarde. Claro, ela acabou aceitando, às cinco horas.

Rick circulou pelas ruas em torno da praça, acompanhando a multidão e admirando os prédios antigos. No Duomo, foi quase atropelado por um bando de turistas japoneses.

Ouviu pessoas falando em inglês... e muito. Pareciam ser estudantes universitários americanos, mulheres em sua maioria. Espiou as lojas na Ponte Vecchio, antiga, sobre o rio Arno. Mais inglês. Mais universitárias.

Quando Arnie telefonou, ele tomava um espresso e estudava o guia turístico num café na Piazza della Signoria, perto da Uffizi, onde multidões de turistas esperavam para ver a maior coleção de quadros do mundo. Decidira que não diria a Arnie onde estava.

— Dormiu bem? — perguntou Arnie.

— Como um bebê. Não vai dar certo, Arnie. Não posso abandonar o time no meio da temporada. Talvez no próximo ano.

— Não haverá próximo ano, garoto. É agora ou nunca.

— Há sempre o próximo ano.

— Não para você. Não compreende que Rat arrumará outro quarterback?

— Compreendo melhor do que você, Arnie. Já fiz o circuito.

— Não seja estúpido, Rick. Confie em mim neste caso.

— E a lealdade?

— Lealdade? Quando foi a última vez que um time foi leal com você, garoto? Já foi cortado tantas vezes...

— Cuidado, Arnie.

Uma pausa. Depois: — Rick, se você não aceitar este negócio, então pode procurar outro empresário.

— Eu já esperava por isso.

— Seja razoável, garoto.

Rick cochilava em seu quarto quando Arnie ligou de novo. Uma resposta negativa era apenas um revés temporário para o empresário.

— Consegui convencê-los a chegarem a cem mil, está bem? Estou fazendo tudo o que posso aqui, mas não estou recebendo nada do seu lado. Absolutamente nada.

— Obrigado.

— Não precisa agradecer. Aqui está o acordo. O time pagará a passagem de avião para você vir até aqui e se encontrar com Rat. Hoje, amanhã, em breve, está bem? Muito em breve. Pode fazer isso por mim?

— Não sei...

— Tem uma semana de folga. Faça como um favor para mim, Rick. Deus sabe que eu mereço.

— Deixe-me pensar a respeito.

Ele fechou lentamente o celular, enquanto Arnie ainda falava.

Poucos minutos antes das cinco horas, ele sentou a uma mesa ao ar livre do Gilli, pediu um Campari com gelo e fez um esforço para não olhar para todas as mulheres que passavam pela praça. Sentia-se bastante nervoso, admitiu para si mesmo, mas também excitado. Fazia duas semanas desde que vira Gabriella pela última vez. Nem ao menos se falaram pelo telefone ou trocaram e-mails. Absolutamente nenhum contato. Aquele pequeno encontro determinaria o futuro do relacionamento, se é que haveria mesmo um futuro. Podia ser um encontro afetuoso, com um drinque levando a outro, ou podia ser tenso e constrangedor, a dose final de realidade.

Um pequeno bando de universitárias acomodou-se numa mesa próxima. Todas falavam ao mesmo tempo, metade em celulares, as outras conversando a todo volume. Americanas.

Sotaque sulista. Oito garotas, seis louras. Quase todas de jeans, mas duas com saias bem curtas. Pernas bronzeadas. Nem um único livro ou caderno à vista. Espalharam-se por duas mesas, puxaram cadeiras, arrumaram bolsas, penduraram casacos e mesmo na afobação de se

instalarem não pararam de falar.

Rick pensou em trocar de mesa, mas depois mudou de ideia. Quase todas as garotas eram bonitinhas e ouvir pessoas falando em inglês era confortador, mesmo que fosse em autênticas torrentes. Um garçom se aventurou a sair do Gilli para anotar os pedidos das meninas, que consistiam primariamente em vinho, realizados sem que nenhuma delas pronunciasse uma única palavra em italiano.

Uma delas avistou Rick. Mais três olharam. Duas acenderam cigarros. No momento, nenhum celular estava sendo usado. Eram cinco e dez da tarde.

Dez minutos depois, ele ligou para o celular de Gabriella e ouviu a gravação. As beldades sulistas discutiam, entre outras coisas, se Rick era italiano ou americano.

Seria capaz de compreendê-las? Elas não se importavam.

Rick pediu outro Campari, o que indicava, na opinião de uma das morenas, que ele não era americano. Mas logo Rick foi abandonado como tema da conversa, quando uma das garotas mencionou uma liquidação de sapatos na Ferragamo.

Os ponteiros do relógio alcançaram a marca das cinco e meia e a ultrapassaram. Rick começou a se preocupar. Claro que ela ligaria se tivesse de se atrasar por algum motivo... mas talvez ela tivesse decidido não comparecer ao encontro.

Uma das morenas de minissaia aproximou-se e sentou na cadeira na frente de Rick.

— Olá — disse ela, com um sorriso que exibia duas covinhas. — Pode decidir uma aposta?

Ela olhou para as amigas e Rick fez a mesma coisa. Elas observavam-no com evidente curiosidade. Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, a morena acrescentou: — Está esperando um homem ou uma mulher? É meio a meio em nossa mesa. As perdedoras pagam as bebidas.

— Qual é o seu nome?

— Liwy. E o seu?

— Rick.

E por uma fração de segundo ele teve medo de usar o sobrenome. Aquelas garotas eram americanas. Seriam capazes de reconhecer o nome do Maior Mico da história da NFL?

— O que fez vocês pensarem que estou esperando alguém?

— É bastante óbvio. Olha para o relógio, faz uma ligação pelo celular, não diz nada, olha de novo para o relógio. Não há a menor dúvida de que espera alguém.

É só uma aposta tola. Dê a resposta... homem ou mulher?

— Texas?

— Perto. Geórgia.

Ela era mesmo atraente... olhos azuis enternecedores, maçãs do rosto salientes, cabelos escuros sedosos que caíam quase até os ombros. Ele queria conversar.

— Turista?

— Estudante de intercâmbio. E você?

Uma pergunta interessante, com uma resposta complicada.

— Estou aqui a trabalho.

Logo entediadas, quase todas as amigas começaram a conversar outra vez. O assunto era uma nova discoteca, frequentada por franceses.

— O que você acha? — perguntou Rick. — Homem ou mulher?

— Talvez sua esposa?

Com os cotovelos em cima da mesa, ela inclinava-se para frente, apreciando a conversa.

— Nunca tive uma.

— Foi o que pensei. Eu diria que espera uma mulher. O horário de trabalho nos escritórios já acabou. Você não me parece um executivo à espera de uma reunião de negócios. E, com toda certeza, não é gay.

— É tão óbvio assim?

— Claro.

Se ele admitisse que esperava uma mulher, poderia parecer um perdedor que estava sendo dispensado. Se dissesse que esperava um homem, então pareceria estúpido quando (e se) Gabriella chegasse.

— Não estou esperando ninguém.

Ela sorriu, porque sabia a verdade.

— Duvido muito.

— Onde as universitárias americanas se divertem em Florença?

— Temos nossos lugares.

— Posso acabar ficando entediado mais tarde.

— Gostaria de se encontrar conosco?

— Com toda certeza.

— Há uma boate chamada... — Ela fez uma pausa. Olhou para as amigas, que agora conversavam sobre a questão urgente de mais uma rodada de drinks. Num impulso instintivo, Liwy decidiu não partilhar. — Qual é o número do seu celular? Ligarei mais tarde, depois que fizermos nossos planos.

Trocaram os números. Ela disse "ciao" e voltou à sua mesa, onde anunciou às amigas que não havia vencedoras nem perdedoras. Rick não esperava por ninguém.

Depois de esperar 45 minutos, ele pagou a conta, piscou para Liwy e perdeu-se na multidão. Mais um telefonema para Gabriella, um esforço final. Ao ouvir a gravação, ele fechou o celular com um movimento brusco e soltou um palavrão.

Uma hora depois, ele assistia à televisão, em seu quarto, quando o

telefone tocou. Não era Arnie. Não era Gabriella.

— A garota não apareceu, não é? — perguntou Liwy, jovial.

— Não, não apareceu.

— Você está sozinho.

— E muito.

Um tremendo desperdício. Estou pensando em jantar. Precisa de companhia?

— Claro.

Encontraram-se no Paoli, que ficava a uma curta distância a pé do hotel. É um restaurante antigo, com um salão comprido, o teto em abóbada coberto por afrescos medievais.

Estava lotado e Liwy confessou, na maior felicidade, que tivera de recorrer a muita persuasão para conseguir uma mesa. Era pequena e sentaram bem juntos.

Tomaram vinho branco e passaram pelas preliminares. Ela estudava na Universidade da Geórgia, terminava seu último semestre no exterior, para se formar em história da arte, não estudava muito, não sentia saudade de casa.

Deixara um namorado na Geórgia, mas era um relacionamento temporário. Descartável.

Rick jurou que não tinha esposa, não tinha noiva, não tinha nenhum relacionamento firme. A mulher que não comparecera ao encontro era uma cantora de ópera, o que mudou bastante o rumo da conversa, como era de esperar. Pediram salada, pappardelle com coelho e uma garrafa de Chianti.

Estimulado pelo vinho, ele rangeu os dentes e encarou de frente a questão do futebol americano. O bom (na universidade), o mau (sua carreira de profissional nômade) e o feio (sua breve atuação em janeiro último pelo Cleveland Browns).

— Não sinto a menor falta do futebol americano — declarou Liwy.

Ela explicou que estava em Florença desde setembro do ano anterior. Não sabia quem ganhara o título nacional e não se importava. Não tinha qualquer interesse pelo futebol americano profissional. Fora animadora de torcida no ensino médio e tivera de suportar futebol americano em quantidade suficiente por uma vida inteira.

Finalmente, uma animadora de torcida na Itália.

Rick descreveu Parma, os Panthers, a liga italiana e depois voltaram a conversar sobre os temas de Liwy.

— Parece que há muitos americanos aqui em Florença — comentou ele.

Liwy revirou os olhos, como se estivesse cansada de americanos.

— Eu mal podia esperar para estudar no exterior. Sonhei com isso durante anos. Agora, estou dividindo um apartamento com três de

minhas colegas de fraternidade da Geórgia. Nenhuma delas tem o menor interesse em aprender a língua ou absorver a cultura. Só querem saber de compras e discotecas. Há milhares de americanos aqui e eles procuram se manter juntos como gansos.

Era como se estivessem em Atlanta. Liwy viajava sozinha com frequência para ver os campos ao redor da cidade e se afastar das amigas.

O pai era um famoso cirurgião que tinha um caso extraconjugal, o que acarretara um prolongado processo de divórcio. A situação em casa era confusa, tensa e ela não tinha a menor vontade de deixar Florença quando o semestre terminasse, dentro de três semanas.

— Sinto muito incomodá-lo com meus problemas — murmurou ela, quando concluiu o resumo dos acontecimentos que evoluíam sua família.

— Não foi nada.

— Eu bem que gostaria de passar o verão viajando pela Itália, finalmente longe de minhas colegas, longe dos estudantes americanos, que só querem saber de encher a cara todas as noites, e mais longe ainda de minha família.

— Por que não faz isso?

— Meu pai é quem paga as contas e ele me mandou voltar para casa.

Rick não tinha planos além da temporada, que poderia se prolongar até julho. Por alguma razão, mencionou o Canadá, talvez para impressioná-la. Se jogasse por lá, a temporada iria até novembro. Não causou nenhuma impressão.

O garçom trouxe os pratos cheios de pappardelle e coelho, um molho de carne espesso, cuja aparência e cheiro eram divinos. Conversaram sobre comida e vinho italianos, sobre os nativos em geral, sobre os lugares que ela já visitara e os que desejava conhecer.

Comeram devagar, como todos os outros no Paoli. Quando encerraram a refeição, com vinho do Porto e queijo, já passava de onze horas da noite.

— Não estou com a menor vontade de ir a um clube — admitiu Liwy. — Teria o maior prazer em lhe mostrar alguns, mas não sinto a menor disposição.

— O que gostaria de fazer?

— Tomar um gelato.

Atravessaram a Ponte Vecchio e encontraram uma sorveteria que oferecia mais de cinquenta sabores. Depois, Rick levou-a até o apartamento e deu-lhe um beijo de boa-noite.

Capítulo 21

— São cinco horas da manhã aqui — disse Rat, jovial. — Por que estou acordado e ligando para você às cinco horas da manhã? Por quê? Responda, seu cabeça-dura!

— Olá, Rat.

Rick visualizou a cena em que estrangulava Arnie por ter dado o número de seu celular.

— Você é um tremendo idiota e sabe disso. Um idiota de pai e mãe. Mas já sabíamos disso há cinco anos. Como você está, Ricky?

— Muito bem, Rat. E você?

— Ótimo, já chutando um rabo atrás do outro, e a temporada ainda nem começou.

Rat Mullins tinha uma voz alta e estridente. Quase nunca esperava por uma resposta antes de se lançar no próximo ataque verbal. Rick não pôde deixar de sorrir. Não ouvia aquela voz havia anos. Trazia-lhe recordações afetuosas de um dos poucos treinadores que acreditaram nele.

— Vamos vencer, garoto. Marcaremos cinquenta pontos por jogo. Os outros times podem marcar quarenta que não me importarei, porque nunca nos alcançarão. Disse ao chefe ontem que precisamos de um novo placar, pois o velho não será capaz de contar depressa o bastante para me acompanhar e a meu ataque... e meu grande quarterback, Dockery Cabeça-Dura. Está me acompanhando, garoto?

— Estou ouvindo, Rat, como sempre.

— Aqui está o negócio. O chefe já comprou uma passagem de ida e volta, primeira classe, deixando Roma às oito horas da manhã, num voo sem escala até Toronto, depois até Regina, primeira classe de novo, Air Canadá, uma grande empresa aérea, por falar nisso. Teremos um carro à sua espera no aeroporto quando desembarcar, e amanhã de noite estaremos jantando e criando ataques que nunca ninguém imaginou até hoje.

— Não tão depressa, Rat.

— Eu sei, eu sei. Você pode às vezes ser muito lento, eu me lembro direitinho. Mas...

— Não posso abandonar meu time neste momento, Rat.

— Time? Você disse time? Tenho lido sobre seu time. Aquele cara de Cleveland... como é mesmo o nome dele... tem caído de porrada em cima de você. Mil torcedores para um jogo em casa. O que é isso... um

jogo de garotos?

— Assinei um contrato, Rat.

— E eu tenho outro contrato para você assinar. Um contrato muito maior, num time de verdade, numa liga de verdade, com estádios de verdade, torcedores de verdade. Televisão. Campanhas publicitárias. Contratos com fabricantes de chuteiras. Bandas marciais e muitas animadoras de torcida.

— Estou feliz aqui, Rat.

Houve uma pausa, enquanto Rat recuperava o fôlego. Rick podia vê-lo no vestiário, no intervalo de um jogo, andando frenético de um lado para outro, as mãos agredindo o ar, até que fazia uma súbita pausa para respirar, aspirava o ar com sofreguidão, antes de se lançar em sua próxima tirada.

Com a voz mais baixa e tentando parecer magoado, ele começou: — Não faça isso comigo, Rick. Estou arriscando meu pescoço. Depois do que aconteceu em Cleveland...

— Não entre nessa, Rat.

— Está bem, está bem. Desculpe. Mas pode pelo menos vir até aqui? Pode me fazer uma visita para uma conversa cara a cara? Pode fazer isso pelo seu velho treinador?

Sem compromisso. A passagem está comprada, não há reembolso. Por favor, Ricky.

Rick fechou os olhos, massageou a testa e disse, relutante: — Está bem, treinador. Apenas uma visita. Sem compromisso.

— Você não é tão estúpido quanto eu pensava. Amo você, Ricky. Não vai se arrepender.

— Quem escolheu o aeroporto em Roma?

— Você está na Itália, não é?

— Estou, mas...

— É onde Roma fica, pela última vez que verifiquei. Agora, descubra onde fica a droga do aeroporto e venha me ver.

Ele tomou dois Bloody Marys antes da decolagem e conseguiu dormir durante a maior parte do voo de oito horas até Toronto. Desembarcar em qualquer lugar da América do Norte deixava-o nervoso, independentemente do quão ridículo fossem tais pensamentos. Para passar o tempo, enquanto esperava o voo para Regina, ligou para Arnie e comunicou seu paradeiro. Arnie se declarou orgulhoso. Mandou um e-mail para a mãe, mas não disse onde estava. Mandou outro e-mail para Liwy, apenas para dar um olá. Deu uma olhada na homepage do Cleveland Post, só para ter certeza de que Charley Cray já se deslocara para outros alvos. Havia uma mensagem de Gabriella: "Rick, sinto muito, mas não seria sensato encontrá-lo. Por favor, perdoe-me."

Ele olhou para o chão e decidiu não responder. Ligou para o

celular de Trey, mas ninguém atendeu.

Seus dois anos em Toronto não haviam sido desagradáveis. Parecia ter sido há muito tempo... e ele parecia muito mais jovem naquela ocasião. Recém-saído da universidade, com grandes sonhos, uma longa carreira pela frente. Achava que era invencível. Sua carreira estava em plena ascensão, um novato com todas as ferramentas necessárias, precisando apenas de um polimento aqui e ali. Não demoraria muito a se tornar um grande astro na NFL.

Rick não tinha mais certeza se ainda sonhava em jogar na liga principal.

Uma chamada vinda dos alto-falantes mencionou Regina. Ele foi até um monitor e descobriu que seu voo estava atrasado. Perguntou no portão e foi informado de que o atraso se devia ao mau tempo.

— Está nevando em Regina — comunicou o funcionário.

Ele foi para um bar e pediu um refrigerante diet. Deu uma olhada nas condições do tempo em Regina. Havia neve, muita neve. "Uma rara nevasca de primavera" era uma das descrições.

Para espantar o tédio, ele deu uma olhada no jornal de Regina, o *Leader-Post*. Havia notícias sobre futebol americano. Rat estava criando a maior agitação. Contratara um coordenador de defesa, obviamente alguém sem muita experiência. Cortara um tailback, levando à especulação de que jogadas de corrida não seriam necessárias. As vendas de ingressos para a temporada haviam batido os 35 mil, um recorde. Um colunista, do tipo que se arrasta até a máquina de escrever e consegue pôr no papel seiscentas palavras quatro vezes por semana, durante trinta anos, não fazendo a menor diferença se havia ou não eventos esportivos importantes em Saskatchewan e nos arredores, publicava várias informações, "ouvidas nas ruas". Um jogador de hóquei dissera não à cirurgia até que a temporada acabasse. Outro se separara da esposa, que aparecera de nariz quebrado, o que era bem suspeito.

Último parágrafo:

Rat Mullins confirmou que os Roughriders estão conversando com Marcus Moon, um quarterback de braço rápido, de estilo variado. Moon passara as duas últimas temporadas com os Packers e estaria "ansioso para jogar todos os dias". E Rat Mullins recusava-se a confirmar ou negar que o time também conversava com Rick Dockery, que "foi visto pela última vez quando lançava interceptações espetaculares no Cleveland Browns".

Rat era citado como oferecendo um ríspido "Sem comentários" ao rumor sobre Dockery.

Depois, num piscar de olhos, o jornalista oferecia uma pequena

fofoca, suculenta demais para ignorar. O uso do parêntese lhe proporcionava alguma distância dos rumores sobre si mesmo: (para mais sobre Dockery, ver charleycray.clevelandpost.com) Sem comentários? Rat está com medo ou envergonhado demais para falar alguma coisa a respeito? Rick fez essa pergunta em voz alta e recebeu um ou outro olhar surpresa.

Lentamente, ele fechou o laptop e deu uma longa caminhada pelo saguão.

Quando embarcou num avião da Air Canada, duas horas depois, Rick não seguia para Regina, mas para Cleveland. Ao desembarcar, pegou um táxi para o centro da cidade.

O prédio do Cleveland Post era moderno, na Slate Avenue. Estranhamente, ficava quatro quarteirões ao norte da comunidade de Parma.

Rick pagou ao motorista e pediu-lhe que esperasse depois da esquina, no outro quarteirão. Parou na calçada, apenas por um instante, para absorver o fato de que se encontrava mesmo, de novo, em Cleveland, Ohio. Poderia fazer as pazes com a cidade, mas a cidade parecia determinada a atormentá-lo.

Se houve alguma hesitação sobre o que estava prestes a fazer, ele não se lembrou mais tarde.

Na frente do saguão havia uma estátua de bronze de alguma pessoa irreconhecível, com uma citação pretensiosa sobre verdade e liberdade. Havia um posto de guarda logo além. Todos os visitantes tinham de assinar um registro. Rick usava um boné do time de beisebol Cleveland Indians que comprara no aeroporto, por 32 dólares. O guarda perguntou:

— Com quem deseja falar?

Rick não hesitou: — Charley Cray.

— O senhor é...?

— Roy Grady. Jogo pelos Indians.

O guarda ficou bem satisfeito. Estendeu a prancheta para Rick assinar. Roy Grady, segundo o site dos Indians na Internet, era o mais novo lançador do time.

Jogara em três innings até agora, com resultados mistos. Cray provavelmente reconheceria o nome, mas talvez não o rosto.

— Segundo andar — informou o guarda, com um enorme sorriso.

Rick subiu pela escada, porque planejava descer por esse mesmo caminho. A redação, no segundo andar, era o que ele esperava, um vasto espaço aberto, com baias e estações de trabalho, papéis empilhados por toda parte. Havia pequenas salas junto às janelas. Rick foi andando, olhando para os nomes nas portas. O coração batia forte e ele descobriu que era difícil manter uma atitude indiferente.

— Roy... — chamou alguém.

Rick seguiu na direção da voz. O homem tinha cerca de 45 anos, calvo, com umas poucas mechas de cabelos grisalhos oleosos por cima das orelhas, barba por fazer, óculos de leitura ordinários no meio do nariz, excesso de peso, com o tipo de corpo que nunca atraía qualquer atenção no ensino médio, nunca vestira um uniforme esportivo, nunca conquistara uma animadora de torcida. Um nerd desgrenhado, fã de esportes, que nunca fora capaz de segurar uma bola e passou a ganhar a vida criticando aqueles que realmente faziam o jogo acontecer. Estava parado na porta de sua sala pequena e atravancada, o rosto franzido enquanto olhava para Roy Grady, desconfiado de alguma coisa.

— Sr. Cray? — murmurou Rick, a menos de dois metros de distância.

— Sim — o homem respondeu com um sorriso de desdém, mas a expressão logo virou choque. Rick empurrou-o para dentro da sala e bateu a porta. Tirou o boné com a mão esquerda, enquanto agarrava Cray pela garganta com a direita.

— Sou eu mesmo, o babaca, Rick Dockery, seu mico predileto.

Os olhos de Cray estavam arregalados. Os óculos caíram no chão. Só haveria um soco, decidira Rick, depois de muito pensar. Um direto com toda força no rosto, que Cray saberia que seria inevitável. Nada de golpes baixos, chutes na virilha, nada parecido. Frente a frente, homem para homem, carne contra carne, sem a ajuda de qualquer arma. E, esperançosamente, sem ossos quebrados e sem sangue.

Não foi um jab e também não foi um gancho, mas um cruzado de direita, um golpe que começara a ser desfechado meses antes e agora alcançava o alvo, do outro lado do oceano. Sem qualquer resistência, pois Cray era mole, apavorado e passara muito tempo escondido atrás de um teclado, o soco acertou em cheio no lado esquerdo do rosto, com um som de algo que se arrebetava, um barulho do qual Rick recordaria com satisfação, muitas vezes, durante os meses subsequentes. O homem caiu como um saco de batatas velhas. Por um instante, Rick sentiu-se tentado a acertar-lhe um chute nas costelas.

Pensara muito no que poderia dizer, mas nada parecia apropriado. Ameaças não seriam levadas a sério... Rick já fora bastante estúpido ao aparecer em Cleveland agora, e com certeza não voltaria. Insultar Cray só serviria para deixá-lo mais feliz e tudo o que dissesse sairia no jornal com certeza. Por isso, deixou-o ali, esparramado no chão, ofegando horrorizado, semiconsciente graças ao soco... e nunca, em momento algum, Rick sentiu pena do canalha.

Saiu da sala, acenou com a cabeça para dois repórteres que se pareciam muito com o sr. Cray e se encaminhou para a escada. Desceu correndo para o porão. Depois de uns poucos minutos de procura, encontrou a porta para uma plataforma de carga e descarga. Cinco

minutos depois do soco, estava de volta ao táxi.

O voo de volta para Toronto também foi pela Air Canadá. Rick começou a relaxar assim que desembarcou em território canadense. Algumas horas mais tarde, estava a caminho de Roma.

Capítulo 22

Uma tempestade desabou sobre Parma ao final da manhã de domingo. A chuva caía com toda força e as nuvens davam a impressão de que não deixariam a cidade por uma semana inteira. Uma trovoadas finalmente despertou Rick. A primeira coisa que ele viu, ao abrir os olhos, foi unhas de pés pintadas de vermelho. Não as unhas vermelhas daquela última mulher em Milão, nem as unhas rosa, laranja ou marrons de outras, incontáveis e anônimas. Aquelas eram as unhas muito bem cuidadas (não diretamente pela dona) e pintadas (Chanel Midnight Red) da elegante, sensual e completamente nua srta. Liwy Galloway, de Savannah, Geórgia, depois da casa da fraternidade Alfa-Chi-Omega em Athens, e por último de um apertado apartamento em Florença. Agora, ela se encontrava num apartamento um pouco menos apertado, em Parma, no terceiro andar de um prédio antigo, numa rua sossegada, longe das amigas sufocantes e ainda mais longe da família em guerra.

Rick fechou os olhos e puxou-a para mais perto, sob as cobertas.

Ela chegara na noite de quinta-feira, tarde, num trem procedente de Florença. Depois de um jantar adorável, foram para o quarto, para uma longa sessão na vertical, a primeira. E embora Rick estivesse pronto, Liwy também estava ansiosa. O plano original do quarterback para a sexta-feira era passar o dia inteiro na cama, ou em algum lugar próximo. Mas a garota tinha ideias radicalmente diferentes. No trem, lera um livro sobre Parma. Era hora de estudar a história da cidade.

Com uma câmera e as anotações de Liwy, iniciaram uma excursão pelo centro da cidade. Estudaram as fachadas de prédios, que Rick mal notara ao passar. O primeiro foi o Duomo... o quarterback dera uma olhada lá dentro uma vez, por curiosidade. Liwy assumiu um estado meditativo, muito zen, enquanto o arrastava de um canto para outro. Rick não sabia o que ela estava pensando, mas de vez em quando a garota oferecia comentários úteis, como: — É um dos melhores exemplos da arquitetura românica no vale do Pó.

Rick perguntou: — Quando foi construída?

— Foi consagrada em 1106, pelo papa Pascoal, depois destruída por um terremoto em 1117. Começaram a reconstruí-la em 1130 e levaram trezentos anos para concluir o trabalho, como costumava acontecer naquele tempo. Magnífica, não é?

— É sim.

Rick fazia um esforço para parecer interessado, mas já aprendera que não era preciso muito tempo para examinar uma catedral. Liwy, no entanto, vivia em outro mundo.

Ele a seguiu, sempre próximo, pensando na primeira noite que haviam passado juntos. Olhava de vez em quando para a fascinante retaguarda de Liwy, já planejando a investida da tarde. Na nave central, olhando reto para frente, ela explicou: — O domo tem afrescos de Correggio, pintados na década de 1520. Descreve a Assunção da Virgem. Emocionante.

Lá em cima, no teto em abóbada, o velho Correggio conseguira de alguma forma pintar uma cena extravagante de Maria, cercada por anjos. Liwy dava a impressão de que poderia ficar sufocada de emoção. Rick olhou com o pescoço dolorido.

Avançaram pela nave principal, passaram pela cripta, as numerosas áreas recuadas, contemplaram os túmulos de santos antigos. Depois de uma hora, Rick estava desesperado pela luz do sol.

Ao lado ficava o batistério, uma linda construção, octogonal, perto da catedral. Permaneceram imóveis por um longo tempo diante do portal norte, o Portal da Virgem.

Esculturas refinadas por cima da porta apresentavam eventos da vida de Maria. Liwy consultou suas anotações, mas parecia conhecer todos os detalhes.

— Já estive aqui antes, Rick?

Se ele dissesse a verdade e respondesse que não, Liwy o consideraria um ignorante. Se mentisse e dissesse que sim, não faria mesmo qualquer diferença, pois Liwy estava prestes a estudar outro prédio. Na verdade, Rick passara por ali cem vezes e sabia que era um batistério. Não fazia muita ideia de qual seria a utilidade daquilo hoje em dia, mas mesmo assim fingiu que sabia.

Ela falava baixinho, quase para si mesma, o que podia muito bem ser o caso.

— Quatro galerias em mármore vermelho de Verona. Iniciada em 1196, uma transição entre o românico e o gótico.

Liwy tirou algumas fotos do exterior antes de entrarem. Contemplaram outro domo.

— Bizantino, século XIII — disse ela. — Rei Davi, a Fuga do Egito, os Dez Mandamentos.

Ele acenou com a cabeça, o pescoço doendo outra vez.

— Você é católico, Rick?

— Luterano. E você?

— Não sou nada. Minha família tem uma tradição protestante. Mas estudo coisas, como a história do cristianismo e as origens da Igreja.

— Há muitas igrejas antigas por aqui. Todas católicas.

— Sei disso.

E sabia mesmo de tudo. Antes do almoço, ainda visitaram a igreja renascentista de San Giovanni Evangelista, além da igreja de San Francesco dei Prato. Segundo Liwy, era um dos "mais extraordinários exemplos da arquitetura gótica franciscana na Emília". Para Rick, o único detalhe interessante era o fato de a bela igreja já ter sido usada como uma prisão.

A uma hora da tarde, ele insistiu que tinham de almoçar. Encontraram uma mesa no Sorelle Picchi, na Strada Farini. Enquanto Rick estudava o cardápio, ela fez mais algumas anotações. Enquanto comiam o anolini, o melhor da cidade, na opinião de Rick, acompanhado por uma garrafa de vinho, conversaram sobre a Itália e os lugares que ela visitara. Em oito meses em Florença, Liwy visitara onze das vinte regiões do país, muitas vezes viajando sozinha nos fins de semana, pois suas amigas eram preguiçosas, apáticas ou estavam de ressaca. Seu objetivo era o de conhecer todas as regiões, mas faltava-lhe tempo. As provas começariam dentro de duas semanas e, depois, suas longas férias acabariam.

Em vez de um cochilo, depois do almoço eles visitaram as igrejas de San Pietro Apostolo e San Rocco, depois vagaram pelo Parco Ducale. Liwy tirou fotos e escreveu mais anotações, absorvida na história e arte, enquanto Rick a seguia como um sonâmbulo. Ele desabou na grama quente do parque, ao sol, com a cabeça no colo de Liwy, enquanto ela estudava um mapa da cidade. Quando acordou, ele conseguiu finalmente persuadi-la a voltar ao apartamento, para um cochilo apropriado.

No Polipo, na noite de sexta-feira, depois do treino, Liwy foi a atração principal. O quarterback encontrara uma adorável garota americana, uma antiga ex-animadora de torcida ainda por cima, e os italianos estavam ansiosos em impressioná-la. Cantaram canções obscenas e esvaziaram muitas canecas de cerveja.

A história da impetuosa viagem de Rick até Cleveland, para dar um soco em Charley Cray, assumira características lendárias. A conversa, iniciada por Sam e inadvertidamente ajudada pela recusa de Rick em comentar o episódio, atinha-se mais ou menos aos fatos. A omissão gritante era o fato de que Rick deixara Parma para estudar outro contrato, que exigiria que ele abandonasse os Panthers no meio da temporada.

Mas ninguém na Itália sabia disso, nem jamais saberia.

O sórdido Charley Cray viajara até a Itália para escrever coisas horríveis sobre o time e seu quarterback. Insultara-os. Rick fora atrás dele, pelo que devia ter sido uma despesa considerável, nocauteara o desgraçado e voltara para Parma, onde estaria são e salvo. Absolutamente seguro. Qualquer um que viesse atrás de Rick na casa dos Panthers sairia machucado.

E o fato de Rick ser agora um fugitivo acrescentava um nível de ousadia e romance que os italianos achavam irresistível. Num país em que as leis são contestadas e aqueles que as contestam são com frequência glamourizados, a perseguição pela polícia era o assunto dominante sempre que dois ou mais Panthers se encontravam.

Numa sala apinhada, eles sempre contavam a história, muitas vezes acrescentando seus próprios detalhes.

Na verdade, Rick não estava sendo perseguido. Havia um mandado de prisão por agressão sem agravantes, uma infração menor. Segundo seu novo advogado em Cleveland, ninguém o perseguia com algemas. As autoridades sabiam onde ele se encontrava; e se algum dia voltasse a Cleveland, seria processado.

Ainda assim, Rick era considerado um fugitivo. Os Panthers tinham de protegê-lo, dentro e fora do campo.

O sábado foi mais instrutivo do que a sexta-feira. Liwy levou-o num passeio pelo Teatro Régio, um lugar que ele se orgulhava de já conhecer, o Museu Diocesano, a igreja de San Marcellino, a capela de San Tommaso Apostolo. Almoçaram uma pizza, no pátio do Palazzo delia Pilotta.

— Não porei os pés em mais nenhuma igreja — anunciou Rick, derrotado.

Ele estava estendido na grama, absorvendo o sol.

— Eu gostaria de conhecer a Galeria Nacional. — Liwy enroscou-se ao lado, as pernas bronzeadas se destacando.

— O que tem lá?

— Muitos quadros, de toda a Itália.

— Não.

— Então o museu arqueológico.

— E depois?

— Depois estarei cansada. E podemos ir para a cama, tirar um cochilo, pensar no jantar.

— Tenho um jogo amanhã. Está tentando me matar?

— Estou.

Depois de dois dias de incessante turismo, Rick estava pronto para o futebol americano, chovesse ou fizesse sol. Mal podia esperar para passar direto pelas velhas igrejas, ir até o campo, vestir um uniforme, depois enlameá-lo, talvez até acertar alguém.

— Mas está chovendo — protestou Liwy, debaixo das cobertas.

— Que pena, animadora de torcida. O show precisa continuar. Ela se virou e estendeu uma das pernas por cima da barriga de Rick.

— Não — declarou ele, com absoluta convicção. — Não antes de um jogo. Meus joelhos já estão bambos.

— Pensei que você fosse o quarterback garanhão.

— Por enquanto, sou apenas o quarterback.

Liwy retirou a perna e estendeu-a para fora da cama.

— Com quem os Panthers vão jogar hoje? — perguntou ela, levantando e virando o corpo, sedutora.

— Os Gladiators de Roma.

— Que nome! Eles jogam bem?

— Muito bem. Precisamos ir.

Ele deixou-a sob o toldo, no lado da torcida da casa na arquibancada, uma das menos de dez pessoas que estavam por ali uma hora antes do jogo. Liwy estava envolta por um poncho e encolhida sob um guarda-chuva, mais ou menos protegida da chuva de vento. Rick quase sentiu pena. Vinte minutos depois, ele entrou no campo, de uniforme completo, para fazer o alongamento, zombando dos companheiros, sempre de olho em Liwy. Sentia como se estivesse novamente na universidade, talvez mesmo na escola de ensino médio, ansioso em jogar pelo amor ao jogo, pela glória de vencer, mas também por uma linda garota na arquibancada.

O jogo foi todo na lama, não parou de chover por um momento sequer. Franco largou a bola duas vezes no primeiro quarto e Fabrizio não conseguiu pegar dois lançamentos, de tão escorregadia que a bola estava. Os Gladiators também se atolaram. Quando faltava um minuto para o intervalo, Rick saiu da zona de lançamento e correu trinta jardas, para tentar abrir o marcador. Na saída de jogo, Fabrizio pegou a bola e marcou. O placar era de 6 a 0 no intervalo. Sam, que não tivera a chance de reclamar e gritar com ele durante duas semanas, descarregou a ira acumulada no vestiário. Todos se sentiram melhor.

No último quarto, a água se acumulava em enormes poças por todo o campo. Numa segunda para dois, Rick fingiu que ia passar para Franco, depois fez que ia lançar a bola para Giancarlo, o terceiro tailback, e depois fez um passe comprido para Fabrizio, uma bala que voou pelo campo. Ele largou a bola, tornou a pegá-la e correu vinte jardas sem ser tocado. Com uma vantagem de dois touchdowns, Sam planejou ataques-surpresa para todas as jogadas. Os Gladiators não conseguiram avançar nem dez jardas em quatro jogadas. Só conseguiram isso cinco vezes em todo o jogo.

Rick despediu-se de Liwy na estação ferroviária, na noite de domingo. Ficou observando o Eurostar partir, com tristeza e alívio. Não percebera antes a extensão de sua solidão. Tinha uma relativa certeza de que sentia falta da companhia de uma mulher, mas Liwy fizera com que se sentisse novamente como um garoto na universidade.

Ao mesmo tempo, ela não era exatamente de baixa manutenção. Exigia sua atenção e tinha uma tendência para a hiperatividade. Ele precisava de algum descanso. No final do domingo, recebeu um e-mail da mãe:

Querido Ricky:

Seu pai decidiu que não fará a viagem à Itália, no final das contas. Ele está furioso com você e aquela coisa em Cleveland... o jogo já foi terrível, mas agora os repórteres não param de telefonar para perguntar sobre a agressão. Desprezo essas pessoas. Começo a compreender por que você bateu naquele pobre coitado.

Mas você podia ter aparecido para nos visitar, já que veio aos Estados Unidos. Não o vemos desde o Natal. Eu bem que poderia ir sozinha, mas tenho medo de que minha diverticulite se agrave. É melhor eu continuar por aqui. Diga, por favor, que estará em casa dentro de um mês ou por aí. Vão mesmo prendê-lo?

*Amor,
mamãe*

Ela tratava a diverticulite como um vulcão ativo, sempre prestes a entrar em erupção, caso esperassem que fizesse uma coisa que não queria fazer. Cometera o erro, cinco anos antes, de viajar junto com Randall para a Espanha, num grupo de aposentados. Ainda se queixavam do custo, a viagem de avião, a grosseria de todos os europeus, a chocante ignorância das pessoas que não sabem falar inglês. Rick não os queria na Itália. Mandou um e-mail de volta:

Mamãe querida:

Lamento muito que vocês não possam vir, mas o tempo por aqui anda mesmo horrível. Não serei preso. Tenho advogados trabalhando no caso... foi apenas um mal-entendido.

Diga a papai para relaxar. A vida é boa aqui, mas é claro que sinto saudade de casa.

*Amor,
Rick*

Também no domingo, ele recebeu um e-mail de Arnie:

Meu caro bosta:

O advogado em Cleveland fez um acordo pelo qual você se declara culpado, paga uma multa e se livra da cadeia. Mas, se admitir a culpa, Cray pode usar a confissão contra você numa ação cível. Ele alega que fraturou um maxilar e insiste numa indenização. Tenho certeza de que toda a cidade de Cleveland o apoia. Você gostaria de enfrentar um júri em Cleveland? Receberia a pena de morte apenas pela agressão. E dariam um bilhão de dólares de indenização a Cray numa ação cível. Estou trabalhando no caso, não sei direito por quê.

Rat me xingou ontem pela última vez, ou pelo menos assim espero. Tiffany teve um parto prematuro e parece que a criança é mestiça; neste caso, você livrou a sua cara.

Estou agora oficialmente perdendo dinheiro como seu empresário e achei que você gostaria de saber disso.

E-mail em resposta para Arnie:

Amo você, cara. E acho que é o maior, Arn. Continue a manter os abutres a distância. Os poderosos Panthers ganharam hoje, impedindo os Gladiators de Roma de marcarem qualquer ponto em meio a uma inundação. E o seu amigo foi magnífico.

Se Cray teve um maxilar fraturado, diga a ele que precisa ter dois. Mande ele me processar e entrarei com um pedido de falência pessoal... aqui na Itália! Vamos descobrir se os advogados dele gostam da ideia.

A comida e as mulheres continuam a espantar. Muito obrigado por sua competência ao me mandar para Parma.

RD

Um e-mail para Gabriella:

Obrigado por sua gentil mensagem há poucos dias. Não se preocupe com o episódio em Florença. Já fui dispensado por mulheres melhores. E não precisa se preocupar com qualquer contato futuro.

Capítulo 23

A linda cidade de Bolzano fica na região montanhosa no Nordeste do país, chamada Trentino-Alto Adige. É um acréscimo recente ao território da Itália. Foi separada da Áustria em 1919 pelos Aliados e entregue aos italianos, como uma recompensa por terem lutado contra os alemães. Sua história é complicada. As fronteiras têm sido alteradas e manipuladas por quem tem o exército maior. Muitos de seus habitantes consideram-se de origem germânica e não resta a menor dúvida de que sua aparência alicerça essa pretensão. A primeira língua da maioria é o alemão e a segunda é o italiano, muitas vezes falado com relutância. Outros italianos costumam comentar que aqueles não são italianos de verdade.

Todos os esforços para italianizar, germanizar ou homogeneizar a população fracassaram totalmente. Ao longo do tempo, porém, desenvolveu-se uma trégua aceitável e a vida ali é boa. A cultura é puramente alpina. As pessoas são conservadoras, hospitaleiras e prósperas... e amam sua terra.

A paisagem é deslumbrante, montanhas com picos escarpados, vinhedos e bosques de oliveiras à beira de lagos, vales cobertos por pomares de macieiras, milhares de quilômetros quadrados de florestas protegidas.

Rick tomou conhecimento de tudo isso através de seu guia turístico. Liwy, no entanto, acumulou detalhes. Como nunca estivera na região, assumiu de início a tarefa de planejar a viagem. As provas no curso, no entanto, interferiram com os planos, além do fato de Bolzano ficar a pelo menos seis horas de trem de Florença. Por isso, ela transmitiu os resultados de sua pesquisa numa série de e-mails empolgados. Rick examinou-os à medida que chegavam, durante a semana, depois deixou todas as mensagens impressas na mesa da cozinha. Estava mais preocupado com o futebol americano do que com a maneira pela qual Mussolini devastara a região no entre-guerras.

E o futebol americano já era motivo de preocupação mais do que suficiente. Os Giants de Bolzano só haviam perdido uma partida, para Bergamo, e apenas por dois pontos.

Ele e Sam assistiram ao vídeo do jogo duas vezes e concordaram que o Bolzano deveria ter vencido. Um snap falho no que deveria ser um chute para marcar um gol de campo, valendo três pontos, fizera a

diferença.

Bergamo, os Giants de Bergamo... Ainda invictos, com uma série de 66 vitórias seguidas. Tudo o que os Panthers faziam agora era em função do Bergamo. O plano de jogo contra o Bolzano foi influenciado pela partida seguinte, que seria contra os Giants.

A viagem de ônibus levou três horas e a paisagem começou a mudar na metade. Rick sentou perto da frente, ao lado de Sam. Quando não estavam cochilando, conversavam sobre a vida ao ar livre... escalar as Dolomitas, esquiar, acampar na região dos lagos. Sem filhos, Anna e Sam passavam algumas semanas em cada outono explorando o Norte da Itália e o Sul da Áustria.

Jogando contra os Giants.

Se Rick Dockery tinha um jogo para se lembrar, em sua triste e curta carreira na NFL, era a partida contra os Giants, numa noite nublada de domingo, em Meadowlands, em transmissão nacional pela televisão, na presença de oitenta mil torcedores fanáticos. Ele jogava na ocasião pelo Seattle, em sua função habitual de terceiro quarterback.

O número um saía por contusão no intervalo, e o número dois fazia lançamentos que eram interceptados, quando não deixava a bola escapar de seu controle. Perdendo por vinte pontos ao final do terceiro quarto, o treinador dos Seahawks jogou a toalha e chamou Dockery. Ele completara sete lançamentos, todos para companheiros de time, conquistando 99 jardas. Duas semanas depois estava na lista dos dispensados.

Ainda podia ouvir o barulho ensurdecedor no Giants Stadium.

O estádio em Bolzano era muito menor e mais quieto, mas muito mais bonito. Com os Alpes assomando ao fundo, os dois times alinharam-se para o chute inicial, na presença de dois mil torcedores. Havia bandeiras, um mascote, gritos de guerra e foguetes.

Na segunda jogada a partir da linha de scrimmage, o pesadelo começou. Seu nome era Quincy Shoal, um corpulento tailback que jogara pelo time universitário da Indiana State. Depois das habituais temporadas no Canadá e na segunda divisão, Quincy viajara para a Itália dez anos antes e ali encontrara um lar. Tinha uma esposa e filhos italianos, detinha quase todos os recordes do país de corrida com a bola.

Quincy correu 78 jardas para um touchdown. Se alguém tocou nele, não seria evidente no vídeo do jogo. A multidão delirou; mais foguetes e até mesmo uma bomba de fumaça. Rick tentou imaginar aquelas bombas em Meadowlands.

Como o Bergamo era o próximo adversário e porque Sam sabia que eles haviam enviado observadores, ele e Rick decidiram correr com a bola e reduzir a participação de Fabrizio. Era uma estratégia arriscada,

o tipo de jogo que Sam apreciava. Ambos sentiam-se confiantes de que o ataque poderia lançar a bola à vontade, mas preferiam poupar algumas jogadas para a partida contra o Bergamo.

Como Franco costumava deixar a bola escapulir em sua primeira jogada a cada partida, Rick optou por uma abertura na direção de Giancarlo, um jovem tailback que começara a temporada como segundo, mas vinha crescendo a cada jogo. Rick gostava dele, basicamente porque tinha um fraco por reservas. Giancarlo possuía um estilo de corrida singular. Era pequeno, pesava menos de oitenta quilos, não era nem um pouco musculoso e não gostava dos choques. Fora nadador e mergulhador na adolescência, tinha os pés ágeis e rápidos. Quando se defrontava com o contato iminente, Giancarlo muitas vezes projetava-se para cima e para frente, ganhando algumas jardas adicionais a cada salto. Suas corridas estavam se tornando espetaculares, em particular os saltos, que lhe permitiam alcançar impulso antes de ser atingido pelos adversários.

Sam lhe dera o conselho que todo jovem runner do futebol americano recebe na sétima série: não deixe seus pés saírem do chão! Baixe a cabeça, proteja a bola, proteja os joelhos, pelo amor de Deus, mas não se esqueça dos pés! Milhares de carreiras universitárias haviam terminado subitamente por saltos espetaculares por cima do bolo de jogadores. Centenas de running backs profissionais haviam sido mutilados pelo resto da vida.

Giancarlo não dava ouvidos a esses sábios conselhos. Adorava voar pelo ar e não tinha medo de cair com todo impacto. Correu oito jardas para a direita, depois voou por mais três. Doze à esquerda, incluindo quatro provenientes de um meio gainer, o mergulho com salto-mortal. Rick avançou quinze jardas e gritou para Franco, pedindo que ele mergulhasse: — Não largue a bola!

Rick segurou a máscara de Franco quando romperam o huddle.

Franco, com os olhos desvairados e psicóticos, também agarrou a máscara de Rick e disse alguma coisa ríspida em italiano. Quem segura a máscara de proteção do quarterback?

Franco não largou a bola; em vez disso, arrastou-se por dez jardas, até ser soterrado por metade da defesa adversária, na linha de quarenta jardas dos Giants. Seis jogadas depois, Giancarlo saltou pela zona final. O jogo ficou empatado.

Quincy precisou de todas as quatro jogadas para marcar novamente. No lado do campo, Rick disse para Sam: — Deixe-o correr. Ele já tem 34 anos.

— Sei que idade ele tem — respondeu Sam, ríspido. — Mas gostaria de evitar que ele corra quinhentas jardas só no primeiro tempo.

A defesa do Bolzano preparara-se para os lançamentos longos e

ficou confusa com as corridas. Fabrizio não tocou na bola até quase o intervalo. Perto do final da partida, Rick fingiu que ia lançar para Franco, correu e passou a bola para seu receiver, que marcou fácil. Um jogo movimentado. Cada time marcara dois touchdowns em cada quarto. O público, barulhento, estava adorando.

Durante o intervalo, os primeiros cinco minutos no vestiário são perigosos. Os jogadores estão quentes, suados, alguns sangrando. Jogam os capacetes para longe, xingam, gritam, criticam, exortam uns aos outros a fazer o que não está sendo feito. A medida que a adrenalina lentamente assenta, eles relaxam um pouco. Tomam água.

Talvez tirem as proteções dos ombros. Ou cuidem dos ferimentos.

Era sempre igual, na Itália e em Iowa. Rick nunca fora um jogador emocional. Preferia se manter em segundo plano e deixar que a turma de cabeça quente insuflasse o time. Não estava nem um pouco preocupado com o empate com o Bolzano. Quincy Shoal já estava de língua de fora e Rick e Fabrizio ainda não tinham explorado ao máximo sua jogada de ataque.

Sam sabia quando entrar em ação. Depois de cinco minutos, assumiu o comando dos gritos no vestiário. Quincy estava engolindo todo mundo ali... 160 jardas, quatro touchdowns!

— Que grande estratégia! — berrou Sam. — Deixá-lo correr à vontade até que desmaie de cansaço! Nunca ouvi falar de nada parecido em toda a minha vida! Vocês são uns gênios! — E assim por diante.

A medida que a temporada prosseguia, Rick ficava cada vez mais impressionado com as broncas de Sam. E olha que ele era especialista no assunto. Embora em geral o poupasse, Sam demonstrava um talento excepcional quando arrasava com os outros. E o fato de ser capaz de detonar os jogadores em duas línguas tornava-o ainda mais assustador.

A fúria no vestiário, porém, teve pouco efeito. Quincy, com um descanso de vinte minutos e uma boa massagem, continuou do ponto em que parara. O quinto touchdown ocorreu na primeira série de ataques dos Giants no segundo tempo, e o sexto foi uma disparada de cinquenta jardas poucos minutos depois.

Um esforço heroico, mas não foi o suficiente. Quer fosse pela idade (34 anos), o excesso de massa na alimentação ou o esforço excessivo, Quincy estava liquidado.

Permaneceu em campo até o final da partida, mas sentia-se cansado demais para salvar o time. No último quarto, a defesa dos Panthers percebeu seu falecimento e adquiriu vida. Quando Pietro bloqueou-o numa terceira para dois, jogando-o no chão, o jogo estava acabado.

Com Franco arremetendo pelo meio e Giancarlo correndo e

saltando pelas extremidades, os Panthers empataram, a dez minutos do final. Um minuto depois, marcaram de novo, quando Karl, o dinamarquês, recolheu uma bola largada e cambaleou por trinta jardas, para o que deve ter sido o touchdown mais feio na história do futebol americano na Itália. Havia dois pequenos Giants grudados em suas costas, como insetos, durante as últimas dez jardas.

Como extra e para manter os ponteiros acertados, Rick e Fabrizio acertaram um lançamento longo a três minutos de soar o apito. O resultado final foi 56 a 41.

O vestiário estava muito diferente depois do jogo. Os jogadores se abraçaram e comemoraram, muitos à beira das lágrimas. Para um time que apenas poucas semanas antes parecia apático e morto, eles sentiam-se subitamente próximos de uma temporada espetacular. O poderoso Bergamo era o adversário seguinte, mas teriam de jogar em Parma.

Sam deu os parabéns aos jogadores e concedeu-lhes exatamente mais uma hora para comemorarem a vitória.

— Depois, encerrem tudo isso e comecem a pensar no Bergamo — sugeriu ele. — São 67 vitórias seguidas, oito títulos consecutivos no Super Bowl. Um time que não é derrotado há dez anos.

Rick sentava no chão, num canto, encostado na parede, desamarrando as chuteiras, enquanto ouvia Sam falar em italiano. Embora não pudesse entender o treinador, sabia exatamente o que ele dizia. Bergamo isso e Bergamo aquilo. Seus companheiros de time absorviam cada palavra, a expectativa já aumentando. Uma ligeira onda de energia nervosa envolveu Rick e ele não pôde deixar de sorrir.

Não era mais um pistoleiro de aluguel, um atirador trazido do Velho Oeste para dirigir o ataque e ganhar os jogos. Não sonhava mais com as glórias e riquezas da NFL. Esses sonhos pertenciam agora ao passado e se desvaneciam depressa. Ele era quem era, um Panther, e ao olhar, suado e com câibras, pelo vestiário, sentia-se perfeitamente feliz consigo mesmo.

Capítulo 24

Muito menos cerveja foi consumida na noite de segunda-feira, durante a sessão de vídeo. Houve menos piadas, insultos, risadas. O clima não era sombrio e todos ainda se sentiam orgulhosos de sua vitória no jogo fora de casa no dia anterior. Mas não era a típica noite de segunda-feira no cinema. Sam mostrou os principais destaques do jogo contra o Bolzano e depois apresentou clipes das principais jogadas do Bergamo, que ele e Rick haviam preparado durante o dia.

Concordaram sobre o óbvio: o Bergamo era bem treinado, bem financiado, bem organizado e tinha um talento um pouco acima da média do resto da liga em algumas posições, mas certamente não em todas. Seus americanos consistiam num lento quarterback que viera do time universitário da San Diego State, um strong safety que marcava duro e tentaria matar Fabrizio logo no início do jogo, e um cornerback capaz de disparar pelas beiradas do campo, embora houvesse um rumor de que distendera o tendão do jarrete. O Bergamo era o único time da liga com dois de seus três americanos na defesa. O principal jogador, no entanto, não havia nascido nos Estados Unidos.

O middle linebacker era um italiano chamado Maschi, um showman exuberante, de cabelos compridos e chuteiras brancas, com uma atitude egoísta que copiara da NFL, a liga à qual pensava que deveria pertencer. Rápido e forte, Maschi tinha um grande instinto, adorava o choque, quanto mais, melhor, e geralmente era encontrado no meio de cada bolo de jogadores. Com cem quilos, era grande o bastante para provocar uma devastação na Itália e teria condições de jogar na maioria dos times universitários da primeira divisão dos Estados Unidos. Insistia em ser chamado de L.T., em homenagem a seu ídolo, Lawrence Taylor.

O Bergamo era forte na defesa, mas não impressionava muito quando estava com a bola. Contra o Bolonha e o Bolzano, dois times perigosos, ficara atrás no placar até o último quarto e poderia muito bem ter perdido. Rick estava convencido de que o Parma Panthers era um time melhor, mas Sam já fora derrotado tantas vezes pelo Bergamo que se recusava a assumir uma atitude confiante, pelo menos em particular. Depois de oito títulos seguidos do Super Bowl, o Bergamo Lions alcançara uma aura de invencibilidade que valia pelo menos dez pontos em cada jogo.

Sam tornou a passar o vídeo e insistiu na fraqueza do ataque do

Bergamo. O tailback era rápido, mas relutava em baixar a cabeça e correr o risco. Quase nunca havia um lançamento longo — e quando acontecia, era sempre na terceira das quatro jogadas de ataque — porque careciam de um recebedor confiável. A linha ofensiva era grande e sólida, mas muitas vezes lenta para bloquear um ataque surpresa contra o quarterback.

Quando Sam acabou, Franco tomou a palavra. Em seu estilo eloquente de advogado, fez um apelo emocionante e inspirado por uma semana de dedicação e trabalho árduo, que pudesse levá-los a uma grande vitória. Para encerrar, sugeriu que treinassem todos os dias, até sábado. A ideia foi aprovada por unanimidade. Nino não queria ficar para trás. Assumiu a palavra e anunciou, para demonstrar a importância do momento, que decidira parar de fumar até depois do jogo, até a vitória sobre o Bergamo.

A notícia foi recebida com entusiasmo. Esse compromisso já fora feito antes e todos sabiam que Nino, privado da nicotina, era uma força assustadora no campo. Depois, anunciou que haveria um jantar para o time no Café Montana, na noite de sábado, por conta da casa. Carlo já estava trabalhando no cardápio.

Os Panthers sentiam-se nervosos com a expectativa. Rick recordou o jogo contra a Davenport Central, o mais importante do ano para a Davenport South High School.

Desde a segunda-feira a escola já planejava o resto da semana. Quase não se falava de outra coisa na cidade. Na tarde de sexta-feira, os jogadores estavam tão ansiosos que alguns ficaram nauseados e vomitaram horas antes do jogo.

Rick duvidava que qualquer Panther se deixasse dominar pelo nervosismo, mas era bem possível.

Todos deixaram o vestiário com uma solene determinação. Aquela era a semana deles. Aquele era o ano dos Panthers.

Liwy chegou na tarde de quinta-feira, em todo o seu esplendor e com uma surpreendente quantidade de bagagem. Rick estivera no campo, com Fabrizio e Cláudio, trabalhando incessantemente nos percursos de precisão e nas súbitas mudanças de jogadas, anunciadas por gritos na hora de iniciar o ataque. Aproveitou uma pausa para verificar as mensagens no celular. Liwy já estava no trem.

Enquanto seguiam da estação para o apartamento, Rick soube que ela (1) terminara as provas, (2) cansara das colegas de apartamento, (3) pensava seriamente em não voltar a Florença para os últimos dez dias de seu semestre no exterior, (4) não queria mais saber da família, (5) não falava com ninguém da família, nem mesmo com a irmã, uma pessoa com quem brigava desde o jardim de infância e que estava agora envolvida demais no divórcio dos pais, (6) precisava de um lugar para passar alguns dias, daí a bagagem, (7) preocupava-se com

seu visto, porque queria continuar na Itália por um período indefinido, e (8) sentia-se ansiosa em ir para a cama. Não se lamentava e não procurava por compaixão; na verdade, discorrera sobre sua plethora de problemas com um desligamento frio que Rick achou admirável. Liwy precisava de alguém e fugira ao encontro dele.

Ele carregou as malas muito pesadas pelos três lances de escada com extrema facilidade e energia. Na maior felicidade. O apartamento estivera quieto demais, quase sem vida. Rick percebeu que passava cada vez mais tempo fora. Caminhava pelas ruas de Parma, tomava café e cerveja em mesas ao ar livre, circulava por açougues e lojas de vinhos, até se desviava de seu percurso para visitar igrejas antigas, tudo para se manter afastado do tédio entorpecente do apartamento vazio. E sempre estava sozinho. Sly e Trey haviam-no deixado e seus e-mails para os dois quase nunca eram respondidos. Sam vivia ocupado em quase todos os dias, além de ser casado e levar uma vida diferente. Franco, seu companheiro de time predileto, era ótimo para um almoço ocasional, mas tinha um trabalho que exigia muito dele. Todos os Panthers trabalhavam, precisavam trabalhar. Não podiam se dar ao trabalho de dormir até meio-dia, passar duas ou três horas na academia e vaguear pela cidade, matando o tempo e sem ganhar nada.

Mas Rick também não estava à procura de uma companheira permanente para viver no apartamento. Isso acarretava complicações e exigia um comprometimento que ele relutava até em cogitar. Nunca vivera com uma mulher; não vivia com qualquer outra pessoa desde os tempos de Toronto, quando dividira um apartamento com um companheiro de time. Não cogitava a possibilidade de ter companhia em tempo integral.

Enquanto Liwy arrumava as coisas dela, Rick especulou, pela primeira vez, por quanto tempo ela pretendia ficar.

Adiaram o sexo para depois do treino. Seria um trabalho leve, sem o uniforme completo, mas mesmo assim ele preferia ter o uso pleno das pernas e dos pés.

Liwy sentou na arquibancada e ficou lendo um livro, enquanto os homens faziam os exercícios e discutiam os planos. Havia algumas outras esposas e namoradas espalhadas pela arquibancada, além de algumas poucas crianças, que não paravam de correr de um lado para outro.

Às dez e meia da noite de quinta-feira um funcionário da prefeitura apareceu no estádio e falou com Sam. Sua função era apagar as luzes.

Havia castelos à espera. Rick ouviu essa notícia pela primeira vez às oito horas da manhã, mas conseguiu virar para o lado e continuar a dormir. Liwy vestiu uma calça jeans e saiu à procura de café. Voltou meia hora depois com dois copos cheios. Comunicou outra vez que os castelos esperavam e acrescentou que queria começar pelo que havia

na pequena cidade de Fontanellato.

— É muito cedo.

Sentado na cama, Rick tomou um gole do café, com um esforço para se orientar numa hora tão insólita.

— Já esteve em Fontanellato?

Liwty tirou o jeans, pegou um guia turístico e suas anotações e sentou no lado da cama que se encontrava vazio.

— Nunca ouvi falar.

— Alguma vez deixou Parma desde que chegou?

— Claro. Jogamos em Milão, Roma e Bolzano.

— Não se trata disso, Ricky. Estou falando de pegar esse seu carrinho cor de cobre e dar uma volta pelo campo.

— Não. Por que...

— Não se sente pelo menos um pouco curioso sobre sua nova terra?

— Não. Aprendi a não me ligar a novos lugares. São todos temporários.

— Isso é ótimo. Mas não estou disposta a passar o dia inteiro neste apartamento, fazendo sexo de hora em hora, sem pensar em outra coisa além do que vamos comer no almoço e no jantar.

— Por que não?

— Quero fazer uma excursão. Ou você me leva de carro ou vou pegar um ônibus. Há muita coisa para ver. Ainda nem acabamos com Parma.

Partiram meia hora depois e seguiram para noroeste, à procura de Fontanellato, um castelo do século XV que Liwty estava ansiosa em explorar. Era um dia quente e ensolarado.

Baixaram as janelas do carro. Ela usava uma saia curta de brim e uma blusa de algodão. O vento ondulava através de tudo e o mantinha fascinado. Acariciou as coxas dela, que o empurrou com uma das mãos, enquanto a outra segurava o guia turístico aberto.

— Produzem 120 mil toneladas de queijo parmesão a cada ano — comentou ela, olhando para os campos ao redor. — Bem aqui, nestas fazendas.

— Nunca pensei que fosse tanto. As pessoas aqui põem queijo parmesão até no café.

— São quinhentas fábricas de laticínios, numa área bem definida, em torno de Parma. A produção é regulamentada por lei.

— Fazem até sorvete de queijo parmesão.

— E dez milhões de presuntos de Parma todos os anos. É difícil acreditar.

— Não se você vive aqui. Eles põem o presunto na mesa antes mesmo que você se acomode em seu lugar. Por que falamos sobre comida? Você estava com tanta pressa que nem tomamos o café da

manhã.

Liwy baixou o guia turístico e anunciou: — Estou com fome agora.

Seguiam por uma estrada estreita, com pouco tráfego. Logo chegaram à aldeia de Baganzola, onde encontraram um bar que tinha café e croissants. Liwy estava ansiosa em praticar seu italiano.

Embora as habilidades linguísticas dela parecessem eficientes para Rick, a signora no balcão teve de fazer um grande esforço para entendê-la.

— Ela fala um dialeto — explicou Liwy quando voltaram para o carro.

A Rocca — ou fortaleza — de Fontanellato fora construída cerca de quinhentos anos antes. Parecia mesmo inexpugnável. Era cercada por um fosso e ancorada por quatro torres maciças, com aberturas largas para observação e o uso de armas. Lá dentro, no entanto, havia um palácio maravilhoso, com paredes cobertas por obras de arte e salas com uma decoração extraordinária. Depois de quinze minutos, Rick já vira o suficiente, mas sua amiga apenas começara.

Quando ele finalmente levou-a de volta ao carro, seguiram para o norte, por orientação de Liwy, na direção da cidade de Soragna. Ficava nas férteis planícies da margem esquerda do rio Stirone. Fora o local de muitas batalhas antigas, segundo a historiadora no carro, que não conseguia digerir os detalhes com rapidez suficiente.

Enquanto avançavam pela estrada, Rick flagrou-se pensando no Bergamo Lions e especialmente no signor Maschi, o ágil middle linebacker, que em sua opinião era a chave para o jogo. Pensou em todas as jogadas e esquemas criados por brilhantes treinadores para neutralizar algum middle linebacker habilidoso. Quase nunca davam certo.

O castelo em Soragna (ainda a residência de um príncipe de verdade!) datava apenas do século XVII. Depois de uma rápida excursão pelas dependências, eles pararam para almoçar numa pequena delicatessen. De lá, foram para San Secondo, um lugar famoso hoje em dia pelo spalla, um presunto cozido. O castelo da cidade, construído no século XV para servir de fortaleza, desempenhara um papel importante em muitas batalhas.

— Por que essas pessoas brigavam tanto? — perguntou Rick em determinado momento.

Liwy deu uma resposta rápida, mas tinha pouco interesse pelas guerras. Sentia-se mais atraída pelas obras de arte, os móveis, as lareiras de mármore e coisas do tipo. Rick deu-se por vencido e foi cochilar debaixo de uma árvore.

Terminaram em Colorno, uma cidade que era conhecida como "a pequena Versalhes do vale do Pó". Era uma fortaleza imponente, reformada para se tornar uma esplêndida residência, com enormes

jardins e pátios. Quando chegaram, Liwy continuava tão animada quanto estivera sete horas antes, ao entrarem no primeiro castelo, do qual Rick mal podia se lembrar. Ele seguiu-a bravamente pela excursão exaustiva, até que não conseguiu mais aguentar: — Encontre-me no bar.

E ele deixou-a num enorme corredor, olhando assombrada para os afrescos no teto, perdida em outro mundo.

Rick recusou-se a participar de outra excursão no sábado e tiveram uma breve discussão. Foi a primeira e ambos acharam-na engraçada. Logo terminou e nenhum dos dois pareceu guardar ressentimento, o que era um sinal promissor.

O plano de Liwy era uma viagem para o sul, até Langhirano, através da região dos vinhedos, com apenas dois castelos importantes para examinar. Rick queria um dia tranquilo, passado inteiramente na cama, enquanto tentava se concentrar com mais afinco no Bergamo e menos nas pernas de Liwy. Acabaram chegando a um acordo: permaneceriam na cidade para visitar duas igrejas.

Rick estava calmo e descansado, ainda mais porque o time concordara em renunciar ao ritual da noite de sexta-feira, de pizza regada a baldes de cerveja no Polipo.

Haviam feito exercícios rápidos, sem os uniformes, vestindo apenas shorts, ouviram mais detalhes de planejamento de jogo de Sam, escutaram outro discurso emocionado, só que de Pietro, e finalmente voltaram para casa às dez horas. Já haviam treinado o suficiente.

Reuniram-se no Café Montana na noite de sábado, para a refeição anterior ao jogo, um festival gastronômico de três horas, com Nino sob os holofotes e Carlo rugindo na cozinha. O signor Bruncardo compareceu e fez um discurso para o time. Agradeceu a todos por uma temporada memorável, mas que não seria completa se não esmagassem o Bergamo no dia seguinte.

Não havia mulheres presentes — o pequeno restaurante fora ocupado apenas pelos jogadores — e isso levou à recitação de dois poemas obscenos. Como despedida, foi apresentada uma ode entremeada de palavrões, composta pelo lírico Franco e oferecida num estilo histérico.

Sam mandou-os para casa às onze horas da noite.

Capítulo 25

Bergamo fez uma boa viagem. Levou uma quantidade impressionante de torcedores, que chegaram cedo, ruidosos, desfraldaram bandeiras, sopraram apitos, cantaram, como se estivessem em casa, no Stadio Lanfranchi. Oito títulos consecutivos no Super Bowl concediam-lhes o direito de irem a qualquer lugar na liga italiana e tomarem conta do estádio. Suas animadoras de torcida vestiam-se de maneira apropriada, em saias douradas e curtas, e botas pretas até os joelhos. Isso foi uma distração para os Panthers durante o prolongado aquecimento pré-jogo. O foco foi perdido, ou pelo menos temporariamente desviado, enquanto as garotas se sacudiam, requebravam e pulavam na preparação para o grande jogo.

— Por que não podemos ter animadoras de torcida? — perguntou Rick, quando Sam se aproximou.

— Cale essa boca.

Sam circulou pelo campo, rosnando para os jogadores, tão nervoso quanto qualquer treinador da NFL antes do início de um grande jogo. Conversou por um instante com um repórter da Gazzetta di Parma. Uma equipe de TV filmou algumas cenas, tanto das animadoras de torcida quanto dos jogadores.

Os torcedores dos Panthers não se deixaram sufocar. Alex Olivetto passara a semana convocando os jogadores mais jovens de ligas juvenis. Concentraram-se num canto da arquibancada da casa e logo estavam gritando com os torcedores do Bergamo.

Muitos ex-jogadores do Parma Panthers também compareceram, com as respectivas famílias e amigos. Qualquer um com um interesse mesmo que passageiro pelo football americano estava no estádio antes do chute inicial.

O nervosismo no vestiário era intenso e Sam não fez qualquer esforço para acalmar seus jogadores. O futebol americano é um jogo de emoção, a maior parte dela baseada no medo, e todo treinador quer ver seu time clamando por violência. Ele fez as advertências normais contra penalidades, perdas de bola e erros estúpidos, para depois deixá-los à solta.

Quando os times se alinharam para o chute inicial, o estádio estava lotado e barulhento. Parma recebeu a posse da bola e Giancarlo correu pela linha lateral, até ser empurrado para o banco do Bergamo, na linha de 31 jardas. Rick tomou posição com seu ataque,

aparentemente frio, mas com o estômago todo contraído.

As três primeiras jogadas faziam parte do plano de jogo. Nenhuma fora projetada para marcar pontos. Quando ele avisou que faria um quarterback sneak, a jogada em que corria com a bola para a linha ofensiva, não houve necessidade de tradução. Nino tremia de raiva e privação de nicotina. Os glúteos estavam contraídos, mas a passagem de bola foi rápida. Ele disparou como um foguete para cima de Maschi, que conseguiu se esquivar e parou a jogada depois da conquista de uma jarda.

— Bela corrida, Mico — gritou ele para Rick, num inglês com forte sotaque.

O epíteto seria lançado contra Rick várias vezes durante o primeiro tempo do jogo.

A segunda jogada foi de novo o quarterback sneak. Não deu em nada e era justamente esse o plano. Maschi arremetia num ataque-surpresa furioso em todas as terceiras descidas de longa distância, sem exceção, e algumas de suas derrubadas do quarterback adversário eram puros atos de brutalidade. Sua tendência, porém, talvez por falta de experiência, ou talvez porque gostasse de se exhibir, era o ataque surpresa direto. No huddle, Rick comunicou sua jogada especial: — Matem Maschi.

O ataque ensaiara a jogada durante uma semana. Em formação de shotgun, sem tailback e com três wideouts, Franco postava-se logo depois de Karl, o dinamarquês, no bloqueio da esquerda. Agachou-se ao máximo para permanecer escondido. Na saída de bola, a linha de ataque fez o bloqueio duplo dos dois adversários pelo meio, deixando apenas uma abertura para a passagem do signor "L.T." Maschi, que avançou em disparada, seguindo direto para Rick. Ele mordera a isca e sua rapidez quase o matou.

Rick recuou para o lançamento, com a esperança de que a jogada fosse consumada antes que o linebacker o alcançasse. Quando Maschi explodiu pelo centro da linha, alto e confiante, ansioso pela oportunidade de acertar Rick logo no início do jogo, o juiz Franco subitamente surgiu do nada e causou uma estrondosa colisão entre dois jogadores, cada um pesando cem quilos. O capacete de Franco acertou no ponto, por baixo do capacete de proteção do rosto de Maschi. A tira de couro do queixo arrebentou e o capacete dourado do Bergamo subiu pelo ar. Maschi voou pelo campo de ponta-cabeça. Quando ele caiu, de cabeça, Sam pensou que talvez o tivessem matado.

Era um caso clássico de decapitação, o tipo de jogada que seria exibida um milhão de vezes pelos canais de esporte dos Estados Unidos. Tudo perfeitamente legal, perfeitamente brutal.

Rick perdeu a cena porque estava de costas para a jogada,

protegendo a bola. Mas ouviu o estalo e o rangido do choque assustador, tão violento quanto qualquer coisa da verdadeira NFL.

Enquanto a jogada continuava, as coisas ficaram complicadas. Quando acabou, os árbitros precisaram de cinco minutos para resolver tudo. Havia pelo menos quatro bandeiras no campo, além do que pareciam ser três cadáveres.

Maschi, estendido no chão, não se mexia. Ali perto, Franco também permanecia imóvel. Mas não havia penalidade para essa parte da jogada. A primeira bandeira fora para um secondary. O safety era um pequeno facínora chamado McGregor, um ianque do Gettysburg College que se imaginava ser da escola de assassinos de adversários errantes. Numa tentativa de marcar território, intimidar e simplesmente começar o jogo no tom certo, ele deu uma rasteira em Fabrizio, que corria pelo lado do campo, longe da ação. Felizmente, um árbitro viu. Infelizmente, Nino também viu. Quando Nino correu para McGregor e derrubou-o, houve mais bandeiras. Os treinadores entraram em campo e por pouco não começaram a brigar.

As bandeiras finais apareceram na área em que Rick fora derrubado, depois de uma conquista de cinco jardas. O cornerback, apelidado de O Professor, jogara umas poucas vezes no time da Universidade de Wake Forest quando era jovem. Agora, com trinta e poucos anos, continuava a estudar, para obter um diploma em literatura italiana.

Quando não estava estudando nem dando aulas, era jogador e treinador do Bergamo Lions. O Professor ia de cabeça e gostava do fator surpresa, quando o adversário não podia se defender. Se o tendão do jarrete o incomodava, não era evidente. Depois de bater em Rick, ele berrou, como um alucinado: — Grande corrida, Mico! Agora, faça um lançamento para mim!

Rick deu-lhe um empurrão. O Professor o empurrou em resposta. Houve bandeiras.

Enquanto os árbitros se reuniam, frenéticos, tentando decidir o que fazer, os times cuidavam de seus feridos. Franco foi o primeiro a se levantar. Correu para a lateral, onde foi aclamado pelos companheiros. O "Matem Maschi" funcionara com perfeição. No chão, as pernas de Maschi se mexeram e por isso houve algum alívio no estádio. Depois, os joelhos dobraram, a equipe médica recuou e Maschi levantou-se. Foi até a lateral, sentou no banco e começou a tomar oxigênio. Voltaria a jogar, dali a pouco, mas seu entusiasmo pelos ataques surpresa não ressurgiria naquele dia.

Sam gritava para que os árbitros expulsassem McGregor, o que seria merecido. Mas neste caso teriam de expulsar Nino também, por tê-lo derrubado com um soco. O acordo foi uma penalidade de quinze jardas contra os Lions... a primeira de quatro jogadas dos Panthers.

Quando Fabrizio viu a penalidade sendo marcada, levantou-se lentamente e foi para o banco.

Não houve lesões permanentes. Todos voltariam a jogar. Os jogadores nas laterais estavam furiosos e todos os treinadores gritavam com os árbitros, numa mistura acalorada de línguas.

Rick estava furioso devido ao encontro com o Professor e por isso escolheu-o de novo como alvo. Virou para a direita, cortou na lateral e foi direto para cima dele.

A colisão foi impressionante, ainda mais para Rick, que jamais gostara de bater de frente. Quando arremeteu contra o Professor, diante do banco dos Panthers, seus companheiros de time gritaram de exultação. Conquistaram sete jardas. A testosterona fluía solta. Todo o corpo de Rick vibrava graças a duas colisões diretas. Mas sua mente continuava clara, sem qualquer resquício das antigas concussões. Na mesma jogada, com o quarterback para a direita, Cláudio bloqueou o Professor, e quando ele se virou, Rick avançava a toda velocidade, de cabeça baixa, capacete mirando o peito do adversário. Outra colisão impressionante. Rick Dockery era um caçador de cabeças.

— O que pensa que está fazendo? — gritou Sam, quando Rick passou correndo.

— Levando a bola para frente.

Se não fosse remunerado, Fabrizio a esta altura já poderia ter ido para o vestiário. Mas o salário impusera uma responsabilidade que o garoto aceitou com alguma maturidade. E ainda queria jogar no futebol americano universitário nos Estados Unidos. Deixar um jogo no meio não contribuiria para esse sonho. Ele correu de volta para o campo, junto com Franco. O ataque estava intacto.

E Rick se cansara de correr. Com Maschi no banco, Rick trabalhou pelo meio com Franco, que jurara pelo túmulo de sua mãe que não largaria a bola, e lançou para Giancarlo nas extremidades. Correu mais duas vezes, conquistando boas jardas. Numa segunda para duas, a partir da linha de dezenove jardas, ele simulou um passe para Franco, depois outro para Giancarlo, correu um pouco, parou atrás de sua linha e lançou para Fabrizio, na zona final. McGregor estava perto, mas não o suficiente.

— O que você acha? — perguntou Sam a Rick, enquanto observava os times entrarem em formação para o chute inicial.

— Tome cuidado com McGregor. Ele vai tentar quebrar a perna de Fabrizio.

— Está ouvindo essa merda de "Mico"?

— Não, Sam. Estou surdo.

O tailback do Bergamo, o que os observadores informavam que não gostava de colisões, pegou a bola na terceira jogada e bateu (com força) em todos os jogadores da defesa do Parma Panthers que

tentaram bloqueá-lo, para um galope espetacular de 74 jardas que levou os torcedores ao delírio e provocou um ataque histérico em Sam.

Depois do chute inicial, o sr. Maschi voltou ao campo, mas com muito menos gás. Não fora liquidado, no final das contas.

— Vou pegá-lo de novo — garantiu Franco.

Por que não?, pensou Rick. Ele escolheu uma jogada de mergulho, o avanço direto para a linha inimiga. Passou a bola para Franco. Horrorizado, viu a bola escapulir.

Foi impulsionada por um joelho em movimento sobre a linha de scrimmage. Na confusão que se seguiu, metade dos jogadores em campo tocou na bola de um jeito ou de outro. A bola foi rolando, pulando de um bolo de jogadores para outro, até sair pela lateral, sem que ninguém conseguisse agarrá-la. Ainda era bola dos Panthers. Conquista de dezesseis jardas.

— Este pode ser o nosso dia — murmurou Sam, sem se dirigir a ninguém em particular.

Rick alterou o ataque, deslocando Fabrizio para a esquerda e lançando-o para uma conquista de oito jardas, antes da saída pela lateral. McGregor ainda o empurrou, fora do campo, mas não houve penalidade. De volta à direita, a mesma jogada, mais oito jardas. O lançamento curto funcionava por duas razões: Fabrizio era muito rápido para ser marcado de perto, e por isso McGregor tinha de lhe dar algum espaço; e o braço de Rick era muito forte para ser bloqueado no lançamento curto. Ele e Fabrizio haviam passado horas treinando os padrões, bolas diretas, enviesadas, ganchos, em arco.

A chave seria o tempo em que Fabrizio se manteria disposto a aturar as batidas de McGregor depois que recebia os lançamentos de Rick.

Os Panthers marcaram ao final do primeiro quarto, quando Giancarlo saltou por cima de uma onda de adversários, caiu de pé e correu por dez jardas para a zona final.

Foi uma manobra espantosa, destemida, acrobática, que levou os torcedores do Parma à loucura. Sam e Rick sacudiram a cabeça. Só na Itália.

Os Panthers estavam ganhando por 14 a 7.

O jogo tornou-se difícil no segundo quarto, quando os dois ataques nada conseguiram. Maschi se livrava rapidamente da confusão que reinava no cérebro e recuperava a forma. Algumas de suas jogadas eram impressionantes, pelo menos quando observadas da zona de lançamento, o recanto seguro de onde Rick tinha uma boa visão do jogo.

Maschi, no entanto, não parecia propenso a fazer outro ataque surpresa camicase. Franco mantinha-se sempre à espreita nas

proximidades, próximo a seu quarterback.

Quando faltava um minuto para o intervalo, com os Panthers na frente por um touchdown, ocorreu a jogada mais crucial da partida. Rick, que não tivera uma única bola interceptada em cinco partidas, finalmente teve um lançamento interrompido. Foi uma bola para Fabrizio, que estava bem aberto. Mas a bola saiu alta. McGregor pegou-a, no meio do campo, com uma boa possibilidade de alcançar a zona final. Rick correu para o lado do campo, assim como Giancarlo. Fabrizio atingiu McGregor, com força suficiente para fazê-lo girar e retardar seu avanço, mas ele conseguiu se manter de pé e continuou a correr. Giancarlo foi o seguinte. Quando McGregor conseguiu se esquivar, descobriu-se de repente numa rota de colisão com o quarterback.

O sonho de um quarterback é assassinar o safety que interceptou seu passe. Mas é um sonho que nunca se converte em realidade, pois a maioria dos quarterbacks não quer nem ao menos chegar perto de um safety que está com a bola e empenhado em marcar. É apenas um sonho.

Mas Rick passara o dia inteiro batendo capacete, e pela primeira vez desde o ensino médio procurava por contato. Subitamente, se transformara num homem de choque, um pistoleiro, alguém para ser temido. Com McGregor na mira, Rick se lançou, sem qualquer preocupação com o próprio corpo e sua segurança, visando apenas o alvo.

O impacto foi estrondoso e violento. McGregor caiu para trás, como se tivesse levado um tiro na cabeça. Rick ficou atordoado por um segundo, mas logo se levantou de um pulo, como se estivesse pronto para liquidar outro adversário. A multidão ficou aturdida e emocionada com o bloqueio implacável.

Giancarlo caiu sobre a bola e Rick optou por deixar o tempo esgotar. Ao deixarem o campo para o intervalo, Rick olhou para o lado do Bergamo e viu McGregor andando cauteloso, apoiado num preparador físico, quase como um pugilista que acabara de ser nocauteado.

— Você tentou matá-lo? — perguntou Liwy mais tarde, não com repulsa, mas também sem admiração.

— Tentei — respondeu Rick.

McGregor não entrou em campo quando a campanha soou. O segundo tempo logo se tornou o espetáculo de Fabrizio. O Professor foi marcá-lo e logo se queimou. Se marcava de perto, Fabrizio o ultrapassava com facilidade antes de pegar a bola. Se marcava a distância, como preferia, Rick fazia lançamentos para conquistas de dez jardas, que começaram a se acumular. Os Panthers marcaram duas vezes no terceiro quarto. No último, os Lions tentaram uma estratégia

de bloqueio duplo com Fabrizio, utilizando o Professor, que a esta altura já estava sem fôlego e não tinha mais condições de acompanhar a corrida, e um italiano, que não apenas era pequeno, como também muito lento. Quando Fabrizio deixou os dois para trás e pegou um lançamento perfeito de Rick do meio do campo, o placar chegou a 35 a 14. As comemorações começaram.

Os torcedores do Parma disparavam foguetes, cantavam sem parar, balançavam imensas bandeiras. Alguém jogou a inevitável bomba de fumaça. No outro lado do campo, os torcedores do Bergamo estavam silenciosos e espantados. Se você ganha 67 partidas consecutivas, passa a pensar que nunca mais vai perder. A vitória se torna automática.

Uma derrota num jogo apertado já seria um terrível desapontamento, mas aquilo era uma surra memorável. Os torcedores enrolaram as bandeiras e guardaram o resto de suas coisas. As animadoras de torcida estavam silenciosas e muito tristes.

Muitos Lions nunca haviam perdido, mas, de modo geral, aceitaram a derrota com espírito esportivo. Maschi, surpreendentemente, era um homem afável; sentou no gramado depois que o jogo acabou, ainda de uniforme, e conversou com vários Panthers. Manifestou sua admiração por Franco pelo golpe brutal e quando soube que o nome da jogada era "Matem Maschi", considerou-a um elogio. E admitiu que a longa série invicta criara pressão demais, expectativas em excesso. De certa forma, era um alívio deixar aquilo para trás. Haveriam de se enfrentar de novo, muito em breve, Parma e Bergamo, provavelmente no Super Bowl, e os Lions estariam de novo em forma. Era uma promessa.

Normalmente, os americanos dos dois times se encontravam depois do jogo para uma troca de cumprimentos. Era sempre bom ter notícias da terra natal e comparar suas impressões a respeito de jogadores que haviam conhecido. Mas isso não aconteceu naquele dia. Rick estava ressentido por ter sido chamado de "Mico" e saiu apressado do campo. Tomou uma chuva de chuva, vestiu-se, comemorou por um instante e foi embora com Liwy.

Tivera uma vertigem no último quarto e agora sentia dor na base do crânio. Golpes demais na cabeça. Uma orgia de futebol americano.

Capítulo 26

Os dois dormiram até meio-dia, no quarto mínimo de um pequeno albergue perto da praia. Depois, pegaram toalhas, protetor solar, garrafas de água mineral e livros.

Ainda tontos, cambalearam para a beira do mar Adriático, onde montaram acampamento para passar a tarde. Era o início de junho e fazia calor, a temporada turística aproximava-se depressa, mas a praia ainda não estava lotada.

— Você precisa de sol — disse Liwy, enquanto se cobria de óleo.

Ela tirou a parte de cima do biquíni. Ficaram só algumas tiras onde eram absolutamente necessárias.

— Acho que é por isso que estamos aqui na praia — comentou Rick. — Não vi nenhum salão de bronzeamento em Parma.

— Não há americanas em quantidade suficiente.

Haviam deixado Parma depois do treino e da pizza na noite de sexta-feira no Polipo. A viagem até Ancona levava três horas, depois outra meia hora para o sul, ao longo da costa da península Conero, até o pequeno balneário de Sirolo. Já passava de três horas da madrugada quando se registraram. Liwy reservara o quarto, verificara o percurso, descobrira onde ficavam os restaurantes. Adorava cuidar dos detalhes de viagem.

Um garçom finalmente notou-os e se aproximou, ansioso por uma gorjeta. Pediram sanduíches, cerveja e esperaram mais de uma hora. Liwy manteve-se absorvida num livro, enquanto tirava cochilos intermitentes. Quando despertava, Rick virava de lado e admirava-a de topless, tostando ao sol.

O celular de Liwy tocou em algum lugar no fundo de sua bolsa de praia. Ela pegou-o, verificou o identificador de chamada e decidiu não atender a ligação.

— Meu pai — explicou, com uma contrariedade evidente, para depois voltar a seu romance de mistério.

O pai não parava de telefonar, assim como a mãe e a irmã. Já se haviam passado dez dias desde o término de seu período de estudo no exterior e ela já insinuara mais de uma vez que poderia não voltar para casa. Por que deveria? As coisas eram muito mais seguras na Itália.

Embora ela ainda guardasse alguns detalhes, Rick já sabia do básico. Sua família por parte de mãe era de uma linhagem de sangue

azul de Savannah, pessoas miseráveis, segundo as sucintas descrições de Liwy. Nunca aceitara seu pai, porque ele era da Nova Inglaterra. Os pais haviam se conhecido na Universidade da Geórgia, onde as pessoas da família estudavam. O casamento tivera uma veemente oposição, o que estimulava a mãe a insistir. Havia ocorrido brigas, em muitos níveis. O casamento estava condenado desde o início.

O fato de que ele era um eminente neurocirurgião, que ganhava muito dinheiro, pouco significava para a família da mulher, que na verdade estava longe de ser rica, mas fora abençoada para sempre com a posição de "dinheiro de família".

O pai trabalhava por muitas horas e era absorvido por completo pela sua carreira. Comia e dormia no consultório e logo começou a desfrutar da companhia das enfermeiras.

Essa situação se prolongara por anos, até que a mãe, em retaliação, passara a sair com homens mais jovens. Muito mais jovens. Sua irmã fazia terapia desde os dez anos de idade.

— Uma família absolutamente disfuncional — avaliava Liwy.

Ela mal podia esperar pelo momento de sair de casa para um colégio interno, aos catorze anos. Escolhera uma escola em Vermont, o mais longe possível. Durante quatro anos, reudara as férias. Passava os verões em Montana, onde trabalhava como monitora num acampamento.

Para aquele verão, quando voltasse de Florença, o pai lhe arrumara um emprego temporário num hospital em Atlanta, onde trabalharia com vítimas de acidentes que haviam sofrido lesões cerebrais. Queria que Liwy fosse médica, sem dúvida tão competente quanto ele. Mas ela não tinha planos, exceto o de se afastar dos caminhos escolhidos pela família.

O julgamento do divórcio fora marcado para o final de setembro, com muito dinheiro em jogo. A mãe exigia que ela testemunhasse a seu favor, em especial sobre um incidente que ocorrera três anos antes, quando Liwy surpreendera o pai acariciando uma jovem médica no hospital. O pai brigava pelo dinheiro. O divórcio vinha se arrastando havia dois anos e Savannah aguardava ansiosa a confrontação pública entre o grande médico e a famosa socialite.

Liwy queria desesperadamente evitar o escândalo. Não podia admitir que seu último ano no curso de história da arte fosse maculado por uma briga sórdida entre os pais.

Rick tomara conhecimento de tudo isso em breves narrativas, quase relutantes, em geral depois que o celular de Liwy tocava e ela era obrigada a falar com alguém da família. Ele escutava, paciente, e Liwy ficava feliz por ter alguém com quem pudesse desabafar. Em Florença, as companheiras de apartamento viviam absortas demais em suas próprias vidas.

Rick sentia-se grato por seus pais um tanto insossos e pela vida simples que levavam em Davenport.

O celular de Liwy tocou de novo. Ela pegou-o, soltou um grunhido e afastou-se pela praia, com o celular grudado no ouvido. Rick acompanhava e admirava cada passo.

Outros homens mudaram de posição em suas cadeiras de praia para olharem melhor.

Ele calculou que fosse a irmã, porque Liwy atendera e se afastara apressada, como se quisesse poupá-lo dos detalhes. Mas não podia ter certeza. Quando voltou, Liwy limitou-se a murmurar "Desculpe", antes de tornar a se deitar ao sol e recomeçar a ler.

Felizmente para Rick, os Aliados haviam bombardeado Ancona no final da guerra. Por isso, praticamente não havia castelos e palazzi. Segundo a coleção de guias turísticos de Liwy, havia apenas uma velha catedral que valia a pena conhecer, e ela não se mostrava muito ansiosa em visitá-la. Dormiram até tarde no domingo, decidiram não fazer qualquer passeio e foram para o campo de futebol americano.

Os Panthers chegaram de ônibus à uma e meia da tarde. Rick esperava no vestiário. Liwy ficara sozinha na arquibancada, lendo um jornal dominical italiano.

— Fico satisfeito por você ter conseguido chegar — resmungou Sam para seu quarterback.

— Pelo que vejo, treinador, está em seu bom humor habitual.

— Tem toda razão. Uma viagem de ônibus de quatro horas sempre me deixa alegre.

A grande vitória sobre o Bergamo ainda era comemorada e Sam, como sempre, esperava um desastre contra os Dolphins de Ancona. Uma derrota e os Panthers ficariam fora das finais. Exigira o máximo dos jogadores na quarta e na sexta-feira, mas eles ainda exultavam com a quebra da longa invencibilidade do Bergamo. A Gazzetta di Parma publicara uma reportagem na primeira página, inclusive com uma foto grande de Fabrizio correndo pelo campo. Saíra outra reportagem na terça-feira, com fotos de Franco, Nino, Pietro e Giancarlo. O Parma Panthers era o time mais falado na liga e vinha atraindo a atenção de todos os torcedores de futebol americano na Itália. Não paravam de falar sobre o quarterback americano e todo o resto.

O Ancona ganhara apenas um jogo e perdera seis, a maioria por uma longa margem. Os Panthers estavam um tanto apáticos, como era de esperar, mas haviam massacrado o Bergamo, e só por isso já intimidavam o adversário. Rick e Fabrizio fizeram uma boa ligação no primeiro quarto, e Giancarlo deu carrinho e uma barrigada para marcar mais dois touchdowns no segundo. No início do último quarto, Sam esvaziou o banco e Alberto assumiu o comando da ofensiva.

A temporada regular terminou com a bola no meio do campo, os dois times juntos ao redor, como se fosse uma formação de rúgbi, enquanto o relógio marcava os segundos finais. Os jogadores tiraram as camisas sujas e as proteções dos ombros e passaram meia hora trocando apertos de mãos e fazendo promessas sobre o ano seguinte. O tailback do Ancona era de Council Bluffs, Iowa, e jogara no time de uma pequena universidade em Minnesota. Vira Rick jogar sete anos antes, numa grande partida entre Iowa e Wisconsin. Passaram um momento alegre ao recordarem o jogo. Fora um dos melhores desempenhos de Rick no tempo da universidade. E era bom conversar com alguém que tinha o mesmo sotaque.

Falaram também sobre jogadores e técnicos que conheceram. O tailback tinha um voo marcado no dia seguinte e mal podia esperar para voltar para casa. Rick, é claro, continuaria para as finais. Além disso, não tinha planos. Desejaram sorte um ao outro e prometeram se encontrar em outra ocasião.

O Bergamo, ansioso em iniciar um novo ciclo, derrotara o Roma por seis touchdowns e terminara a temporada com 7 a 1. O Parma e o Bolonha empataram em segundo com a 2 e jogariam entre si nas semifinais. A grande notícia do dia fora a derrota do Bolzano. Os Rhinos de Milão ganharam a última partida e foram para as finais.

Eles garantiram o bronzeado por mais um dia, depois se cansaram de Sirollo. Foram para o norte, parando por um dia e uma noite na aldeia medieval de Urbino. Liwy já visitara agora treze das vinte regiões e insinuava uma prolongada excursão, incluindo as sete que faltavam. Mas com um visto expirado, até onde ela poderia ir?

Liwy preferia não falar sobre o assunto. E fazia um trabalho extraordinário em ignorar a família, torcendo para que também esquecessem que ela existia. Enquanto viajavam por estradas secundárias da Umbria e da Toscana, ela estudou os mapas com um talento especial para descobrir pequenas aldeias, vinhedos e antigos palazzi.

Conhecia a história das regiões: as guerras e conflitos, os soberanos e suas cidades-estados, a influência de Roma e seu declínio. Podia olhar para a catedral de uma pequena aldeia e dizer "barroca, final do século XVII", ou "românica, início do século XII". Como informação extra, podia acrescentar: — Mas o domo foi projetado cem anos depois por um arquiteto clássico.

Ela conhecia os grandes artistas plásticos, e não apenas o trabalho deles, mas também suas cidades natais, a forma como aprenderam seus ofícios, excentricidades e detalhes de suas carreiras. Conhecia o vinho italiano e encontrava um sentido nas intermináveis variedades de uvas das regiões. Caso sentissem sede, ela era capaz de encontrar uma vinícola oculta. Faziam uma rápida excursão e depois

saboreavam uma amostra grátis.

Finalmente voltaram a Parma no final da tarde de quarta-feira, bem a tempo para um longo treino. Liwy permaneceu no apartamento ("o lar"), enquanto Rick seguia para o Stadio Lanfranchi, a fim de se preparar para enfrentar novamente o Bolonha Warriors.

Capítulo 27

O Panther mais velho era Tommaso, ou simplesmente Tommy. Tinha 42 anos e jogava havia vinte. Sua intenção, partilhada com frequência no vestiário, era de só se aposentar depois que o Parma conquistasse seu primeiro Super Bowl. Uns poucos companheiros de time achavam que ele já passara muito da idade da aposentadoria e seu desejo de continuar era mais um motivo para os Panthers se apressarem e ganharem logo o primeiro título.

Tommy jogava na defesa e permanecia em campo em cerca de um terço de todos os jogos. Era alto e pesava cerca de noventa quilos, mas era rápido com a bola e fazia passes bastante decentes. Nas jogadas de corrida, porém, não era páreo para um lineman ou um fullback de bom nível. Sam tomava bastante cuidado na maneira como utilizava Tommy. Havia vários Panthers, os caras mais velhos, que se contentavam em pegar a bola algumas poucas vezes em cada partida.

Tommy era funcionário público, com um emprego garantido e um apartamento moderno no centro da cidade. Nada ali era velho, com exceção do prédio. Dentro do apartamento, Tommy empenhara-se em eliminar qualquer concessão à idade ou à história. Os móveis eram feitos de vidro e couro, ou eram cromados, os assoalhos eram de carvalho claro sem verniz, as paredes cobertas por uma arte contemporânea desconcertante. Havia ali todos os aparelhos de diversão de alta tecnologia possíveis e imaginários.

Sua mulher naquela noite — que não era uma esposa, com toda certeza — combinava à perfeição com a decoração. Seu nome era Maddalena, tão alta quanto Tommy, mas quarenta quilos mais magra e pelo menos quinze anos mais jovem. Enquanto Rick a cumprimentava, Tommy abraçava e beijava Liwy, agindo como se pudesse levá-la para o quarto a qualquer momento.

Liwy atraía a atenção dos Panthers... e por que não? Era uma americana linda e jovem, vivendo em Parma com o quarterback. Como italianos de sangue quente, não podiam deixar de se insinuar. Sempre houvera convites para jantar, mas desde a chegada de Liwy que a demanda por Rick aumentara bastante.

Rick conseguiu arrancar Liwy das mãos de Tommy e passou a admirar a coleção de troféus e lembranças de futebol americano. Havia uma foto de Tommy com um time jovem.

— No Texas — informou o anfitrião. — Perto de Waco. Vou até lá

todo mês de agosto para treinar com o time.

— Escola de ensino médio?

— Si. Tiro férias e faço o que chamam de two-a-days. Não é esse o nome?

— É sim. O two-a-days é sempre em agosto.

Rick estava espantado. Jamais conhecera alguém que se submetesse voluntariamente aos horrores desse treinamento em agosto. E, em agosto, a temporada italiana já terminara; então, por que se incomodar com todo aquele condicionamento brutal?

— Sei que é uma loucura — comentou Tommy.

— É mesmo. Você ainda vai?

— Não. Parei há três anos. Minha esposa, a segunda, não aprovava. — Ele lançou um olhar cauteloso para Maddalena, por alguma razão, antes de continuar: — Ela foi embora, mas estou muito velho agora. Aqueles garotos têm apenas dezessete anos, muito jovens para um homem de quarenta anos, não acha?

— Sem dúvida.

Rick seguiu adiante, ainda aturdido com a ideia de Tommy ou qualquer outra pessoa passar as férias no calor do Texas, empenhado em corridas curtas e se jogando contra sacos de bloqueio.

Havia uma prateleira com cadernos de capa de couro absolutamente iguais, cada um com três centímetros de espessura, o ano gravado em dourado, um caderno para cada uma das vinte temporadas de Tommy.

— Este é o primeiro — disse Tommy.

Havia uma tabela dos jogos dos Panthers, com os resultados acrescentados à mão. Quatro vitórias, quatro derrotas. Os programas dos jogos, notícias dos jornais, fotos.

Tommy apontou para si mesmo num grupo e disse: — Este sou eu, o número 82 já naquele tempo, quase quinze quilos maior.

Ele parecia imenso e Rick quase comentou que um pouco daquele volume seria bem-vindo agora. Mas Tommy era um homem elegante e esbelto, sempre com uma boa aparência.

Sem dúvida a perda de peso tinha relação com sua vida amorosa. Folhearam alguns anuários e as temporadas começaram a se misturar.

— Nunca conquistamos um Super Bowl — disse Tommy, mais de uma vez.

Ele apontou para um espaço vazio no meio de uma prateleira e comentou: — Este é o lugar especial, Rick. É aqui que porei uma foto grande dos meus Panthers depois que ganharmos o Super Bowl. Você estará aqui, não é, Rick?

— Claro que sim.

Ele passou o braço pelos ombros de Rick e levou-o para a área de jantar, onde os drinques esperavam... apenas dois amigos.

— Estamos preocupados, Rick — disse Tommy, subitamente sério.

Uma pausa.

— Preocupados com o quê?

— Este jogo. Estamos muito perto. — Ele serviu vinho branco em duas taças. — Você é um grande jogador de futebol americano, Rick. O melhor que já tivemos em Parma, talvez em toda a Itália. Um verdadeiro quarterback da NFL. Pode nos dizer, Rick, que vamos vencer o Super Bowl?

As mulheres estavam no pátio, olhando para as flores numa jardineira.

— Ninguém pode ter essa certeza, Tommy. O resultado do jogo é imprevisível.

— Mas você, Rick, já viu muita coisa, muitos grandes jogadores, em estádios magníficos. Conhece o jogo de verdade, Rick. Sabe com certeza se podemos vencer.

— Claro que podemos vencer.

— Mas você promete?

Tommy sorriu e bateu com os dedos no peito de Rick.

— Vamos, companheiro, só entre nós dois. Diga o que quero ouvir.

— Creio que ganharemos os dois próximos jogos, conquistando o Super Bowl. Mas só um tolo prometeria isso, Tommy.

— O sr. Joe Namath garantiu. Foi no terceiro ou no quarto Super Bowl?

— No terceiro. Mas eu não sou Joe Namath.

Tommy era tão pouco tradicional que não providenciara queijo parmigiano nem presunto prosciutto para comerem enquanto esperavam o jantar. O vinho era espanhol. Maddalena serviu salada de espinafre e tomate, depois pequenas porções de um prato frio com bacalhau assado que nunca seria encontrado em livros de culinária da Emilia-Romagna.

Não havia qualquer vestígio de massa. A sobremesa foi um biscoito seco e escuro, como se fosse de chocolate, mas praticamente sem gosto.

Pela primeira vez em Parma, Rick deixou uma mesa com fome. Depois de um café fraco e despedidas prolongadas, eles foram embora. Pararam para tomar um gelato na volta para casa.

— Esse homem é muito desagradável — comentou Liwy. — Ele me apalpou inteira.

— Não posso culpá-lo por isso.

— Cale-se!

— Além do mais, eu estava apalpando Maddalena.

— Sei que não fez isso, porque observei todos os seus movimentos.

— Ciúme?

— E muito. — Ela pôs na boca uma colherada do sorvete de

pistache e disse, sem sorrir: — Você me ouviu, Rick? Sinto um ciúme insano.

— Eu sei.

E, com isso, eles passaram por outro pequeno marco, deram mais um passo em direção à vida comum. Do flerte a sexo sem compromisso, depois um estágio mais intenso.

De rápidos e-mails a conversas longas pelo telefone. De um romance a distância a brincarem de casinha. De um futuro próximo incerto a uma posteridade que poderia ser partilhada. E, agora, um acordo de exclusividade. Monogamia. Tudo sacramentado com um gelato de pistache.

O treinador Russo já não aguentava mais tanta conversa sobre o Super Bowl. Na noite de sexta-feira ele gritou com os jogadores: se não levassem o Bolonha a sério, um time para o qual já haviam perdido naquela temporada, não disputariam o Super Bowl. Um jogo de cada vez, seus idiotas.

E ele gritou de novo no sábado, enquanto faziam exercícios leves, como Nino e Franco haviam exigido. Todos os jogadores compareceram, a maioria chegando uma hora mais cedo.

Partiram para Bolonha de ônibus, às dez horas da manhã seguinte. Fizeram um almoço leve de sanduíches, numa lanchonete na periferia da cidade. À uma e meia da tarde, os Panthers desembarcaram do ônibus e atravessaram o melhor campo de futebol americano da Itália.

Bolonha tem meio milhão de habitantes e muitos fãs de futebol americano. Os Warriors têm uma tradição de bons times, uma participação ativa nas ligas mais jovens e donos dedicados. Seu campo (que também fora originalmente construído para o rúgbi) fora melhorado para atender a todas as especificações do futebol americano, contando com uma boa manutenção. Antes da ascensão do Bergamo, o Bolonha dominava a liga.

Pouco depois do time chegar, dois ônibus lotados com torcedores do Parma pararam na frente do estádio. Eles entraram na maior algazarra. Não demorou muito para que as duas torcidas estivessem empenhadas numa competição de gritos. Bandeiras e faixas foram levantadas. Rick notou uma faixa que dizia "Fritem o Mico".

Segundo Liwy, a cidade de Bolonha era famosa por sua comida. Reivindicava a posição de melhor cozinha da Itália, o que não era de surpreender. Talvez o mico fosse um prato típico local.

Na primeira disputa entre os dois times durante a temporada, Trey Colby pegara três lançamentos para touchdown no primeiro quarto. Ao final do primeiro tempo, ele já tinha interceptado quatro possíveis touchdowns. Depois, sua carreira tivera um fim prematuro. Ray Montrose, um tailback que jogara no time da Rutgers, ganhara com facilidade o título de melhor corredor na temporada regular, com uma

média de 228 jardas por jogo. Não tivera problemas para passar pela defesa dos Panthers para três touchdowns e duzentas jardas. O Bolonha ganhara por 35 a 34.

Desde então, os Panthers não haviam mais perdido, nem sequer tiveram uma vitória apertada. Rick não esperava qualquer problema hoje. O Bolonha era um time de um só jogador: Montrose. O quarterback era o típico jogador de pequena universidade americana, duro, mas um pouco lento e irregular, até mesmo em jogadas curtas. O terceiro americano do time era um safety da Dartmouth, que não fora capaz de substituir Trey à altura... e Trey não era nem tão ágil e rápido quanto Fabrizio.

O jogo seria emocionante, com um escore elevado. Rick queria a saída de bola, mas os Warriors ganharam o cara-ou-coroa. Quando os times se alinharam para o chute inicial, as arquibancadas estavam lotadas e vibrando. O returner era um italiano pequeno. Rick notara no vídeo que ele costumava manter a bola baixa, afastada do corpo, um comportamento que o manteria no banco em qualquer time dos Estados Unidos.

— Tirem a bola dele! — gritara Sam, mil vezes, durante a semana. — Se o número oito pegar o chute, arranquem a porra da bola de suas mãos!

Mas, primeiro, tinham de alcançá-lo. Ao correr pelo meio do campo, o número oito podia farejar o gol. A bola afastou-se de sua barriga quando a segurou com a mão direita. Silvio, o pequeno e veloz linebacker, alcançou-o pelo lado e quase arrancou seu braço direito. A bola saiu rolando pelo chão. Um Panther recolheu-a. Montrose teria de esperar.

Na primeira jogada, Rick simulou que entregaria a bola a Franco para uma avançada pelo meio, depois fingiu que lançaria para Fabrizio, para um ganho de cinco jardas e a saída pela lateral. O cornerback, farejando uma interceptação dramática logo no início do jogo, mordeu a isca, e quando Fabrizio desviou-se para o outro lado, ficou com um caminho aberto à sua frente por um longo momento. Rick jogou a bola com muita força, mas Fabrizio sabia o que estava para acontecer. Tocou-a com os dedos, amorteceu-a contra a parte superior do corpo e agarrou-a firme, enquanto o safety se aproximava para interceptar a jogada. Só que o adversário não conseguiu conter Fabrizio, que desviou-se de novo, ligou o turbo e disparou para a linha do gol.

Para adiar ainda mais a entrada em cena do sr. Montrose, Sam optou por um onside kick, o chute curto que possibilitava a recuperação imediata da posse de bola. Havia treinado a jogada dezenas de vezes durante a última semana. Filippo, o kicker de pés enormes, acertou no alto da bola com perfeição. A bola saiu quicando

pelo meio do campo. Franco e Pietro correram atrás dela, não para pegá-la, mas para aniquilarem os dois Warriors mais próximos.

Derrubaram os garotos confusos que esperavam por um chute longo e voltavam timidamente para tentar recolher o chute mais curto. Giancarlo deu um salto-mortal por cima do bolo de jogadores e caiu sobre a bola. Três jogadas depois, Fabrizio estava de volta à zona final.

Montrose finalmente pegou a bola, na linha de 31 jardas. O lançamento para o tailback foi tão previsível quanto o nascer do sol. Sam mandou todos os Panthers, com exceção dos safeties, em seu encaço. Houve um bloqueio maciço, mas ainda assim Montrose conseguiu conquistar três jardas. Depois cinco, quatro e três outra vez.

Suas corridas eram curtas, as jardas eram conquistadas através de um enxame defensivo. Bolonha finalmente tentou uma jogada criativa. Sam ordenou outro ataque-surpresa.

Quando o quarterback tirou a bola da barriga de Montrose e olhou ao redor à procura de um receiver, avistou um sozinho, no outro lado do campo, pulando e acenando com os braços, porque não havia um único Panther num raio de vinte jardas. O lançamento foi longo e alto. Quando o receiver pegou a bola, na linha de dez jardas, os torcedores do Bolonha levantaram-se e aplaudiram. Duas mãos seguraram a bola, duas mãos deixaram-na escapular, de uma forma vagarosa e angustiada, como se fosse em câmera lenta. O receiver jogou-se para frente, a fim de pegar o troféu de ouro, que oscilava além das pontas de seus dedos. Caiu de cara no chão, na linha de cinco jardas, e esmurrou a grama.

Quase que se podia ouvi-lo chorar.

O kicker tinha uma média de 28 jardas por chute, mas conseguiu baixá-la, acertando um de seus torcedores. Rick entrou em campo com seu ataque. Sem huddle, lançou para Fabrizio em três jogadas consecutivas: uma bola enviesada pelo meio para doze jardas, uma bola em curva para onze, um lançamento longo para 34 jardas e o terceiro touchdown nos primeiros quatro minutos do jogo.

Bolonha não entrou em pânico e não abandonou seu plano de jogo. Montrose pegava a bola em todas as jogadas e Sam usava pelo menos nove jogadores da defesa para bloqueá-lo.

O resultado era um jogo de muitas corridas e bloqueios, com o ataque avançando a bola metodicamente pelo meio do campo. Quando Montrose marcou, da linha de três jardas, o primeiro quarto terminou.

O segundo quarto foi mais ou menos a mesma coisa. Rick e seu ataque marcavam com facilidade, enquanto Montrose e seus companheiros empacavam. No intervalo, os Panthers ganhavam por 38 a 13, e Sam se esforçava para encontrar alguma coisa de que se

queixar. Montrose marcou dois touchdowns em 21 corridas com a bola, por quase duzentas jardas, mas quem se importava?

Sam fez uma preleção no intervalo, a habitual advertência de treinador sobre colapsos no segundo tempo do jogo, mas foi um desempenho pouco convincente. A verdade é que Sam nunca vira qualquer time, em nenhum nível, se unir com tanta eficiência e sem esforço, depois de um começo de campeonato lamentável. Não restava a menor dúvida de que seu quarterback era um peixe fora d'água, e Fabrizio não era apenas bom, mas excelente, e valia cada centavo dos oitocentos euros que recebia por mês.

Mas todos os Panthers haviam subido para outro nível. Franco e Giancarlo corriam com autoridade e ousadia. Nino, Paolo, o Aggie, e Giorgio disparavam atrás da bola e quase nunca perdiam um bloqueio. Rick raramente era derrubado, nem mesmo pressionado. E a defesa, com Pietro obstruindo o meio do campo e Silvio desfechando um ataque surpresa impetuoso depois de outro, tornara-se uma gangue de derrubadores implacáveis, enxameando em torno da bola como uma matilha de cães.

De algum lugar, provavelmente graças à presença de seu quarterback, os Panthers haviam adquirido a segurança arrogante com que os treinadores sempre sonham. Exibiam esse tipo de comportamento exatamente naquele momento. Aquela era a temporada dos Panthers e não voltariam a perder.

Eles marcaram novamente no início do segundo tempo. Giancarlo avançou pela esquerda, depois pela direita, e Franco pelo meio. O ataque até a marcação durou seis minutos. Com o placar em 45 a 13, Montrose e companhia entraram em campo já com uma sensação de derrota. Ele não desistiu. Mas depois de trinta corridas, perdeu uma bola. Depois de 35, marcou seu quarto touchdown. Mas os poderosos Warriors estavam muito atrás. O resultado final foi 51 a 27.

Capítulo 28

Na manhã de segunda-feira, bem cedo, Liwy saltou da cama, acendeu a luz e anunciou: — Vamos para Veneza.

— Não — foi a resposta, resmungada debaixo dos travesseiros.

— Vamos sim. Você nunca esteve lá. Veneza é minha cidade predileta.

— Roma, Florença e Siena também eram.

— Levante-se, amor. Vou lhe mostrar Veneza.

— Não. Estou dolorido demais.

— Mas que maricas! Vou para Veneza e encontrarei um homem de verdade, um jogador do futebol tradicional.

— Vamos voltar a dormir.

— Nada disso. Estou saindo. Se você não quiser, irei de trem.

— Mande-me um cartão-postal.

Liwy deu uma palmada na bunda de Rick e foi para o chuveiro. Uma hora depois o Fiat estava carregado e Rick trazia café e croissants do bar próximo. O treinador Russo cancelara os treinos até sexta-feira. Assim como acontecia nos Estados Unidos, os times tinham duas semanas para se prepararem para o Super Bowl.

O adversário era o Bergamo, o que não era surpresa para ninguém.

Fora da cidade, longe do tráfego matutino, Liwy começou a discorrer sobre a história de Veneza. Felizmente, só ofereceu os pontos altos dos primeiros dois mil anos.

Rick escutava, a mão nos joelhos dela, enquanto Liwy relatava como a cidade fora construída sobre a lama, sofrendo muitas inundações. Consultava os guias turísticos de vez em quando, mas recitava a maior parte de memória. Já estivera lá duas vezes, para fins de semana prolongados, durante os últimos meses. Na primeira vez fora com um bando de estudantes, o que a inspirara a voltar sozinha na segunda.

— E as ruas são mesmo rios? — perguntou Rick, mais do que um pouco preocupado com o Fiat e onde poderia estacioná-lo.

— Mais conhecidos como canais. Não há carros, apenas barcos.

— E como se chamam esses barcos?

— Gôndolas.

— Isso mesmo, gôndolas. Vi um filme em que um casal saía para um passeio de gôndola e o barqueiro...

— Gondoleiro.

— Que seja. Ele cantava o tempo todo e o casal não conseguia fazer com que parasse. Muito engraçado. Era uma comédia.

— Isso é para turistas.

— Mal posso esperar.

— Veneza é a cidade mais extraordinária do mundo, Rick. Quero que você a ame.

— Tenho certeza de que vou adorar. Será que lá também tem um time de futebol americano?

— Não há qualquer referência nos guias turísticos.

Liwy desligara o celular e parecia despreocupada com os acontecimentos em sua casa. Rick sabia que os pais dela estavam furiosos e faziam ameaças, mas havia muito mais na saga do que ela revelara até então. Liwy podia desligar como se apertasse um botão, e quando mergulhava na história, arte e cultura da Itália, era outra vez uma estudante emocionada com seu assunto, ansiosa em partilhá-lo.

Pararam para almoçar nos arredores da cidade de Pádua. Uma hora depois, encontraram um estacionamento comercial para turistas com carros. Deixaram o Fiat ali, a vinte euros por dia.

Em Mestre, pegaram uma barca e a aventura na água teve início. A barca balançava enquanto as pessoas embarcavam, para depois atravessar a laguna de Veneza. Liwy abraçou-o, junto da amurada superior, e ficaram observando a aproximação de Veneza na maior expectativa. Logo entraram no Canal Grande. Havia embarcações por toda parte, táxis aquáticos, pequenas barcas com legumes, frutas e outros produtos, a lancha dos carabinieri, um vaporetto cheio de turistas, barcos de pesca, outras barcas e, finalmente, dezenas de gôndolas. As águas turvas batiam nos degraus de elegantes palazzi. O campanário da Piazza San Marco assomava, a distância.

Rick não pôde deixar de notar os domos de dezenas de igrejas antigas e teve o pressentimento angustiante de que logo conheceria a maioria.

Saltaram na estação da barca perto do Palácio Gritti. No calçadão de madeira, Liwy disse: — Essa é a única parte ruim de Veneza. Temos de carregar nossa bagagem até o hotel.

E foi o que fizeram, através de ruas apinhadas, pontes estreitas, vielas que os raios do sol não alcançavam. Ela advertira-o a trazer pouca bagagem, mas viera com uma mala duas vezes maior do que a dele.

O hotel era uma pensão pequena e graciosa, em geral ignorada pelos turistas. A proprietária, signora Stella, era uma mulher empertigada na casa dos setenta anos, que trabalhava na recepção e fingiu se lembrar da visita anterior de Liwy, quatro meses antes. Instalou-os num quarto de canto, apertado, mas com uma boa vista — catedrais ao redor — e um banheiro completo, o que nem sempre

acontecia naquelas pequenas pensões na Itália, explicou Liwy. A cama rangeu quando Rick deitou, o que o deixou preocupado por um instante. Mas Liwy não estava no clima, não com Veneza à frente deles e tanta coisa para ver. Ele não foi capaz de negociar sequer um cochilo.

Mas conseguiu negociar uma trégua. Seu limite seria de duas catedrais/palácios por dia. Depois, Liwy continuaria sozinha. Vaguearam pela Piazza San Marco, a primeira parada de todos os visitantes. Passaram a primeira hora numa mesa ao ar livre de um café, observando as enormes ondas de estudantes e turistas que desfilavam pela magnífica praça. Fora construída quatrocentos anos antes, quando Veneza era uma cidade-estado rica e poderosa, informou Liwy. O Palácio do Doge ocupava um dos cantos, uma vasta fortaleza que protegia Veneza havia pelo menos setecentos anos. A igreja, ou basílica, era enorme e atraía as maiores multidões.

Ela se afastou para comprar ingressos. Rick ligou para Sam. O treinador assistia ao vídeo do jogo do dia anterior entre o Bergamo e o Milão, a tarefa habitual de segunda-feira para qualquer treinador que se preparava para o Super Bowl.

— Onde você está? — perguntou Sam.

— Em Veneza.

— Com aquela garotinha?

— Ela já tem 21 anos, treinador. E está aqui comigo.

— Bergamo foi espetacular. Sem bolas largadas, apenas duas penalidades. Ganhou por três touchdowns. Parecem ter melhorado muito agora que se livraram da carga da invencibilidade.

— E Maschi?

— Brilhante. Nocauteou o quarterback no terceiro quarto.

— Já fui nocauteado antes. Desconfio que eles porão os dois americanos em cima de Fabrizio para pressioná-lo. Pode ser um longo dia para o garoto. Lá se vai o nosso jogo de lançamentos longos. E Maschi pode fechar a corrida com a bola.

— Graças a Deus pelos pontos de chutes — escarneceu Sam. — Tem um plano?

— Tenho sim.

— Importa-se de partilhar comigo, para que eu possa dormir esta noite?

Ainda não está pronto. Mais dois dias em Veneza e terei todos os detalhes definidos.

— Vamos nos encontrar na tarde de quinta-feira para decidir tudo.

— Combinado, treinador.

Rick e Liwy percorreram a basílica de San Marco em companhia de alguns turistas holandeses. O guia falava em qualquer língua que lhe fosse solicitada. Depois de uma hora, Rick escapuliu. Tomou uma

cerveja num café, ao sol poente, e esperou paciente por Liwy.

Passearam pelo centro de Veneza e atravessaram a Ponte Rialto, sem comprarem qualquer coisa. Para a filha de um médico rico, ela tinha um comportamento frugal.

Pequenas pensões, refeições baratas, trens e barcas, uma aparente preocupação com o custo das coisas. Insistia em pagar metade de tudo, ou pelo menos se oferecia.

Rick disse-lhe mais de uma vez que não era rico e não era bem pago, mas que se recusava a ter preocupações relacionadas a dinheiro. E se recusava a deixá-la pagar por muitas coisas.

A armação de metal da cama balançou bastante numa sessão durante a madrugada, barulho suficiente para que a signora Stella sussurrasse discretamente alguma coisa para Liwy no dia seguinte, ao café da manhã.

— O que ela disse? — perguntou Rick, assim que Stella se afastou.

Liwy, corando de repente, inclinou-se e murmurou: — Fizemos barulho demais ontem à noite. Houve reclamações.

— E o que você respondeu?

— Que era uma pena. Não podemos evitar.

— Grande, menina!

— Ela não acha que devemos parar, mas pode nos transferir para outro quarto, com uma cama mais sólida.

— Adoro um desafio.

Não há longas avenidas em Veneza. As ruas são estreitas, sinuosas, acompanhando os canais, que são atravessados graças a uma extensa variedade de pontes. Em determinada ocasião, alguém contara quatrocentas pontes na cidade, e Rick tinha certeza, ao final da quarta-feira, que já passara por todas.

Sentou sob um guarda-sol, à mesa na calçada de um café. Fumava um charuto cubano e tomava um Campari com gelo, enquanto esperava que Liwy visitasse outra catedral, esta conhecida como a igreja de San Fantin. Não se sentia cansado da garota, ao contrário. A energia e a curiosidade de Liwy inspiravam-no a usar o cérebro. Ela era uma companheira deliciosa, fácil de agradar e ansiosa em fazer qualquer coisa que parecesse divertida. Rick ainda esperava pelo vislumbre da garota rica e mimada, da egocêntrica universitária de uma fraternidade. Talvez esse lado de Liwy não existisse.

Também não se sentia cansado de Veneza. Na verdade, estava encantado com a cidade, seus esconderijos intermináveis, becos sem saída, piazzas ocultas. Ainda por cima, apreciava muito a pausa de massa nas refeições. Já vira catedrais, palazzi e museus em quantidade suficiente, mas seu interesse pela arte e história da cidade fora atiado.

Mas Rick era um jogador de futebol americano e ainda restava um

jogo na temporada. Era um jogo que tinha de vencer para justificar sua presença, sua existência e seu custo, por menor que fosse. Além disso, fora um quarterback na NFL, e se não fosse capaz de organizar o ataque para mais uma vitória ali na Itália, poderia muito bem se despedir dos campos.

Já insinuara que teria de partir na manhã de quinta-feira, mas Liwy o ignorara. Durante o jantar, no Fiore, ele disse: — Preciso voltar para Parma amanhã. O treinador Russo quer se reunir comigo de tarde.

— Acho que ficarei aqui.

Ela falou sem qualquer hesitação. Estava tudo planejado.

— Quanto tempo?

— Mais uns poucos dias. Não se preocupe. Ficarei bem.

Rick não tinha a menor dúvida quanto a isso. Embora preferissem permanecer juntos, ambos precisavam de seu espaço e eram especialistas em desaparecer como num passe de mágica, cada qual a sua própria maneira. Liwy podia viajar pelo mundo sozinha, com muito mais facilidade do que ele. Nada a perturbava ou intimidava. Ela se ajustava em movimento como qualquer viajante experiente e não hesitava em usar seu sorriso e beleza para conseguir o que queria.

— Vai voltar para o Super Bowl? — perguntou ele.

— Eu não perderia por nada neste mundo.

— Espertinha.

Comeram enguia, tainha e lula. Satisfeitos, seguiram a pé até o Harry's Bar, no Canal Grande, para um último drinque antes de dormirem. Sentaram num canto, observando um bando de americanos ruidosos, sem sentirem a menor saudade de sua terra.

— O que pretende fazer quando a temporada acabar? — perguntou Liwy.

Ela se aconchegava contra o braço direito de Rick, que acariciava seus joelhos com a mão direita. Bebiam devagar, como se pudessem passar a noite inteira ali.

— Ainda não sei. E você?

— Preciso voltar para casa, mas não quero ir.

— Eu não preciso e não quero. Mas também não sei o que posso fazer aqui.

— Não quer ficar? — perguntou ela, enquanto dava um jeito de se aconchegar ainda mais.

— Com você?

— Tem alguma outra garota em mente?

— Não foi isso que eu quis dizer. Você vai ficar?

— Posso ser persuadida.

A cama mais sólida ficava num quarto maior e resolvia o problema das reclamações. Dormiram até tarde na quinta-feira e se despediram

um tanto contrafeitos. Rick acenou para ela enquanto a barca se afastava e entrava no Canal Grande.

Capítulo 29

O som era vagamente familiar. Já o ouvira antes, mas das profundezas de seu coma não era capaz de se lembrar quando ou onde. Sentou na cama, constatou que passavam quatro minutos das três horas da madrugada, e finalmente juntou tudo. Havia alguém em sua porta.

— Já vou!

O intruso, homem ou mulher, retirou o dedo do botão branco da campainha no corredor. Rick vestiu um calção de ginástica e uma camiseta. Acendeu as luzes e se lembrou de repente do detetive Romo e de sua não-prisão, meses antes. Pensou em Franco, seu juiz pessoal, e decidiu que nada tinha a temer.

— Quem é? — perguntou ele, junto da porta.

— Eu gostaria de conversar com você.

Uma voz profunda, um pouco rouca. Americano. Indícios de um sotaque.

— Já estamos conversando.

— Procuro Rick Dockery.

— Acaba de encontrá-lo. O que você quer?

— Preciso falar com Liwy Galloway.

— Por acaso é da polícia?

Rick pensou de repente nos vizinhos e no escândalo que criava ao gritar através da porta fechada.

— Não.

Rick abriu a porta e deparou com um homem forte, de peito estufado, num terno preto ordinário. Cabeça grande, bigode espesso, olheiras enormes. Provavelmente uma longa amizade com a garrafa. O homem estendeu a mão.

— Sou Lee Bryson, um investigador particular de Atlanta.

— Prazer — disse Rick, sem apertar a mão estendida. — Quem é ele?

Havia um italiano de rosto sinistro por trás de Bryson, usando um terno escuro que devia ter custado apenas um pouco mais que o terno do americano.

— Lorenzo. Ele é de Milão.

— Isso realmente explica tudo. Ele é da polícia?

— Não.

— Quer dizer que não há policiais aqui?

— Não. Somos investigadores particulares. Eu gostaria que nos concedesse apenas dez minutos, por favor.

Rick acenou com a cabeça para que entrassem. Fechou a porta. Foram para a sala, onde os dois sentaram no sofá pequeno, os joelhos se tocando. Rick instalou-se numa cadeira no outro lado da sala.

— É melhor que seja importante.

— Trabalho para alguns advogados em Atlanta, sr. Dockery. Posso chamá-lo de Rick?

— Não.

— Está bem. Esses advogados estão envolvidos no processo de divórcio do dr. Galloway e da sra. Galloway. Mandaram-me até aqui para conversar com Liwy.

— Ela não está aqui.

Bryson correu os olhos pela sala. Pararam num par de sapatos altos vermelhos, perto da televisão. E se desviaram para a bolsa marrom na mesa do canto. Só faltava um sutiã com estampa de leopardo pendurado no abajur. Lorenzo olhava apenas para Rick, como se o seu papel fosse apenas o de estrangulá-lo, em caso de necessidade.

— Acho que está — insistiu Bryson.

— Não estou interessado no que você acha. Ela esteve aqui, mas não está mais.

— Importa-se se eu der uma olhada?

— Basta me mostrar o mandado de busca.

Bryson tornou a virar a cabeça maciça.

— É um apartamento pequeno — acrescentou Rick. — Com três cômodos. Pode ver dois do lugar em que senta. E garanto que Liwy não está no quarto.

— Onde ela está?

— Por que quer saber?

— Fui enviado até aqui para encontrá-la. Há pessoas nos Estados Unidos que estão muito preocupadas com ela.

— Talvez ela não queira voltar para casa. Talvez prefira evitar essas pessoas.

— Onde ela está?

— Liwy está bem. Gosta de viajar. Terá dificuldade para encontrá-la.

Bryson mexeu no bigode e deu a impressão de que sorria.

— E ela pode ter dificuldade para viajar. Seu visto expirou há três dias.

Rick absorveu o comentário, mas não cedeu.

— Isso não chega a ser um crime.

— Não, mas pode acarretar problemas. Ela precisa voltar para casa.

— É possível. Poderá explicar tudo isso a ela. E quando o fizer,

tenho certeza de que Liwy tomará a decisão que achar melhor. Ela já é crescidinha, sr. Bryson, capaz de cuidar da própria vida. Não precisa de você, nem de mim ou de qualquer pessoa na casa dela.

A investida noturna fracassara e Bryson começou a bater em retirada. Tirou alguns papéis do bolso do paletó, jogou-os em cima da mesa de centro e disse, com um esforço para parecer dramático: — O acordo é o seguinte. Isso aí é uma passagem só de ida, de Roma para Atlanta, neste domingo. Ela aparece e ninguém faz perguntas sobre o visto. Esse probleminha fica resolvido. Ela não aparece, então faltará a uma audiência sem nenhuma autorização oficial... e ainda permanecerá aqui sem a documentação apropriada.

— Isso tudo é ótimo, mas você está falando com a pessoa errada. Como eu disse, Liwy Galloway toma suas próprias decisões. Eu apenas ofereço um quarto quando ela passa por aqui.

— Mas vai falar com ela.

— Talvez, mas não há garantia. Eu a verei no próximo domingo... ou talvez no próximo mês. Ela gosta de viajar sem se ater a datas.

Não havia mais nada que Bryson pudesse fazer ali. Estava sendo pago para encontrá-la, fazer algumas ameaças, talvez assustá-la para fazer com que voltasse para casa e entregar a passagem. Além disso, ele não tinha qualquer autoridade. Dentro ou fora do território italiano.

Ele se levantou, com Lorenzo seguindo seus movimentos. Rick permaneceu sentado. Na porta, Bryson parou e disse: — Sou torcedor dos Falcons. Você não passou por Atlanta há alguns anos?

— Passei — respondeu Rick, sem acrescentar mais nada.

Bryson tornou a correr os olhos pelo apartamento. Terceiro andar, sem elevador. Prédio velho, numa rua estreita, numa cidade antiga. Uma longa distância dos refletores da NFL.

Rick prendeu a respiração e esperou pelo comentário insultuoso. Talvez algo do tipo: "Acho que finalmente você encontrou seu lugar." Ou: "Boa mudança na carreira."

Em vez disso, ele próprio preencheu o silêncio com uma pergunta: — Como me descobriu?

E Bryson respondeu, enquanto abria a porta: — Uma das colegas de apartamento de Liwy lembrava o seu nome.

Já era quase meio-dia quando ela finalmente atendeu o celular. Almoçava ao ar livre na Piazza San Marco e alimentava os pombos. Rick relatou a cena com Bryson.

A reação inicial de Liwy foi de raiva: como os pais ousavam procurá-la e se intrometerem à força em sua vida? Raiva dos advogados, que contratavam marginais que invadiam o apartamento de Rick de madrugada. Raiva de suas colegas de apartamento por darem pistas sobre seu paradeiro. Depois que ela se acalmou, a

curiosidade prevaleceu, enquanto debatia se era o pai ou a mãe quem se encontrava por trás daquela manobra. Era impossível conceber que os dois estivessem juntos naquilo. E depois ela se lembrou que o pai tinha advogados em Atlanta, enquanto os advogados da mãe eram de Savannah.

Quando Liwy finalmente pediu a opinião dele, Rick, que havia horas quase não pensava em outra coisa, disse que ela deveria pegar a passagem e voltar para casa. Lá chegando, poderia resolver o problema do visto e retornar à Itália o mais depressa possível.

— Você não compreende — disse Liwy, mais de uma vez.

E Rick não compreendia mesmo. A explicação desconcertante que ela deu em seguida foi a de que nunca poderia usar a passagem porque o pai conseguira manipulá-la durante anos e já não aguentava mais. Se voltasse aos Estados Unidos, teria de ser sob seus próprios termos.

— Eu nunca poderia usar essa passagem e ele sabe disso.

Rick franziu o rosto e coçou a cabeça, mais uma vez agradecido por ter uma família simples e insossa.

E não pela primeira vez, ele perguntou a si mesmo: até que ponto essa garota pode ter ficado abalada?

E o visto expirado? Como não era de surpreender, Liwy tinha um plano. A Itália, sendo a Itália, tinha brechas nas leis de imigração, uma delas sendo o permesso di soggiorno, ou permissão de permanência. Era às vezes concedida a estrangeiros em situação legal no país, mas com o visto expirado. Tipicamente, tinha o prazo de noventa dias.

Ela queria saber se o juiz Franco não conhecia alguém na imigração. Ou talvez o signor Bruncardo? E o que dizer de Tommy, o funcionário público, o homem da defesa que não sabia cozinhar? Devia haver com certeza alguém na organização dos Panthers capaz de dar um jeito.

Uma ideia maravilhosa, pensou Rick. E ainda mais provável se ganhassem o Super Bowl.

Capítulo 30

Um problema de última hora com a emissora de TV a cabo retardou o pontapé inicial para as oito horas da noite de sábado. Transmitir o jogo ao vivo pela televisão, mesmo que por um canal menor, era importante para a liga e para o esporte. Além disso, um Super Bowl à luz dos refletores significava uma bilheteria maior e uma multidão mais animada. Ao final da tarde, os estacionamentos em torno do estádio começaram a ficar lotados, com os fanáticos por futebol americano celebrando sua versão do tailgate, como os americanos chamam o encontro nos estacionamentos junto do estádio antes das partidas do futebol americano universitário, em que usam a caçamba das picapes para servirem como mesa, onde põem cerveja e comida. Ônibus trouxeram torcedores de Parma e Bergamo. Faixas foram estendidas nas beiradas do campo, ao melhor estilo do futebol tradição. Um balão de ar quente em miniatura pairava sobre o estádio. Como sempre, era o dia mais importante do ano para o futebol americano da Itália, com sua base pequena e leal de torcedores comparecendo a Milão para a disputa do título.

Era um pequeno estádio usado por uma liga local do futebol tradicional, com uma manutenção impecável. Para a ocasião, as redes e traves haviam sido removidas. O campo fora meticulosamente marcado, inclusive as linhas que delimitavam as laterais. Uma linha de fundo fora pintada de branco e preto, com a palavra "Parma" no centro. A cem jardas (exatamente) de distância, a linha de fundo do Bergamo era dourada e preta.

Houve discursos de dirigentes da liga antes do jogo, apresentações de ex-jogadores famosos, um cara-ou-coroa cerimonial, vencido pelos Lions, e um prolongado anúncio das formações iniciais. Quando os times finalmente se alinharam para o pontapé inicial, os dois lados vibravam de nervosismo e a torcida ia à loucura.

Até mesmo Rick, o quarterback frio e impassível, pulava na lateral do campo, batia nas proteções dos ombros e clamava por sangue. Era assim que devia ser o futebol americano.

Bergamo correu por três jogadas e chutou. Os Panthers não haviam preparado outra manobra de "Matem Maschi". Afinal, Maschi não era tão estúpido. Quanto mais Rick assistia aos vídeos, mais admirava e temia o middle linebacker. Ele podia demolir um ataque, como o grande L.T. Na primeira jogada da série de quatro do ataque do

Parma, Fabrizio recebeu uma marcação dos dois americanos — McGregor e o Professor — como Rick e Sam esperavam. Uma manobra sensata do Bergamo e o início de um dia difícil para Rick e seu ataque. Ele decidiu por um lançamento para a lateral. Fabrizio pegou a bola. Foi empurrado pelo Professor e recebeu um golpe nas costas de McGregor. Mas não houve bandeiras. Rick avançou para um árbitro, enquanto Nino e Karl, o dinamarquês, caçavam McGregor. Sam entrou em campo, gritando e xingando em italiano, e prontamente foi punido com uma falta pessoal. Os árbitros conseguiram evitar uma briga generalizada, mas a confusão prolongou-se por minutos. Fabrizio estava bem e voltou mancando para o huddle. Na segunda jogada, Rick realizou um passe longo para Giancarlo, mas Maschi conseguiu derrubá-lo. Entre as jogadas, Rick reclamava continuamente do árbitro, enquanto Sam gritava com o fiscal de linha.

Na terceira jogada, Rick decidiu entregar a bola a Franco, torcendo para que não ocorresse a tradicional perda de bola do primeiro quarto. Franco e Maschi colidiram com toda força, pelos velhos tempos. A jogada valeu duas jardas, sem mudança da posse de bola.

Os 35 pontos marcados contra o Bergamo um mês antes pareciam de repente um verdadeiro milagre.

Os times trocavam chutes, enquanto as defesas dominavam. Fabrizio foi sufocado e com seus oitenta quilos era empurrado em todas as jogadas. Cláudio largou dois passes curtos, que foram lançados com força demais.

O primeiro quarto terminou sem nenhum ponto marcado, num jogo chato. Isto é, talvez fosse chato de assistir, mas na linha de scrimmage a vibração era intensa. Cada jogada era a última da temporada e ninguém cedia um palmo sequer. Numa saída de bola atrasada, Rick correu para a direita, querendo sair pela lateral. Mas Maschi surgiu do nada e acertou-o, capacete contra capacete. Rick levantou-se de um pulo. Não fora nada demais. Mas fora do campo, ele esfregou as têmporas, tentando se livrar da confusão que tomara conta de seu cérebro.

— Você está bem? — perguntou Sam, quando ele passou.

— Muito bem.

— Então faça alguma coisa.

— Farei.

Mas nada dava certo. Como eles haviam receado, Fabrizio estava neutralizado, o que acabava com os lançamentos longos. E Maschi não podia ser controlado. Era forte demais no meio de campo e muito rápido nas laterais. Parecia muito melhor ao vivo do que no vídeo. O ataque de ambos os times podia conquistar algumas jardas, mas nenhum dos dois se aproximava da zona vermelha. Os kickers já começavam a cansar.

Faltando trinta segundos para o intervalo, o kicker do Bergamo acertou um chute de 42 jardas. Os Lions foram para o vestiário com uma vantagem de 3 a 0.

Charley Cray — dez quilos mais magro, o maxilar ainda preso por ferros, abatido, com pele flácida pendendo do queixo e das bochechas — escondia-se na multidão. Durante o intervalo, escreveu algumas anotações em seu laptop: — Não é um mau cenário para um jogo; estádio bonito, bem ornamentado, multidão entusiasmada de talvez cinco mil espectadores; — Dockery pode estar acabado também aqui na Itália; no primeiro tempo, acertou três em oito, avançou 22 jardas, não marcou nenhum ponto; — Devo dizer, no entanto, que isso é futebol americano de verdade. Os choques são brutais; tremendo empenho e vontade; ninguém afrouxa; esses caras não estão jogando por dinheiro, apenas por orgulho, e este é um incentivo poderoso; — Dockery é o único americano no time do Parma, e não se pode deixar de especular se o time não estaria melhor sem ele. Veremos.

Não houve gritos no vestiário. Sam elogiou a defesa pelo magnífico esforço. Continuem assim. Vamos encontrar um jeito de marcar.

Os treinadores se retiraram e os jogadores falaram. Nino, o primeiro como sempre, fez um elogio arrebatado aos heroicos esforços da defesa, depois exortou o ataque a marcar alguns pontos. Este é o nosso momento, disse ele. Alguns de nós podem nunca mais estar aqui. Deem o máximo. Tirem tudo lá do fundo. Ele removeu algumas lágrimas do rosto quando acabou de falar.

Tommy levantou-se e proclamou seu amor por todos ali. Aquele era seu último jogo, disse ele, e queria desesperadamente se aposentar como um campeão.

Pietro foi para o meio dos jogadores. Aquele não era seu último jogo, mas não permitiria que sua carreira fosse determinada pelos meninos do Bergamo. Gabou-se aos berros que eles não conseguiriam marcar no segundo tempo.

Quando Franco estava prestes a encerrar a reunião, Rick postou-se ao seu lado e ergueu a mão. Com Franco traduzindo, ele disse: — Ganhando ou perdendo, agradeço a vocês por me permitirem jogar em seu time nesta temporada.

Pausa. Tradução. Silêncio no vestiário. Seus companheiros de time absorviam cada palavra.

— Ganhando ou perdendo, estou orgulhoso de ser um Panther, um de vocês. Obrigado por me aceitarem.

Tradução.

— Ganhando ou perdendo, considero que todos vocês não são apenas meus amigos, mas meus irmãos.

Tradução. Alguns pareciam prestes a chorar.

— Tenho me divertido mais aqui do que na NFL americana. E não

vamos perder esse jogo.

Quando Rick acabou de falar, recebeu um abraço apertado de Franco, enquanto o time todo aplaudia no maior entusiasmo.

Franco, eloquente como sempre, discorreu sobre a história. Nenhum time de Parma jamais ganhara o Super Bowl e a hora seguinte seria a melhor para todos. Havia arrasado Bergamo quatro semanas antes, quebrando uma longa invencibilidade, mandando o time de volta para casa em desgraça, e com toda certeza podiam derrotar os Lions de novo.

Para o treinador Russo e seu quarterback, o primeiro tempo do jogo fora perfeito. O futebol americano básico — muito distante das complexidades dos grandes jogos universitários e profissionais — pode com frequência ser planejado como uma batalha antiga. Um ataque incessante numa frente pode preparar o cenário para um ataque surpresa em outra. Os mesmos movimentos monótonos podem fazer com que os oponentes acabem ficando sonolentos. No início, haviam feito o jogo de passagem de bola. O Bergamo bloqueara todos os passes e ficara confiante de que não restava mais nenhum plano.

Na segunda jogada do segundo tempo, Rick simulou que ia entregar a bola para um avanço direto de Franco, depois fingiu que lançaria para Giancarlo na esquerda, e acabou disparando por uma passagem aberta. Maschi, sempre rápido na bola, estava muito para a esquerda, em péssima posição. Rick correu por 22 jardas e saiu pela lateral para evitar McGregor. Sam esperava-o quando ele voltava correndo para o huddle.

— Isso pode dar certo. Guarde para mais tarde.

Três jogadas depois, os Panthers chutaram novamente. Pietro e Silvio correram para o campo, à procura de alguém para massacrar. Eles bloquearam o ataque adversário três vezes. Mais bolas chutadas voaram, enquanto o terceiro quarto se aproximava do fim. Os dois times se arrastavam no meio do campo, quase como dois pugilistas pesos pesados dentro do ringue, trocando socos, sem pensar em recuar.

No início do último quarto, os Lions avançaram lentamente com a bola até a linha de dezenove jardas, a penetração mais profunda conseguida em todo o jogo. Dali, o kicker deles acertou um chute de três pontos.

Atrás seis pontos, faltando dez minutos para o jogo terminar, os Panthers, fora do campo, subiram mais um nível de pânico e frenesi. Seus torcedores acompanharam a agitação. O clima era eletrizante.

— Hora do show — disse Rick para Sam, enquanto observavam o kickoff.

— Certo. Tome cuidado para não se machucar.

— Está brincando? Já fui atropelado por caras melhores.

Na primeira das quatro jogadas de ataque, Rick passou para Giancarlo na esquerda, que conquistou cinco jardas. Na segunda, ele simulou a mesma passagem, mas manteve a bola e abriu

em disparada pelo lado direito, livre e desimpedido por vinte jardas, até que McGregor se aproximou, com todo ímpeto. Rick baixou a cabeça e escorou-o, numa tremenda colisão. Os dois se levantaram no instante seguinte. Não havia tempo para confusão mental ou joelhos bambos.

Giancarlo disparou pela direita e foi contido por Maschi. Rick disparou pela esquerda e conquistou quinze jardas, antes de McGregor se jogar em seus joelhos. A única estratégia para contrabalançar a rapidez é a direção inesperada. De súbito, o ataque tinha uma perspectiva diferente. Os jogadores da retaguarda em movimento, três recebedores num lado, dois extremas ofensivos, novas jogadas, novas formações. Pelo meio, no wishbone, a jogada em que o fullback fica logo atrás do quarterback e dois halfbacks se colocam nos lados, Rick fingiu que ia passar para Franco, depois virou-se e lançou para Giancarlo, no momento em que Maschi o derrubava. Uma opção perfeita e Giancarlo correu por onze jardas. Outra formação em shotgun, outra corrida e Rick saiu pela lateral na linha de dezoito jardas.

Maschi estava agora adivinhando, não apenas reagindo. Tinha mais em que pensar. McGregor e o Professor haviam se afastado de Fabrizio por um ou dois passos, subitamente sob a pressão de deter os avanços do quarterback. Sete jogadas duras levaram a bola até a linha de três jardas. Filippo chutou para marcar três pontos. O Bergamo ganhava por 6 a 3, faltando seis minutos para o final do jogo.

Alex Olivetto reuniu-se com a defesa antes do pontapé inicial. Xingou, deu tapas em capacetes, fez tudo o que era possível para incendiar seus homens. Talvez tivesse até exagerado. Na segunda jogada das quatro a que o ataque do Lions tinha direito, Pietro deu uma cabeçada no quarterback e perderam quinze jardas preciosas por falta antidesportiva. O ataque parou no meio do campo e o chute arremessou a bola para a linha de cinco jardas.

Noventa e cinco jardas para percorrer em três minutos. Rick evitou Sam ao entrar no campo. Viu o medo no huddle e disse a todos que era o momento de relaxar. Nada de largar a bola, nada de faltas. Só precisavam bater com força e em breve estariam na zona final. Não houve necessidade de tradução.

Maschi provocou-o quando entraram em formação.

— Você pode conseguir, Mico. Basta me lançar a bola.

Em vez disso, Rick fez um passe para Giancarlo, que segurou a bola com toda firmeza e ganhou cinco jardas. Na segunda jogada, Rick desviou-se para a direita, procurou por Fabrizio no meio do campo,

viu um excesso de camisas douradas e decidiu carregar a bola. Franco, abençoado fosse, saiu do bolo de jogadores e bloqueou a investida de Maschi com um golpe violento. Rick ganhou catorze jardas e saiu pela lateral. Na jogada seguinte, ele tornou a se desviar para a direita, com a bola protegida, e correu na direção do gol adversário. Fabrizio avançava devagar, inútil, como estivera durante todo o jogo. Quando Rick avançou, ele acelerou subitamente, a toda velocidade, deixando McGregor e o Professor para trás. Rick parou, quase na lateral. Maschi já se aproximava para atropelá-lo.

Era aquele momento, que ocorre em cada jogo, em que o quarterback, desprotegido e vulnerável, percebe um receiver livre e tem uma fração de segundo para tomar uma decisão. Fazer o lançamento e correr o risco de uma derrubada que pode machucá-lo ou proteger a bola e correr para a segurança.

Rick plantou bem os pés e lançou a bola, tão longe quanto podia. Depois do lançamento, o capacete de Maschi acertou em seu queixo e quase fraturou o maxilar. O passe foi em espiral, tão alto e tão longo que o público soltou uma exclamação de incredulidade. Teve o momento de suspense de um chute perfeito, uns poucos e longos segundos em que todos ficam paralisados.

Todos, com exceção de Fabrizio, que voava e tentava descobrir a bola. A princípio, era impossível calcular onde ela poderia cair, mas haviam praticado aquela jogada, Ave Maria, uma centena de vezes.

— Corra para a linha de fundo — insistia Pack. — A bola estará lá. Quando a bola começou a descer, Fabrizio compreendeu que precisava de mais velocidade. E fez um esforço ainda maior, os pés mal tocando na grama. Na linha de cinco jardas, ele saiu do chão, como se desse um salto em distância olímpico, e deslizou pelo ar, os braços estendidos, os dedos tocando na bola. Segurou-a no instante em que passava pela linha do gol. Bateu no chão com toda força, levantou-se de um pulo, no mesmo impulso, e ergueu a bola para que o mundo inteiro a visse.

E todos viram, menos Rick, que estava de quatro, balançando para a frente e para trás, enquanto tentava recordar quem era. Um rugido estrondoso espalhava-se pelo estádio no momento em que Franco pegou-o e levou-o para fora de campo, onde os companheiros de time o cercaram. Rick conseguiu permanecer de pé, mas não sem ajuda.

Sam imaginou que ele estivesse morto, mas sentia-se atordoado demais com o touchdown para se afligir por seu quarterback.

Bandeiras tremulavam, enquanto a comemoração invadia o campo. Os árbitros conseguiram finalmente restabelecer a ordem e marcaram um chute da linha de quinze jardas, que Filippo aproveitou para marcar um ponto extra. Charley Cray escreveria: A bola percorreu 76 jardas pelo ar, sem a menor indicação de oscilação, mas o próprio

lançamento foi ofuscado pela grandeza da recepção no outro lado. Já testemunhei touchdowns espetaculares, mas devo dizer, com toda franqueza, para os admiradores do esporte, que esta entra no topo da lista. Um italiano magricela chamado Fabrizio Bonozzi salvou Dockery de outra derrota humilhante.

Filippo encheu o pé no chute inicial para lançar a bola sobre a linha de fundo. Na saída do adversário, Tommy girou para a esquerda, numa manobra surpreendente, e derrubou o quarterback dos Lions. Sua última jogada como um Panther foi a mais sensacional.

Na quarta jogada de sua série, o quarterback do Bergamo recebeu a bola errada, na formação de shotgun, e teve de cair em cima dela na linha de cinco jardas. O banco dos Panthers teve outra explosão e os torcedores berraram ainda mais alto.

Faltando cinquenta segundos para o fim do jogo e com Rick no banco cheirando amônia, Alberto assumiu o ataque e caiu em cima da bola duas vezes. O tempo acabou.

Os Panthers de Parma haviam conquistado seu primeiro troféu no Super Bowl.

Capítulo 31

Eles se reuniram triunfantes no Mario, uma pizzaria antiga no norte de Milão, a vinte minutos do estádio. O signor Bruncardo reservara toda a pizzaria para as comemorações, uma iniciativa dispendiosa de que poderia se arrepender se tivessem perdido. Mas isso não aconteceu e todos chegaram em ônibus e táxis, berrando ao passarem pela porta da frente, à procura de cerveja. Os jogadores ocuparam três mesas compridas no meio da pizzaria e logo foram cercados pelos admiradores... esposas, namoradas, torcedores do Parma.

Foi projetado um videoteipe, as imagens do jogo apareceram em telas enormes, enquanto os garçons serviam dezenas de pizzas e litros e mais litros de cerveja.

Todos tinham câmeras e mil fotos foram tiradas. Rick era o alvo predileto. Foi abraçado, apertado, recebeu tapinhas de congratulações, até ficar com os ombros doloridos.

Fabrizio também atraiu a maior parte das atenções, especialmente entre as adolescentes. O receiver já assumira um destaque lendário.

O pescoço, o queixo, os maxilares e a testa de Rick latejavam, os ouvidos ainda zumbiam. Matteo, o preparador físico, deu-lhe analgésicos, que não combinavam com álcool, e por isso ele se absteve de tomar cerveja. E não sentia o menor apetite.

O vídeo pulava os huddles, tempos de bola parada e intervalos. A medida que o final do jogo se aproximava, o barulho foi diminuindo consideravelmente. O operador passou a projeção para câmera lenta. Enquanto Rick deixava a zona de lançamento e simulava uma corrida, a pizzaria ficou silenciosa. O impacto com Maschi tornou-se um momento de destaque.

Nos Estados Unidos, deixaria os comentaristas babando de júbilo, num frenesi de admiração. Os programas de TV a cabo na manhã de segunda-feira mostrariam a cena a cada dez minutos, alardeando-a como "A porrada do dia". No Mario, porém, houve um momento de silêncio, uma homenagem fúnebre, enquanto todos assistiam seu quarterback se manter firme em sua posição, sacrificando o corpo para lançar o foguete. Houve uns poucos grunhidos abafados quando Maschi deixou-o sem sentidos... uma jogada limpa e legal, de uma brutalidade espantosa.

Mas, por outro lado, também houve regozijo.

A recepção fora captada em vídeo, de maneira espetacular, para sempre. Assisti-la pela segunda vez, depois uma terceira, foi quase tão inebriante quanto ver ao vivo.

Fabrizio, numa reação atípica, comportou-se como se não tivesse sido nada demais, como se fosse apenas mais um dia no escritório. Muitos mais viriam.

Quando a pizza acabou e a projeção foi encerrada, a multidão aquietou-se para algumas formalidades. Depois de um longo discurso do signor Bruncardo e outra rápida declaração de Sam, ambos posaram com o troféu do Super Bowl, no maior momento da história dos Panthers. Quando as canções começaram, Rick decidiu que era o momento de ir embora. Uma longa noite estava prestes a se tornar ainda mais longa. Ele saiu da pizzaria, pegou um táxi e voltou para o hotel.

Dois dias depois, ele almoçou com Sam no Sorelle Picchi, na Strada Farini, perto de seu apartamento. Tinham negócios a discutir, mas primeiro recordaram o jogo.

Como Sam não estava trabalhando, dividiram uma garrafa de Lambrusco, para acompanhar a massa recheada.

— Quando vai voltar para casa? — perguntou Sam.

— Não tenho planos. E não estou com a menor pressa.

— Isso é estranho. Normalmente os americanos reservam um voo para casa no dia seguinte ao último jogo. Não está com saudade de casa?

— Preciso ver meus pais, mas o conceito de "casa" está um tanto nebuloso hoje em dia.

Sam mastigou lentamente uma colherada de massa.

— Já pensou sobre o próximo ano?

— Ainda não.

— Podemos conversar a respeito?

— Podemos conversar sobre qualquer coisa. Você está pagando o almoço.

— O signor Bruncardo é que está pagando o almoço. Ele está muito animado. Sente verdadeira paixão por vencer, adora aparecer na imprensa, as fotos, os troféus.

E quer repetir tudo isso no ano que vem.

— Posso imaginar.

Sam tornou a encher os copos.

— Como é mesmo o nome do seu empresário?

— Arnie.

— Isso mesmo, Arnie. Ele ainda está em cena?

— Não.

— Ótimo. Podemos falar de negócios?

— Claro.

— Bruncardo está oferecendo vinte e cinco mil euros por mês, durante doze meses, mais o apartamento e o carro por um ano.

Rick tomou um longo gole do vinho, estudando a toalha quadriculada de vermelho e branco da mesa. Sam continuou: — Prefere dar o dinheiro a você do que gastar com mais americanos. Perguntou-me se podemos vencer de novo no próximo ano com o mesmo time. Eu disse que sim.

Você concorda?

Rick sorriu e acenou com a cabeça em concordância.

— Por isso, ele está adoçando seu contrato.

— Não é um contrato ruim.

Rick pensava menos no salário e mais no apartamento, que era agora necessário para duas pessoas. Também pensou em Silvio, que trabalhava na fazenda da família, e Filippo, que dirigia um caminhão betoneira. Eles seriam capazes de matar por um contrato assim, e treinavam e jogavam tão duro quanto Rick.

Mas eles não eram quarterbacks, não é mesmo?

Outro gole do vinho e ele pensou nos quatrocentos mil dólares que o Buffalo lhe pagara quando assinara um contrato com eles seis anos antes. Também pensou em Randall Framer, um companheiro do Seattle que recebera 85 milhões de dólares para fazer seus lançamentos por mais sete anos. Tudo é relativo.

— Há seis meses, Sam, em Cleveland, eles me tiraram do campo de maca. Acordei 24 horas depois no hospital. Minha terceira concussão. O médico sugeriu que eu desistisse do futebol americano. Minha mãe me suplicou para que eu largasse tudo. No domingo passado, acordei no vestiário. Consegui me manter de pé, andei pelo campo, acho que comemorei com todos os outros. Mas não me lembro, Sam. Apaguei de novo. A quarta concussão. Não sei a quantas mais poderei sobreviver.

— Eu compreendo.

— Levei algumas porradas nesta temporada. Ainda é futebol americano e Maschi me acertou com tanta força quanto qualquer um na NFL.

— Vai abandonar o jogo?

— Não sei. Dê-me algum tempo para pensar, clarear a cabeça. Pretendo passar algumas semanas na praia.

— Onde?

— Minha agente de viagens escolheu a Apúlia, lá no Sul, o calcanhar da bota italiana. Já estive lá?

— Não. A consultora é Liwy?

— Isso mesmo.

— E o problema do visto?

— Ela não está preocupada.

— Você a está sequestrando?

— É um sequestro conjunto.

Embarcaram cedo no trem e sentaram ao sol, enquanto os outros passageiros passavam apressados. Liwy ficou diante de Rick. Tirou os sapatos e pôs os pés no colo dele.

Esmalte laranja nas unhas. Saia curta, quilômetros de pernas.

Ela desdobrou a relação dos percursos e horários de trens no Sul da Itália. Pedira a opinião de Rick, suas ideias, desejos. Como ele pouco dissera, Liwy ficara satisfeita.

Passariam uma semana na Apúlia, seguiriam de barca para a Sicília, onde ficariam dez dias, antes de continuarem para a Sardenha. A medida que agosto se aproximasse, viajariam para o norte, afastando-se dos veranistas e do calor. Explorariam as montanhas do Veneto e Friuli. Ela queria conhecer as cidades de Verona, Vicenza e Pádua. Queria ver tudo.

Ficariam em albergues e hotéis baratos, usando o passaporte de Rick apenas até que o problema com o visto dela fosse resolvido. Franco estava empenhado neste desafio.

Viajariam de trem e barca. Só pegariam táxis quando não houvesse outro jeito. Liwy tinha planos, planos alternativos, e mais planos. A única imposição de Rick fora a exigência de que duas catedrais por dia seria o limite. Ela tentara negociar, mas acabara cedendo.

Não havia planos além de agosto. Qualquer menção à família mergulhava Liwy na depressão. Por isso, tentava esquecer a confusão em casa. E enquanto mencionava os pais cada vez menos, falava mais em protelar o último ano do curso.

Tudo bem para Rick. Enquanto massageava os pés de Liwy, ele disse a si mesmo que seguiria aquelas pernas a qualquer lugar. Os passageiros ocupavam metade da lotação do trem. Outros homens não podiam deixar de olhar ansiosos ao passarem. Liwy partia para o Sul da Itália, maravilhosamente alheia à atenção que os pés descalços e as pernas bronzeadas recebiam.

Enquanto o Eurostar deixava a plataforma, Rick olhou pela janela e esperou. Logo passaram pelo Stadio Lanfranchi, a menos de sessenta metros da linha de fundo norte, ou qualquer que fosse o termo usado nas regras do rúgbi.

Ele se permitiu um sorriso de profunda satisfação.

FIM

Nota do autor

Há poucos anos, enquanto pesquisava para outro livro, tropecei no futebol americano da Itália. Há uma autêntica NFL no país, com times e jogadores de verdade e mesmo um Super Bowl. Portanto, o cenário deste livro é razoavelmente acurado, embora eu não hesitasse em tomar liberdades quando me defrontava com pesquisas adicionais.

O Parma Panthers existe. Assisti o time jogar contra o Ancona Dolphins, debaixo de chuva, no Stadio Lanfranchi. O treinador é Andrew Papoccia (Illinois State) e sua ajuda foi valiosa. Seu quarterback, Mike Souza (Illinois State), o wide receiver, Craig McIntyre (Eastern Washington), e o coordenador de defesa, Dan Milsten (Universidade de Washington), foram extremamente prestativos. Em relação ao futebol americano, esses americanos responderam a todas as minhas perguntas. Em relação à comida e bebida, eles se mostraram ainda mais entusiasmados.

O time dos Panthers pertence a Ivano Tira, um homem gentil e generoso que fez com que eu adorasse minha breve estada em Parma. David Montaresi acompanhou-me em excursões por essa adorável cidade. Paolo Borchini e Ugo Bonvicini, ex-jogadores, ajudam a dirigir o time. Os Panthers são uma turma de italianos durões que jogam por amor...

e pela pizza oferecida após os jogos. Convidaram-me para o Polipo uma noite, depois de um treino, e ri tanto que as lágrimas escorreram.

Nestas páginas, porém, todos os personagens são fictícios. Fiz de tudo para me manter longe de pessoas reais. Qualquer semelhança é mera coincidência.

Agradeço também a Bea Zambelloni, Luca Patouelli, Ed Pricolo, Llana Young Smith e Bryce Miller. Agradecimentos especiais ao prefeito de Parma, Elvio Ubaldi, pelos ingressos para a ópera. Fui convidado de honra em seu camarote e adorei assistir a Otello no Teatro Régio.

John Grisham

27 de junho de 2007

Glossário

(Futebol americano) arena football — Futebol americano disputado em ginásios; é considerado um esporte menor.

backfield — Jogador que fica atrás, como o safety.

bandeiras — Quando um dos juízes atira uma bandeira no campo, é porque ele viu alguma irregularidade.

center — Jogador do meio da linha ofensiva, encarregado do snap. Os outros jogadores da linha ofensiva normalmente não pegam a bola.

cornerback — o principal jogador da defesa. Fica fora da linha para tentar conter o ataque adversário.

draft — Sistema americano de recrutamento de jogadores universitários para os grandes times. Também existe, por exemplo, no basquete.

free safety — Assim como o safety, também fica afastado da line of scrimmage e observa o desenrolar da jogada, para correr atrás do adversário que passar com a bola. Tende a ser menor e mais rápido do que o strong safety.

fullback — Jogador de ataque que fica atrás do quarterback, com a missão de protegê-lo. Também fica aberto em um dos lados do campo, a fim de abrir caminho para os runners ou receivers.

gainer — Um pulo acrobático.

hack — Corte ou drible.

huddle — Quando os jogadores formam uma roda para combinar uma jogada antes do snap.

innings — Turnos de ataque e defesa em um jogo de beisebol.

kicker — Chutador; jogador responsável pelos chutes, principalmente os de três pontos e os pontos extras, após cada touchdown.

linebacker — Jogador que fica atrás da linha defensiva, podendo tentar derrubar ou bloquear o quarterback ou marcar um receiver.

line of scrimmage ou linha de scrimmage — Linha imaginária traçada no ponto de onde sai a bola em uma jogada. O quarterback deve lançar a bola atrás da line of scrimmage; se passar por ela, é obrigado a correr, não podendo mais realizar o passe. É o ponto onde se encontram as linhas ofensiva e defensiva.

long touchdown — Touchdown proveniente de um passe longo.

middle linebacker — Linebacker que fica no centro da fileira.

offensive line — Linha ofensiva em que cinco jogadores ficam lado

a lado para proteger o quarterback e abrir caminho para os runners.

onside kick — Chute destinado a ficar dentro de campo, em vez do punt tradicional, quando o jogador tenta jogar a bola o mais perto possível da linha de fundo adversária, sem ultrapassá-la.

pitching staff member — Membro da equipe de lançadores (pitchers) de um time de beisebol.

pitchout — Jogada originária do beisebol, em que o lançador atira a bola propositadamente para fora do alvo.

pocket — Bolsão ou espaço aberto na defesa para que um jogador do ataque penetre, normalmente, para esperar o passe.

pro bowl — Jogo disputado após o Super Bowl, do qual participam os jogadores eleitos os melhores da temporada.

quarterback — O armador do time, que recebe a bola para lançá-la a um dos receivers ou correr com ela, tentando ganhar território.

quarterback sneak — Quando o quarterback tenta entrar pelo meio da linha defensiva adversária com a bola.

receiver — Recebedor ou receptador; jogador que recebe a bola do quarterback.

runner — Jogador que corre, geralmente, para receber a bola.

running back — Jogador que se posiciona atrás do quarterback e que recebe a bola para correr com ela; também é chamado de tailback ou halfback.

running game — Jogo em que prevalecem as corridas com a bola, e não os passes (o que seria um passing game).

rushing touchdown — Touchdown de corrida, diferente do passing touchdown, quando o jogador recebe um passe depois da linha de fundo adversária.

sack — Ato de derrubar o quarterback adversário antes que ele consiga jogar a bola.

safety — Jogador de defesa que fica mais afastado da posição de onde sai a bola (safety também pode ser uma jogada rara, na qual o jogador que tem a bola é derrubado em sua própria linha de fundo); deep safety é um safety posicionado bem atrás da linha da jogada.

screen-pass — Quando um jogador se coloca à frente do quarterback para que os adversários não consigam ver para onde foi o passe. Também chamado de corta-luz.

secondary ou secundários — Jogadores que não estão nas linhas de defesa ou de ataque.

"segunda para três", "Terceira para dez" *etc.* — Quando está no ataque, um time de futebol americano tem quatro chances (quatro downs, ou descidas) para percorrer 10 jardas, correndo com a bola ou lançando-a. O ataque começa com a primeira para dez, a primeira das quatro descidas, com a missão de percorrer a distância. (Se cumprida, o time ganha mais quatro chances de percorrer as próximas 10 jardas,

e assim por diante, até chegar à linha de fundo adversária, ou pelo menos ficar perto o suficiente para tentar um chute ao gol, o field goal, que vale três pontos). A defesa tenta derrubar o jogador que carrega a bola ou interceptar os lançamentos. Se o time não conseguir percorrer as 10 jardas em quatro descidas, a posse de bola passa para o adversário. Normalmente, quando chega à quarta descida, o time chuta a bola para longe, o chamado punt).

shotgun — Snap em que a bola é lançada ao quarterback (que está mais afastado), em vez de ser apenas entregue a ele. sideline — Linha lateral ou lateral do campo, onde ficam os técnicos e bancos de reservas.

snap — Quando um jogador da linha ofensiva joga a bola para trás em busca do quarterback.

strong safety — Defensor que se posiciona cerca de 10 jardas atrás da line of scrimmage, alinhado com o tight end. Tem a função de bloquear o adversário que passar pela linha defensiva. Geralmente é grande e forte, mas lento.

super bowl — A grande final do futebol americano, em que se enfrentam os campeões das ligas AFC e NFC; NFL é a National Football League, a entidade máxima do esporte.

tackle — Ato de derrubar o jogador adversário que carrega a bola.

tight end — Jogador em uma das pontas da linha ofensiva, que pode receber a bola como receiver ou bloquear a defesa adversária.

touchdown — Quando um jogador atravessa a linha de fundo adversária com a bola, ou a recebe nesta posição (a chamada end zone). Vale seis pontos, além da chance de se marcar um ponto extra, chutando a bola entre as traves e sobre o travessão.

wide receiver ou wideout — Jogador que se posiciona aberto, em uma das laterais do campo.

wishbone — Formação ofensiva em formato de Y, em que o quarterback tem um fullback atrás de si, e este tem um halfback de cada lado.

Este livro foi impresso na Editora JPA
Ltda., Av. Brasil, 10.600 — Rio de Janeiro — RJ,
para a Editora Rocco Ltda.